

# A PRINCESA DOS ENCANTOS

*Sob o domínio da paixão*

*Rubens Saraceni*

Romance espírita inspirado por  
Pai Benedito de Aruanda, M..L..

MADRAS<sup>®</sup>  
Espírita

©2000, Madras Editora Ltda.

**Editor:**

Wagner Veneziani Costa

**Produção e Capa:**

Equipe Técnica Madras

**Ilustração da Capa:**

Renata Guedes Paccos

**Revisão:**

Isabel Ribeiro

Roseli B. Folli Simões

ISBN 85.7374.370-0

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610, de 19.02.98).

Todos os direitos desta edição, para a língua portuguesa, reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02098-970 — SP

Tel.: (0\_ \_11) 6959.1127 — Fax: (0\_ \_11) 6959.3090

<http://www.madras.com.br>



*Rubens Saraceni*

*A Princesa dos Encantos*

**MADRAS<sup>®</sup>**   
*Espírita*

---

*A*quele dia era muito especial para mim, pois na capital do império havia sido decretada festividade especial pelo soberano e eu teria a oportunidade de rever a princesa Shadine, um encanto de mulher.

Eu já a namorava com os olhos há alguns anos. Isso foi algo que não pude evitar, pois, assim que a vi, me apaixonei por sua beleza esfuziante. Havia se passado cinco anos desde que eu a vira pela primeira vez, e jamais conseguira me esquecer dela. Tornei a vê-la por mais duas vezes durante audiências que o soberano concedera a meu pai, pois eu sempre o acompanhava nestas viagens. Antes eu ia junto por imposição de meu pai, mas após ver a princesa num banquete oferecido pelo soberano persa, voltei muitas vezes à capital do império, mas só consegui vê-la por duas vezes e ainda assim a distância. O protocolo impedia que um príncipe estrangeiro tivesse livre acesso ao palácio imperial.

Meu pai era o rei de um Estado que sofria a dominação persa e éramos quase uma satrapia. Isto só não acontecera devido à capacidade de negociante de meu pai que, no momento certo, convencera o soberano persa das vantagens de uma aliança entre os dois reinos. Pagava pesados tributos mas mantinha nosso pequeno reino livre do jugo estrangeiro.

Todas as vezes que ia ser decretada uma festividade, todos os protetorados enviavam seus príncipes à capital da Pérsia. Alguma coisa sempre era decretada ou comunicada com grande pompa pelo

imperador Halavi, e ele fazia questão de que todos aplaudissem suas proclamações e depois as comunicassem aos mais longínquos reinos que mantinham ligações com seu império.

Eu, devido ao amor que sentia pela princesa Shadine, apressei meu pai para que partíssemos logo, pois alimentava a esperança de, ao chegarmos, poder me aproximar dela desta vez e não ficar só a contemplá-la a distância como das vezes anteriores.

— Por que tanta pressa Sikanhan?

— Por nada papai. Apenas eu não quero que desta vez tenha que se sentar afastado do imperador. O senhor nunca chega antes do início das festividades e tem que tomar um lugar distante devido ao seu atraso.

Era um costume persa designar o lugar do convidado de acordo com sua chegada à corte.

— Não é bom ser o primeiro, Sikanhan. Melhor ficar atrás de muitos, pois assim não somos notados e não despertamos a ambição de algum príncipe persa, ávido por conquistas fáceis. E nós somos uma presa tentadora aos olhos de muitos deles, sabe.

— Não havia pensado nisso papai. Desculpe-me!

— Conte-me o motivo real de sua pressa em chegar lá meu filho. Eu sei que algo por lá o atrai muito!

— Não é nada especial, papai!

— Como não? E suas idas constantes até lá? São sem uma razão especial?

— São só viagens sem outra razão que o desejo de me manter atualizado sobre os costumes deles.

— Para mentir assim ao seu pai, já deve ter aprendido bem o costume persa, não?

Eu me envergonhei com as palavras de meu pai. Elas me atingiram de uma só vez por inteiro.

— Desculpe-me por tentar enganá-lo. Eu tenho ido até lá só para tentar ver a princesa Shadine.

— Conseguiu o seu intento alguma vez?

— Não. As únicas vezes que a vi foram as que eu o acompanhei nas recepções do Imperador.

— Acha que eu já não havia notado o seu interesse? Eu vi como não tirava os olhos dela nas vezes que estivemos no palácio imperial.

— Eu devia ter lhe contado antes papai, mas fiquei com vergonha de dizer-lhe que havia me apaixonado por uma das filhas do homem que sangra o seu tesouro real.

— Eu tentei ajudá-lo, filho. Mas ainda não recebi resposta da mensagem que enviei ao soberano persa.

— Que mensagem?

— Propondo o seu casamento com sua filha Shadine.

— Faz tempo que a enviou?

— Foi há quatro meses e até agora não recebi resposta alguma.

— Não tornou a enviar outra?

— Estas coisas não funcionam assim, Sikhan. Temos de ter paciência, senão podemos parecer muito afoitos e causar danos irreparáveis às boas relações que mantemos com eles. Tenha paciência que logo ficarei sabendo se minha proposta foi considerada ou não. Agora vá avisar à escolta que partiremos ao amanhecer, assim, desta vez, teremos um lugar mais próximo do trono!

— Obrigado, papai. Não sabe como me deixou feliz com sua mensagem ao rei persa.

Eu saí célere rumo ao alojamento dos guardas do nosso palácio. Só de lembrar do rosto da bela princesa já me sentia o mais feliz dos apaixonados. Finalmente eu a veria de perto!

Eu estava com vinte e cinco anos de idade e ela não passava dos dezenove. Isto eu já havia descoberto sobre ela!

Mal amanheceu e partíamos a galope rumo à Pérsia. Seriam seis dias de viagem e eu tinha muita pressa em chegar desta vez.

Meu pai era muito bom observador, e eu já não escondia meu entusiasmo diante dele.

— Acalme-se, Sikhan! Você poderá se magoar muito caso o meu pedido da mão da princesa não seja aceito. Lembre-se de que não somos persas e o homem que desposá-la um dia se tornará o rei de todo o império persa.

— Eu não quero o império persa, mas só a princesa Shadine. Ela, sim, vale um império, papai!

— Por isso estou lhe dizendo, meu filho. O soberano persa sabe dos riscos que corre ao escolher o esposo de sua filha e poderá não considerar o pedido de um príncipe estrangeiro.

— Corro o risco de não consegui-la como esposa?

— Muitas são as alternativas contra e nenhuma a favor. Só por obra do destino conseguirá tal coisa, Sikhan.

Eu nada mais falei após ouvir estas palavras ditas tão seriamente por meu pai. Ele não era homem de falar sem conhecimento de causa e eu entendi sua tentativa de quebrar um pouco a minha euforia.

Por uma razão qualquer o rei persa não tivera um herdeiro do sexo masculino, mesmo ele possuindo dezenas de esposas. Possuía muitas filhas, e Shadine era a primogênita. Por isso quem se casasse com ela certamente herdaria o trono. Eu até perdi minha pressa de chegar, pois vi minhas esperanças se esvaírem de uma vez por todas. O que eu sentia pela princesa não era algo comum, mas sim um grande amor. Fazia cinco longos anos que eu alimentava um sonho irrealizável.

Lentamente minha alegria transformou-se em um pesadelo e naquela noite até sonhei que ela me enxotava de sua frente. Acordei assustado e não consegui dormir pelo resto da noite.

Finalmente chegamos à capital dos persas. Era um sábado, e na semana seguinte começariam as festividades após o anúncio do soberano persa. Esta era a regra. Após o anúncio, no domingo à noite, durante um banquete no salão imperial, alimentos eram distribuídos à população para que todos comemorassem com o rei. Geralmente estas festividades aconteciam uma vez por ano, por ocasião do seu aniversário.

Isto já era quase uma tradição, pois seu pai também procedera desta forma.

Fomos recebidos por um conselheiro do rei e alojados numa ala do palácio imperial. Após me banhar e vestir roupas limpas, saí do palácio para dar uma volta pela cidade. Cavalgava pelas ruas, mas, na verdade, eu não via nada. Minha mente só pensava em Shadine. Como eu seria feliz se pudesse tocá-la, acariciá-la e até beijar seus lábios rosados e tentadores. O que eu não daria para tê-la ao meu lado!

Sem ela eu não seria um homem feliz, já que não imaginava uma outra mulher vivendo ao meu lado pelo resto de minha vida.

Ainda pensava nisso quando vi uma comitiva real vindo na minha direção. Saí do meio da rua, parei meu cavalo e fiquei vendo a passagem da comitiva.

Qual não foi a minha alegria ao ver que numa liteira estava Shadine, a mulher dos meus sonhos. A comitiva passava lentamente e eu pude vê-la bem desta vez. Acompanhei a cavalo por algum tempo a comitiva e me extasiava com sua beleza, até que um soldado barrou-me e disse-me que não era permitido a ninguém acompanhar o séquito

da princesa. Eu ainda dei uma última olhada na princesa e nossos olhares se cruzaram. Eu vi tristeza em seus olhos e amargura em sua alma. Isto me entristeceu, pois eu podia ver a alma das pessoas. Sua alma estava escura, muito diferente das outras vezes que ela se apresentava na cor azul, a cor do amor.

Apeei do cavalo e continuei caminhando pelas ruas, puxando-o pelas rédeas. Fui até os limites da cidade e vi nova comitiva. Desta vez não fiquei curioso em ver quem chegava à cidade. Notei que tudo reluzia a ouro e brilhantes caríssimos.

Devia ser algum príncipe de algum reino muito abastado. Mas qual não foi minha surpresa ao ver que era uma mulher e não um homem a pessoa conduzida no interior da liteira. Trazia o rosto coberto por um tecido rosado.

Sua aparência era de alguém ainda jovem, apesar de não poder ver seu rosto. Os longos cabelos negros e ondulados cobriam-lhe as costas até quase a cintura.

Que estranho costume tinha aquele povo, pois enquanto ela cobria o rosto deixava à mostra um lindo par de pernas bem torneadas. Ela estava deitada na liteira, mas dava para perceber que tinha um corpo esbelto e tentador.

Atraiu minha atenção seu modo de se vestir. Era muito diferente do nosso, em que as mulheres cobriam seus corpos até os pés, não deixando nada mais que o rosto e o pescoço à mostra, além dos pés e das mãos.

Bom, ela era tentadora e eu teria ficado fascinado se não tivesse visto sua alma e notado sua cor: era quase rubra! Bem de acordo com as longas tiras de tecido que mais realçavam que encobriam seu belo corpo.



Eu havia aprendido com os sábios que esta cor era uma das piores, pois quem a possuía era pessoa de grande sensualidade e fortes desejos.

Sempre me diziam os sábios:

— Sikhan, afaste-se de quem vibra a cor rubra, pois você jamais subjugará os seus desejos, por mais forte que seja.

Os sábios conheciam as coisas da magia das almas e eu os escutava sempre com muita atenção. Havia aprendido a confiar no

saber milenar, conservado de mestres para discípulos desde épocas imemoriais. Além do mais, eu era um discípulo deles e havia abdicado do direito de assumir o trono em favor do meu irmão mais novo no caso de nosso pai vir a falecer. Eu seria apenas seu conselheiro e para desempenhar tal função eu devia ser um sábio também. Todo rei ou príncipe regente procurava se acercar de sábios, pois isto os dignificava perante seus súditos.

Mas no meu caso era diferente, pois foi uma imposição de nosso pai, já que eu não queria ser seu sucessor. Meu irmão aceitou tal condição, pois sábios haviam muitos, mas reis, só uns poucos o eram ou sabiam ser.

Eu havia passado os últimos dez anos de minha vida só viajando, estudando e sendo preparado pelos sábios. Conhecia muito bem os segredos dos magos, mestres curadores, encantadores e sacerdotes.

O mestre que acompanhava o meu preparo era um magnífico astrólogo e também um artista e artesão na mineralogia. Conhecia tudo sobre minerais. Eu aprendia com ele a arte de fundir os minérios, lapidar pedras preciosas e criar belas jóias de ouro incrustadas de brilhantes.

Ele sempre me dizia que um homem só poderia alcançar o *status* de sábio se soubesse traduzir em belas criações materiais seus sentimentos e para que isto fosse possível eu deveria ter um perfeito sincronismo entre o coração, a razão e os movimentos. Ou melhor dizendo: conseguir modelar com minhas próprias mãos o que minha mente pudesse extrair de minhas emoções. Dizia-me: — observe a arte da guerra Sikan. Um bom guerreiro é aquele que não se dispersa durante uma batalha. Ele sente o desejo de vencer, sua mente elabora a melhor estratégia e suas mãos, uma conduzindo sua montaria e a outra sua espada, tornam sua vitória possível.

Por causa disso eu era obrigado a fundir metais rústicos e sem valor algum e elaborar belas peças, todas de acordo com meus sentimentos, para só então trabalhar com minérios mais nobres.

A cada criação ele adicionava horas e horas de comentários, realçando os pontos onde eu poderia ter me deixado levar mais pelos sentimentos, que pela razão.

— Só assim você terá um domínio total do que se propuser a fazer Sikan! Como pode criar algo nobre de um minério bruto se sua emoção é bloqueada pela razão? Neste caso suas mãos serão atadas pela razão e nada agradável aos olhos surgirá de suas criações.

— Procurarei me aperfeiçoar, mestre Gur!

— Aperfeiçoe ao máximo os seus sentidos Sikhhan e tenha pleno conhecimento do que pede sua alma. A partir daí viva com pleno domínio de si mesmo, para só então deixar a razão lhe guiar. Pois só então emoção, razão e movimento atuarão em harmonia. Ao agir assim, você não será um ser dispersivo e sim concentrador. Suas ações serão balanceadas, certeiras e fulminantes.

— Por que tudo isso, mestre Gur?

— Um sábio não pode emitir um parecer que deixe margem a dúvidas, senão não colocarão o seu parecer, mas o seu saber em dúvida. Cada palavra emitida por um sábio tem de ter a força do sol. Um sábio tem de ser um sol, Sikhhan!

— Explique melhor este raciocínio, mestre Gur.

— Vou ser mais claro Sikhhan. Um sábio, ao emitir uma sentença ou passar um ensinamento, tem de ser como o sol. Pode ser cálido, morno ou abrasador. Podem dar graças aos céus quando ele se põe no horizonte após um dia infernal e desejarem que a noite o trague por todo o sempre devido ao seu fogo inapagável. Mas, após uma longa noite de trevas, e quando todos ainda anseiam por dormir mais um pouco, ele tem de despontar no horizonte e dizer a todos: eis-me aqui novamente para aquecer vossas vidas, iluminar vossos passos e aquecer a terra fria para que algo germine nela. A noite fria pode ter me tragado ontem, mas hoje eu paio sobre vossas cabeças e ainda que eu esteja tão distante que o mais forte arqueiro não possa me atingir com sua seta pontiaguda, eu o atinjo com meus raios luminosos e abrasadores. Eu sou o sol, aquele que acaba com as trevas assim que me levanto no horizonte!

— Entendo, mestre Gur. O senhor é um sábio!

— Seja um sol Sikhhan, e ninguém, por mais afiada e pontiaguda que seja sua língua, poderá atingi-lo. Mas o mesmo não acontecerá com você, pois ao emitir um parecer, o raio de sua sabedoria alcançará a todos que viverem sob a luz do seu saber. Lembre-se sempre: emoção subjugada, raciocínio controlado e movimento estudado, quando atuando em harmonia num único ser humano, o tornam um sol abrasador. Ele colhe um minério bruto que agrada à sua visão, funde-o à vontade até que atinja o ponto certo para que seus movimentos o moldem ao seu gosto e prazer.

— Vou me harmonizar, mestre Gur!

— Faça isto agora Sikhhan. Volte à fornalha com esta peça bonita, mas sem vida e sem cor própria, e só retorne quando lhe der vida e cor. Quero vê-la como se fosse uma extensão do seu ser.

Quando eu voltei com a peça, ele me falou:

— É isto Sikhhan! Agora eu vejo algo que tem seus sentimentos, sua razão e seus movimentos. Estou diante de uma verdadeira obra de arte. Tudo nela reflete sua natureza! Ela é você e eu posso encontrar nos seus detalhes os mais íntimos sentimentos que sua alma possui. Esta peça é feita de um minério sem valor, Sikhhan, mas ela tem um valor intrínseco. Ela tem uma alma, pois você a dotou desta qualidade. É a alma que tem valor e não o corpo de um homem; e o mesmo acontece com uma obra de arte. Não será o material empregado que irá lhe aquilatar um valor maior e sim a alma que existe nela que a tornará tão valiosa que todos ansiarão por possuí-la, ou tão desprezível que até um mendigo se recusará em apanhá-la quando lançada fora, pois ela não vale o esforço de se olhar para ela.

— Compreendo, mestre Gur.

— Então aplique esta regra a tudo que fizer em sua vida e todas as suas criações serão cobiçadas e valiosas, pois você lhes emprestará sua alma. Ao emitir uma sentença, faça o mesmo e ela será direta, objetiva e indiscutível. Ao agir, não se disperse entre dois alvos, pois não alcançará nenhum dos dois ao mesmo tempo e ainda poderá perder ambos. Ao amar, não ame duas mulheres ao mesmo tempo, pois dividirá o seu amor e com isto perderá a força com que é projetado por sua alma.

— Até com as mulheres tem de ser assim, mestre Gur?

— Com as mulheres não, Sikhhan. Com o amor! O amor é um rubi muito valioso e sem impureza alguma. Como tal, deve ser muito bem guardado pelo seu dono, pois se entregá-lo a alguém inescrupuloso, dá-lo-á a alguém que não saberá guardá-lo com zelo o que você tem de mais valioso no tesouro dos seus sentimentos.

— Mas então...

— Com o amor você não pode fazer tal coisa, pois se depositá-lo nas mãos de uma mulher inescrupulosa, seu tesouro será algo sem o menor valor para ela, que não o conservará com o devido cuidado. Uma mulher inescrupulosa, ao receber o rubi valioso do seu amor, o lançará em qualquer canto e você o perderá, pois o deu para que ela o colocasse bem à vista de todos.

Todos devem saber que ela recebeu um tesouro de você e que o deixa bem visível, polido e brilhante. Assim, toda vez que você tomá-la em seus braços, estará abraçando a arca depositária e guardiã do seu mais valioso sentimento e sentir-se-á o homem mais rico e feliz do mundo. Um rubi oculto na terra ou lançado a um canto escuro não tem o menor valor ou utilidade ao seu possuidor, mas quando visível e bem cuidado, refletirá em seu dono todo o seu esplendor.

— Mas por de tem que tomar um rubi como exemplo e não uma safira ou uma ametista, mestre Gur?

— Uma ametista reflete o amor de uma mãe por seus filhos, e uma safira, o amor divino do nosso criador. Já o rubi reflete o amor de um homem por uma mulher, pois quando os dois se amam de verdade e se tornam um só em dois corpos, uno no sentimento através do envolvimento mútuo, suas luzes se fundem e tornam-se rubros como uma brasa viva, com uma cor tão forte que são como o fogo que envolve por completo um galho seco. O galho torna-se invisível, pois a chama que ele provoca o envolve por completo.

Um amor por uma mulher só se torna rubro como um rubi se ambos o viverem intensamente e por igual. Quando só um dos pares o vive com intensidade, logo a chama se apaga, e, em vez de, após um forte incêndio, restar um lindo braseiro, restará um amontoado de galhos ressequidos, retorcidos, calcinados e que se esfacelará ao menor toque, não servindo para mais nada, a não ser enegrecer quem o tocar.

Guarde muito bem o rubi valioso do seu amor e só o deposite nas mãos de alguém que saiba o valor que ele possui, e saberá como poli-lo, tornando-o ainda mais brilhante. Assim, por mais que ela tente ocultá-lo, ainda assim ele refletirá em você toda vez que se aproximar dela, pois junto com seu rubi você está dando sua alma. Jamais dê sua alma a alguém que possa lançá-la num canto escuro e sujo, pois você também ficará escuro e sujo!

Uma alma, assim como um rubi, só vale algo se for constantemente polido e exposto à luz do seu depositário para que reflita com intensidade e possa mostrar o seu real valor.

— Interessante, mestre Gur! Mas como agir se a mulher escolhida não tiver tais qualidades e for um canto escuro e empoeirado?

— Então você terá que viver na escuridão onde foi lançado o rubi valioso do seu amor por uma mulher. E nunca poderá usufruir

do seu valor, pois no canto escuro não há luz para fazê-lo refletir e conseqüentemente também viverá na escuridão, pois onde estiver seu rubi do amor, lá estará você por inteiro, ainda que esteja distante dele. Isto acontece por causa de sua alma que acompanha o rubi do amor, Sikhan!

— Então devo tomar cuidado ao depositar meu rubi. Mas em caso de isto acontecer, posso tentar dar minha alma à depositária para que ela venha a refletir sua luz no meu rubi e, em conseqüência, eu receba os seus raios luminosos.

— Pode fazer isto, mas lembre-se de uma coisa: no final de todo o processo estará recebendo o reflexo de si mesmo, pois o seu rubi não receberá a luz de alguém que o poliu e o tornou mais brilhante ao adicionar a ele seu rubi também valioso.

— Isto quer dizer ...

— Sim, que você estará recebendo uma luz que já é sua e não o reflexo dela no seu rubi.

— Então não há uma alternativa, mestre Gur?

— Só uma é possível para que possa receber um pouco de luz mortiça a iluminar o seu rubi, Sikhan.

— Qual é, mestre Gur?

— Você tem que fazer com que ela deixe de dar valor a tudo mais até que só reste o seu rubi empoeirado lançado num canto escuro. Após nada mais possuir, ela se agarrará de tal forma nele que emitirá um pouco de sua luz, tornando-o um pouco brilhante. Mas como já nada mais lhe resta, sua luz também perdeu muito de sua intensidade, e em conseqüência disso é uma luz mortiça que às vezes até nos envenena, pois não é um reflexo espontâneo, mas sim forçado.

— Não vou me esquecer disso, meu mestre!

— Então não se esqueça que você poderá um dia também vir a ser o depositário do rubi de uma mulher e que não lhe dará o devido valor e o lançará num canto escuro e empoeirado.

Lembre-se que poderá receber a alma de alguém junto com o rubi, e fazê-la viver na escuridão pelo resto de sua vida.

Lembre-se também que o amor é como uma balança de dois pratos e só há equilíbrio se os dois estiverem no mesmo nível, e justiça se contiverem em seu interior o mesmo material. Caso contrário, alguém sempre será lesado na troca.

— Obrigado pela lição de hoje mestre Gur, mas o senhor só me falou do amor e não das mulheres em geral.

— Com as mulheres em geral, faça como esta peça que tem na mão: coordene sentimento, razão e movimento, emprestando-lhes sua alma para que tenha sempre à mão um objeto de arte que agrade aos seus olhos e não lhe transmita a impressão de desequilíbrio ou desarmonia. Mesmo quando só há o desejo e não o amor, deve ter à mão um material que possa trabalhar racionalmente de acordo com os seus sentimentos, pois só assim seus movimentos não o cansarão em sua arte. E sempre terá à mão e diante dos seus olhos uma tarefa que agrada ao bom artista que há em você. Um mau uso das três coisas citadas só lhe causará problemas e não será nada gratificante para quem a receber.

— Vou me lembrar disso também, mestre Gur.

— Mas não se esqueça que também poderá ser objeto, do mesmo modo que as mulheres. Poderá ser só uma distração para elas, e se elas não coordenarem sentimento, razão e movimento você não receberá algo gratificante e elas terão problemas com você.

— Tais como?

— Ciúmes, possessão, ódio, falso amor, paixão, asco, melancolia, revolta e finalmente a morte dos sentidos.

— É a tal balança, não?

— Sim. Os dois pratos têm de conter o mesmo tipo de coisa. Em caso contrário, alguém sempre será lesado nesta troca, pois também neste caso a alma é passada ao outro lado, ainda que temporariamente.

— Mestre Gur, o senhor é tão sábio na prática como com as palavras?

— Nunca recebi queixas ou críticas das minhas obras de arte, Sikan! Eu tive um mestre do qual me orgulho até hoje, ainda que ele tenha partido há muito tempo. Se um dia você sentir por mim o que eu sinto por ele, é porque fui um bom mestre.

— E eu um bom discípulo, pois o senhor é muito claro ao falar!

— Isto também, Sikan. Uma última lição antes que parta.

— Qual é, mestre Gur?

— Nunca diga a uma mulher que apenas a deseja, mas também que a ama. Desejo é algo diferente de amor! O desejo só existe em função da aparência do objeto desejado, pois em caso de ele sofrer alguma transformação, você poderá não desejá-lo mais. Já o objeto amado pode sofrer várias transformações, o amor poderá diminuir de

intensidade ou mesmo se transformar no seu conteúdo, mas permanecerá um outro tipo de amor.

— Quanto ao desejo?

— Poderá deixar de ser desejo e se transformar em paixão, ciúmes ou ódio. Portanto não as iluda para não ser iludido mais tarde. Ou ame uma mulher com o amor verdadeiro ou apenas a deseje por algo nela que agrade aos seus olhos e sentidos. É bom que deixe isto patente em suas palavras, pois estas coisas, depois de trocadas, não podem ser devolvidas se uma das partes se sentir lesada. A parte que levou vantagem momentânea na troca não terá o que devolver e a que perdeu jamais encontrará um sentimento que preencha o vazio que se formou em seu interior, pois ao dar, e não receber nada em troca, só se esvaziou de algo muito sutil e sensível.

— Tudo é muito complicado mestre Gur. Em ambos os casos nós corremos riscos muito sérios, o que me deixa um tanto inseguro quando de mim tal coisa for exigida.

— Mas é muito fácil, Sikhan! O amor toca seu coração e sublima suas emoções, já o desejo toca seus sentidos e ativa seu calor interior. Basta observar as reações que se processam em seu ser e saberá por qual dos dois sentimentos está sendo tocado.

— Mas, e quanto ao rubi do amor e nossa alma? Como evitar perdê-la?

— Também é simples, embora contenha uma margem de riscos. No amor você entrega ou doa a alguém o seu tesouro precioso e junto dele vai para sempre sua alma. Se receber em troca outro rubi e outra alma, nada perde e ainda se enriquece mais.

Já com o desejo você tem que agir como fez com esta obra de arte que tem agora à sua frente. De você ela recebeu o sentimento, o raciocínio e o movimento, e assim ela adquiriu sua alma e é uma extensão do seu ser. Você gosta dela pois contém algo de você, mas se eu a levar para minha casa e não devolvê-la mais, ainda assim você não sentirá tanto sua perda, pois do mesmo modo que criou esta, criará outra, que poderá não ser igual na aparência, mas desde que você lhe empreste, na feitura, o seu sentimento, raciocínio e movimento em equilíbrio e harmonia, além de lhe passar sua alma, você a terá eternamente como sua criação.

Tanto a que eu levei comigo quanto tantas outras que vier a criar, saberão que eu, ou outro, sou o possuidor, mas você foi o artesão

que as fundiu, moldou e deu-lhes uma alma sensível. Jamais esquecerão disto e o amarão, pois você lhes deu algo mais que uma forma, e sempre vibrarão a sua alma, emprestada a elas, e não a do possuidor posterior.

Eu vou guardar esta obra comigo, mas tanto eu como ela sabemos que a alma que a anima e a torna agradável aos meus sentidos é sua.

Por isso deve ser um bom artesão em tudo o que fizer e um exímio artista para poder dar alma a tudo que se tornar objeto dos seus sentidos, raciocínio e movimentação.

Um bom artesão faz coisas úteis, mas só o exímio artista faz coisas úteis, sensíveis e agradáveis.

Um bom artesão, mas péssimo artista, só faz coisas mortais, mas alguém que reúna as duas qualidades atrai a atenção de todos, pois suas criações são a materialização de sua alma criativa, de sua mente racional e de seus movimentos coordenados.

Só os cegos e insensíveis não dão valor a uma obra de arte, Sikan. Mas eles fazem isso não por maldade e sim por ignorância. No dia em que recuperarem a visão e a sensibilidade jamais ousarão destruir uma obra de um grande artista, pois possui-la só os engrandecerá ainda mais, eles saberão que têm à mão uma porção de uma alma, a alma de um exímio artista!

— Mas quando se tratar de uma mulher, mestre?

— É a mesma coisa, Sikan! Observe, um dia, como agem os que trabalham na extração dos minerais ou madeiras. Eles dão pancadas fortes para extrair o minério e, assim que o arrancam do solo, manuseiam-no com grosseria nos gestos e não o tratam com carinho. Eles o atiram longe, amontoam-no junto a outros sem o menor cuidado e não lhe dão o mínimo valor. Quanto à madeira, derrubam uma árvore com golpes implacáveis e desbastam seus galhos sem a mínima contemplação, pois não vêem valor algum nela além de uma simples árvore, correto?

— Sim, mestre Gur!

— Quanto ao artista, Sikan, ele apanha o minério e o conduz à sua oficina, e como bom artesão que é, faz um fogo durável, funde-o e depois de amoldá-lo ao seu gosto lhe empresta brilho e beleza. E quando toma em suas mãos um pedaço de madeira, após avaliar o que poderá fazer com ela, começa a esculpi-la cuidadosamente até lhe dar uma forma que agradará não só a si mesmo mas sim a todos que a virem. Todos irão querer tocar naquela madeira, antes inerte e

sem vida, mas agora com uma beleza e alma do artista que soube ver o seu valor. Compreende, Sikhhan Daher?

— Sim, mestre Gur. Tanto com os materiais inertes como com os seres humanos podemos torná-los belos, agradáveis e sensíveis, se como bons artesãos e exímios artistas nós lhe emprestarmos nossa alma, que é a essência de nossos sentidos, raciocínios e movimentos coordenados e harmônicos, ainda que seja uma mulher.

— Grande, Sikhhan Daher! Creio que ainda me orgulharei de tê-lo como meu discípulo. Hoje tem só quinze anos de idade e com o tempo poderá ter uma vasta coleção de obras de arte espalhada por muitos lugares que, ao revê-lo, se lançarão em seus braços, pois saberão que foi você quem as apanhou em estado bruto, fundiu-as, moldou-as e emprestou-lhes sua alma sensível para que elas pudessem ter um brilho que só um artista exímio pode emprestar a tudo que toca. Já tentou alguma vez fazer isto, meu jovem?

— Senti desejos, mas não tive coragem, mestre Gur.

— Então isto é sinal que tem uma alma que já pode ser emprestada a alguém. Está na hora de raciocinar na melhor forma de dar vazão aos seus sentidos, e só a prática com os movimentos lhe ensinará como conseguir tal coisa.

— Mas eu tenho medo, mestre Gur!

— Não tema Sikhhan, só raciocine! Imagine que tem um tronco muito grande e pesado à sua frente e precisa esculpi-lo lentamente para que ele tome a forma que acha a mais apropriada à sua razão.

Como o tronco é grande e pesado você não deve tentar movê-lo, e sim, ir esculpindo as partes que mais agradarem aos seus olhos, pois é por estas partes que você lhe poderá ir passando seus sentimentos e modelando-o com seus movimentos desordenados em princípio, pois ainda não conhece bem qual a resistência do material que tem à mão para trabalhar.

Portanto, é melhor que dê um leve toque e espere para ver qual é a reação dele ao seu golpe. Se não houver resposta alguma, dê outros mais fortes e profundos até que sinta a madeira do tronco ranger ao recebê-los. Aí, sim, conhecerá a real resistência do material que tem à mão e logo descobrirá como, só com um leve toque, mover o tronco mais pesado que se apresentar à sua frente.

Saiba que uma árvore forte à sua frente, se você golpeá-la no ponto certo, cairá para o lado que desejar, mas se ela já está deitada

você poderá rolá-la à vontade para poder esculpi-la se souber qual é o seu ponto de equilíbrio. Bastará que dê um leve toque neste ponto de equilíbrio e ela se moverá espontaneamente, pois ela logo reconhece um artesão habilidoso e exímio artista, ainda que seja a primeira vez que ele trabalhe com tal material em sua vida.

— Como posso iniciar meu aprendizado com tal tipo de material, mestre Gur?

— Eu sei onde há este tipo de material, Sikhan. Vamos escolher um adequado a um artista principiante?

— Vamos!

— Vejo que ficou eufórico com a possibilidade de se iniciar nesta arte também!

— Ora mestre Gur, como não ficar, se ultimamente meu raciocínio só pensa na melhor forma de colocar meus sentidos em movimento?

— É, acho que tenho nas mãos um bom artesão e exímio artista. Espero não perder o controle sobre você e criar uma obra que nem um mendigo ousaria abaixar-se para apanhá-lo, pois não valeria o trabalho gasto com tal gesto.

— O senhor sabe como golpear-nos profundamente, não?

— Só jogo um pouco de água na labareda para que suas chamas não consumam muito rápido a lenha que dá vida ao fogo dos seus desejos. Uma chama só deve crescer se houver algo a ser aquecido por ela, pois, caso contrário, consome toda a madeira que lhe dá vida e logo se apaga, não tendo sido útil para nada.

A chama tem de durar o tempo suficiente para fundir o material que lhe foi confiado, senão apenas o amolecerá e logo apagará, deixando o minério mais imperfeito e disforme que quando foi levado ao fogo. Não deixe que tal coisa aconteça, senão logo será evitado por todas. Vá aumentando a intensidade da chama à medida que o minério for se aquecendo, assim terá o minério moldável ao seu gosto. Saiba que um bom artesão só trabalha muito bem o minério que tem à sua frente se primeiro aquilatar seu valor, peso, densidade, maleabilidade e forma, para, então, começar a tocar nele, manuseá-lo com cuidado e carinho e, somente neste momento, levá-lo ao fogo.

Não deve criar muitas obras de arte incompletas ou malfeitas, pois apenas uma, se completa e bem-feita, dura para sempre.

Existem artesãos que não são exímios artistas e que vivem a criar muitas obras num só dia, mas nenhuma é bela aos seus olhos

nem agrada aos seus sentidos, pois ele não aplicou os seus movimentos de forma coordenada.

Crie apenas uma obra, mas que ela possa ser distinguida como obra de um verdadeiro artista.

— Compreendi mestre Gur! Vou saber controlar meus desejos para que eles não embotem meu raciocínio e desarmonizem meus movimentos.

— Bravos, Sikhan Daher! Vamos a um lugar onde só há minerais belos, brilhantes e valiosos, pois um grande artista deve criar sua primeira obra com tal tipo de material.

— Por que, mestre Gur?

— Tem de ser assim, pois ainda que sua primeira obra não seja lá uma grande obra, ao menos ele trabalhou com algo valioso, belo e brilhante, e voltará a tentar, pois não irá querer deixar abandonado um belo diamante, não?

— Vamos, mestre! O senhor escolherá o diamante para mim?

— Não. Isto é algo muito pessoal e um artista sensível trabalha mais satisfeito se o material escolhido for o que mais agrada aos seus sentidos.

— Mestre Gur, sua fama não é em vão! Tal como o senhor, eu irei me orgulhar de ter tido um mestre que era um sábio, um bom artesão e exímio artista.

— Então vamos, pois assim chegaremos cedo e poderá escolher à vontade o seu primeiro brilhante a ser lapidado e terá mais tempo para fazer isto, pois ainda é dia e a noite nem começou!



Após meu primeiro diamante ser lapidado, muitos outros eu lapidei. Muitos troncos rústicos eu esculpi e os tornei verdadeiras obras de arte. Muitos minérios rústicos eu manuseei com carinho e delicadeza e os fundi até torná-los tão maleáveis que só com um leve toque eles assumiam a forma que eu desejava. Apanhei pedras brutas que ninguém dava o menor valor e dei-lhes uma forma tão bela que de repente todos as queriam também. Com lama pura moldei verdadeiras deusas da beleza, harmonia e sensibilidade.

Colhi material virgem e ainda não amoldados e lhes emprestei meus sentidos, raciocínio e movimento, dando-lhes uma alma sensível.

Mas tudo isto sem nunca dizer: “eu te amo”, pois um artista exímio deve ter consciência do valor do seu trabalho, mas nunca deve se apegar a ele com tenacidade, senão deixará de ser uma obra de arte e passará a ser um objeto a ser ocultado.

Amar mesmo, eu só amava Shadine, a princesa persa! Era para ela que eu guardava meu rubi valioso. Mas, como a quem eu confiaria minha alma estava opaca e escura como carvão, eu também assim me encontrava, pois já sabia ser impossível, para mim, abrir seu baú e depositar nele o rubi mais valioso do meu tesouro. Onde ela estivesse, lá estava minha alma, por isso nenhuma outra iria receber. Shadine era a única que a possuía e se outros a possuíssem eu seria lançado num canto escuro e empoeirado, pois mulheres belas, luminosas e sensíveis eu já tivera em meus braços e o máximo que haviam conseguido arrancar de mim foram pedaços do meu tesouro, mas nunca o meu valioso rubi. Shadine era a dona dele!

Por isto aquela mulher com um corpo sensual, mas com o rosto coberto por um shador, não me despertou maior curiosidade que a cor de sua alma.

O rubror que a envolvia dizia-me que ela só vibrava a paixão desenfreada. Eu ainda a olhava quando, com um sinal de mão, ela pediu que me aproximasse.

Conduzi meu cavalo até sua liteira. Fui caminhando devagar, enquanto observava seus olhos, cabelos e belo corpo.

Como me mantive calado após me postar bem à sua frente, ela me perguntou:

— Fala minha língua?

— Sim! O que quer saber?

— Como faço para chegar até o palácio real?

— Basta seguir em frente até o final desta rua e virar à direita que já o verá, senhora.

— Como se chama rapaz?

— Sikhhan Daher, senhora. Como posso chamá-la caso tenha o prazer de tornar a vê-la?

— Sou Shamizer, a Princesa dos Encantos. É assim que sou chamada!

— É um belo nome o seu. E quanto a ser Princesa dos Encantos, eu imagino que seja pelo que vejo e também pelo que está oculto dos meus olhos, não?

— Talvez sim, talvez não Sikhan Daher. Por que não tenta descobrir?

— Há coisas que são melhores quando se revelam a nós sem que as procuremos muito, Princesa dos Encantos!

— Pois há coisas que só procurando poderá encontrar, Sikhan Daher!

— Talvez sim, talvez não encantadora Shamizer!

— Tem razão Sikhan Daher. Como é a primeira vez que aqui venho e nada conheço dos costumes persas, não gostaria de cicero-near-me?

— Não sei se devo princesa! Minha alma está muito distante de mim neste momento. Talvez eu venha a ser uma péssima companhia para tão bela princesa.

— Do que vive Sikhan Daher?

— Sou um artesão e artista, minha Princesa dos Encantos.

— No que se sobressai melhor? Como artesão ou artista?

— Procuo o equilíbrio entre os dois ofícios.

— Já o encontrou alguma vez?

— Sim, mas logo via que ainda não era o desejado e continuo a procurá-lo.

— Quem sabe eu possa ajudá-lo de alguma forma e você o encontre rapidamente!

— Talvez, Princesa dos Encantos. Nada é impossível para uma bela mulher. E ainda que não possa ver todo o seu rosto, imagino que ele faça jus ao seu corpo.

— Em público não posso descerrar o meu shador. Mas caso queira descobrir se ele faz jus ou não, é só acompanhar-me até os aposentos que estão reservados para mim.

— Talvez um outro dia princesa. Como disse há pouco, hoje talvez eu não seja uma boa companhia.

— Já estamos quase chegando ao palácio real e eu achei, até agora, sua companhia muito agradável, Sikhan. Caso eu venha a achá-lo desinteressante lhe avisarei. Está bem assim?

— Por que faz tanta questão de minha companhia, Shamizer?

— Tem uma cor incomum nos homens, Sikhan. Eu gosto da sua cor, de sua voz, do jeito que fala e, acima de tudo, eu o acho um homem encantador!

— Tenho tantos predicados assim, minha Princesa dos Encantos?

— Por enquanto só posso falar dos que são visíveis. Talvez mais tarde eu possa acrescentar mais alguns ainda ocultos, Sikhhan Daher!

— Quem sabe não? Mas diga-me: como pôde ver a minha cor?

— Você ficou curioso?

— Muito.

— Acompanhe-me e, após estarmos em meus aposentos, lhe falarei sobre isto também.

Eu a acompanhei, e após as formalidades protocolares a princesa foi conduzida aos seus aposentos. Quando os servos nele colocaram toda a sua bagagem pessoal, ela ordenou que fossem para o aposento a eles reservado e com ela só ficou uma mulher, que lhe preparou um banho. Após a água ser perfumada por essências aromáticas, ela também se retirou.

— Estamos a sós agora, Sikhhan Daher. Eu posso retirar o tecido que cobre o meu rosto. Gostaria de fazê-lo por mim?

— Por que não, princesa Shamizer? Só espero não estar cometendo um ato que contrarie os seus costumes.

— Na frente dos servos não posso fazê-lo. Mas nos meus aposentos e diante de quem eu dou permissão, nada me impede.

— Então, com sua licença minha Princesa dos Encantos!

Eu soltei o fio que prendia seu shador e fui afastando-o lentamente. A visão do seu rosto foi linda. Procurei manter-me o mais impassível possível. Nem um músculo do meu rosto se moveu após retirá-lo por completo.

— O que acha do meu rosto, Sikhhan Daher?

— É lindo como todo o resto de seu ser minha princesa. Creio que o corpo é quem deve se esforçar para fazer jus a tanta beleza concentrada de forma tão graciosa em tão pouco espaço.

— É tão lindo assim o meu rosto, Sikhhan Daher?

— Sim. Muito mais que o das outras mulheres. Só o de uma certa mulher pode ser comparado ao seu sem ser ofuscado.

— Ela é a causa de você estar sem alma?

— Sim.

— Então me ajude a me despir para que eu possa banhar-me e depois lhe falarei sobre sua cor, Sikhhan Daher.

— Saiba que o rosto não é a parte feminina mais ocultada entre o meu povo, princesa.

— A que nós mais ocultamos, eu já a despi diante dos seus olhos. Nada mais me resta que não possa, ver segundo nossos costumes!

— Se não se importa com o que mais possa atrair minha atenção e visão, então, com sua licença, vou despi-la.

Eu olhava sua cor rubra e, tal como labaredas, ela lançava suas chamas em minha direção. Se não fosse meu excessivo autocontrole, ela certamente me envolveria em seus braços e me consumiria por completo em pouco tempo. Mas, se ela via minha cor, eu também via a dela, e isto me deixava em vantagem, pois ela não sabia que eu também possuía esse dom, que só uns poucos têm a felicidade de possuir.

Após despi-la por completo, a admirei como se jamais tivesse visto outro corpo feminino em minha vida. Após olhá-la de frente, fui lentamente dando uma volta ao redor dela e parei a certa distância para observá-la por trás.

— Tudo em você é harmônico Shamizer. Nem uma linha destoa do conjunto. Diria mesmo que nem um fio de cabelo destoa do todo.

— Nem um fio sequer, Sikhan Daher?

Sua voz estava rouca quando me perguntou isto.

— Nem ao menos um, Princesa dos Encantos! Seu corpo foi modelado pelo mais exímio artista. Ele soube como distribuir o seu cabelo e deu a cada mecha uma ondulação perfeita. Realmente ele soube como distribuí-lo, assim como fez tudo o mais: com perfeição! Nada há em excesso e nada lhe falta para ser a mais perfeita das mulheres.

— Vejo que gostou dos meus cabelos, Sikhan Daher. Após uma longa jornada, eu os sinto sujos e ressequidos. Gostaria de me ajudar a lavá-los, pois os tenho em grande quantidade?

— Quer que eu o lave para você?

— Até o último dos fios, Sikhan Daher. Que não fique um só sem ser limpo por suas tão delicadas mãos.

— Às vezes minhas mãos são rudes, Shamizer. Espero não quebrar nenhum deles, caso elas deixem de ser delicadas em algum momento.

— Pois se isto acontecer e muitos vierem a se quebrar, por cada um que ficar na banheira lhe darei uma pedra preciosa do tamanho dos seus olhos negros e impenetráveis.

— Falando assim, tenta-me a ser rude ao lavar seus cabelos.

— Saiba que há certas mechas dos meus cabelos que adoram ser lavadas com rudeza e outras com delicadeza.

— Pode me dizer com quais eu devo ser rude e com quais devo ser delicado, minha Princesa dos Encantos?

— Isto eu deixo para você descobrir, Sikhhan Daher. Há certas coisas que só um artista exímio consegue sentir ao tocar.

Sua voz, além de rouca, estava quase sumindo. Ela estava me conduzindo através de um jogo de palavras muito sensual. Eu procurava não interromper o livre curso do seu jogo e, como bom parceiro, a conduzi até a banheira de mármore toda enfeitada por peças de ouro. Após submergir por completo na água morna e perfumada de uma vez para depois ficar só com a cabeça de fora, comecei a lavar-lhe os longos cabelos. Eu o fazia lenta e carinhosamente. Massageava-lhe o couro cabeludo com muito tato e tocava em seu fino e delicado pescoço. Conduzi minhas mãos até suas costas e depois até outros pontos de seu corpo, onde o cabelo também era abundante. Eu coordenava meus movimentos de acordo com o meu raciocínio, não deixando que meus sentimentos me conduzissem.

Em certas partes do seu couro cabeludo impus maior força aos meus movimentos e, tal como eu havia testado com os ensinamentos de mestre Gur, o mais pesado dos troncos rolava a um simples toque de meus dedos.

Eu percebi pela sua cor que aquela não era uma madeira muito resistente e não precisava golpeá-la muito forte para fazê-la ranger quando atingida.

Após lavar bem até o último dos fios dos seus cabelos, lavei todo o seu corpo. Não usei a esponja que havia numa concha de ouro. Fiz isto com as palmas de minhas mãos.

Seus olhos semicerrados nada me mostravam dos seus sentimentos, mas seus fortes suspiros e a chama que saía de sua alma me dizia que o braseiro em seu interior fazia com que toda a resina que havia naquela madeira sensível estava sendo expelida, devido ao calor intenso que consumia todo o seu ser.

Após tê-la esfregado, ora com delicadeza, ora com força, apanhei um pouco da água que estava sendo aquecida no fogo que havia numa parte do aposento e a misturei com água fria até deixá-la morna e agradável à sua pele macia e aveludada. Voltei e a levantei na banheira enxaguando-a por inteiro. Feito isto, eu a enxuguei lentamente e dediquei mais tempo a seus longos cabelos.

Só quando estava toda enxuta me dei por satisfeito com o trabalho de limpar até seu último fio de cabelo.

— Gostou da forma como lavei até seu último fio de cabelo, minha princesa?

— Jamais fui lavada por um artista exímio, Sikhan Daher. Hoje é um dia muito feliz para mim, pois finalmente realizei um antigo desejo.

— Fico feliz que tenha apreciado minha forma de realizar seu desejo.

— Enquanto apanhava a água para me enxaguar, juntei todos os fios de cabelo que haviam se quebrado para que eu possa cumprir o que lhe prometi. Pena que tenham sido poucos.

— Não há maior tesouro que os seus cabelos, minha princesa. Me satisfarei só em tê-los comigo para todo o sempre, pois assim eu terei uma parte sua comigo quando não mais estiveres ao alcance dos meus olhos. Posso tomá-los para mim?

— Sim, mas com uma condição.

— Qual é ela?

— Que eu possa realizar um outro desejo muito antigo.

— Qual é o seu desejo?

— Banhar um exímio artista!

— Aceito sua condição, pois é um desejo que finalmente se realizará para mim, proporcionado por você.

— Qual é ele, Sikhan Daher?

— Eu vou proceder da mesma forma que você fez comigo, posso?

— Sim, pois eu só me deixo desnudar por quem se faz merecer diante dos meus olhos. Só assim nada preciso ocultar.

Ela agiu da mesma forma que eu. Lentamente foi tirando todas as peças de minha vestimenta. Tirou até a última e, como eu, ficou a me observar por um longo tempo. Ora mais de longe, ora bem de perto. Pela frente, por trás e de perfil.

— O que lhe parece, Shamizer?

— Um corpo harmônico e belo. Tal como sua voz ou seus olhos, seus músculos formam um conjunto perfeito e quem o talhou foi sábio no molde e generoso em determinadas partes de sua anatomia. Além dos predicados de que lhe falei enquanto vínhamos para cá e os que você revelou ao banhar-me, agora já descubro outros mais, e talvez até sejam melhores que todos os outros juntos, Sikhan.

— Um predicado só não revela o que possui de bom se não estiver harmonizado com o conjunto. Todos têm de estar harmônicos

para que agradem aos olhos e satisfaçam aos nossos sentidos, minha Princesa dos Encantos!

— Mas eu vejo um que se destaca do conjunto.

— Eu não diria que se destaca, mas que só torna todo o conjunto de meus predicados muito mais eloqüente.

— Então permita que eu o conduza à banheira!

— Como queira Shamizer.

— Não se importa em se banhar na mesma água em que me banhou?

— Não.

— Se o incomoda, mandarei que a troquem num instante.

— Não quero que faça tal coisa, pois junto com o pó que havia em seus cabelos, juntar-se-ão o que possa haver nos meus.

— Eu saberei como extrair até a última partícula de pó que possa haver no último dos fios de seus cabelos.

Eu submergi na água e depois me ajeitei confortavelmente na banheira.

— A água já não está morna Sikhan Daher. Devíamos ter adicionado mais água fervente para aquecê-la um pouco.

— Não. Assim ela será mais agradável, pois destacará o calor que suas mãos me transmitem. Do contraste entre o frescor dela e o seu calor, eu sinto maior prazer em ser banhado por alguém com tantos encantos visíveis aos meus olhos.

— Meus encantos agradam aos seus olhos?

— Aos meus olhos e aos meus sentidos.

— Seus sentidos estão bastante alterados, Sikhan Daher!

— Por que diz isto?

— Só de esfregar seu corpo eu os sinto pulsarem forte.

— Pulsam tanto assim?

— Cada vez mais. E se eu imprimir maior força ao esfregar sua pele, posso até apanhá-los em minhas mãos, segurá-los e senti-los latejarem.

— Você é muito sensível, Shamizer. Isto eu senti ao banhá-la.

— Você também é, Sikhan Daher. Tão sensível que se eu aperto seus músculos, eles imprimem sua força contra a palma de minha mão.

— Isto acontece devido ao calor que emana dela. O calor dela aquece meus músculos e acho que os incendeiam, tornando-os flamejantes como uma brasa ardente.

— Eu posso sentir o calor emitido por esta sua brasa. Creio que ela até aquece a água à sua volta. Eu posso ver a transmutação da sua cor dourada através de um dos seus músculos.

— Isto é possível?

— Sim.

— Como?

— Ao absorver a cor que sai de minhas mãos ele se transforma em um vermelho-cintilante, quase encarnado.

— Qual a cor que suas mãos emitem?

— Antes eram rubras como o sangue vivo, mas agora é vermelho-claro.

— Por que a transformação?

— Ao banhar-me você me inundou com sua cor dourada e tornou a minha cor mais clara e sutil, aumentando minha sensibilidade. Sua cor dourada tem o poder de sensibilizar a minha, elevando-a em muitos graus.

— Isto é bom ou ruim?

— Para mim é ótimo, pois jamais pude misturar minha cor rubra a uma cor dourada.

— Por que não?

— Toda vez que toquei num homem sua cor se transformou, de imediato, em rubro. Agora finalmente eu posso tocar em alguém de cor dourada e vê-lo permanecer dourado. Sua cor se irradia pelas minhas mãos e chegam aos meus centros nervosos mais íntimos e ocultos, Sikhan!

— Ela lhe causa algum desconforto?

— Não. Quanto mais eu acaricio certos músculos seus, mais ela se irradia por meus centros nervosos. Um pouco mais que eu fique massageando-o e eles entrarão em choque, causando-me uma forte descarga emocional.

— Não é melhor você enxaguar-me?

— Vou fazer isto agora mesmo e depois secá-lo por inteiro.

E Shamizer enxagou-me e secou-me por inteiro. Em certos músculos, ela se demorou por um longo tempo. Chegou mesmo a tocá-los com as mãos para ver se estavam bem secos.

— Gostou do modo que o banhei, Sikhan Daher?

— Foi o banho mais agradável que tomei até hoje, Shamizer.

— Quer que eu lhe fale mais sobre nossas cores?

— Já é tarde e meu pai, que é hóspede no palácio, pode estar preocupado com minha ausência.

— Mandarei um criado avisá-lo que você está comigo e assim não ficará preocupado com sua ausência.

— Não sei se devo!

— Ainda não descobri todos os seus predicados e nem você descobriu meus encantos mais ocultos.

— Pode ser que não goste do resto dos meus predicados.

— Talvez sim, talvez não. Mas isto só se você mostrá-los para mim. Quanto aos meus encantos, creio que gostará de conhecê-los. E além do mais, ainda não me senti totalmente irradiada pela sua luz dourada.

— Isto é possível?

— Sim. Mas antes vou chamar um criado e mandá-lo avisar seu pai, pois não quero que nem ele nem você fiquem preocupados. Vá até o outro aposento e logo eu estarei com você.

Eu fui ao aposento que ela apontara e sentei-me à beira de uma grande, macia e confortável cama com um dossel a cobri-la. Pouco depois eu a via entrar no aposento. Sua alma estava com a cor vermelho-claro. De seu ser saíam raios que chegavam até mim. Uma chama vermelha crescia ao seu redor. Eu via tudo isto e queria conhecer seus encantos mais íntimos.

— Sua cor está se expandindo, Sikhhan Daher! Eu posso sentir sua irradiação a distância. A cor de certos pontos seus são como a chama do fogo amarelo.

— É tão intensa assim?

— Muito mais do que possa imaginar. Deite-se que eu a farei crescer ainda mais.

— Sua cor continua se transfigurando, Shamizer?

— Lentamente.

— Onde devo tocar para inundá-la com minha cor?

— Preciso dizer-lhe?

— Eu não vejo as nossas cores, lembre-se disso!

— Pois então dê-me sua mão que eu a conduzirei até os meus centros nervosos, onde sua cor os atingirá com força total e me fará ter uma descarga emocional, cuja explosão tenho contido a muito custo.

— Por que você se contém?

— Quero que tal coisa aconteça com sua cor de chama viva invadindo todo o meu ser.

— Quem contém suas emoções pode deixar de senti-las com mais intensidade, por mais tempo e por mais vezes.

— Como sabe disto?

— Sou um artista e sei como são as minhas emoções ao criar uma obra de arte. Quanto mais eu dou vazão a elas mais agradável aos meus olhos e sentidos é o resultado final.

— Então faça de mim uma obra que está queimando no fogo da paixão e deixe-me ser possuída por sua arte na criação de uma obra do desejo.

Não mais a deixei falar, pois a calei com um vigoroso beijo. Quanto ao resto, bem, isto não fica bem revelar aqui, pois só um exímio artista compreenderia a minha descrição do uso dos sentidos, raciocínio e movimentos na criação de uma obra do desejo, até emprestar-lhe minha alma.

Shamizer agora possuía uma parte de minha arte. Penso eu que ela dizia a verdade quando falou que desejava ser banhada por um exímio artista.

Eu descobri muitos outros encantos enquanto lhe revelava mais alguns dos meus predicados. Passamos a noite nos descobrindo e explorando todos os mistérios do desejo. Eu vi sua cor rubra se esvanecer após tantas trocas de irradiações. O sol já nos enviava seus primeiros raios quando sua cor apagou-se por completo. A minha também havia enfraquecido muito e quase se extinguiu. Perguntei-lhe como estavam nossas cores.

— Eu já não tenho mais cor, Sikhan Daher. Quanto a você, quase consegui apagar seu dourado.

— Quer tentar mais um pouco? Talvez desta vez você consiga apagá-la.

— Duvido! Eu vejo que ainda lhe resta uma boa quantidade de energias. Só de você imaginar, sua cor começa a se expandir em minha direção. Eu já não tenho forças para continuar com nossa troca de cores.

— Pois agora eu vou transformar sua cor rubra, que se apagou, e fazer surgir uma nova cor.

— Qual é a nova cor?

— O azul do amor. Vou inundá-la de tal forma que o rubro só restará em uns poucos pontos do seu corpo.

— Não sei se devo, pois estou exausta.

— Deixe que eu a desperte até o ponto em que nada mais no mundo irá lhe incomodar, preocupar ou importar, só esta minha cor lhe atrairá a atenção e os sentidos.

— Tente, Sikhhan Daher. Sou uma massa inerte e maleável em suas mãos. Molde-me segundo sua concepção de artista e faça de mim uma obra de arte que agrade aos seus olhos e sentidos.

Eu coordenei minhas emoções, raciocínio e movimento de tal forma que, quando finalmente eu a inundei com minha alma, Shamizer já era uma obra de arte de Sikhhan Daher. Isto eu via na luz e cor que ela emitia. Sua voz enrouquecia pelo desejo e se transformava em outra, suave e meiga, de alguém que não se esqueceria de quem havia lhe dado uma alma. Shamizer era uma lama escura quando eu a vi pela primeira vez e eu a havia cozido com tal arte e manuseado suas formas com tal maestria que ao passar para ela minhas emoções, sentimentos e desejos com muita intensidade e racional movimentação, após uma noite inesquecível, minha alma tomara conta da sua e minha cor transmutara a sua. De seus poros brotava agora finíssimos raios de luz rósea.

— Sikhhan, há paz nos meus sentidos, emoções e desejo. Finalmente me sinto saciada nos meus desejos e minhas emoções são harmoniosas. Sabes como me sinto?

— Não, mas gostaria de saber!

— Uma mulher apaixonada pelo homem que apagou em mim a cor rubra do desejo.

— Qual a sua cor agora?

— Rosa. A busca do prazer cedeu lugar à do amor. Finalmente eu consigo amar um homem!

— Sofreu uma transformação tão grande assim, minha princesa dos encantos?

— Sim. Finalmente fui encantada por alguém que conhece os encantos mais ocultos do meu ser. Eu sou sua escrava de agora em diante!

— Se o que sente comporta a total submissão, então isto não é amor, mas sim o aniquilamento de seu ser vibrante e pensante.

— Então não sei o que sinto, mas sinto que não quero deixá-lo partir nunca mais. Só de tocar em seu rosto já me sinto a mais feliz das mulheres.

— Pois eu, ao tocar seu rosto sinto brotar em mim a chama do desejo.

— Não sente amor por mim?

— O que sinto por você eu chamo de desejo. Quanto ao amor, penso que seja algo diferente. O amor não comporta a insaciabilidade dos desejos.

— Agora não posso mais saciar seu desejo, mas após um bom sono e uma boa refeição, eu estarei ansiosa por recebê-lo novamente em meu leito.

— Eu estarei aqui para continuar a aprender com você como é a transmutação das cores. Afinal, ainda preciso descobrir o motivo de você ser a princesa dos encantos.

— Já não descobriu encantos suficientes em mim?

— Muitos, mas não o suficiente. Você deve ter outros que ninguém mais tem, e pretendo descobri-los todos.

— Eu estou a sua disposição para quando quiser fazê-lo. Venha comigo e torne-se meu príncipe, Sikhhan Daher!

— Acho que não devo, Shamizer.

— Por que não?

— Já renunciei ao direito de herdar o trono de meu pai e não vou aceitar partilhar o seu.

— Mas terá a compensação de minha companhia por todos os dias e todas as noites de sua vida.

— Consumiríamos-nos em pouco tempo Shamizer. Em poucos anos só restariam dois seres aniquilados pelo desejo.

— Mas eu não permitirei que tal coisa aconteça, pois o desejo que alimento por você é tê-lo ao meu lado, poder acariciá-lo, beijá-lo e ser abraçada por você.

— Parece uma jovem que descobriu o amor.

— Isto é o que sinto e se assim é uma jovem que está amando, então eu o estou amando como uma. Venha comigo para o meu reino!

— Ainda é cedo para descobrir o que é mais certo para mim. Quando terminarem as festividades eu saberei qual resposta lhe dar. Agora vou voltar para junto de meu pai, pois o sol já está alto.

— Fique mais um pouco comigo. Deixe-me adormecer abraçada ao seu corpo.

— E se eu adormecer também?

— Então meu sono será mais reparador.

Shamizer aninhou-se ao meu lado e comecei a acariciar-lhe os longos cabelos, o seu rosto e a pele macia e aveludada de seu lindo corpo. Logo ela adormecia agarrada a mim. Um ar de paz interior irradiava de seu rosto encantador. Sua luz rósea começou a transmutar-se em um azul claro, quase cristalino.

— Ela está amando! — falei para mim mesmo — Quanta mudança se processou na minha princesa dos encantos. É uma jovem que descobriu o amor pela primeira vez. Até a noite, minha princesa, pois eu tenho de voltar para junto de meu pai!

Após ajeitá-la na cama, eu a cobri com um lençol e fui me vestir. Fui até a porta que separava seus aposentos do de seus servos e comuniquei-lhes que iria partir. Logo uma mulher veio até o quarto e iniciou o seu trabalho.

Saí dos aposentos dela e logo estava nos meus. Tomei um banho agradável, comi um pouco e fui dormir também, pois eu estava esgotado ao máximo. Mal me deitei e adormeci profundamente, pois não ouvi meu pai, nem os seus criados, quando voltou dos seus compromissos protocolares.

Ao acordar, fui incomodado pela luz do sol que entrava pela janela do aposento. Já era mais ou menos cinco horas da tarde. O sol poente lançava sobre mim seus raios luminosos já enfraquecidos.

— Vejo que trocou a noite pelo dia, Sikhan. Acaso se esqueceu do nosso compromisso daqui a pouco?

— Acho que dormi demais.

— Demais? Você dormiu o dia todo. Nem para se alimentar você acordou!

— Farei isso no banquete do soberano persa. Só espero que ele não anuncie nada indigesto durante o jantar.

— Vá se preparar rapidamente, pois teremos de estar no salão real antes que o sol se ponha.

— Em poucos minutos estarei pronto, papai!

— Vista-se como príncipe que é, Sikhan. Lembre-se de que talvez o meu pedido de seu casamento com a princesa seja aceito e não quero que o futuro imperador da Pérsia seja visto como um mendigo.

— O senhor sabe que isto é impossível. Portanto, não vou alimentar esta ilusão.

— Já desistiu do seu amor pela princesa Shadine?

— Não. Mas não irei ao encontro com o rei alimentando tal ilusão!

— Como reagirá caso seja o escolhido?

— Não sei papai. Mas por que fica falando de ilusões se o senhor mesmo mandou-me eliminá-las para não sofrer uma decepção muito grande? Acaso quer que eu não compareça ao banquete real?

— Isto não Sikanhan. Você é meu filho e vai estar ao meu lado durante o anúncio do soberano persa. Seria um desrespeito e quebra do protocolo, pois seu nome consta da lista dos que serão enunciados com o título de príncipe ao adentrar no salão real. Vamos, apresse-se, pois não podemos nos atrasar.

Pouco depois eu já estava pronto e partia com meu pai em direção ao salão real. Só de pensar em Shadine meu coração já pulsava mais forte.

Quem seria o culpado de ter apagado sua luz azul? Qual o motivo de tanta tristeza em sua alma? Talvez ela tivesse conhecimento de quem seria o seu futuro esposo ou talvez nem fosse esta a causa de sua tristeza. Uma coisa eu sabia: eu não a veria radiante, pois no dia anterior já vira o quanto estava magoada. Portanto, o baú onde eu havia depositado o rubi do meu amor era um canto escuro e empoeirado. Eu teria de conviver com isto após alimentar um amor impossível por vários anos. Cada vez que eu via Shadine, ela estava mais bela. Era a única que me satisfazia como mulher, pois só em poder tocá-la eu deixaria de ser um artista exímio e me tornaria o mais puro dos homens. Um homem que não precisa ocultar seu amor e sim dizer ao seu objeto amado: eu a amo Shadine! Se eu conseguisse esta felicidade, voltaria a ser um homem, deixando de ver nas mulheres apenas pedras preciosas a serem lapidadas pelo meu lado artístico.

Quando estávamos diante do portal de acesso vi Shamizer aproximar-se também. Muito discretamente enviei-lhe um sorriso, um beijo e uma piscada de olho. Só pude ver quando ela piscou seu olho para mim, pois o shador cobria seu rosto. Mas eu sabia que por baixo dele ela também havia sorrido e me enviado seu beijo tão agradável aos meus sentidos. Fomos acomodados próximos ao trono. Shamizer sentou-se bem ao nosso lado. Quase podíamos nos tocar. Só não o fazíamos por estarmos em público e aguardando a entrada do poderoso monarca persa.

Quando todos os convidados já haviam tomado os seus lugares, um arauto anunciou a presença do rei Halavi. Quando ele entrou no recinto, todos o saudaram conforme o protocolo.

Após sentar-se no seu trono, foi anunciada a entrada da princesa Shadine, herdeira do trono persa. Nova saudação, e eu fiquei a observá-la.

Estava linda como sempre, mas faltava-lhe a sua luz azul a emoldurar seu belo corpo. Qual seria a causa de tanta tristeza? Devia ser algo muito grave para não tê-la recuperado desde que eu a vira no dia anterior.

Voltei meus olhos para Shamizer sentada bem junto a mim e nela vi a cor que faltava a Shadine.

Shamizer irradiava sua luz azul até mim. Isto eu podia ver e sentir!

Realmente o amor havia nascido em sua alma. Quando começaram a servir taças de vinho e todos já podiam falar, ela comentou sobre sua cor comigo.

— Continuo com minha alma azul, Sikhhan. Estou sendo envolvida pela cor do amor e você também está com sua alma azul. Creio que o amor tomou conta do seu íntimo também. Espero-o em meus aposentos esta noite. Já mandei os servos prepararem tudo para que eu possa recebê-lo como deve ser recebido pela sua princesa dos encantos.

Eu nada lhe respondi, apenas sorri de suas palavras e tornei a olhar para Shadine, a mulher que havia conquistado o rubi do meu amor.

O banquete realizou-se sem novidades pois todos ansiavam pelo édito do rei. Dele dependiam muitas cabeças coroadas. Muitos ganhavam fortunas com eles e outros ficavam arruinados após o arauto anunciá-lo.

Eu não estava preocupado com nada disso, pois dividia minha atenção entre Shadine a distância e Shamizer ao meu lado. Constantemente tinha de desviar minha atenção de uma para a outra.

Quando todos já haviam ceado, o arauto anunciou que seria lida a mensagem de Halavi. Um silêncio impressionante tomou conta do enorme salão. Era possível ouvir a respiração dos que estavam ao meu lado. Não atinei de imediato com o motivo de meu pai ter um sorriso mal contido no rosto, quando todos tinham a ansiedade estampada nos deles.

Meus olhos estavam fixados em Shadine. Tentava fazê-los cruzar com os dela, mas ela os desviava sempre. Nas poucas vezes que isto esteve próximo de acontecer, ela olhava acima de minha cabeça.

Eu tinha a impressão que era observado por ela quando estava conversando com meu pai ou Shamizer, mas ao virar-me para ela, desviava os olhos ou virava seu rosto.

Agora, quando o arauto iniciava a leitura do édito, eu a olhava fixamente. Nalgum momento nossos olhos haveriam de se cruzar e eu tentaria desvendar o motivo de sua tristeza e da cor negra que a envolvia por completo. O arauto ainda falava das satrapias, reinos amigos, aliados e muitas outras coisas sobre o poder e grandiosidade do império persa, quando, finalmente, nossos olhos se cruzaram. Eu mantive o meu olhar, mas Shadine imediatamente abaixou os seus olhos para logo voltar a me encarar. Desta vez ela não os desviou. Eu estava a menos de cinco metros dela.

Não sei como meu pai havia conseguido um lugar tão privilegiado, pois não havia ninguém entre nós e o trono.

Eu já não ouvia o que o arauto falava, pois fiquei hipnotizado pelos olhos de Shadine. A voz que chegava até meus ouvidos era um som sem sentido algum, pois eu avançava no interior da mente de minha amada. Eu possuía conhecimentos de como fazê-lo e ali mesmo eu os usava para tentar saber o que tanto atormentava Shadine. Quando ela sustentou o meu olhar, não mais interrompeu a ligação que se estabeleceu entre nós.

Penetrei em sua mente por um breve instante e descobri que eu era o causador do seu tormento.

“Mas como, se nem ao menos nos conhecemos? Jamais troquei uma palavra com ela. Como poderia eu, que só a amo, atormentá-la tanto a ponto de enegrecer sua alma?” Eu imaginava estas coisas pois nossos olhares ainda se mantinham unidos.

Eu vi fios de lágrimas correrem dos seus olhos fixados nos meus.

“Mas o que fiz para conduzi-la a tal estado, minha querida Shadine? O que de ruim tenho feito para levá-la ao pranto calado?”, pensei.

Ela me olhava através de uma cortina de água. Sim, as lágrimas inundavam os seus olhos e turvavam a sua visão, mas ainda assim ela não desviava seus olhos do meu.

Uma grande ovação chegava até meus ouvidos, mas eu nada ouvia, pois todos os meus sentidos estavam concentrados na minha amada. Podia cair um raio ao meu lado que eu não o notaria, já que nada à minha volta me incomodava.

A única coisa que me atormentava, e prendia junto a ela os meus sentidos, era o desejo de descobrir como eu a magoara tanto ao ponto de matar sua alma.

Um intenso burburinho chegava até mim, mas eu não conseguia entender porque meu nome era chamado. Eu estava vasculhando a mente de Shadine à procura da causa de sua tristeza e porque fazia parte dela.

Um forte chacoalhão em meus ombros e o rosto de meu pai diante dos meus olhos tirou-me do estado hipnótico.

— Sikhan, o que há com você? Não está ouvindo seu nome ser chamado?

— Onde? Quem me chama papai? Para quê?

— Vamos, eu o conduzo até o rei Halavi.

— Para quê? O que eu fiz de errado?

— Você está se sentindo mal Sikhan?

— Não senhor!

— Então o que há com você? Não ouviu quando seu nome foi anunciado?

— Para que eu fui anunciado?

— Você não ouviu quando o arauto comunicou a todos que você será o homem que se casará com a princesa Shadine?

— Não! Não!!! Eu vou me casar com ela? Como pode uma coisa dessas?

— Não era o seu desejo?

— Sim, mas nem ao menos nos conhecemos! Não posso me casar com ela!

— Com não? Vamos, vou levá-lo diante do rei Halavi e apresentá-lo à sua noiva, a princesa Shadine.

— Mas ela não me quer. Não posso casar com quem não me ama.

— Cale-se, eu lhe ordeno! Não diga nada mais além do estritamente necessário.

— Mas papai!

— Cale-se! Eu já lhe ordenei! Agora siga-me!

Eu o acompanhei meio atordoado com a notícia. Minhas mãos tremiam, minhas têmporas suavam em abundância e minha garganta travou. Qualquer tentativa de falar seria inútil, pois um imenso nó quase me sufocava.

“Meu Deus, o que me aconteceu?”, pensei no meu íntimo.

Após as saudações diante do poderoso monarca persa, fui saudado por uma intensa ovação dos presentes no enorme salão.

Olhei para Shamizer e a vi tão negra como Shadine. Voltei meus olhos para minhas mãos e o mesmo havia acontecido comigo. Tornei a olhar para aquela que eu havia entregue minha alma e ela estava tão negra quanto Shamizer e eu.

“O que está havendo. Será uma brincadeira do gênio do amor ou o castigo de algum Deus?”, pensei.

Olhei para Shadine e as lágrimas continuavam a brotar de seus olhos, voltei meus olhos para Shamizer e ela também chorava, mas não tão contida como minha amada.

Shamizer chorava a morte do seu recém-nascido amor. Um amor que morreu ao nascer. Enquanto eu estava meio atordoado, ela, desesperada, chorava convulsivamente.

Alguém conduziu-me até Shadine e colocou-me ao seu lado. Eu ouvia vozes junto a mim mas não compreendia o que diziam.

Alguém uniu nossas mãos e eu fiquei com as dela envolvidas pelas minhas. Senti o tremor que ela sentia. Era tão intenso quanto o que eu sentia.

Olhei para suas mãos, depois para seu rosto. Neste instante, em meio ao vozerio ela balbuciou-me uma indagação dolorida:

— Por que tem de ser assim?

— Não sei, pois estou tão confuso que não consigo coordenar minhas emoções, minha razão ou meus movimentos.

Eu nem sei porque falei isto, pois a nova indagação dela acabou por me aniquilar por completo.

— Por que você tinha de matar minha alma? Não havia outra mulher no mundo todo para pedir em casamento?

— Eu a amo Shadine, mas não sabia que meu amor iria magoá-la tanto!

— Procurou saber se eu o amava também?

— Tentei isto várias vezes, mas falhei em todas.

— Será que não percebeu que era o destino quem o impedia de aproximar-se de mim? Por que desafiou o destino? Não vê que trouxe desgraça para mim? Ou não se importa com meus sentimentos?

Eu não soube o que lhe responder. Calei-me, pois meus olhos ficaram turvados pelas emoções que tomavam conta de meu ser.

— Por que derrama lágrimas, príncipe? Deveria estar sorrindo de alegria por ter obtido o tesouro mais desejado de toda a Pérsia!

Shadine falava baixo, mas o suficiente para que eu a ouvisse.

Nada lhe respondi, apenas fechei os olhos na tentativa de controlar meus sentimentos.

— Por acaso chora a minha morte, príncipe insignificante?

Novamente eu a olhei profundamente.

— Ou será que chora por ter conseguido um prêmio que não merecias, príncipe de um reino que só existe pela benevolência de meu pai?

Finalmente reagi aos seus insultos, ditos de tal maneira que só eu podia ouvi-los.

— Choro a morte de minha alma, princesa. Um dia eu a depusitei em suas mãos junto com meu amor e agora eu a vejo ser morta por você, única mulher que eu amei.

— Eu só faço o que fez comigo. Morrerá junto comigo; ou pensa que irá degustar sua presa com o prazer de um mendigo faminto ao receber um prato de comida do abastado senhor da Pérsia?

— É o que sou para você? Um príncipe insignificante ou um mendigo faminto?

— Ainda não achei qualificativo melhor para um ser igual a você, príncipe de um reino vassalo. Não é para mim mais que um escravo tornado liberto pelo meu pai, rei da Pérsia.

— Talvez eu possa mostrar-lhe que sou algo tão bom que mudará totalmente seu modo de pensar.

— Duvido, pois no momento em que tocar em minha carne eu o verei como o abutre que sacia sua fome no corpo inerte de sua presa já sem vida.

— Imagino que tenha algum grande amor em sua vida, princesa.

— Tenho. E você não faz parte dele.

— Quem é o felizardo, princesa?

— Meu primo, o príncipe Nagos.

— Tem um péssimo gosto, pois depositou sua alma nas mãos de um abutre vil e desprezível.

— Saiba que é a ele que amo e não pode me impedir isso.

— Nem pretendo fazê-lo, princesa Shadine. Creio que vou ser um homem triste, pois depusitei meu amor nas mãos de alguém que já lançou meu valioso rubi num canto escuro, profundo e empoeirado.

Mas eu vou mergulhar neste canto escuro e profundo e tentar resgatar minha alma perdida.

Quanto a você, vou dizer que se cumpra seu destino e case-se com o homem que mereceu o seu amor. Só assim verá o quanto estava enganada a respeito dele. Eu sou o destino bom em sua vida e ele é o destino mal que irá lançá-la aos infernos, com você em vida na carne.

— Como espera conseguir isto se daqui a pouco nosso casamento se consumará?

— Eu não o permitirei. Não vou passar minha vida ao lado de alguém que me odeia sem ao menos me dar uma chance de mostrar as qualidades do meu amor ou o valor dos meus mais nobres sentimentos.

— Consiga isto e lhe darei dez vezes o seu peso em ouro e pedras preciosas.

— Nada cobrarei para me livrar de uma segunda morte e do tormento que se avizinha em minha vida.

— O seu tormento não é nada se comparado ao meu, pois o seu foi você quem o procurou e o meu me foi imposto por sua aparição em meu destino.

— Saiba que eu seria a luz que a iluminaria por todo o sempre. Mas agora eu lhe retiro minha luz e a entrego às trevas do seu tão desejado destino. Guarde bem o tesouro que pesa dez vezes mais que meu peso, pois gastará todo ele à minha procura no dia em que descobrir o quanto estava enganada. Só houve, há e haverá um homem que a ama de verdade. E ele sou eu. Adeus princesa Shadine!

— Onde vai? Acaso vai sair correndo pelo salão?

Eu nada respondi. Num gesto imperceptível retirei do bolso de meu casaco de couro uma pequena semente e, como se passasse as mãos no rosto para limpar o suor que corria por ele, a introduzi em minha boca. Mastiguei-a de forma imperceptível também.

Seu gosto amargo dava-me náuseas, mas eu procurei suportar seu amargor até que ela chegasse ao meu estômago. Se conseguisse isto eu impediria a consumação do casamento.

Esta pequena semente era usada pelos magos para impedir que alguém morresse por envenenamento. Eu as trazia sempre comigo por conselho deles.

“Leve algumas consigo Sikhan, pois em caso de ser envenenado, bastará que mastigue uma delas e colocará tudo o que há em seu

estômago para fora em poucos segundos. Ela é horrível mas é o melhor antídoto, pois sua ação é fulminante.”

Eu vi os sacerdotes entrarem no salão real. A cerimônia logo teria início, e como estava demorando o efeito da semente, resolvi criar um agravante que impediria o início da cerimônia. Soltei as mãos de Shadine e, com um forte gemido, levei as minhas ao meu estômago.

Verguei o meu corpo e soltei um grito agudo, jogando-me ao chão em contorções bem estudadas para parecerem reais.

Nisto a semente começou o seu efeito fulminante e uma espuma jorrou de minha boca. Em instantes eu era levado para um aposento contíguo ao salão real e atendido pelos sábios do rei Halavi. Eu pus fora tudo o que havia comido e bebido. Uma nova semente foi ingerida e quase morri de tanta ânsia que senti. Cheguei a ter uma câibra estomacal devido ao seu efeito fulminante.

Fiquei pálido, quase esverdeado. Esgotei toda minha energia com aquela ação, mas impedi a cerimônia. Por ordem do rei ela foi suspensa até que eu melhorasse.

Todos pensavam que eu havia sido envenenado e eu nada fiz para impedir que se divulgasse esta versão do que eu encenara só para impedir o casamento.

Mais tarde fui removido para os aposentos de meu pai. Quando ficamos a sós ele me perguntou:

— Como podem tê-lo envenenado Sikanhan?

— Talvez não seja envenenamento e sim algum alimento que me tenha feito mal, papai!

— Duvido, pois o que você comeu ou bebeu eu também o fiz e estou muito bem.

— O que importa é que estou vivo. Para quando foi adiado o casamento?

— Será realizado no próximo domingo, Sikanhan. Descanse agora, pois está muito abatido.

— Sim, vou procurar dormir um pouco e amanhã estarei melhor.

Adormeci logo, pois sentia-me muito fraco. Ao amanhecer eu já me sentia bem e comi algumas frutas frescas.

— Vejo que já se recuperou Sikanhan. Que azar ter acontecido aquele imprevisto ontem à noite, senão a esta hora você já seria o príncipe herdeiro do trono persa e também já teria saboreado o fruto do seu amor.

Meu semblante entristeceu-se ao ouvir suas últimas palavras. Papai tentou me animar.

— Alegre-se filho, pois sete dias passam rápido. Além do mais, poderá estar junto de sua amada logo mais.

— Vou caminhar um pouco, papai. O sol me fará muito bem!

— Vá filho, pois eu vou me encontrar com o ministro do rei. Irei selar um novo tratado que nos isentará dos pesados tributos que temos de enviar à Pérsia todo ano. Isto vai significar maior fartura para nosso povo e finalmente vamos poder aumentar um pouco o nosso tesouro real. Você é o maior tesouro que nós possuíamos e nem sabíamos, Sikhan.

— Como conseguiu este casamento, papai?

— Para um rei relativamente novo como Halavi, ter um genro que não seja ambicioso pelo poder e ainda ame tanto sua filha como você a ama é um grande negócio. Desta forma ele não corre riscos de ter de ceder o trono antes do tempo para um genro ambicioso.

Além do mais ele vinha sendo assediado por um sobrinho, que nós conhecemos muito bem, para que permitisse o seu casamento com a princesa Shadine.

— Entendo! Os dois, de comum acordo, uniram o útil ao agradável, não?

— Sim, Sikhan. E vou colher os primeiros frutos com o novo tratado.

— Boa sorte, papai!

— Até mais tarde, Sikhan!

— Até a vista papai, Não se preocupe comigo, pois estou muito bem.

Após meu pai sair fui até os aposentos de Shamizer. Ao chegar diante dele vi uma serviçal que o limpava.

— Onde está a princesa Shamizer?

— Partiu ao amanhecer, príncipe.

— Posso dar uma olhada no quarto dela?

— Sim senhor.

Entrei e dei uma olhada por todo o quarto. Não vi nada que pertencesse a ela. Indaguei da mulher se nada havia em seu interior.

— Só encontrei isto aqui senhor.

— Deixe-me vê-lo.

Era o shador que eu havia retirado do seu rosto. Eu o desenrolei e encontrei uma longa mecha de seus negros e ondulados cabelos.

Ela o havia cortado rente à cabeça e seu comprimento me dizia que ela os havia escolhido com cuidado antes de cortá-los.

— O que significa isto senhor?

— Nada que seja do seu interesse mulher!

— Desculpe-me e perdoe minha intromissão. Com sua licença, senhor.

A mulher saiu rapidamente do quarto, então me dirigi até a banheira e vi na concha de ouro os cabelos que ela havia colhido na água quando eu a banhara. Só que agora havia mais alguns fios e uma mensagem escrita numa tabuinha de argila:

“Alguns dos meus cabelos, ao caírem simbolizaram o nascimento do amor em minha vida, e outros mais, que eu acrescentei ao banhar-me antes de partir, simbolizam a morte de minha alma.”

Um fio de cabelo que presumi ser meu os amarravam. Juntei-os com a mecha que ela havia deixado envolta por seu shador e os enroli, amarrando-os como uma pequena trouxa de roupas, guardando-a no bolso do meu casaco de couro.

“Logo estarei contigo, minha princesa dos encantos, pois quando o amor morre em nós temos que procurar viver ao menos dos nossos desejos.” E, se ela realmente me amava, eu refletiria em meu ser um pouco do seu amor.

Voltei ao meu aposento e sentei-me para meditar um pouco. Eu ia arquitetar um plano para sair do centro das atenções.

Ainda meditava quando alguém bateu à porta. Um dos nossos serviçais foi abri-la e eu vi a bela Shadine à porta. Fui ao seu encontro e convidei-a a sentar-se.

— Prefiro conversar com o meu príncipe num local onde não possamos ser vistos ou ouvidos.

— Conduza-me e ficaremos a sós.

Ela saiu rapidamente e eu a segui. Logo estávamos num belo jardim.

— O que tem a dizer-me, princesa?

— Eu pensei que você iria embora, mas como isto não aconteceu estou achando que mudou de idéia.

— Não lhe prometi ir-me embora e sim adiar a cerimônia de ontem.

— Mas isto não soluciona a questão.

— Mas possibilita uma saída que só nós dois temos que encontrar. Antes de eu partir, quero algo de você.

— Não me peça o que não desejo lhe oferecer, pois negar-lhe-ei.

— Saiba que eu podia ser o futuro rei de nosso pequeno, insignificante e mísero reino. Mas, por não gostar da política, da guerra ou dos protocolos do cargo, renunciei em favor de meu irmão mais novo.

Agora que vou desaparecer da vista de todos, e para sempre, quero que me dê uma garantia de que o reino de meu pai será poupado da sua fúria destrutiva.

— Teme que eu possa prejudicá-los no futuro?

— Não tanto você como seu amado príncipe Nagos.

— Você o teme?

— Não a ele, mas o que poderá vir a fazer caso assumo o trono da Pérsia. Um assassino frio como ele, e ainda sem poder algum, já é um perigo. Então, com tão grande poder será uma calamidade.

— Não acredito em suas palavras, príncipe!

— O tempo lhe confirmará o que agora eu lhe digo, princesa!

— O que quer de mim então?

— Um juramento, Shadine.

— Princesa Shadine, príncipe!

— Diga de uma vez: príncipe dos mendigos, princesa!

— Se prefere ser chamado assim, eu então satisfaço este seu desejo também. Tem minha promessa de que o reino de seu pai será tratado de acordo com o que estiver escrito nos tratados, mas com a condição de que você desapareça antes da cerimônia de núpcias.

— Não vou confiar desta maneira simples, princesa. Quero algo mais sólido para selar nosso tratado. Lembre-se de que eu estou trocando a segurança do reino de mendigos pelo trono de toda a Pérsia. Acho que é uma troca justa.

— Eu, pessoalmente, não me interesso por seu reino, um pedaço de terra pantanosa e cheia de répteis peçonhentos.

— Eu não falo de terras, princesa, e sim de seres humanos. Nosso povo é espoliado por vocês há muito tempo e tem sobrevivido graças à diplomacia de meu pai e do pai do pai do meu pai. Agora que o jugo seria subtraído de nosso povo não vou permitir que um assassino como Nagos venha a dizimá-lo de um instante para outro. Você será a guardiã do tratado que meu pai está assinando com o seu nesse momento.

— O que devo fazer então?

— Eu invoco o Deus Agni, o Deus do Fogo. E você jura por ele e diante dele que respeitará o tratado hoje assinado e não permitirá que nem o seu futuro esposo o viole.

— Você pode fazer isto?

— Invocar o Deus do Fogo Sagrado?

— Sim.

— Eu posso. Só que após eu invocá-lo ou você jura e cumpre ou será destruída por ele, além de trazer a morte para seu povo. Está preparada para jurar diante dele?

— E se na hora eu me recusar?

— Será consumida por sua chama invisível, pois seu poder é imensurável e sua vingança é implacável para quem quebrar ou negar juramento diante dele. Imagino que você o conheça, não?

— Conheço-o muito bem, príncipe dos mendigos. Eu o respeito muito!

— Ótimo. Mande que deixem aqui mesmo, no jardim, um pouco de lenha seca e à noite eu o invocarei para que faça o seu juramento. Voltarei aqui assim que o sol se esconder.

— Tem de ser à noite?

— Sim, pois à noite seu espectro se torna visível e quero que você o veja para saber a quem estará jurando.

— Você já o viu antes?

— Muitas vezes, princesa. Sou consagrado a ele desde meu nascimento. Nasci no dia consagrado a ele por meu povo e meu pai me consagrou a ele assim que vim à luz. Sinto sua onipresença em todos os lugares que passo.

— É uma pessoa estranha príncipe de um povo miserável! Renuncia ao trono do seu reino e agora, só porque não é amado por mim, renuncia a ser o futuro rei dos persas. Como pode alguém ser assim?

— Eu tive um mestre que me compreendeu e soube como me tornar um sábio. Eu não luto contra alguém só para me apossar de sua alma, amor ou riquezas. Se puder receber algo só pelo que sou e possuo no meu íntimo, eu aceito de bom grado, assim como me sinto feliz se ao dar algo a alguém, este algo for bem aceito.

Eu a vi pela primeira vez quando você ainda era uma criança e jamais consegui me esquecer de seu rosto. Sua imagem me perseguiu por todos estes anos, que para mim foram uma eternidade. Encontrei mulheres lindas, meigas ou voluptuosas, mas nenhuma se igualou à

imagem que eu tinha em minha mente. Passei os últimos anos à procura de alguém que ao menos preenchesse o vazio que havia em meu coração, mas não encontrei nenhuma à altura da imagem que eu tinha em minha mente.

Já vim até aqui várias vezes, incógnito, só para ver se num momento fortuito eu ao menos pudesse ver a mulher que amava tanto. Tentei subornar os guardas reais, mas nem assim eu conseguia me aproximar de você, princesa. Tomavam meu dinheiro e depois diziam que não haviam conseguido permissão para eu me aproximar.

As únicas vezes que eu a vi foram nas celebrações que seu pai realizava e o meu estava presente. Como eu ficava feliz em vê-la, ainda que a distância!

Eu dizia para mim mesmo: Sikhan, se esta mulher não for sua esposa não te satisfará nenhuma outra!

Meu pai descobriu que eu a amava e enviou uma mensagem ao seu, quatro meses atrás, propondo nossa união, princesa! Mas fez isto sem meu conhecimento. Só vim a sabê-lo quando vínhamos para cá, mas ele disse-me que seu pedido não havia sido respondido, portanto, perdi toda a esperança de alcançar tal graça e foi uma surpresa para mim quando fui levado até você.

— Por isso estava um tanto abobalhado quando o conduziram para o meu lado?

— Sim. Mas a causa do meu espanto era de ter descoberto que eu era o causador de sua tristeza. Eu estava procurando os seus olhos desde o instante em que você entrou no salão real. Eu havia prometido a mim mesmo que iria descobrir o motivo que havia apagado a luz de sua alma e precisava dos seus olhos para conseguir tal coisa. Qual não foi meu espanto ao saber que eu era o causador da tristeza da mulher que eu tanto amava! Foi por isso que me viu atordoado e mesmo abobalhado ao ter de ser conduzido até você. Muitos pensamentos passaram por minha mente mas nenhum teve resposta até eu ouvir de seus lábios o que eu significava em seu destino.

Peço que me perdoe se lhe trouxe a tristeza por algum tempo. Amanhã estará livre para realizar o seu destino, princesa! Sikhan Daher, o príncipe de um povo miserável que vive no sul da Mesopotâmia e que a amou como ninguém jamais a amará, sumirá de sua vida e da vida dos que eu amo e que me amam.

— Para onde irá, príncipe Sikhan?

— Há um reino bem distante daqui e muito mais do meu. Lá há alguém que me aceitará como seu príncipe!

— É o reino da princesa que estava sentada ao seu lado ontem à noite?

— Sim. Creio que se não posso amar ao menos terei alguém que me ama. Morreu o meu amor, mas viverei do desejo! Não é uma troca muito boa, mas assim não trarei em minha consciência o remorso de ter matado o amor de alguém. Eu não seria um homem feliz vendo a mulher que tanto amo sofrendo o tormento de ter de viver ao meu lado quando seu coração palpita por outro.

— Você é muito estranho príncipe Sikhan. Creio até que é um tolo.

— Mais tolo que estranho, princesa Shadine. Acariciei este rubi por muitos anos e agora ele perdeu o seu brilho.

— O que simboliza este rubi?

— O meu amor, princesa. Eu concentrei por tanto tempo meu sonho de felicidade nele que agora minha alma está aprisionada em seu interior. Ninguém mais conseguirá libertá-la.

— Nem a princesa que estava ao seu lado?

— Não. Ela só desperta o desejo do prazer. Quanto ao amor, já morreu desde ontem à noite, quando clamei ao Deus do Fogo que me ajudasse a impedir que nossa união se consumasse. Ele atendeu ao meu pedido e vai me tirar de sua vida amanhã mesmo. Ele jamais deixou de atender um pedido meu, pois eu o sirvo com devoção e respeito.

— Você é um mago, príncipe Sikhan?

— Poderia sê-lo, mas não quis. Tenho o grau, mas não o assumi. Creio que a única coisa que eu realmente sabia que queria era poder amá-la. Mas se isto não me é possível, nada mais quero além de continuar a viver.

— Anseia tão pouco na vida?

— Sim. Que mais eu poderia almejar se aprisionei minha alma no interior de um rubi?

— É prisioneiro de sua própria ilusão, príncipe Sikhan!

— Sim, tem toda razão! Agora, com sua licença princesa, pois vou me preparar para a cerimônia de invocação desta noite.

Eu me afastei dela com lágrimas nos olhos. Como era bela a princesa Shadine! Eu abdicava de tudo só por não poder receber o seu amor. Ainda virei-me uma vez para vê-la antes de passar pelo

portal que conduzia ao interior do palácio real. Procurei enxugar meus olhos, pois não seria bom alguém ver um príncipe chorando. Numa ala havia uma fonte a jorrar sua água e eu lavei meu rosto nela, sem secá-lo depois, assim, se alguém me visse não notaria que eram as lágrimas da morte do meu amor que corriam pelas minhas faces.

Entreí em meu quarto e o tranquei. Nem meu pai iria me incomodar, pois avisei aos serviçais que iria dormir até a tarde.

E isto se realizou, pois eu ouvi sua voz no lado de fora mas ele não me incomodou. Após muito tempo na mais absoluta solidão, acabei adormecendo. Acordei mais uma vez com o sol enviando seus raios até meu rosto. Pela sua posição presumi que logo ele se poria no horizonte.

Comi mais algumas frutas, banhei-me e cobri meu corpo com vestes limpíssimas. Eu ia consumir um pedido ao Deus do Fogo Divino e devia estar preparado para recebê-lo quando o invocasse.

A seguir encaminhei-me para o jardim onde faria a cerimônia. Meu pai não teria um filho seu no trono da Pérsia, mas o seu reino também não seria sugado por ela. Pelo menos enquanto a princesa Shadine vivesse!

Ao chegar no local combinado, eu vi um amontoado de madeira com uma tocha acesa ao lado. Iniciei por acender a fogueira, pois logo iria escurecer e a princesa estaria ali.

Mal a chama se iniciou no amontoado de galhos secos e ela chegou. Eu a saudei e pude ver o quanto era bela quando o reflexo das chamas iluminaram o seu rosto.

— Está preparada, princesa?

— Sim. Mas não acha tudo isto muito complicado príncipe Sikhan?

— Não. Eu estou procurando salvar vidas e nada é complicado num caso desses, princesa.

— Então inicie a sua cerimônia que eu tenho pressa em voltar aos meus aposentos.

Eu iniciei a cerimônia de invocação do Deus do Fogo Divino lançando incensos no meio das chamas. A seguir pronunciei a oração apropriada e lentamente um espectro de forma angelical se formou sobre as chamas. Eu o saudei com o devido respeito e falei-lhe o motivo da invocação:

— Sagrado Deus do Fogo Divino, eu o invoquei pelo motivo que achei mais justo ante suas leis. Que o senhor o receba e seja o guardião do juramento que fará diante de sua majestosidade a princesa Shadine. Que sua ira recaia sobre ela e seu reino se o juramento for quebrado!

— Pronuncie agora o que acertamos hoje de manhã, princesa Shadine.

— Eu estou com medo, pois é a primeira vez que vejo algo assim.

— Não titubeie agora, pois prometeu jurar. Se não o fizer, o Fogo Divino a fulminará aqui mesmo.

— Eu juro proteger o seu reino enquanto eu viver. Não permitirei que nenhum soberano persua viole o tratado hoje assinado por nossos pais. Diante do Deus do Fogo Sagrado eu juro cumprir o prometido enquanto eu viver.

— E eu, Sikhhan Daher, juro pelo Deus do Fogo Divino desaparecer dos olhos da princesa Shadine.

Após pronunciar estas palavras, as chamas aumentaram de intensidade quase nos atingindo. Estava aceito o juramento diante do Fogo Divino. Eu fiz outra oração agradecendo a sua presença e pedi-lhe que me guiasse daquele momento em diante para que fosse fácil meu desaparecimento.

O espectro desapareceu tão rápido como havia surgido.

— Está selado nosso juramento princesa. Que a parte que o romper pague pela quebra de um juramento feito diante do Fogo Divino.

— Acho que eu não devia ter feito tal coisa príncipe.

— Agora está feito, princesa. Está livre do príncipe mendigo de um povo miserável.

— Você se deprecia demais, príncipe Sikhhan Daher. Pelo que eu vi há pouco, um Deus o respeita e ouve suas invocações. Logo, deve ter qualidades que desconheço.

— São palavras suas princesa. Eu só estou usando as que saíram dos seus lábios. É uma pena, pois eu esperava que outras palavras fossem pronunciadas por eles. Mas, como sempre me dizia o mestre Gur: nem tudo o que queremos podemos ter! É neste caso, o melhor a fazer é se conformar com o que o destino reservou.

Lembre-se, princesa: o que fizemos aqui nesta noite deve ficar em segredo, pois foi um juramento sem testemunhas e como tal deve permanecer.

— Ninguém saberá da existência dele. Eu sou a maior interessada em que ninguém mais saiba que irá desaparecer de livre e espontânea vontade.

— Se tinha pressa de voltar aos seus aposentos nada mais a retém aqui.

— Não vai se retirar também?

— Vou olhar o fogo consumir-se até a última madeira. Eu acho que durante o seu crepitar, ao devorá-la, ele me dirá qual é a melhor maneira de desaparecer.

— Acredita que ele fará isto?

— Sim, pois o senhor do Fogo Divino me enviará a melhor saída.

— Incomoda-se que eu fique mais um pouco?

— Se nada mais temos que nos una, acho uma perda de tempo ficar ao meu lado. Só irá me torturar um pouco mais.

— Você me ama tanto assim?

— Eu a amava, pois agora nem isto eu tenho o direito de fazer. Eu recolhi meu amor no interior deste rubi e o fechei num lugar escuro de meu ser. Eu o polirei quando ele estiver empoeirado só para poder me lembrar de como era luminoso o meu amor.

— Acredita que seria um bom rei se viesse a se casar comigo?

— Não. Eu seria um rei que não toleraria a morte de um inocente nem a exploração que é praticada pelos persas. E se o destino quisesse tal coisa, não teria deixado meu amor morrer.

— Posso ver o seu rubi?

— Sim. Eu o lapidei na forma de um coração. Tive que conseguir a maior pedra possível para consegui-lo.

— Você mesmo o lapidou?

— Sim, pois que valor teria se outro tivesse irradiado nele sua alma.

— É muito bonito o seu rubi. Fica muito brilhante com o reflexo das chamas, apesar de elas estarem quase se apagando.

Eu olhava para seu rosto enquanto ela falava e apreciava os reflexos produzidos no rubi. Eu sabia que era a última vez que a via, por isso procurava fixar bem a sua imagem através dos meus olhos. Ela voltou seu olhar para mim e ainda perguntou-me:

— Por que chora?

— Eu não estou chorando.

— Como não? Eu vejo lágrimas nos seus olhos.

— É minha alma quem chora.

— Por que sua alma chora?

— Porque você a tem em suas mãos agora. Minha alma chora porque tudo que eu queria era poder sentir o carinho de suas mãos em meu rosto e você agora a acaricia. Mas como ela está presa neste rubi e não pode verter suas lágrimas aí, então ela usa meus olhos para fazê-lo. Não é meu corpo que chora, pois ele teve sua alma morta. Agora é minha alma aprisionada que chora, pois ela perdeu dois corpos: o meu onde ela vivia e o seu, onde eu a depositara. É só por isso que está vendo lágrimas em meus olhos!

— Causei-lhe tanto dano assim?

— Você não me causou dano algum. Eu mesmo me prejudiquei, pois não ouvi as palavras do meu mestre.

— Quais foram as palavras dele?

— Ele sempre me dizia que o amor é um rubi que contém nossa alma. E se nós o déssemos a quem não nos amasse, este alguém o lançaria num canto escuro e empoeirado, tirando-lhe todo o brilho e em conseqüência apagaria a luz de nossa alma. Portanto, eu deveria ter sido cuidadoso ao dar a alguém o rubi do meu amor, pois estaria dando minha alma também.

Eu não dei o devido valor às suas tão sábias palavras e fiz justamente o que tanto ele repetiu para que não fizesse.

Então, não tem culpa alguma por minhas dores. Eu mesmo as causei e as carregarei sem jamais culpar a quem quer que seja, e muito menos a você, a mulher que tanto amei.

— É verdadeiro quando diz que me amou e já não me ama mais?

— Sim, pois me sinto vazio e negro como a mais escura das noites. Se alguma coisa me resta, está aprisionada no interior deste rubi que você acaricia agora.

— Não há uma forma de libertá-la de dentro dele?

— Não, pois o fio que nos unia foi rompido e nada mais o religará.

— Sinto muito tê-lo ferido tão profundamente, Sikhan!

— Não se culpe por algo que não fez, princesa Shadine. Eu é que estou magoado por tê-la feito perder sua cor azul que tanto me encantava. Mas fico feliz por ver que ela já brilha intensamente de novo. Creio que o senhor do Fogo Divino a está devolvendo devido à

tristeza que sinto por eu tê-la apagado em você um dia. Como notou, ele não só me respeita como me ama. E acho que por causa disso ele lhe devolveu sua cor azul com maior intensidade que antes, para que eu não parta triste, deixando-a escura.

— É tão intensa assim a minha cor?

— Sim. E isto é sinal que sua alma vive. Ela havia parado de pulsar enquanto estava presa a mim. Mas agora que nada mais nos une e meu amor morreu, ela voltou a viver com intensidade.

Shadine começou a dizer algo sobre sua alma, mas não pode completar, pois vários vultos de homens encapuzados saltaram sobre mim. Tentei me soltar dos seus braços mas um punhal cravou-se em meu peito, um pouco acima do coração. Foi com um gemido agudo que perdi minhas forças.

Ainda ouvi um grito de pavor sair de seus lábios antes que algo muito duro se abatesse sobre minha cabeça levando-me os sentidos juntos. Nada mais eu ouvi ou senti, mas ela continuou com os gritos de pavor.

Fui levado por eles tão rapidamente como surgiram das trevas. O senhor do Fogo Divino cumpria sua parte e eu saía da frente dos olhos de Shadine.



Vários serviçais e muitos guardas do palácio acorreram na direção dos gritos.

— Princesa, o que aconteceu?

— Vão logo. Homens encapuzados levaram o príncipe Sikhan.

— Que lado tomaram, princesa? — era um dos soldados que perguntava.

— Por aquele ali que vai dar na muralha externa do palácio. Corram, pois ele foi ferido!

Os soldados partiram em disparada.

— Venha princesa, vamos para os seus aposentos. Está ferida também?

— Não. Este sangue é dele, pois o golpe atingiu-lhe o peito, e o sangue esguichou quando o punhal foi retirado. Pobre Sikhan, já deve ter morrido a esta hora!

— Não pense tal coisa princesa. Os soldados o trarão de volta em instantes. Vamos trocar suas vestes. Assim que voltarem com os assassinos nós lhe avisaremos.

— Procurem no chão um pequeno rubi na forma de um coração.

— Ele está enroscado em seu braço, princesa!

Ela agarrou o rubi, começou a chorar e foi conduzida para o interior do palácio pelos serviçais, pois logo uma multidão se formava à sua volta para saber o que havia acontecido.

Ela só repetia que haviam me matado e levado meu corpo. Meu pai foi avisado imediatamente do que me havia acontecido. Em silêncio e com o olhar perdido no horizonte longínquo, seus olhos tão observadores já não viam mais nada, pois estavam brilhantes devido às lágrimas que ele teimava em não deixar que tivessem livre curso e dessem vazão à sua dor.

Mais tarde os guardas voltaram sem ter encontrado ninguém. Ao amanhecer puderam ver manchas de sangue na parede interna, no topo, e do lado externo da muralha.

— Eles o içaram com uma corda, majestade. Levaram o seu corpo ontem mesmo! No alto da muralha haviam cúmplices, pois a fuga se processou muito rapidamente. Penso que os assassinos estão longe agora, pois há marcas de pés sujos de lama na muralha. Encontramos a corda, usada para içá-lo e tirá-lo do interior, abandonada do lado de fora. Quem realizou esta operação conhecia muito bem onde estava pisando, pois escolheu o lugar mais baixo para se evadir.

— Procurem seguir as pistas que possam ter deixado.

— Sim senhor. Faremos isto imediatamente!

Meu pai ouvia tudo em silêncio. Seus olhos refletiam resignação com o ocorrido.

— Por que meu filho não ficou nos seus aposentos? — perguntou triste.

— Eu o convidei a ir até o jardim, pois queria conhecê-lo melhor antes de me casar, senhor! Mas acho que ele iria ser morto da mesma forma, pois eu ainda me lembro das palavras que um dos assassinos pronunciou.

— Quais foram as palavras, princesa?

— Foram estas senhor: “Este idiota facilitou-nos o trabalho, pois se tivéssemos que matá-lo nos seus aposentos, teríamos que matar seu pai e os seus serviçais também. Nada como ter a vítima a nos auxiliar!” E deu uma gargalhada.

— Meu filho jamais me deu preocupações desde o seu nascimento, e, agora, quando é tão covardemente assassinado, ainda me poupa a vida. Que o senhor do Fogo Divino, a quem eu o consagrei, o acolha em sua morada.

— Como era seu filho, senhor?

— Eu pouco posso dizer-lhe, pois pouco conhecia do seu íntimo, mas mestre Gur poderá dizer como era Sikhhan.

— Onde está mestre Gur?

— Nos seus aposentos. Chegou de madrugada. Ele veio tentar impedir que Sikhhan fosse assassinado, pois em sonho viu-o ser consumido pelas chamas. Para ele foi um sinal de que Sikhhan morreria e sua alma imortal seria levada por aquele a quem ele havia sido consagrado. É uma pena que não o tenha conhecido melhor, minha jovem, pois certamente o amaria pelos sentimentos elevados que possuía em seu coração.

— Este rubi pertenceu a ele. Posso guardá-lo comigo?

— É uma pedra pouco valiosa para uma princesa.

— Mas era algo que valia muito para ele. Falávamos dela quando tudo aconteceu. Só não a levaram também porque estava em minhas mãos.

— Se a quer, então fique com ela. Creio que a alma de Sikhhan ficará feliz ao saber que a única coisa que ele vivia a admirar lhe agrada.

— Ela me agrada muito, senhor! Podia mandar vir até meus aposentos o mestre de Sikhhan?

— Eu o enviarei, princesa. Logo mais ele irá ter contigo.

Meu pai retirou-se para seus aposentos e após conversar com mestre Gur, este foi conduzido até Shadine.

— Com licença, princesa. Fui informado de que quer me falar. Em que posso ajudá-la?

— Fale-me de Sikhhan, mestre Gur. Eu quero saber como ele era pelos lábios de quem o conheceu realmente.

— Eu conheci Sikhhan. Posso dizer-lhe que fui um pai, um irmão e um amigo íntimo dele. Não sei dizer se ele foi o melhor, pois isto é muito relativo, mas foi um bom discípulo meu. Não sei se ele se orgulhava de mim como mestre, mas eu me orgulho de ele ter sido meu discípulo. Quanto a ser o melhor ou não, só o tempo mostraria isso, mas como o tempo já não existe mais para Sikhhan, então Sikhhan já não existe para o tempo. Fico triste por ter perdido um bom

discípulo, mas muito mais por ter perdido a companhia de um jovem extremamente humano.

— O que quer dizer com isto?

— Que Sikhan era um ser que amava, e esta qualidade torna um ser humano. Só por amar, ele já tinha um grande valor aos meus olhos.

— A quem Sikhan amava?

— A mim como mestre, a seu pai como líder, a seu irmão como guerreiro nato, à arte como um meio de revelar o interior de um ser humano e a você como mulher.

— Conte-me do amor dele por mim, mestre Gur!

— Não há muito o que dizer. Ele vivia sonhando com a possibilidade de ao menos poder acariciar seu rosto, beijar seus lábios ou tê-la nos braços. Creio eu que ele daria a vida para poder torná-la a mais feliz das mulheres. Mas também sei que ele nada faria para magoá-la, e creio que se sua alma souber que você sofre sua morte, ela não terá paz e chorará por você, esteja ela onde estiver.

— Ele nunca amou outra mulher?

— Não. Possui-las, no sentido estrito do prazer, ela as teve às dezenas, pois se saiu melhor que o mestre que o iniciou na arte do prazer. Se isto é um vício ou não, eu sou tão responsável por ele, como meu mestre foi por mim. Mas como eu nunca encontrei uma mulher a quem pudesse dar meu rubi do amor sem lançar minha alma na escuridão, então também não me sinto culpado se for só um vício de minha alma. Mas quanto a ele, vivia dizendo que se viesse a se casar com você, não aceitaria nenhuma outra em seu leito, pois nenhuma seria digna de dividi-lo com você. Não sei até onde ele resistiria ao prazer, pois não sei como ele interpretava a minha teoria de que o amor é a pedra mais valiosa do tesouro íntimo de um ser humano. Mas eu sempre o avisava para que não depositasse a jóia do seu amor nas mãos de quem não pudesse lhe devolver uma outra tão preciosa, pois a sua alma iria junto com o seu amor dado à mulher que ele viesse a amar.

— Este é o rubi onde ele aprisionou sua alma, mestre Gur.

— Ele o deu a você?

— Não, mas falava-me de suas explicações quanto ao amor, quando foi assassinado.

— Então Sikhan acreditou em mim! Agora eu posso dizer que foi meu melhor discípulo. Alguém que entende como é valioso o

rubi do seu amor, por levar em seu interior sua alma imortal, já não é mais um discípulo e sim um mestre!

Mestre Gur deixou cair lágrimas pela perda do amado discípulo e, olhando para o infinito, “falou-me”:

— Sinto uma imensa dor por vê-lo partir antes de realizar seu amor, meu bom amigo, pois ela realmente é tão bela como você a cantava em seus versos ou a reverenciava em suas poesias de amor. Esteja onde estiver, ouça as palavras do seu querido mestre Gur: você amou uma mulher esculpida pelas mãos do artesão divino. Só espero que ao menos tenha realizado seu maior sonho meu amigo!

— Qual era o maior sonho dele, mestre Gur?

— Tocar em seus cabelos, acariciar seu rosto e beijar seus lábios. Quanto a outras coisas mais, ele jamais falou-me nada e se algo mais desejou, guardou para si como só os muito sábios sabem ocultar dos olhos e ouvidos alheios, pois estas coisas são os mistérios que quem ama de verdade não revela nem para seu amigo da maior confiança.

Shadine começou a chorar copiosamente.

— Por que o pranto, minha jovem?

— Nem isto eu permiti que ele fizesse, mestre Gur. Sikhan morreu sem poder realizar seu maior desejo, pois eu o impedi de me tocar.

— Não deve se culpar por causa do destino dele. Além do mais eu ouvi dizer que você foi obrigada a aceitá-lo como esposo sob ameaça do seu pai. Penso que amava outro, não?

— Isto é verdade. Mas no momento em que descobri que ele não era um aventureiro que só queria o poder e a riqueza, mas somente amar a mulher amada, foi arrancado de minha frente de forma violenta. Eu já ia dizer-lhe que havia sentido sua alma invadir meu ser e sentia minha alma lançar-se em sua direção, quando o destino ceifou-lhe a vida. Sikhan morreu sem ao menos saber que eu poderia libertar sua alma do interior deste rubi. Ele não teve tempo de ouvir-me, pois o punhal frio penetrou em seu peito e fez o seu sangue jorrar até mim. Como sofro por saber que o matei, ainda que não desejasse tal coisa.

— A mim parece que o destino lhes pregou uma peça. Não deve atormentar-se já que tudo foi obra dele!

— Mas a mim não se apresenta desta forma, pois ao saber que teria de me casar com ele o tormento tomou conta do meu ser. Eu o

odiei, pois me tirava a possibilidade de me casar com quem eu desejava. O tormento durou até ontem à noite no momento em que descobri que ele não era um ser humano comum e sim alguém imantado pela deusa do amor e pelo senhor do Fogo Sagrado. O meu tormento anterior deu lugar a um novo e muito mais forte: se antes eu sofria pela presença dele em minha vida, agora sofro pela ausência! Se, ao recusá-lo eu aprisionei sua alma num rubi, agora com sua morte este rubi me faz sua prisioneira!

— Está errada em se tornar prisioneira de uma pedra preciosa, princesa! Está apaixonada pelas palavras dele e abalada com o modo como foram ditas. Sikhan sabia como expressar os seus sentimentos mais íntimos. Ele era um mestre na arte de expressar seus sentimentos, raciocínio e movimentos. Só quem o conhecia muito bem poderia entender que o seu encanto estava no seu modo de se expressar. Talvez seja por isso que se sinta atraída por ele.

— Não creio. Alguém que clama pelo senhor do Fogo Divino é de imediato atendido, quando até o mais poderoso dos magos tem dificuldades para consegui-lo, deve ser alguém muito especial. Sua alma era muito especial, e eu a perdi para sempre.

O senhor, um mestre das artes, como reage diante de uma pessoa que possui em harmonia o sentimento, a racionalidade e os movimentos, tudo coordenado por uma alma luminosa?

— Eu a admirarei por ter equilíbrio e harmonia, mas não sofrerei se não puder possuí-la. Amo-a pelo valor que ela possui mas não deixo que ela ofusque o meu próprio valor. Quanto a clamar ao senhor do Fogo Divino e ser atendido de pronto, já não pertence à arte e sim à fé. Deste campo eu sou pouco conhecedor, pois me envolvi muito pouco com ele. Mas um mago poderia responder-lhe sobre este poder.

— Poderia me ensinar um pouco de sua arte, mestre Gur?

— Eu jamais tive uma mulher como discípulo. Não sei se seria um bom mestre.

— A arte tem sexo?

— Que eu saiba não!

— Então, por que essa hesitação?

— Se é isto o que deseja, realmente vou procurar ser um bom mestre para que possa coordenar sentimentos, raciocínio e movimentos em perfeita harmonia, e emprestar sua alma a tudo que realizar.

— Obrigada, mestre Gur. Vou procurar ser uma discípula à altura do mestre.

— E eu, um mestre à altura da discípula!

Ainda conversavam quando um conselheiro real chegou ao aposento dela.

— O que deseja conselheiro?

— Vosso pai a chama, princesa! Penso que alguém tem uma informação muito importante sobre o assassino do príncipe.

Ela saiu correndo até onde estava seu pai. Mestre Gur foi junto com o conselheiro até eles.

— O que descobriu, papai?

— Ainda não sei se devo acreditar ou não no que diz esta serva, Shadine. Tudo pode fazer parte de uma terrível conspiração contra o trono ou um grande engano.

— O que é que o põe em dúvida?

— Vamos mulher, conte novamente o que me disse há pouco.

— Bem princesa, eu fui ontem cedo limpar os aposentos da princesa que estava hospedada bem próximo dos aposentos do príncipe. Mal havia começado quando o príncipe entrou no aposento. Creio que procurava por ela, pois a mim pareceu que ele se entristeceu quando soube que ela havia partido ao amanhecer sem se despedir dele. Procurou por todo o quarto algo que tivesse pertencido a ela.

Eu lhe dei a única coisa que eu havia encontrado: uma mecha de cabelo envolta num shador. Ele ficou observando tão fixamente, que lhe perguntei algo sobre o estranho achado. Ele falou-me rispidamente que eu não tinha nada com aquilo e nem interessava a mim. Pedi licença e saí correndo do quarto. Ele não viu, mas eu voltei e vi quando ele foi à sala de banho e apanhou algo que estava depositado numa das conchas da banheira e leu uma mensagem escrita numa tábuca de argila.

Ainda vi quando colocou mais uns poucos cabelos junto à mecha e embrulhou tudo com o shador e o guardou no bolso do seu casaco de couro.

— Bom, até aí eu não vejo nada de mais, pois ele me contou sobre o seu envolvimento, ainda que de forma sucinta, com a princesa Shamizer.

— Esta não é a parte mais intrigante filha. Continue mulher! — ordenou Halavi.

— Bem princesa! Eu trabalho no palácio desde muito jovem e aprendi várias línguas, mas a que falava a princesa Shamizer, eu conheço muito bem, pois nasci num reino onde ela é falada fluen-

temente e lá as mulheres não usam shador para cobrir o rosto. Este costume só é usado pelas mulheres que vivem no deserto e não ao leste do Ganges. É o oposto dos costumes daquele povo!

— Bom, mas e se ela gostava de usá-lo? Isto ainda não me parece intrigante.

— Mas eu não convidei esta tal de Shamizer ou seja lá qual for o seu nome para participar das festividades Shadine! — exclamou o rei.

— Como assim, papai?

— É o que ouviu filha. O conselheiro tem a relação de todos os que foram convidados e não consta nenhuma princesa Shamizer, soberana de um reino localizado a leste do Ganges.

— Como é possível uma coisa dessas acontecer? Ela entra no palácio real, hospeda-se no seu interior, participa do festim real e desaparece como que por encanto sem ninguém saber quem ela era realmente ou o que desejava?

— Mas a serva ainda não concluiu o seu relato, filha. Ouça o resto da história. Continue mulher!

— Bem, princesa. Hoje, ao amanhecer eu fui limpar os aposentos do príncipe Nagos, vosso primo dileto, e ouvi sua conversa com um homem que falava a mesma língua da princesa Shamizer. Ele havia entregue ao príncipe um pequeno embrulho. Era uma pequena trouxinha, igual à que o príncipe Sikhan fizera com o shador da tal princesa. Despertou minha curiosidade a cor incomum do tecido, pois ela não existe entre nós. Procurei ocultar-me para ver se era o mesmo tecido. Ainda ouvi quando Nagos falou: “Ela não foi capaz de cumprir sua parte, mas você, como escravo dela, cumpriu muito bem a sua. Eis aqui o preço combinado. Agora desapareça para sempre ou mando cortar-lhe o pescoço!”.

“Não se preocupe comigo príncipe Nagos. Quando o senhor for o rei de toda a Pérsia e precisar de um assassino discreto para eliminar seus inimigos, mande-me chamar que o servirei, desde que seja generoso na recompensa, príncipe!”

“Logo precisarei dos seus serviços, pois assim que me casar com aquela tola da Shadine, terei que eliminar seu pai para poder assumir o trono. Mal vejo a hora de ter o total poder, agora que eliminou o último obstáculo entre mim e o trono. A feiticeira não me enganou quando me disse que um príncipe desconhecido iria tomá-lo de mim.”

“Mas graças aos meus serviços és praticamente o rei da Pérsia.”

“Vá e oculte-se no lugar combinado, pois se Shadine recusar-se a desposar-me por causa da morte deste imbecil que parece tê-la marcado, vou ter que eliminá-la e casar com a sua irmã que é a segunda na linhagem real. Eu já a tenho sob o meu poder, assim como aparentemente ainda tenho Shadine, graças aos encantos da feiticeira.”

“Ela é muito poderosa, príncipe! Ainda não sei como não conseguiu eliminar o príncipe Sikhan quando o teve ao alcance das mãos. Eu já a vi tirar a vida de alguém a centenas de quilômetros só com um dos seus encantos malignos. Ela lhes arranca a alma e a lança nos abismos infernais num piscar de olhos. Não viu como ela entrou pelo portão principal sem que os guardas ao menos parassem sua comitiva para saberem quem estava passando por eles?”

“Realmente, ela é muito poderosa. Acho que não há outra igual a ela. Agora vá embora, pois eu não quero que me liguem à morte do príncipe Sikhan.”

— Eu me ocultei embaixo da cama após ouvir tudo o que acabei de lhe falar, princesa. Temi tanto pela minha vida quanto pela sua ou a de seu pai. Ocultei-me para poder denunciá-lo antes que a desgraça se abatesse sobre este reino. Só quando eu ouvi ele sair do seu aposento me aventurei a sair do meu esconderijo.

— Obrigada mulher. Pode acompanhar o guarda agora, pois não quero que nada lhe aconteça. Quando eu tiver esclarecido tudo receberá a devida recompensa por sua lealdade.

Ela saiu acompanhada por um soldado, e logo outro conselheiro falou:

— Nagos confessou, majestade. Ele não resistiu à tortura. O que ele tem de crueldade, tem de covardia diante do ferro incandescente. Após umas poucas queimadas resolveu confessar tudo.

— Vamos, quero ouvir o que o cão traidor tem a me dizer.

Todos foram até a masmorra ouvir a confissão do príncipe Nagos.

— Comece a falar sobrinho! — ordenou o rei Halavi.

— Eu lhe conto tudo tio, mas prometa não me torturar mais ou matar-me. Só revelarei tudo se me der sua palavra real.

— Compreendo sobrinho. Eu lhe dou minha palavra real de que não será torturado ou morto. Viverá pelo tempo que seu corpo puder carregar sua alma negra. Agora conte-me tudo, pois estou curioso em ouvir o que tem a me dizer.

— Há um ano eu fiz uma viagem até um reino localizado a leste do Ganges e conheci uma feiticeira. Ao consultá-la ela me disse que podia ajudar-me no desejo que eu alimentava de tornar-me rei de toda a Pérsia, mas disse-me também que um príncipe desconhecido iria atrapalhar meus desejos. Eu paguei regiamente para que ela me ajudasse quando disse que sozinho eu não poderia destruí-lo, pois o Deus do Fogo Divino o protegia e um mortal comum não o mataria.

— Onde está o homem que você pagou para que matasse o príncipe Sikhan?

— Escondido na minha residência ao sul do palácio.

— Guarda, vá com a serva que o reconhecerá e traga-o logo para cá.

— Vai me libertar agora, tio?

— Não sobrinho. Você não merece a liberdade.

— Mas o senhor prometeu!

— Eu dei minha palavra real de que não seria morto ou torturado, mas não solto! Ficará trancado nesta cela e a chave ficará comigo. Caso eu me lembre de você, virei vê-lo. Mas se eu esquecer ou não tiver tempo, ninguém mais poderá entrar nesta cela, pois eu proíbo qualquer outro que não eu de alimentá-lo. Caso eu não possa vir ou me esqueça ou não sinta vontade de fazê-lo, ficará sem água ou comida, sobrinho! É bom que tenha alguma fé em algum Deus, pois terá de orar muito para que eu me lembre de você... com pena. Terá de orar por muitas coisas sobrinho, pois até se eu vier a morrer você ficará sem o único que pode mantê-lo vivo.

— Então é melhor me matar, tio!

— Nem isto posso fazer, pois a palavra real não pode ser quebrada depois de ser pronunciada.

— Mas isto é injusto, tio!

— Você não queria o trono? Agora ele é só seu. Cuide de orar muito para que o atual ocupante do trono deixe-o, só por sua causa, pois se não for assim, você ficará isolado do resto do mundo. Você tem um trono a preocupá-lo de hoje em diante. Até a vista sobrinho, e não me irrite, pois posso ser tentado a lançar num poço profundo a chave de sua cela.

— Não o irritarei tio. Até a vista e volte logo!

Todos saíram da cela e o próprio rei a fechou, levando consigo a chave. Mais tarde os guardas voltaram com o assassino que ajudara o príncipe Nagos.

— Vais nos contar sua história ou teremos de torturá-lo também?  
— Eu não temo a tortura, senhor. Pode fazê-lo à vontade, pois sinto prazer na dor.

— Não no tipo que podemos lhe proporcionar, servo das trevas. Nossos magos sabem como torturar um ser igual a você sem ao menos tocá-lo. Torturarão sua mente até que conte tudo.

— Vais fazer isto, senhor?

— Não duvide nem um pouco homem. Ou conta tudo agora ou irá implorar mais tarde para confessar até os crimes que não queremos saber. O que prefere?

— Eu confesso o plano da minha senhora, poderoso rei!

Ela, ao ver o fraco Nagos, arquitetou um plano para se apossar da Pérsia através dele. Ajudou-o a encantar suas filhas e como viu que o homem fracassaria, pois Sikhhan o venceria junto à princesa, ela mesma veio até aqui para garantir que nada saísse errado. Passou uma noite com ele, conseguiu seus cabelos e sua seiva vital para encantá-lo. Mas ela apaixonou-se por ele e nos deu ordens de levá-lo com vida ao reino dela. Mas quando eu o vi invocar o senhor do Fogo Divino, vi que ele também a dominaria. Portanto, resolvi matá-lo e lançar seu corpo no grande rio, pois assim os crocodilos comeriam sua carne. Ela que aprisione sua alma, pois só assim o terá ao seu lado. Se não fosse este idiota do Nagos um tolo, nós logo teríamos um reino como a Pérsia em nossas mãos. Agora ela vai ter de começar tudo de novo.

— Quem é ela, homem?

— É a princesa dos encantos. Meu pai a serviu e o pai do pai do meu pai também a serviu. Dizem que ela tem mais de trezentos anos. Eu não creio nisto, mas não vi mudar sua feição desde que posso me lembrar de tê-la visto pela primeira vez, e isto foi há trinta anos. Como já viveu trinta anos sem envelhecer, pode ser que seja verdade a lenda sobre ela, pois meu pai me dizia que ela tinha a mesma aparência desde que ele era criança.

— Então ela estava por trás de Nagos? Mas como ela iria assumir o trono da Pérsia?

— Muito fácil. Após Nagos eliminá-lo e subir ao trono, ela eliminaria a princesa e o encantaria, tornando-o um escravo de sua vontade.

— Mas com que intuito, se com tamanha beleza e poder ela poderia seduzir até a mim, que sou o rei da Pérsia?

— Os seus magos reais a impediriam caso ela tivesse que se submeter a um cerimonial religioso. Já com Nagos, isto não aconteceria. Ela o faria eliminar todos eles. Só depois de exterminar todos os magos ela tomaria o poder através de Nagos, mas o imbecil era o elo fraco da corrente e falhou. E Sikhan é o elo forte e com ele ela falhou, pois ao invés de matá-lo apaixonou-se por ele. Acho que deu tudo errado para ela desta vez.

— Onde poderemos encontrá-la?

— Em lugar algum, pois ela não possui um reino seu. Só tem o título de princesa pois é a maior encantadora que existe.

— O nome dela é mesmo Shamizer?

— Entre muitos, este é só mais um.

— Então eu tive um ser das trevas bem próximo de mim e nem fui informado pelos meus magos?

— Eles não saberiam quem ela era, pois estava envolta pela luz rubra que a tornava invisível aos poderes deles e ocultava sua alma imortal.

— Mas Sikhan teria visto sua luz rubra e saberia os riscos que correria caso se envolvesse com alguém que possui tal cor, que é a cor dos que são dominados pelos mistérios das trevas. Por que se envolveu com ela se nós havíamos lhe ensinado sobre isto tudo? — Era o mestre Gur quem falava agora.

Meu pai aventou uma hipótese.

— Talvez meu filho tenha percebido algo e tentou dominá-la com seu poder, mestre Gur!

— Pode ser que sim, mas jamais saberemos a verdade, pois sua tentativa custou-lhe a vida, meu rei!

— De qualquer forma ele morreria, pois seu destino já estava selado um ano atrás quando Nagos encontrou-se com a feiticeira.

— Acha que foi obra do acaso, meu rei?

— Não, mestre Gur! Sikhan renunciou ao seu direito nato de herdar o trono do meu reino após minha morte. Nada queria além de poder viver livremente. — falou meu pai, muito triste.

— Ele renunciou ao trono da Pérsia também, senhor! — exclamou Shadine.

— Por que falar assim? Ele o teve tirado de suas mão ao ser assassinado.

— Esta é a versão, mas a verdade é outra. Eu, na minha ignorância o forcei a isto. Aquele mal súbito, que o acometeu no momento

que os sacerdotes iam realizar a cerimônia de núpcias, foi encenado por ele de livre e espontânea vontade, só para impedir a consumação de nossa união.

— Mas ... e o vômito? Ele não poderia tê-lo encenado.

— Eu vi quando ele, num gesto imperceptível, colocou algo nos lábios e mastigou. Logo lhe adveio aquela crise súbita.

— Nossas sementes contra envenenamentos, meu rei! Só podem ter sido elas que ele mastigou.

— Sim! Como eu não pensei nisto, mestre Gur?

— Não sabia de nada, meu rei.

— Continue princesa. Gostaria de conhecer a verdade e não viver crendo apenas na versão.

— Eu jurei diante do senhor do Fogo Divino não revelar nada a ninguém, pois senão eu seria consumida pelo seu poder.

— O juramento já não precisa ser mantido, pois Sikhan já não vive e creio que tanto ele quanto você foram instrumentos do senhor do Fogo Divino para impedir que a feiticeira conseguisse triunfar sobre a justiça.

— Não sei se devo fazer isto, senhor.

O rei Halavi interrompeu a conversa.

— Vamos para a sala real, pois este ser não merece ouvir esta conversa.

Quando todos saíram da cela, ele deu uma ordem aos guardas.

— Chamem um sacerdote executor e apliquem neste homem a pena para os que servem às trevas. Quero que suas cinzas sejam seladas numa caixa e lançadas ao mar.

— Sim, senhor!

O rei encaminhava-se para os seus aposentos, mas retornou e ordenou mais uma coisa aos guardas da prisão.

— Tome esta chave e guarde-a bem, pois quero que ela seja colocada junto com as cinzas que irão para o fundo do mar. A quem Nagos serviu que seja dado a guarda de sua alma negra.

— Assim será feito, majestade!

Só então ele encaminhou-se à sua sala. Quando entrou, todos o aguardavam. Lá estava Shadine, mestre Gur, meu pai, os conselheiros e os magos sacerdotes reais.

— Conte a verdade minha filha. Também quero viver com a verdade e não com a versão. Não oculte nem um detalhe de nós.

— Repetirei palavra por palavra papai e espero que quando eu termine de narrar o que sei, o senhor do Fogo Divino fulmine meu ser e o lance no fogo eterno, pois o príncipe Sikhan tinha razão quando me disse que ele era o meu destino luminoso e o primo Nagos o meu destino escuro. Ele apagou sua luz para impedir que eu fosse envolvida pelas trevas. Aprisionou sua alma no rubi do seu amor para que eu recuperasse minha luz azul do amor.

— Não se preocupe com isto agora minha filha, pois se até mesmo os magos sacerdotes não puderam prever tão maligna conspiração das trevas, não será a você que o senhor do Fogo Sagrado irá punir. Vamos, revele-nos a verdade!

Shadine contou tudo o que aconteceu entre nós dois. Não omitiu nem as palavras ofensivas que me endereçou. Às vezes interrompia sua narrativa para dar vazão ao pranto que tomava conta de suas emoções. Foi uma longa narrativa. Ao final cada um falou algo. O primeiro a fazê-lo foi meu pai:

— Meu filho salvou minha vida e renunciou ao trono da Pérsia em troca do meu pequeno e insignificante reino. Foi um filho que honrou seu pai e um príncipe que deu a vida por seu povo sem ao menos ser seu regente.

A seguir falou mestre Gur.

— Sikhan foi realmente o meu melhor discípulo. Meu mestre deve estar honrado por eu ter passado a ele tudo o que recebi de ensinamentos sobre o amor verdadeiro e o simples desejo. Ele foi um mestre, embora não fosse considerado como tal!

Quando ele calou-se um mago sacerdote comentou:

— Eu não o conheci, mas acredito que mesmo tendo abdicado do título, foi o maior dos magos, pois venceu uma conspiração das trevas ao subjugar aos seus desejos os desejos da princesa dos encantos. Nós reverenciaremos sua memória pois ela só enobrece a casta dos magos. Ele não só nos honrou como nos salvou da vergonha de sermos iludidos pelos encantos dela.

— Pois eu digo que ele foi o maior soberano que a Pérsia teve sem nunca tê-lo sido. Salvou-a da maior das desgraças ao impedir que a ambição tomasse conta do seu coração. Se ele tivesse insistido em se casar com minha filha, não duvido que logo todos nós estaríamos mortos e o reino entregue aos que vivem os mistérios das trevas. Eu o reverencio como um grande rei pois renunciou a tudo para não ferir ninguém. Foi esta qualidade sua que nos livrou do

tormento. O pequeno reino do qual um dia ele abdicou de herdá-lo receberá tributos da grande Pérsia enquanto eu viver. Não é o preço justo por seu ato de grandeza mas simbolizará que nem sempre o maior e o mais poderoso é o melhor. O que diz de eu acrescentar esta cláusula ao seu juramento diante do senhor do Fogo Divino, minha filha?

— Digo que és generoso como soberano e justo como homem. Quanto a mim, só posso dizer que ainda que Sikhan não viva mais, eu polirei todos os dias de minha vida o rubi onde está contido o seu amor e o iluminarei com a luz azul que ele conseguiu fazer renascer em minha alma. Ele renunciou a tudo só para não me magoar. Sua maior preocupação era me ver feliz, pois o seu amor não aceitava a minha dor. Sinto não poder retribuir o que fez por mim, mas homem algum acariciará meus cabelos ou meu rosto e tampouco beijará meus lábios. Se para cumprir isto eu tiver de renunciar ao direito de ser a primeira das princesas na linhagem sucessória, então eu o farei.

— Não precisa renunciar a nada, pois se eu vier a morrer logo o reino persa terá em você a maior das princesas, pois a lição que recebeu hoje, nem o mais sábio dos mestres poderia ensinar-lhe, minha filha! Qualquer outro que tomar o lugar de Sikhan será indigno do trono persa.

Ainda ficaram conversando por um longo tempo e no dia seguinte meu pai retornou ao seu pequeno reino. Mestre Gur ficou para instruir Shadine. Os magos sacerdotes realizaram um culto em minha memória e o rei Halavi voltou ao seu trono, muito mais humano que antes. Um longo período de paz e prosperidade surgiu com o aumento de sua generosidade.



Minha história poderia terminar aqui, mas eu não morri, pois ao ser lançado nas águas do rio profundo, meu corpo despertou do sono da morte e eu consegui voltar à margem, depois de muita dor e grande esforço. Com o raiar do dia, eu tratei do meu ferimento com ervas que havia ali mesmo e iniciei minha longa viagem para sair do reino persa.

Vários dias se passaram até que meu ferimento cicatrizasse e eu recuperasse minhas energias. Acredito que só não morri por estar

sendo conduzido pelo senhor do Fogo Divino, pois verti muito sangue pelos ferimentos que sofri.

Mas quem tem como seu protetor o senhor do Fogo Divino jamais perece nas mãos dos que servem às trevas. Além do mais, eu só havia pedido a ele que me tirasse das vistas da bela Shadine. Um Deus é fulminante na sua ação e comigo não seria de outra forma. Mas se ele me afastara dos olhos dela, também me conservara vivo!

Quando me senti totalmente recuperado colhi alguns galhos e fiz uma fogueira. Como não possuía incenso, lancei nas chamas algumas folhas perfumadas e invoquei com uma prece o senhor do Fogo Sagrado e em instantes eu vi seu espectro ígneo à minha frente.

Eu lhe agradei por ter me auxiliado a sair das vistas de Shadine. Pedi-lhe também que a protegesse, pois sabia que ela iria precisar de muita ajuda divina para poder conduzir com justiça e sabedoria o reino persa.

Em dado momento, não sei se foram as chamas da fogueira ou do meu senhor divino que me envolveu, senti-me uma tocha humana. Todo o meu ser ardia nas chamas e nem um fio de cabelo restou em meu corpo, assim como queimou a peça de roupa que eu usava. Eu não soube precisar o motivo, mas era uma coisa guiada por ele, pois minha carne não sofreu ferimento algum. Me senti com a pele tão lisa quanto a de um bebê.

Isto aconteceu para me salvar de um encanto de Shamizer, pois os seus auxiliares retornaram até ela dizendo que eu havia sido morto. Então ela tentou aprisionar minha alma, mas o meu senhor do Fogo Sagrado, ao queimar todos os meus cabelos, tirou de suas mãos o poder que ela teria ao manipular os meus fios de cabelo que eu mesmo lhe dera. Shamizer não conseguiu arrancar a minha alma, pois as chamas a ocultaram no exato momento em que ela lançou seu encantamento. Para ela foi um golpe forte o que sofreu, pois pela segunda vez um encantamento seu falhava comigo. Após mais este fracasso ela procurou me esquecer para não sofrer mais derrotas.

Por quanto tempo eu fiquei envolto pelas chamas, não sei dizer, mas eu permaneci diante da fogueira até que a última brasa se apagasse. Só então eu me levantei e fui até o rio banhar-me, e depois iniciei minha longa jornada rumo ao desconhecido. Alimentei-me do que conseguia, pedindo tal qual um mendigo o faz, ou colhendo da própria natureza algum tipo de alimento. Foi um tempo muito difícil

para mim, mas eu me lembrava de que Shadine me chamara de príncipe mendigo de um reino miserável. Isto me confortava um pouco, pois se ela me nominava assim, então eu era isto mesmo, um príncipe mendigo!

Eu, Sikhan Daher, era agora o que sempre procurara ser: alguém totalmente livre.

Com o tempo meus cabelos cresceram novamente por todo o meu corpo. Quando minha aparência voltou a ser normal eu tentei trabalhar, mas não encontrei ninguém disposto a me empregar e continuei minha jornada. Já havia atingido a última fronteira do império persa e agora já estava em terras totalmente desconhecidas para mim, mas que eu conhecia seus idiomas pois eram muitos os que eu aprendera.

Comecei a fazer peças de arte com a argila e as oferecia em troca de um prato de comida ou uma peça de roupa. Noutras eu conseguia algumas moedas de pouco valor mas que me eram muito valiosas. Eu já havia perdido a noção de rumo e de onde me encontrava. Só voltei a me localizar quando atingi o rio sagrado dos hindus.

Só então eu percebi o quanto havia viajado. Com as moedas que eu havia juntado, procurei um lugar decente para morar. Após me instalar fui à procura de um emprego como artesão, pois eu estava numa cidade esplendorosa. Após demonstrar minhas habilidades ao proprietário de uma oficina que fazia peças de ouro e lapidava pedras preciosas fui aceito como seu auxiliar.

Procurei trabalhar o melhor possível as peças que me eram encomendadas. Em pouco tempo eu já era de longe o melhor dos seus auxiliares. As peças mais valiosas e de mais finos acabamentos ele mandava que eu as fizesse. Para mim o trabalho era uma distração, pois enquanto as moldava, esculpia ou polia eu não me lembrava do passado.

Como era difícil suportar a lembrança de Shadine na frente do fogo após o juramento. Seu rosto readquirira o encanto pois o brilho e a cor azul haviam retornado. Pena que era a um ser como Nagos que ela seria dada em casamento.

— Shadine, minha bela Shadine. Como estará você agora? Como eu gostaria de tocar seus cabelos, acariciar seu rosto e beijar seus lábios.

— Divagando novamente Sikhan? — Era o meu patrão quem interrompia meus pensamentos de amor.

— Desculpe-me senhor Lahor. Acho que me distraí novamente. Sou um desprezível auxiliar que não sabe se dedicar somente ao seu trabalho.

— Pois eu gosto deste meu desprezível auxiliar, Sikhan! Quanto mais você vive seus devaneios, melhores são suas criações. Temos tantas encomendas que mal posso aceitar novas, e todas as esculturas que você faz, eu as vendo antes de terminá-las. Compram-nas sem ao menos saberem que forma terão.

— Bondade sua, senhor Lahor. Sou apenas um pobre artesão que aprendeu com um grande mestre a arte de moldar, esculpir, lapidar e fundir, nada mais!

— Enquanto pensar assim será muito bom para mim, Sikhan!

— Por que senhor?

— Custa-me muito barato.

— Mas já ganho o bastante com as esculturas e peças que faço. Não preciso de mais que algumas moedas para viver.

— Não pensa em juntar sua fortuna, Sikhan?

— Para que me serviria uma fortuna, senhor Lahor? Um ser miserável e desprezível como eu, um mendigo mesmo, não saberia o que fazer com ela. Seria o mesmo que dar um instrumento cortante para uma criança inocente brincar. Só iria me ferir se eu juntasse uma fortuna.

— É por isso que manda eu guardar seu dinheiro?

— Sim senhor. É um honesto depositário e não há lugar melhor para eu guardar minhas moedas que as suas mãos.

— Eu as guardo muito bem, Sikhan. Quando as quiser é só me falar. Gostaria de ir à casa de um amigo meu? Você precisa sair desta oficina um pouco. Tem que cuidar melhor do seu corpo, pois senão logo estará sentindo o peso dos anos.

— Eu ainda sou muito jovem, senhor Lahor, e não me incomodo com o tempo. Eu só espero que meu tempo cesse nesta vida para devolver meu corpo à terra.

— Não anseia por nada nesta vida, Sikhan?

— Só gostaria de ter de volta minha alma.

— Como é que é? — perguntou ele espantado.

— Desculpe-me se não fui claro ao dizer tal frase. É que um dia depusitei meu amor nas mãos de uma mulher e junto com ele foi minha alma. Como ela me repudiou eu não recebi minha alma de

volta. Hoje sou um homem sem alma e um ser tão desprezível que até a condição de mendigo me satisfaz.

— Ora, Sikhan! Você só precisa encontrar uma outra mulher que possa amar!

— Eu não conseguiria amá-la, pois meu amor está preso junto com minha alma no interior de um rubi que eu o perdi. Quem o encontrou apossou-se de meu tesouro.

— Mas um rubi não é um grande tesouro Sikhan. Há outras pedras mais valiosas aqui mesmo nesta oficina. Se quiser pode escolher uma e lapidá-la ao se gosto e terá de volta seu tão precioso tesouro.

— Mas não poderia transferir minha alma e meu amor do interior do outro rubi e passá-la para um novo. Só a mulher que amei poderia fazê-lo e ela não quis isto, portanto, minha alma e meu amor ficaram aprisionados naquela pedra muito valiosa para mim mesmo.

— Você acredita realmente numa coisa dessas? Que sua alma esteja aprisionada no interior de uma pedra preciosa?

— Sim senhor. Mas entenda que não é do espírito que estou falando, mas do sentimento chamado amor, animado por uma emoção que leva em si a essência do que temos de mais sublime no nosso ser.

A alma a que me refiro é algo tão sutil que só quem vibra a mesma emoção pode captá-la e viver na maior das riquezas sem nada possuir. Meu tesouro interior possui várias pedras preciosas, mas a que eu tinha de mais valiosa dei a uma mulher que a lançou no fundo de um poço abismal. Jamais poderei resgatar meu rubi tão valioso.

— Você pode colher outra pedra tão valiosa quanto o seu rubi.

— Sim. Mas como iluminá-la se já não posso dispor da cor luminosa do meu amor que chora aprisionado num canto escuro? Qualquer pedra preciosa que eu aceitasse em tal estado de espírito, eu a transformaria numa pedra sem valor algum. Então, para que aprisionar outra alma que só gostaria de ser iluminada por alguém que possua a cor do amor?

— Qual é a cor do amor Sikhan?

— O azul cintilante quase cristalino, senhor Lahor.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Eu conheço muito bem as cores dos sentimentos e emoções.

— Pois então vou lhe dar a pedra mais bela que há em minha oficina para que você a trabalhe da forma que acha que seria o seu amor.

Ele entrou num depósito onde guardava suas pedras mais valiosas e, após um longo tempo, trouxe-a para minha bancada de trabalho.

— Eis aí a mais bela pedra que consegui até hoje. Seu azul é o mais belo que eu já vi. Transfira para ela a cor e forma do seu amor, Sikan Daher!

— Mas é uma pedra muito valiosa senhor Lahor. E se eu vier a estragá-la ou fazer com ela uma obra de arte que não agrade aos seus olhos?

— Eu não me preocupo com esta possibilidade, Sikan. Ao ouvir sua explicação sobre a sua alma aprisionada, percebi que não há outro artesão como você. Eu sei que sua criação será encantadora!

— Posso usar todo o material de que eu precisar para dar a esta valiosa pedra a forma como eu imagino ser a alma do meu amor?

— Use o que precisar. Pedras, ouro e prata tem à mão e não precisa me pedir autorização para usá-los. Também não quero vê-la antes que a tenha terminado.

— Vou dar a ela meus sentimentos, raciocínio e movimentos de forma que possa irradiá-la com minha alma criadora.

— Eu conheço sua alma criadora, Sikan. Creio que ao final do seu trabalho terei a peça mais valiosa do mundo.

— Procurarei não decepcioná-lo.

— Vem comigo visitar meu amigo?

— Sim, acho que me fará bem o contato com outras pessoas.

Eu acompanhei o meu patrão. Ceamos na casa do seu amigo e só tarde da noite voltamos para casa.

— Durma em minha casa esta noite Sikan!

— Obrigado pela oferta, senhor Lahor, mas prefiro caminhar mais um pouco. Vou para a minha casa onde não incomodo ninguém.

— Como queira Sikan. Até amanhã!

— Até amanhã senhor. Tenha uma boa noite!

Continuei minha caminhada em direção à casa onde eu morava. Já estava quase chegando quando ouvi gritos numa viela escura. Meu instinto conduziu-me até o local de onde provinham os gritos. A cena que vi me chocou.

Dois homens ainda jovens brutalizavam uma jovem. Atirei-me sobre eles na tentativa de ajudá-la. Consegui impedir a ação deles mas novamente fui atingido por um punhal afiado que rasgou o meu braço esquerdo. Os dois saíram correndo e se evadiram na escuridão.

Eu mal podia me manter de pé devido à dor que sentia, mas ainda ajudei a jovem a levantar-se. Mal eu havia feito isto e várias pessoas chegaram até onde nós estávamos.

Não tive tempo de explicar o que havia acontecido e fui agredido com violência. Quase me mataram com tão brutal agressão. Só pararam de me bater quando já não podia mais me mover, tal a intensidade das dores que sentia.

— Não foi ele! — exclamou a moça.

— Quem foi que a atacou?

— Foram outros dois homens que fugiram. Este aí veio em meu auxílio.

— Nós pensávamos que ele era o seu agressor! Acho que está morto. Vamos embora rápido, senão poderemos ser acusados de assassinato.

Logo não havia mais ninguém por perto. Até a jovem se foi, deixando-me caído no solo molhado pelo sangue que vertia do corte em meu braço. A dor intensa me fez recobrar os sentidos e isto salvou minha vida, pois ao chegar onde morava, um vizinho bondoso estancou o sangramento.

Dois dias depois eu voltei ao meu trabalho. Ao me ver o senhor Lahor perguntou-me o que havia acontecido. Eu contei-lhe o ocorrido.

— Canalhas! Além de ajudar a jovem ainda quase morre. Há coisas que não consigo entender.

— Que coisas, senhor Lahor?

— Como pode alguém que só vive para si sofrer pelos que fazem o mal.

— Eles não sabiam que eu era inocente. Só quando notaram isto é que se deram conta do erro.

— Sim, até aí eu compreendo. Mas por que não o ajudaram em seguida?

— Acho que tiveram medo ao me ver desacordado e sangrando muito.

— Você sempre justifica os erros alheios e não clama por seus direitos. Que tipo de homem é você Sikhan?

— Um ser desprezível e sem alma. Um mendigo que só quer viver seus dias em paz.

— Lá vem você com a história de sempre!

— É a mais pura verdade. Agora, com sua licença, vou continuar com meu trabalho, pois devo ter lhe causado um grande prejuízo não vindo trabalhar estes dois últimos dias.

— Só atrasou o seu serviço. Mas prejuízo, eu não tive nenhum.

— Eu o compensarei. Assim que meu braço estiver melhor eu produzirei o suficiente para que recupere estes dias.

— Está bem Sikhan! Vá trabalhar, pois tenho muitas encomendas.

Voltei ao meu serviço e pouco pude fazer, pois meu braço doía muito e voltou a sangrar com o esforço despendido. Após trocar o curativo, fui embora para casa. Fiquei vários dias sem comparecer ao trabalho e só o fiz quando meu braço já não sangrava mais e os hematomas tinham quase que desaparecido por completo.

— Que bom vê-lo de volta Sikhan! Já curou o seu ferimento?

— Sim senhor. Espero que não tenha dado a outros o meu trabalho.

— Tem tanto serviço que vai ficar feliz.

— Então vou começar agora mesmo.

E os dias passaram rápido para mim. Em poucas semanas eu coloquei em ordem as encomendas e comecei a trabalhar a linda pedra azul. Nela eu dediquei toda a minha arte. A cada dia eu empregava nela umas duas horas.

Ao fim de um mês eu já havia esculpido uma imagem do amor no cristal bruto. Então iniciei a lapidação mais acurada possível. Quando terminei de poli-la meus olhos se encheram de lágrimas. Naquela noite eu chorei muito na solidão do meu quarto.

— Minha alma chora no interior do rubi. Ela sente a falta da liberdade!

Eu divagava no meu pranto solitário.

No dia seguinte iniciei a base onde prenderia a imagem. Eu trabalhei com afinco até criar uma base onde o jogo de pedras criaria uma confluência de raios luminosos sobre a imagem do amor. Os raios da luz seriam refletidos na imagem do amor que eu esculpira na pedra azul.

Após ter fundido a base de ouro e fixado vários rubis que refletiriam a luz em direção à imagem eu voltei a trabalhá-la. Agora eu lhe daria vida colocando nela minha alma criativa. Eu fiz com muita delicadeza os seus lábios, cavidades dos olhos, umbigo e tudo o mais que teria a mais bela mulher.

Ao final de vários dias eu tinha uma imagem viva da mais bela mulher que alguém possa imaginar.

Após poli-la pela última vez antes de mostrá-la ao senhor Lahor, um acesso de choro tomou conta do meu ser. Eu acariciava os cabelos, os olhos e lábios daquela que eu imaginava ser a minha forma do amor. Ali estava a minha criação máxima!

Meu tesouro criativo estava depositado naquela pedra preciosa. Tudo o que havia em meu interior eu havia transportado para ela. Eu me sentia vazio, pois mais uma pedra valiosa do tesouro dos meus sentimentos eu havia lançado para fora. Eu a tomei nas mãos e fui até o quarto onde estava o senhor Lahor.

— Eis a minha concepção do amor, senhor Lahor. Espero que aprecie minha obra.

Ele ficou boquiaberto com o que viu. Olhava-a por todos os ângulos e de seus lábios saíam exclamações de admiração.

— Sikhan, você criou a imagem de uma deusa! Você criou a deusa do amor!!! Ela tem vida e encanta meus olhos. O que simboliza este rubi em seu peito? É um coração latejante?

— É onde está aprisionada minha alma. Este é um rubi igual ao que eu depusitei todo o meu amor.

— Esta imagem é parecida com a sua amada?

— Sim, mas esta aí tem minha alma criativa a animá-la.

— Agora compreendo por que você é tão triste sem demonstrá-lo, tão solitário, ainda que esteja cercado de pessoas, e não almeje mais nada senão viver na prisão de um rubi. Eu mesmo já me apaixonei por ela Sikhan!

— Espero que ela compense o valor gasto para fazê-la.

— Ela vale mil vezes o valor das pedras gastas na sua confecção.

Vai nos render uma fortuna Sikhan!

— É toda sua senhor Lahor. Eu nada quero do valor dela.

— Como não? É uma criação sua, Sikhan!

— Poderia me dar as moedas que guardou para mim senhor Lahor?

— Por quê? Vai comprar alguma coisa?

— Vou-me embora agora.

— Mas como? Por quê?

— Eu já não posso criar mais nada pois nesta imagem está mais uma pedra preciosa do meu tesouro. Aí tem a valiosa pedra de minha alma criativa. Nesta criação eu esvaziei um pouco mais o baú do tesouro dos meus sentimentos. Hoje sou mais pobre que quando

cheguei aqui. Um mendigo é um senhor abastado perto de mim neste momento. Sikhhan Daher é agora o mais miserável e desprezível dos mendigos. A continuar assim e farei jus ao título de miserável príncipe mendigo.

— Mas você é o mais rico dos homens, pois conseguiu criar uma obra inigualável. Só alguém com uma imensa riqueza interior criaria algo assim, Sikhhan!

— É porque esta aí é a pedra que aprisionou minha criatividade. Minha arte está contida nesta obra, senhor Lahor. Venda-a caro, pois depois do amor, a criatividade é a pedra preciosa mais valiosa que há no tesouro dos sentimentos humanos. Agora, por favor, dê-me minhas moedas ou irei embora sem elas, pois um mendigo como eu não precisa de dinheiro algum para sobreviver.

— Não se vá Sikhhan! Após esta obra suas criações valerão uma fortuna. Tudo o que fizer valerá muitas vezes seu peso em moedas de ouro.

— Eu não quero a fortuna como companhia senhor Lahor. Já que não vai me dar minhas moedas, vou partir sem elas. Adeus senhor Lahor.

Eu saí de sua oficina e não voltei a olhar nem uma vez mais para trás. Já não tinha mais a pedra preciosa de minha arte criadora. Já deixava a cidade para trás quando um cavaleiro barrou meu caminho. Era o senhor Lahor.

— Pare Sikhhan!

— O que deseja de mim senhor?

— Vim lhe dar suas moedas. São suas e não é justo que eu fique com elas.

— Eu já não as quero mais senhor Lahor. Nada farei de bom com elas.

— Você é um homem que sofre muito Sikhhan. Sinto muita tristeza em ver alguém como você sofrer tanto. É o maior artista que vi até hoje, e ainda assim não tira o menor proveito de sua arte. Por que isto Sikhhan?

— Meu amor está no fundo de um poço escuro, senhor Lahor. Minha alma sofre na sua prisão e a única pessoa que poderia libertá-la chamou-me de príncipe mendigo de um povo miserável. É o que sou, um miserável príncipe mendigo!

— Então é um príncipe!!! Eu sabia que não era um simples artesão.

- Eu já fui, mas renunciei ao meu título muito tempo atrás.
- Quem era a mulher que recusou seu amor Sikhan?
- Uma princesa de um reino muito distante daqui.
- Como se chama este reino?
- Acho que o senhor não o conhece.
- Assim mesmo, gostaria de saber o nome dele.
- Pérsia é o seu nome.
- E qual o nome da mulher?
- Shadine era seu nome, mas creio que hoje já esteja morta.
- Por que pensa isto?
- Eu vi nos olhos do homem que ela preferiu um desejo de morte. A ambição pelo poder o levaria a matá-la.
- Por que não lutou pelo seu amor?
- Depois de ser chamado de príncipe mendigo de um povo miserável? Que chance eu teria numa luta em que meu oponente estaria de pé e bem armado e eu caído no solo e rastejando como um verme? O melhor é eu ser um mendigo, como ela disse, pois assim quis o senhor do meu destino. Mais uma vez, adeus senhor Lahor!
- Sikhan, leve estas moedas, pois, ainda que não saiba o que fazer com elas, servirão para comprar alimentos para um corpo sem alma.
- Isto só irá prolongar minha existência, senhor Lahor!
- Nossas vidas pertencem ao Deus da Vida. Nós não temos o direito de encurtá-las pois ofenderemos à sua generosidade para com os seres humanos. Tome, é o mínimo que pode fazer para agradecer pelo Dom da Vida.
- Está bem senhor Lahor, eu as levarei comigo para que prolonguem o cativeiro em que vive minha alma.
- Pobre Sikhan Daher, que vive aprisionado no interior do rubi do seu amor. Talvez um dia a deusa do amor liberte sua alma de prisão tão dolorida. Boa viagem, Sikhan!
- Que assim seja, senhor Lahor.
- Eu me afastei dele, continuando minha longa jornada rumo ao desconhecido. Ele não viu, mas dos meus olhos fios de lágrimas corriam como se brotassem de fontes quentes. Só lágrimas eu vertia pois os soluços ficavam presos no interior do rubi que eu havia perdido.
- Caminhei muitos dias e noites até chegar a uma outra cidade. Era a capital de um outro reino. Os costumes eram quase iguais aos

do reino que eu havia deixado para trás, mas ali algo diferente existia pois as pessoas eram tristes. Era como se a alegria não fosse conhecida daquela gente.

Tentei alugar um quarto para morar mas não consegui. Todos temiam conversar com estrangeiros. Andei por quase toda a cidade e não encontrei quem se dispusesse a ceder ao menos um lugar por uma noite. Comprei umas frutas de um senhor bastante idoso e consegui algumas informações.

A tristeza devia-se à crueldade do príncipe daquele reino. Disse-me o velho que não havia uma família que não houvesse sofrido algum tipo de tormento daquele homem cruel.

— Tome cuidado estrangeiro, pois se descobrem que não é daqui irá apodrecer nas masmorras. Mas se tiver sorte, então será morto logo. Ele adora julgar as pessoas só para infligir as mais terríveis penas.

— Obrigado pelo aviso senhor. Tomarei cuidado, pois sinto que ainda não é hora de eu morrer ou apodrecer numa prisão.

Eu continuei andando pela cidade e observando o semblante das pessoas. Sentei-me sob a sombra de um arvoredor para descansar um pouco quando vi uma comitiva aproximar-se. Vinham de algum lugar e dirigiam-se ao palácio do déspota daquele reino.

Levantei-me para poder observar melhor quem seriam eles. Soldados muito bem armados escoltavam quem devia ser uma princesa ou rainha. Firmei meus olhos para ver seu rosto.

Ainda olhava para ela quando fui agarrado por um soldado e jogado contra o solo.

— Ajoelhe-se cão! Ninguém pode ficar de pé diante da princesa Mejouré.

Levei um susto tão grande com a ação fulminante do soldado que até me esqueci da tal princesa e olhei para ele assustado. Tive meu rosto esmagado contra o solo por seu pé direito, calçado com uma botina pontiaguda de couro e com sola de madeira.

Como doeu o contato de seu calçado esmagando meu rosto contra o solo! Só o tirou de cima de meu rosto quando a comitiva passou.

— Levem-no para a prisão. Vai pagar caro por sua insolência diante da princesa.

— Mas o que fiz de errado, soldado?

— Já lhe disse o que fez. Levem-no para a prisão!

Fui revistado para ver se não possuía algum tipo de arma e encontraram a bolsa com minhas moedas.

— Devolvam minhas moedas ladrões. São frutos do meu trabalho!

— Não precisará delas para onde irá idiota. Nós faremos melhor uso delas.

E entre gargalhadas dos dois soldados, fui levado para uma prisão, já abarrotada de outros infelizes.

Vi pessoas em estado deplorável. Verdadeiros cadáveres, pois eram apenas pele e ossos. Os olhos encovados me diziam que aquele lugar era o fim dos que ali eram aprisionados.

“Bem, vamos ver o que me reservou o destino desta vez. Já está mesmo na hora de terminar com esta vida inútil. Minha vida não teve sentido algum pelo tempo que já vivi. Que vida mais tola eu construí. Acho que a morte será um alívio para um homem igual a mim”.

Fui arrancado do meu devaneio macabro por uma ordem de um carcereiro.

— Levante-se cão. Chegou a hora de você conhecer o seu destino!

— Para onde me levarão?

— À sala de julgamentos. Quando sair de lá, já o conhecerá.

Fui conduzido por um longo corredor até um pátio e dali a uma porta que dava acesso à sala de julgamentos.

— Ajoelhe-se cão, pois está diante da princesa Mejoure e de seu pai, o rei Fagus.

Fui atirado contra o solo com tal força que bati com o rosto nele. O sangue jorrou de minhas narinas por causa do impacto.

— Como se chama homem? — Era o rei quem perguntava.

— Sikhan Daher, senhor. Este é o meu nome!

A princesa levantou-se do seu assento e perguntou-me também qual era o meu nome.

— Sikhan Daher, princesa!

— Não é possível que você seja o artista que fez aquela obra tão linda.

— Fui eu quem a fez, princesa. Eu trabalhava para o senhor Lahor até pouco tempo.

— Do que é acusado, Sikhan?

— Eu estava de pé admirando vossa beleza quando fui preso. Desconhecia seus costumes, por isto os violei.

— Então não é culpado de crime algum Sikhan. O que desconhecemos, não infringimos se o fazemos!

— És uma princesa esclarecida e muito justa, minha senhora!

Minha mente trabalhava a toda velocidade. Eu havia notado seu interesse por mim e não perdia a menor oportunidade em exaltar qualidades que inexistiam nela. Eu sentia o sangue quente correr por meu rosto e pescoço. Não era justo o que estavam fazendo comigo e alguém tinha que fazer algo para corrigir tal erro.

Mas aquela não seria a melhor hora para desafiar. Era a hora do ego dela, que eu só ativava para sobreviver.

Queria ver qual seria o meu destino ao sair daquela sala.

— Acompanhe-me Sikhan. Vamos ouvir sua história e ver se é verdade o que falou o leiloeiro do senhor Lahor.

Eu a acompanhei através de um corredor e logo me vi na mais rica e bem decorada sala. O luxo ali superava até o dos monarcas persas.

Uma criada trouxe uma bacia de ouro cheia de água para eu lavar o sangue que manchava meu rosto. Após lavá-lo, e também o pescoço, fui secado por um tecido muito macio. Logo o nariz parou de sangrar e olhei para o rosto da princesa Mejure. Era de uma beleza discreta. Sua natureza austera tirava-lhe um pouco do seu encanto.

Mas uma coisa eu sabia: minha história a tocara, senão eu já teria sido condenado. O que havia sido falado pelo senhor Lahor não diferiria muito do que eu viesse a falar.

— O que deseja saber de mim, minha princesa?

— Como um homem pode criar uma peça tão bonita como aquela, Sikhan?

— Aquela obra é a essência do que há no meu interior. São meus sentimentos que estão contidos nela. Esgotei na sua confecção todo o meu Dom criativo.

— Foi uma pena eu não poder comprá-la.

— Por que não a comprou minha princesa?

— O ouro que eu levei não foi o suficiente para cobrir o lance dado por um mercador persa. Perdi a obra que mais me encantou até hoje!

— Se aquela peça a encantou então deve ter um interior muito rico e desconhecido de si mesma.

— Como assim, Sikhan?

— Todos nós temos no mais oculto lugar de nosso espírito um baú cheio de preciosidades que não sabemos como abri-lo. Só uns poucos o conseguem. E os que conseguem se tornam seres que, ainda que vivam na obscuridade, revelam-se maiores e mais ricos que os mais poderosos reis do mundo.

— Gostaria de comer alguma coisa, Sikhan?

— Não violo os seus costumes se fizer isto em sua presença?

— Se o senhor Lahor não mentiu, também é um príncipe, não?

— Eu já fui um príncipe, mas renunciei a tal título pois o que eu procurava não precisava dele para conseguir.

— E conseguiu o que queria?

— Quase, mas o destino me conduziu por caminhos que não eram os que eu imaginava que trilharia.

— Gostaria de banhar-se antes da ceia?

— Seria muito bom, pois me sinto indigno de estar diante de vós cheirando tão mal. Eu não quero ofender os seus sentidos.

— Não os ofende, pois o seu modo encanta-me por ser original. Nada em você é empostado ou estudado antes de ser feito ou dito. Só de ouvi-lo conversar já me encanto com você!

— És muito generosa com um homem como eu.

— Modéstia sua Sikhan. Venha até meus aposentos para que possa banhar-se.

— Nos seus aposentos, minha princesa?

— Sim. Enquanto se lava eu posso ouvi-lo contar-me sua história.

— Mas posso ofender vossa visão com minha nudez ao banhar-me.

— Já vi muitos homens nus, príncipe Sikhan. Não será a sua que irá me ofender.

— É casada, princesa Mejouré?

— Não.

— Então tem muitos amantes atraentes, não?

Ela deu uma risada divertida com minha observação.

— Também não, meu príncipe!

Eu notei quando ela disse “meu príncipe”. Eu saíra da sala de julgamentos com um novo destino. Uma vez eu fugi do meu destino ao renunciar ao meu título de herdeiro. A segunda vez foi ao renunciar a Shadine. Mas agora eu o viveria, pois fugir do destino uma vez é

um direito dos homens. Pela segunda vez é por burrice, mas na terceira já é covardia. E eu posso ser tudo na vida, menos um covarde. Este meu novo destino, eu o viveria intensamente.

— Então?

— Eu tenho o poder de fazer o que quiser e por curiosidade observei muitos homens nus só para ver como eles eram.

— Saiba antes de uma coisa minha princesa, pois posso não agradar à sua visão.

— Por que meu príncipe Sikhan?

— Sou um homem que teve seu amor aprisionado num rubi, abdiquei de tudo na vida, mas minha natureza, desta não abri mão. Apesar de eu não tocar no corpo de uma bela mulher há vários anos, ela não adormeceu. Não sei qual será a reação dos meus sentidos ao me sentir observado por uma mulher tão bela como a senhora, estando eu nu!

— Incomoda-o qual será sua reação?

— A mim não, mas posso desagradar aos seus olhos e sentidos.

— Pois lhe dou minha palavra de princesa que nada de ruim lhe admirá se me sentir ofendida com suas reações íntimas. Desde que as guarde só para você e não as passe para mim, seja o Sikhan que sempre foi e eu serei a princesa que sempre fui.

— Vosso pai não lhe proíbe de fazer tal coisa com quem lhe agrade ou desperte sua curiosidade, princesa?

— É o primeiro homem que entra nos meus aposentos, príncipe Sikhan!

— Ah!

— Pensou que eu os trazia até aqui só para observá-los?

— Sim.

— Para ver homens ou mulheres nus basta ir à prisão leste que lá os temos aos montes.

— Perdoe meu pensamento sobre seu modo de observar o que lhe desperta a curiosidade. Creio que estou diante de uma mulher incomum. Nunca em minha vida havia estado diante de alguém que tem a coragem de dizer que foi observar homens nus só porque eles despertavam a sua curiosidade.

— Isto o incomoda príncipe?

— Muito pelo contrário. Me fascina! Só alguém que é realmente autêntico revela os seus sentimentos mais íntimos. E você é uma mulher autêntica no modo de agir.

— Quanto ao modo de ser...

— Isto só poderei responder se tiver tempo de conhecer seus sentimentos mais íntimos.

— Terá todo o tempo que quiser para descobri-los. Espero que lhe agrade realizar tal tarefa.

— Será uma oportunidade para eu provar para mim mesmo se fui um discípulo à altura dos mestres que tive no passado.

— Foram muitos os mestres?

— Sim. Para cada matéria havia um, e todos haviam sido os melhores discípulos dos seus mestres. Eles estudavam a natureza dos que lhes eram confiados e quando terminavam seus ensinamentos classificavam-nos em discípulos ou mestres.

— Qual das duas classificações foi a sua?

— A modéstia me impede de dizê-lo, princesa Mejouré.

— Posso imaginar qual tenha sido ela pela sua modéstia. Seu banho o está esperando, príncipe Sikhan! Não vai querer banhar-se na água fria, vai?

Eu a acompanhei até o outro aposento contíguo.

— Às vezes a água fria nos ajuda a resfriar um pouco o calor dos sentidos, princesa. Há momentos para um banho escaldante, outros mornos e ainda outros em que a água bem fria é o mais recomendável.

— Como está, aos seus sentidos, esta água?

Eu pus minha mão na água e senti que estava morna.

— Está ótima, pois nem resfria e nem ativa os sentidos de quem se banhar nela.

— Então pode banhar-se que vou buscar roupas apropriadas a um príncipe.

— Estou lhe dando trabalho desnecessário, princesa Mejouré!

— Prefiro quando me chama de minha princesa, príncipe Sikhan.

— Eu a chamarei só de minha princesa se me tratar apenas por Sikhan.

— Então banhe-se Sikhan! Logo voltarei com roupas apropriadas a você, um príncipe ímpar aos meus olhos!

— Obrigado minha princesa. És muito generosa com um ser miserável como eu.

— Sua miséria é só externa Sikhan. Se eu tiver tempo, gostaria de conhecer sua riqueza interior.

— Terá o resto dos meus dias para fazê-lo, minha princesa!

— Então eu o farei, demore o tempo que for preciso! Você concorda com isto?

— Só se conceder o mesmo a mim.

— Temos um trato firmado, Sikhhan.

— Então vamos ter muito que explorar para satisfazer nossa curiosidade, minha bela princesa Mejouré!

— Mudou o modo de me chamar?

— É assim que gosto de chamar as mulheres que agradam aos meus olhos e sentidos. Só estou procurando ser autêntico para que não forme uma imagem irreal de um homem real. Mas caso isto a desagrade não mais a tratarei assim, se bem que conheço os protocolos de procedimentos e este é o meu modo de agir nos momentos em que os sentimentos podem ser externados livremente e sem a impostura e falsidade dos protocolos que mais ocultam que revelam.

— Gostei da nova forma de ser tratada. Princesa, muitas são. Mas belas aos olhos de um homem, só umas poucas podem ser!

— Além de bela és sábia, bela Mejouré.

— Eu poderia ser uma grande sábia se os mestres que meu pai contratou para me educarem tivessem fugido um pouco do protocolo. Não sei o quanto sei, mas caso não saiba muito, gostaria de me ensinar o que sabe e me fazer aprender?

— Eu sei só o quanto sei, mas não sei se o que sei é mais do que você sabe. Portanto, procurarei ensinar o que sei. O que não sei, mas que você sabe, gostaria de ensiná-lo a mim, bela Mejouré?

— Teremos muito tempo para nos estudarmos e nos ensinarmos. Portanto, vá banhar-se, pois não quero que seu primeiro banho seja na água fria e refreie alguma coisa que poderia agradar aos meus olhos e sentidos.

— Está bem. Já que não se vai para que eu me desnude, então verei até onde posso ser autêntico num momento como este.

— Por quê? É um momento especial?

— Sua personalidade forte e sábia aguça meus sentidos, porque você é uma mulher muito, mas muito especial mesmo!

— Minha personalidade o incomoda?

— Não. Mas me fascina. E tudo o que me fascina ativa ao máximo minhas emoções. Elas entram em um estado que eu qualifico de extremamente emocionante. Não sou um ser frio e amorfo. Tudo em mim funciona de acordo com minhas emoções. Creio mesmo que

sou um homem que vive de suas emoções. Só vivendo minhas emoções consigo harmonizar minha racionalidade e movimentação.

— Revela muitas faces do seu íntimo em pouco tempo Sikhan!

— Só assim poderei ser compreendido ao estudar suas emoções, minha bela Mejure. De outra forma poderia tomar como impostura e falta de protocolo o que em mim é natural, e como natural o que tenho na conta de protocolo.

— Sua água está esfriando, encantador Sikhan.

Eu me despi na sua frente sem o menor pudor, mas sem cometer nenhum ato obsceno. O que fiz tinha de ser feito, pois percebi que ela não iria buscar as roupas novas para mim sem antes satisfazer sua curiosidade natural.

Como não desejava desagradá-la, desnudei-me bem na sua frente. Após estar totalmente nu olhei nos seus olhos e penetrei em seus pensamentos. O que vi ativou meus sentidos. Procurei contê-los ao máximo, mas só o consegui enquanto ela sustentou o meu olhar, pois quando ela desceu os olhos para o resto do meu corpo minhas emoções saltaram ante seus olhos.

— Não é tão controlado quanto aparenta, encantador Sikhan!

— Como disse antes, sou um ser que tem suas emoções ativadas pelos estímulos que recebe e possuo certas emoções que há muitos anos eu venho controlando com extrema dificuldade.

— Tudo por causa da sua deusa do amor?

— Não, isto não!

— Então qual a causa de ter contido suas emoções por tantos anos?

— Elas não haviam recebido o estímulo correto, portanto eu as podia controlar, mas agora isto me é impossível. Espero não estar desagradando aos seus olhos e sentidos, minha bela Mejure.

— Não está, meu encantador Sikhan. Não desagrada nem aos meus olhos nem aos meus sentidos ou às minhas emoções. Visão, sentidos e emoções, quando reagem harmônicos em mim, turvam minha razão.

— Há momentos que se nos levamos pela razão não conseguimos dar vazão às emoções e bloqueamos nossos sentimentos, tirando todo o prazer da visão.

— Tem razão, sábio Sikhan. Pena que não conheço qual sensação poderia me causar o que agrada minha visão e os meus sentimentos, que pedem para eu dar vazão às minhas emoções.

— Talvez seja por que tenha usado em excesso, e por muito tempo, só a razão.

— Como posso deixar de agir só com a razão sem ferir-me com o que desperta a sensação que desejo sentir?

— Neste caso teria que usar o tato em auxílio da visão.

— Por quê?

— Serão dois sentidos trabalhando em harmonia na tentativa de transmitir à razão a confiança de que o que sente, se bem usado e vivido, não a turvariam, mas apenas a harmonizariam com todos os outros sentidos da vida, e só valorizariam o tesouro íntimo que tem guardado no baú dos seus sentimentos.

— Tenho a humildade de confessar que nesta matéria sou uma mulher que nada sabe. Poderia me ensinar isto, mestre Sikhan?

— Seria algo que muito me agradaria. Mas esta não é uma matéria que deva ser aprendida com muita pressa, pois nela você tem que harmonizar as emoções através dos sentidos, a razão em função do que realmente deseja seu coração e os movimentos em função de como o seu ser pede para ser movimentado. Se assim conseguir fazer, colocará neste ato toda sua alma e o resultado será tão gratificante e algo tão valioso que terá neste ato de externar suas emoções um dos mais nobres sentidos que a vida lhe oferece.

— Como eu tenho ansiado encontrar ao menos um sentido em minha vida, meu querido Sikhan!

— Há coisas que um mestre abdica de seu título como tal e as vive junto com o discípulo, pois tanto um quanto outro têm de vibrar o mesmo desejo de realização, senão será só protocolo e não uma vivenciação.

— Eu me entrego ao seu saber. Posso contar com seu auxílio para me tirar desta ignorância?

— Só se você permitir que eu deixe de lado toda minha racionalidade de mestre para que eu possa estar no mesmo nível que o seu.

Existem certos ensinamentos que só crescem, tanto no mestre quanto no discípulo, se ambos partirem juntos desde o começo. Só após a partida cada um dá vazão às suas emoções de acordo com sua própria criatividade, que nada mais é que a exteriorização dos seus sentimentos mais valiosos e íntimos.

Só assim, quando terminam a prática de um exercício, o mestre deu tudo de si e ainda assim só aumentou sua riqueza. E o discípulo,

ao receber tudo o que o mestre tinha a oferecer ainda lhe devolveu tanto ou mais do que recebeu.

— Espero poder ser uma discípula que conseguirá isto com um mestre tão encantador como você.

— Assim será se deixar a razão de lado e der vazão ao sentimento que acelera as batidas do seu coração e faz com que seu sangue circule com tão grande intensidade que chega a turvar sua mente.

— É assim que me sinto agora, amado Sikan. Por que isto me acontece?

— São suas emoções adormecendo sua razão e turvando sua visão para que o sentido do tato possa se expressar com todo o seu poder e transmitir aos sentidos as mais deliciosas emoções.

— Então desça do seu pedestal de mestre e envolva sua humilde discípula, que quer viver este sentido da vida que ela tanto temia. Mas que neste momento anseia mais que o próprio ar que a mantém viva, pois até minha respiração está alterada, tão intensas são as pulsações do meu coração. E não é só ele que pulsa neste momento, mas todo o meu ser. Todas as emoções, que eu contive por tantos anos por não encontrar alguém que as estimulasse, despertam do meu ser e, como um vulcão furioso, lança suas lavas ferventes pela saída natural delas.

Nós vibrávamos na mais perfeita harmonia. Eu a envolvi nos meus braços e a beijei com ternura em princípio e com fúria após nos sintonizarmos neste sentido. Enquanto a beijava, eu a despia com sua ajuda. Logo nossos corpos quentes trocavam seus calores humanos num contato gratificante. Seu peito arfava violentamente contra o meu e seu ventre sentia as vibrações exteriores de minhas emoções. Quando separamos nossos lábios para tomarmos fôlego eu lhe falei:

— Saiba, amada discípula, que o seu vulcão que lança com violência suas lavas incandescentes precisa ser inundado pela lava de outro vulcão, senão, com o tempo, ele se tornará uma cratera fria e sem poder algum de provocar o calor abrasador, mas gratificante, que só as lavas incandescentes possuem.

— Como posso conseguir esta lava que não deixará meu vulcão tornar-se estéril, amado mestre do amor?

— Deixando que os dois se unam e troquem entre si suas lavas. Quanto mais lavas o meu receber do seu, mais poderá devolver-lhe.

— Então faça isto meu amado mestre. Quero sentir o calor do seu vulcão inundando o meu com suas lavas até que ele não mais as comporte e comece a derramá-las pelas suas bordas.

— Talvez sinta uma certa dor para poder receber estas lavas, pois meu vulcão queimará como fogo ao unir-se ao seu.

— Eu não me importo de senti-la, pois minha razão adormeceu, minhas emoções explodiram e se concentram tanto no interior como nas bordas do meu vulcão. E por mais intensa que seja esta dor, minhas emoções a enviarão através do tato para minha razão adormecida como se fossem as chamas do prazer de receber as lavas do seu vulcão. Eu, como a amada discípula do meu amado mestre, me abro ao seu mais longo e sólido ensinamento.

— Então eu, como o amado mestre de minha amada discípula, depositarei através deste canal de união entre mestre e discípula, que você tão generosamente abriu, todo o meu saber na arte de amar, e que não me faz descer como mestre, mas sim a eleva às alturas imensuráveis de um dos sagrados sentidos da vida, que só enriquecem aos que querem vivê-lo, sabem como é bom vivê-lo e amam ao vivê-lo.

— Então me ame como mulher, que sou, e faça com que eu deixe de ser uma aprendiz e me torne uma mestra nesta arte, amor de minha vida, que eu tanto procurei e só agora encontrei.

— Eu o farei com o maior prazer, pois minha amada discípula faz com que eu deixe de me sentir um ser sem um sentido da vida e volte a ser o homem que tanto quis ser.

— Então se realize como homem, pois eu quero me realizar como mulher. Já sinto o centro das emoções, que agora são invadidas pelas suas emoções, que forcem sua passagem pelo mais bem guardado dos meus tesouros: o tesouro que me faz mulher!

Muitas coisas mais nós ainda nos falamos, todas entrecortadas pelas vibrações de nossas emoções. Nossos vulcões trocaram muitas vezes suas lavas, que não os deixariam estéreis, mas, sim, com a capacidade de muitas mais jorrarem. O mestre aprendia com a discípula e ela crescia com ele. A mulher se realizava como tal ao permitir que o homem nela se realizasse. As vibrações se uniam e se tornavam uma só. Duas almas pulsavam o mesmo sentimento fazendo nascer em nossos seres imortais um dos sagrados sentidos da vida, o amor.

Mejoure era a síntese de tudo que eu procurava numa mulher. E para ela eu era tudo o que ela tanto havia procurado. Éramos pois

seres tão iguais nas nossas procuras que podíamos dizer que éramos um só ser dividido entre um homem e uma mulher, entre positivo e negativo. Macho e fêmea, que ao se unir formavam um só ser.

O dia já terminava com o sol se pondo no horizonte e Mejure adormecera abraçada ao meu corpo. Eu observava seu belo rosto, suas linhas suaves lhe davam a graça de uma menina. Eu acariciei seus cabelos, seu rosto e seus lábios. Eu sentia o amor renascer em mim com uma intensidade que me surpreendia. Apertei-a contra mim e isto a despertou.

— Não devia ter me acordado, Sikan.

— Por quê?

— Eu sonhava que você acariciava meus cabelos e meu rosto com tanta ternura que suas mãos transmitiram à minha alma todo o amor que teve aprisionado no interior do rubi do seu amor.

— Saiba que não era um sonho Mejure. Eu realmente a acariciava com toda a ternura que há em meu ser imortal. E também beijei seus lábios com toda delicadeza que há em mim. Uma coisa eu descobri hoje com você.

— O que foi que descobriu, Sikan?

— Meu mestre dos sentidos estava errado num dos seus ensinamentos.

— Qual dos ensinamentos ministrados a você era errado?

— O que ele me ensinou sobre o amor. Quer que lhe fale dele?

— Sim. Estou curiosa para ouvi-lo.

— Pois bem, ele me dizia que o amor é uma pedra preciosa, um rubi do tesouro dos nossos sentimentos. Ensinou-me que neste rubi estaria nossa alma com suas emoções e sentimentos. Portanto, nós devíamos ter muito cuidado ao dar este precioso rubi, pois se o depositássemos nas mãos de alguém que não nos amasse ele seria lançado num canto escuro e empoeirado. Em consequência disso nossa alma se apagaria, pois o rubi do nosso amor não seria polido da poeira acumulada sobre ele e não receberia a luz da alma da pessoa depositária, e assim a luz da nossa alma se apagaria, para sempre e nosso sentimento do amor estaria aprisionado no interior do rubi.

— Foi mais ou menos isto que eu ouvi do joalheiro Lahor quando ele falou do artista que havia criado obra tão bonita.

— Meu mestre estava errado neste ensinamento transmitido a mim, querida Mejure! Você, sem se julgar uma mestra, ensinou-me

que o amor é uma mina de diamantes valiosos, e, também, que esta mina é inesgotável se soubermos explorá-la. Dela sempre colheremos os mais valiosos diamantes comuns a todos os seres humanos.

Enquanto eu acreditei na teoria do meu mestre vivi prisioneiro de uma obsessão minha, mas quando eu decidi tomar o rumo que o destino me indicava, eu colhi o mais precioso dos diamantes na fonte inesgotável do amor. Este diamante chama-se Mejoure e eu o tenho junto a mim neste momento.

Eu amei Shadine por seu rosto belo, enfeitado por dois belos olhos e uma boca sensual e emoldurada por um lindo cabelo. Sintetizei nela a imagem que eu fazia sobre o amor. Vivi tantos anos preso a esta minha criação mental que não pude descobrir que o amor verdadeiro nasce de um conjunto de sentimentos e não só do que agrada à nossa visão.


Aquilo que só agrada à nossa visão não é o amor e sim paixão. Eu sentia uma paixão por ela e não o verdadeiro amor.

Se amor existe, é o que sinto agora por você. Posso viver o resto dos meus dias na mais absoluta das solidões e ainda assim a lembrança deste momento vivido ao seu lado não atormentará minha alma, mas fará vibrar sua luz. E ainda que todo o meu ser esteja aprisionado no mais escuro calabouço, a luz de minha alma o iluminará, pois será intensa de saudades por não poder viver outro momento como este, mas não será um tormento horrível e sim a lembrança mais sublime, minha alma vibrará na intensidade de sua luz!

Descobri com você que o amor é como uma fonte que jorra incessantemente e quando alguém é digno de beber da água desta fonte, a vida ganha um valor tão grande que nós queremos vivê-la com toda intensidade e todos os outros sentidos ganham um imenso valor, pois o amor os irradia com sua luz da vida.

— Sikhhan, você fala com palavras tão belas do amor que eu não sei como vivi tantos anos sem amar.

— Eu também vivi tanto tempo sem amar. O que vivi foi uma paixão criada no meu mental e embalada por uma doutrina que reduz o amor, o mais valioso dos nossos tesouros, a um simples rubi. Nós não temos um baú com as pedras preciosas dos nossos sentimentos. É o contrário Mejoure. Cada sentimento que possuímos é uma arca que contém um tesouro inesgotável. Quanto mais distribuímos dos tesouros contidos nestas arcas, mais valorizamos o nosso interior que contém todas elas.



Antes de chegar a esta cidade eu fiz uma invocação do senhor do meu destino. Eu invoquei o senhor do Fogo Sagrado e clamei por sua generosidade, pois eu estava me tornando um ser estéril. A cada dia que eu vivia, mais estéril eu me sentia. Clamei por sua misericórdia para com um ser que só queria conhecer a alegria que o amor traz a um ser humano.

Decepionei-me ao ver um povo triste, soldados cruéis, um rei temido e implacável e uma princesa que, em vez de sentir alegria em ser vista em todo seu esplendor e beleza para alegria de seus súditos, os obrigava a curvarem-se à sua aproximação e lhes impunha um castigo cruel se ousassem olhar para seu tão belo rosto. Ela lhes nega o direito de dizerem se ela é bela ou não e só lhes dá o direito de pensarem assim: como é cruel esta mulher que nem ao menos posso ver o rosto!

Ainda, imagino eu, pensam mais isto: como eu gostaria de ver o rosto da mulher que suprimiu de minha vida a alegria de vivê-la!

Eu, um ser consagrado ao senhor do Fogo Divino, sei que ele é implacável, cruel às vezes, mas é justo e generoso com os que o amam e respeitam, e eu o amo e o respeito, pois sinto seu fogo alimentar minha alma nos momentos mais difíceis de minha vida e fazer com que eu continue, ainda que minha mente ordene que eu pare.

Como eu lhe pedi que libertasse minha alma do interior de um rubi, e ele não me nega o que é justo e merecido, ao ser lançado na prisão onde há centenas de outros seres iguais a mim, julguei que minha hora era chegada.

Acreditei mesmo que o meu senhor estava me conduzindo à morte para libertar-me da prisão que eu mesmo havia criado para mim. Quando estava sendo conduzido à sala dos julgamentos eu agradei a ele e lhe pedi uma morte rápida e fulminante.

Mas ele não procede como eu penso ou quero, mas, sim, segundo seu modo impenetrável de dar o que lhe pedimos. A partir do momento que fui conduzido à sua frente você viveu comigo tudo e agora sabe que tive minha alma libertada do pequeno rubi e readquiri o direito sobre o meu amor.

Sou tão grato ao meu senhor do Fogo Sagrado da vida quanto a você, por ter tornado tudo isto possível. Serei por toda a eternidade grato aos dois por terem sido tão generosos comigo.

— Por que me diz tudo isso, Sikhan?

— Digo-lhe tudo isso pois quero que saiba que quando ordenar que os seus carrascos me executem eu não me sentirei magoado com você e tampouco a odiarei. Pois você me ensinou que a alma do nosso amor pertence a nós o tempo todo e se a quem nós a oferecermos não a aceitar, somos livres para resgatá-la e tentar oferecê-la a outra pessoa que a queira. Eu, hoje, sou dono de minha alma. Ainda que a morte me tire a vida, meu espírito levará consigo minha alma, que é a essência do que penso e sinto.

Assim que parei de falar, os olhos de Mejoure inundaram-se de lágrimas e do seu peito o pranto brotou num choro convulsivo. Ela chorou por muito tempo. Por mais que eu enxugasse suas lágrimas mais elas brotavam dos seus olhos. Comovi-me com o seu pranto e de meus olhos lágrimas também correram. Ao ver que eu também chorava ela perguntou-me, controlando um pouco seu pranto!

— Por que você está chorando? Acaso teme o que eu possa fazer?

— Não. Eu choro porque sinto tristeza ao vê-la chorar. Por que você chora Mejoure?

— Por você pensar que eu vou mandar matá-lo. Como poderia fazer tal coisa com quem eu tanto procurei. Como pode imaginar que eu tenha coragem de causar-lhe a menor dor possível? Não percebe que ao ver sua obra de arte comecei a amá-lo sem ao menos saber como era? E ao vê-lo na minha frente encantei-me com o seu modo de ser, agir e falar, e que quando lhe pedi para me aceitar como sua discípula eu estava procurando algo que sozinha eu não conseguia encontrar?

Eu fui sincera em tudo o que disse e fiz desde o momento que o vi. Não compreende que o senhor do Fogo Divino não libertou só a sua alma da prisão em que você a colocou, mas também a minha ele libertou?

Entenda que eu o amo. E se me ama como disse há pouco, então o preço que ele irá lhe cobrar será outro, não a sua vida, Sikhan!

Eu desejo viver, mas ao seu lado. E se você, na sua busca do amor renunciou por duas vezes ao título de príncipe, eu não renunciarei ao meu, mas pedirei como a mais humilde das mulheres que reassuma-o desta vez e, como príncipe, viva ao meu lado pelo tempo que o senhor do Fogo Divino nos permitir.

Se sou temida e odiada pelos meus súditos, você, como meu mestre, ensine-me a ser amada. Se lhes tirei o direito de ser felizes, ensine-me, como meu mestre, a lhes dar motivos que os tornarão o mais feliz dos povos sobre a terra. Se meus soldados são cruéis e sanguinários, como meu mestre ensine-me a torná-los justos e leais, tanto comigo quanto com meu povo, e dividirei minha riqueza, poder e reino com você que, se não for só meu mestre, mas meu amado esposo, fecundará meu ventre para que eu não me sinta, nunca mais, uma mulher estéril.

Seja o meu príncipe amado e serei a princesa dos seus sonhos. Assuma o seu título, e com sua sabedoria e o meu poder viveremos um sonho, mesmo estando acordados.

— Você me pede que eu me case com você, Mejouré?

— Sim, Sikhan. Mas só aceite o meu pedido se achar que a luz do meu amor só aumenta a luz do seu. É livre para aceitar ou recusar, pois sua alma lhe pertence e não serei eu quem irá fazê-la sofrer.

— Eu aceito o seu amor, Mejouré. E o iluminarei com a luz do meu. Juntos eles iluminarão a alma do seu povo em pouco tempo.

— Então nesta matéria que me iniciei hoje não sou mais discípula e você não é meu mestre, pois deixaremos os protocolos de lado e o que fizermos de agora em diante neste leito será como marido e mulher.

— Mejouré, pelo meu senhor do Fogo Divino, a quem eu amo e respeito como meu único senhor, eu juro amá-la e respeitá-la como minha única esposa.

— Sikhan, pelo nosso senhor do Fogo Divino, a quem nós amamos e respeitamos como nosso único senhor, eu juro amá-lo e respeitá-lo como meu único esposo.

— E quanto ao seu pai?

— Ele é só protocolo, pois quem reinava única e soberana era eu. E a partir de agora somos nós dois. Quando a união protocolar se realizar ele estará presente, mas para mim o que vale é o juramento feito por nós dois perante o senhor do Fogo Divino que de minha parte não será quebrado, pois vi seu espectro pairar no ar no momento em que jurávamos por ele.

— Você também o viu?

— Sim.

— Pensei que só eu o tinha visto. Ainda temos muito que conhecer sobre nós, Mejouré. Se antes eu a conheci como minha

amada discípula, agora vou, não mais conhecê-la, e sim amá-la como minha amada esposa.

— Pois então me ame Sikhan e lhe retribuirei tudo o que me der de forma tão generosa, que estará vivendo um sonho, mesmo estando acordado.

Nós nos amamos como marido e mulher pelo resto do dia.

A noite já estava bem avançada quando nos banhamos e os criados serviram uma refeição. Éramos dois seres que haviam se fundido em um, muito maior e mais iluminado que nós dois juntos.

Do nosso amor haveria de surgir algo muito luminoso. Passamos a maior parte da noite conversando sobre como procederíamos no dia seguinte.

— Comunicarei ao meu pai, ao meu povo e a todos os reinos amigos que irei me casar com o príncipe Sikhan Daher.

— Você falou em reinos amigos. Por acaso tens reinos inimigos?

— Sim. Vários ao sul são inimigos. Se me achava cruel é porque ainda não viu o que é crueldade, Sikhan. Crueldade e ânsia de poder misturados à ambição desmesurada. Talvez eu tenha assumido o manto de intolerância que herdei de meu pai, só para livrar meu reino de invasões externas.

Já faz dez anos que não temos uma guerra. Nesta guerra por pouco nosso reino não foi subjugado pelo que existe do outro lado do Ganges. Um traidor interno, ao tentar assassinar meu pai errou o alvo e acertou, com sua lança, minha mãe. Desde aquele tempo ele já não governa realmente. Venceu a guerra ao expulsar os invasores, não sem antes aniquilar a maior parte dos soldados inimigos. Temos notícias de que se preparam para nova guerra contra nós.

— Por que isto, Mejoure?

— Nosso reino é muito rico Sikhan. Temos minas de ouro, prata e pedras preciosas inesgotáveis. Nosso solo é fértil e o reino é muito grande. Tudo isto unido numa única mão significa muito poder.

— Mas então, como não conseguiu comprar a peça do senhor Lahor se é tão rica?

— Eu não fui lá para comprá-la. Eu estava voltando de uma viagem que havia feito para pagar o tributo ao reino que fica ao sul do nosso quando soube que ele leiloaria uma imagem da deusa do amor. Esta notícia despertou minha curiosidade e me desviei do caminho só para ver como era a deusa do amor.

Quando a vi encantei-me com sua beleza e dei vários lances na tentativa de adquiri-la, mas aquele persa cobria todos. Como o rei de que sou tributária havia mandado um filho seu ao tal leilão, achei melhor sair da disputa, pois se revelasse possuir dinheiro para uma peça daquela certamente ele aumentaria o valor que nos cobra para não invadir meu reino.

— Interessante. Acho que ele merece uma lição por espoliar seu reino!

— Não podemos lutar contra ele. Seu reino vai das nossas fronteiras até o sul do continente. Sua dinastia vem do “leilão” e domina todo o sul há quase um século.

— Então vocês estão prensados entre os canalhas. Um ao sul e outro bem perto. Logo depois do rio sagrado.

— Compreende agora porque eu sou tão dura com meu povo, Sikhan?

— Tinha seus motivos e agiu de acordo com sua formação. Além do mais não tem boas armas para guerrear. Mas, o que está havendo comigo? Abdiqueei do direito de herdar o reino do meu pai só para não ter de tomar certas decisões ou derramar o sangue alheio. E aqui estou eu, imaginando uma forma de dar uma lição num canalha que cobra tributos de minha amada, só para deixá-la viver?

— Você aprendeu a arte da guerra Sikhan?

— Aprendi com meu mestre de armas muitas coisas, mas nunca as pratiquei, pois só as usava como treinamento do meu espírito e adestramento dos meus movimentos. Se eu viesse a me tornar príncipe regente, na certa minhas emoções colocariam meu espírito em movimento e meus sentimentos seriam de revolta contra a opressão esmagadora. Por tudo isto eu não quis ser príncipe, minha amada Mejoure.

— O que fará agora que reassumiu seu título e tem um reino a defender para sua amada?

— Eu, pelas estações que contei, já viajei por cinco longos anos. Saí da Mesopotâmia e cruzei a pé todo um continente até chegar ao rio sagrado chamado Ganges. Nesta longa jornada eu vi um pouco de tudo. Vi reis que mal se agüentam de pé, mas com dezenas de jovens arrancadas dos seus lares só para que com sua beleza agradassem unicamente os olhos deles, pois suas emoções já haviam adormecido e suas razões se perdido, de tal forma que não conseguiam ver o

ridículo de tal situação. Para mim isto é o mesmo que colocar uma porção de lodo numa bacia de ouro incrustada de pedras preciosas na vã tentativa de, com tanta beleza à sua volta, o lodo encobrir seu mau cheiro e sua horrível aparência.

Vi templos riquíssimos! Templos todos incrustados de pedras preciosas a dar-lhes uma luz e beleza material, pois a espiritual não a possuem. E eles, em função dessa pobreza das coisas divinas, tomam tudo à sua volta. Tudo o que tomam dos que vivem das suas sombras, tomam como aves de rapina e ainda prometem o paraíso como recompensa aos que têm a miséria como companheira inseparável na longa jornada da carne sobre o espírito.

Vi reis implacáveis que tomam tudo dos seus súditos sem nada dar em troca além do direito de respirarem, pois comer, isto faziam só quando lhes era possível.

Eu vi mendigos que têm o grau de mestres do saber, e falsos mestres que não passam de mendigos no saber divino. Tudo eu contemplei só porque não quis ser um príncipe que teria de se calar e controlar os seus sentimentos diante destas coisas.

Eu vi guerra onde a única motivação eram os ódios pessoais, que levavam a desgraça e a miséria a povos inteiros.

Vi mães terem seus filhos mortos, tão pequenos que seu único alimento era o leite materno, só para voltarem ao trabalho escravo. A tudo eu contemplei e nada fiz contra tal estado de coisas, pois eu já não era o príncipe mendigo de um povo miserável, mas sim, era um miserável mendigo.

Vi reis que se não tivessem o poder morreriam de fome, porque nem comer o faziam com suas próprias mãos. Outros tinham de lhes colocar o alimento na boca. E se colocassem uma quantidade maior ou menor que a desejada, o infeliz que o servia era chicoteado até a morte.

Por tudo isso, eu preferi caminhar como um mendigo, pois assim fui chamado por aquela em quem eu, na minha ignorância das coisas do amor, havia depositado o meu maior tesouro.

Eu não quis a fortuna com que o senhor Lahor me tentava todos os dias, pois ela não me atraía. Afinal, para que um miserável príncipe mendigo iria querer a fortuna?

Eu dei uma fortuna ao senhor Lahor quando lhe criei a obra máxima que minha alma de artista poderia criar, mas com isto eu consegui mudar o rumo que estava dando à minha vida.

O destino cruzou nossos caminhos, minha amada Mejouré. Se reassumo o título de príncipe ao seu lado, eu reassumo também a espada que todo príncipe tem de usar. Eu mesmo a forjarei, pois antes de ser artista tive de ser um artesão e conheço a ciência dos milênios melhor que meu mestre. Eu criei uma liga tão forte que estas lanças de madeira e espadas que se partem como pedras fracas nada serão quando confrontadas com a minha.

Se minha amada vive com medo dos que se armam para usurpar-lhe o reino, eu a defenderei com todo o meu saber e depositarei aos seus pés as coroas dos reinos inimigos.

E se ao reino do sul você tem que pagar tributos só para poder viver em paz, no tempo certo a coroa do Ceilão será tua tributária, minha amada. E se assim não fizerem, não só não viverão em paz como nem o direito à vida terão!

Todos os que tiraram a alegria de minha amada e a lançaram na parte escura do seu ser ficarão cegos com o brilho que terá sua coroa.

Se minha amada permitir, eu lhe farei com minhas próprias mãos a mais linda obra de arte que todos a cantarão. Sua coroa brilhará tanto que iluminará os confins do mundo e ainda assim ninguém se sentirá triste por viver sob o brilho dela.

O poder de minha amada será tão grande que ela poderá viajar sete semanas sob a luz do sol e da lua e ainda estará pisando terras do seu império.

Por fim eu digo: minha amada, ao amar minha deusa do amor libertou minha alma do poço escuro e profundo em que eu mesmo havia me aprisionado e conquistou o direito de ser amada como uma deusa por seus súditos, que cobrirão a face da terra.

— O que devo fazer para ter tudo o que promete o meu amado?

— Só precisa me nomear comandante do seu tão desorganizado exército, que a cada estação eu depositarei em tuas mãos a coroa de um reino conquistado.

— Então, meu amado esgotará toda sua energia nos campos de batalha, e quando retornar ao meu leito estará tão fraco que não poderei dar vazão às lavas do meu vulcão. Não foi para viver assim que eu fiz meu amado reassumir seu título de príncipe.

— Mas terá de ser assim, pois senão seu amado a reterá por tanto tempo no seu leito que nem o sol nem a lua iluminarão mais o rosto de minha amada.

— Meu amado tem tanta energia assim em seu ser imortal?

— O fogo que agora queima minha alma e anima o meu ser é tão poderoso que se eu não lhe der vazão, serei consumido por sua chama. O senhor do Fogo Divino, ao permitir que minha amada Mejoure resgatasse minha alma das trevas, abençoou sua união comigo e inundou minha alma com o seu poder incandescente, que a tudo queima para que tudo renasça. Neste momento eu sei qual é o preço que terei de pagar por ter sido libertado do meu cativo interior de um rubi.

Já fugi por duas vezes do meu destino, mas agora não fugirei. Eu o viverei com tão grande intensidade que minha chama queimará um pouco da miséria que há sobre a terra.

— Se a chama que o queima é tão intensa assim, então deixe-me ser consumida mais um pouco por ela, meu amado.

— Minha chama não a consumirá minha amada. Ela só a tornará a mais feliz das mulheres.

— Então viva comigo agora um pouco da minha felicidade, pois meu ser arde novamente nas chamas do desejo.


Eu envolvi Mejoure nos meus braços e incendiei sua alma com as chamas do prazer. Já ia amanhecer quando nos soltamos. Ela me trouxe uma bela roupa de príncipe, que não vesti, pois o sono tomou conta do meu corpo e adormeci no leito da minha amada. Por volta do meio-dia fui acordado por Mejoure que, assustada e aos prantos, disse-me que seu pai fora assassinado. Acordei assustado com seus gritos e, ainda atordoado pelo sono, a segui até os aposentos onde jazia o corpo. Uma adaga trespassara seu coração. A notícia se espalhou logo pela capital do reino de Mejoure. Como era costume, o corpo foi incinerado numa pira.

Após a cerimônia fúnebre Mejoure reuniu os comandantes do seu fraco exército e os submeteu ao meu comando. Eis como tudo se passou:

— Este é o príncipe Daher, o novo rei. Nós nos casamos secretamente há alguns dias e não me foi possível apresentá-lo como meu esposo devido ao assassinato do meu querido pai. A partir de hoje Sikhan Daher é o novo rei e eu confio o comando do exército a ele. Vocês obedecerão a partir de agora às ordens dele.

Eu intervi a partir daí.

— Senhores, já é hora de mudarmos um pouco as maneiras de agir deste exército. Chega de usar o seu poder contra o povo. Vamos



organizá-lo para que defenda o nosso reino. Não lançaremos mais os soldados contra os súditos da coroa real e sim contra os seus reais inimigos. Os senhores são os comandantes neste momento. Aquele que aceitar o meu comando e obedecer minhas ordens se cobrirá de glórias, mas quem não quiser me aceitar como comandante e rei, que agora, diante da princesa Mejoure, renuncie ao seu cargo, pois é hora de os guerreiros assumirem seus títulos e agirem como tal, deixando de ser os torturadores do seu próprio povo. Os que se submeterem às minhas ordens passem à minha direita, e os que não quiserem fiquem onde estão e aí mesmo deixem suas armas, pois estão dispensados de suas funções.

Todos passaram para a minha direita e um grito de aclamação brotou de suas gargantas.

— Viva Sikhan Daher, o novo rei!

A um sinal meu, Mejoure falou:

— Como presente ao povo pelas núpcias da princesa com o príncipe Sikhan, ordeno que o comandante das prisões liberte todos os prisioneiros. De hoje em diante a alegria voltará a reinar no seio do nosso povo. Que o arauto real leia em todas as praças do reino que já não é mais proibido ver o rosto da princesa Mejoure. Lerá também o novo código de leis e obrigações que passará a ter validade em nosso reino.

O novo código eu mesmo havia redigido. Era simples e conciso. Dividia as rendas em três partes. Uma para o povo outra para o reino e a terceira para a coroa.

Proibia todos os tipos de crimes e a cada um uma sentença era fixada.

Também obrigava o povo a fornecer os efetivos do exército.

Havia ainda vários outros deveres e obrigações por parte do povo, reino e coroa.

Eu arregimentei homens e os instruí na arte da metalurgia. Em pouco tempo espadas, lanças e setas nunca vistas antes começaram a ser feitas próximo do local onde o minério era extraído. Os artesãos que as fabricavam não podiam se afastar do local onde eram produzidas.

As minas de extração de pedras preciosas tiveram suas atividades intensificadas, e as de ouro também.

As aldeias foram esvaziadas e o povo conduzido a campos férteis e ociosos. Iriam trabalhar a terra na produção de alimentos. Teríamos a maior produção de alimentos já vista naquele reino.

Instituí várias festividades alusivas a sementeira, colheita, primavera e a vários deuses.

O tesouro real de Mejoure era imenso antes de minha chegada e eu o usei em parte para formar a melhor cavalaria. Meus enviados iam até outros reinos e compravam as melhores montarias e as traziam para um local escolhido para treinar os meus soldados que formariam uma cavalaria superior à Pérsia, pois minhas armas eram superiores.

Do treinamento, eu mesmo cuidava. Formava um grupo até que se tornassem exímios na arte da guerra depois iniciava novos grupos.

As novas setas com ponta de ferro tinham uma precisão impressionante e eu fazia meus arqueiros treinarem o dia todo. Mas também deviam saber manejar a espada e a lança com perfeição. Meus soldados lutariam em qualquer campo.

Devido ao código simples e conciso, nosso reino começou a atrair pessoas que aspiravam à liberdade. Todos eram aproveitados de acordo com suas habilidades. Nosso código correu de boca em boca por vários reinos vizinhos e isto provocou a ira dos seus regentes. Mas nada podiam, pois não tinham uma alternativa a oferecer aos seus súditos.

Muitos mestres apareceram antes de eu completar um ano no poder. Eu, que sabia reconhecer um de verdade quando o via, os reunia à minha volta. Todo mestre só quer o bem dos seus semelhantes e aqueles não eram diferentes dos que eu conhecera no reino de meu pai.

Eu sabia que com eles vinham o saber, a lei e a razão. Os amparava às expensas do tesouro de Mejoure, que crescia todo dia mais um pouco, pois novas minas foram descobertas e todas eram propriedade da coroa.

Mejoure estava encantada com o novo palácio que eu mandara construir para ela, bem ao lado da construção de um templo ao senhor Agni, senhor do Fogo Divino!

Era o senhor do meu destino e num gesto de gratidão eu lhe construí um imenso templo onde seria adorado pelos súditos do reino da coroa de diamante. Este era o nome pelo qual eu chamava o reino de Mejoure, e pelo qual passou a ser chamado.

O nome proveio da coroa que fiz para minha amada. Moldei o ouro fundido, poli com todo carinho, então entalhei e depois lapidei um enorme diamante, engastando-o na parte frontal de sua coroa. As outras pontas eu deixei sem nada. Quando lhe presenteei com a nova

coroa ela perguntou-me o sentido que possuía o diamante único, sem mais nada a enfeitar sua coroa real.

— Este diamante simboliza o seu reino, Mejouré. Quanto às pontas sem nenhum enfeite, eu as enfeitarei com os reinos que eu prometi conquistar para você, minha amada!

— Você não tira esta idéia da cabeça Sikhhan? Eu só quero tê-lo a meu lado e nada mais. Será que só a minha companhia não o satisfaz?

— Muito minha amada! Mas eu prometi que não temeria reino nenhum e cumprirei minha promessa.

— Ninguém nos ameaça Sikhhan amado. Creio que sua atividade intensa os acalma o suficiente para conterem suas ambições.

— Está enganada Mejouré. Há uma movimentação intensa ao nosso redor. Não tardará o dia em que as ambições serão maiores que a razão. Então neste dia sua coroa de diamantes começará a receber as pedras preciosas que ainda lhe faltam.

— Podia deixar um pouco as armas e ficar mais tempo ao meu lado, pois sinto sua ausência Sikhhan!

— Não a sentirá por muito tempo minha amada. Logo que terminar o novo palácio, teremos tempo suficiente para vivermos com mais intensidade nosso imenso amor.

— Assim espero, pois sinto tanto sua falta quando vou me deitar e vejo meu leito vazio.

— Já organizei o reino e logo poderei organizar minha vida pessoal. No novo palácio tudo será mais fácil. Nele haverá lugar para instalarmos toda a administração do reino.

— Precisa ser tão grande assim?

— Não pode ser de outra forma, pois nele haverá de tudo.

— Espero que depois dele concluído você o habite por mais tempo que neste aqui.

— Você se cansará de tanto me ver, minha amada Mejouré!

— Ainda que eu viva mais mil anos não me cansarei de você, Sikhhan!

— Eu também gosto de estar ao seu lado, minha amada!

— Então eu quero viver um pouco agora, meu amado!

E Mejouré viveu um pouco na chama do meu fogo. Quando estávamos juntos este fogo nos animava com intensidade.

Mas logo veio o dia que eu tanto aguardava. O reino do outro lado do Ganges não resistiu à ambição e invadiu o reino da coroa de

diamante. O exército invasor era composto de várias dezenas de milhares de homens.

Eu reuni meus comandantes e ordenei que arregimentassem seus exércitos. Eu os havia dispersado por vários pontos do reino e os mantivera oculto dos olhos curiosos dos espiões dos inimigos.

Quando a marcha teve início, Mejoure veio se despedir de mim.

— Cuidado com sua vida, Sikhan. Não quero que nada lhe aconteça, meu amado!

— Nada me acontecerá minha amada. Quando eu regressar terá a primeira coroa aos seus pés e então adicionarei mais um diamante à sua.

— Eu só o quero com vida no seu regresso. Não vá morrer só para conquistar um diamante para minha coroa. Eu nada faço com um diamante, mas com você ao meu lado, sou a mulher mais feliz do mundo.

— Logo me terá de regresso, Mejoure. Até a volta minha amada!

— Volte logo Sikhan, pois meu leito ficará frio com sua ausência.

— Quando eu voltar, ele arderá no fogo que anima o nosso amor. Não deixe que interrompam a construção do novo palácio ou do templo dedicado ao senhor do Fogo Divino, Mejoure!

Eu a abracei e dei-lhe um longo beijo de despedida.

Meu exército pôs-se em marcha ao encontro do inimigo, que já avançara bastante em nosso reino. A terra iria se tingir com o sangue inimigo, pois meus exércitos estavam adestrados na arte de se colocarem harmonicamente em ação. Emoções, raciocínio e movimentação agiriam coordenadamente à ordem dos comandantes, todos adestrados na minha filosofia de vida adaptada à arte da guerra.

Tudo no meu exército desenvolvia-se de forma ordenada. O primeiro confronto foi só um treino para meus soldados. Do segundo em diante, puderam sentir na prática a vantagem das armas que possuíam, aliadas a um adestramento muito superior, e o campo cobriu-se de corpos dos soldados inimigos e a terra encharcou-se de sangue. Cavalaria, infantaria e arqueiros avançavam tão sincronizados que o inimigo não tinha como se defender. Não travávamos combates, e sim massacres. Em poucos dias meus exércitos cruzaram o Ganges e o terror tomou conta do reino inimigo. Subjugá-los foi tão fácil, que ordenei que meus exércitos avançassem sobre os reinos que o haviam auxiliado na invasão do reino da coroa de diamante.

Ao fim de quatro meses, três reinos haviam sido subjugados à coroa de diamante.

Os reinos subjugados deixaram de existir como tal e passaram a ser uma extensão do reino de Mejoure.

Só interrompemos nossa marcha nas fronteiras do reino chamado, nos dias de hoje, de Birmânia. Isto depois de receber em nosso acampamento os enviados do monarca daquele povo que vinham saber o que desejávamos receber em troca de não os invadirmos. Um tratado foi firmado com eles e ali eu estabeleci as fronteiras do reino da coroa de diamante.

No tratado ficou estabelecido o direito ao livre comércio e trânsito dos habitantes e o comércio foi estabelecido. Como presente ao reino da coroa de diamante por sua amizade um imenso tesouro foi oferecido, e todos os tesouros conquistados dos reinos subjugados juntaram-se a este e a longa marcha de volta teve início. Em cada região conquistada ficara uma guarnição bem instruída para dela cuidar, e um "marajá" iria dirigi-la de acordo com o meu princípio administrativo: um terço para o povo, outro para o estado e o último para a coroa.

Novo exército seria formado pelo marajá de cada região. Eu desmembrara os reinos em regiões para melhor impor o meu código. Ele seria válido para todas igualmente.

Do palácio de Mejoure uma só lei irradiaria por todo o reino. Nos exércitos uma só doutrina os regeria. E para todos os povos conquistados um só rei e uma só princesa. Os marajás seriam os encarregados de fazer cumprir minhas determinações.

Aos soldados do meu exército impusera uma lei rigorosa: um súdito deve ser tratado como um ser humano e não deve ter sua integridade violada desde que respeite as leis da coroa de diamante.

Os arautos levaram a todos as novas leis que os regeriam. Isto quebrou qualquer resistência ao novo rei e seu exército ocupante, que arregimentou muitos súditos ainda jovens para engrossar suas fileiras. Assim a doutrina se manteria forte e o código impor-se-ia com maior rapidez.

Isto tudo era posto em ação assim que uma cidade, aldeia ou reino era incorporado. Muitos sábios dos reinos conquistados foram recebidos em audiência por mim, que, como bom orador, os dobrava ante a lógica das minhas determinações e do meu código. Templos

foram respeitados e os sacerdotes poupados do fio da espada com uma condição: que não pregassem a sedição aos fiéis dos seus cultos religiosos.

Em todas as regiões a que haviam sido subdivididos os reinos conquistados, um templo a Agni, o senhor do Fogo Sagrado seria levantado pelo marajá. Este era o meu sonho. Unir o povo, o estado e a coroa sob um único Deus. O senhor do meu destino seria este Deus que faria a simbiose do poder com o povo.

Sikhan Daher era a mão armada de Agni, o senhor do Fogo Divino. Uma lenda começava a nascer de uma promessa minha ao senhor do meu destino: em cada reino conquistado seria feita uma consagração da vitória obtida a ele, o meu Deus guerreiro!

Meus soldados começaram a reverenciá-lo com tal devoção que até a mim eles surpreenderam.

Nascia uma consciência mística na mente daqueles guerreiros.

Devo acrescentar que após a queda do primeiro reino, não perdemos mais soldados nas batalhas travadas. A destreza dos meus guerreiros os livrava da morte, tão comum no campo de batalha.

Só alguns, colhidos por acidentes, morreram, mas não no campo de batalha.

Sete meses depois de iniciada a marcha rumo à vitória, partíamos de volta ao palácio de Mejouré. Em sete meses havíamos atingido as fronteiras estabelecidas para o reino da coroa de diamante.

Uma parte dos meus exércitos originais ficara para trás, cuidando para que o meu código fosse imposto.

Mais novos contingentes foram agregados, e se ao partir eu levava à minha retaguarda 60.000 soldados, agora voltava com mais de cem mil.

Eu imporia àqueles jovens incorporados aos meus exércitos uma doutrina de ação militar, meu código e meu senhor do Fogo Divino.

Três meses depois de iniciado o retorno já estava eu com o meu exército às margens do Ganges iniciando sua travessia. Já não havia mais fronteiras para impedir o livre trânsito por ele. As suas duas margens tinham uma só coroa, a coroa de diamante de Mejouré.

E Sikhan Daher era o guardião da coroa de sua amada!

Os marajás que haviam se estabelecido adotaram tão bem minha doutrina que na nossa volta os primeiros frutos já foram colhidos. Do primeiro reino conquistado meses antes, as safras foram tão

generosas que a fome de antes já não existia e pude orar em alguns templos, levantados às pressas ou improvisados pelos novos representantes da coroa de diamante.

O terço do reino estava sendo investido na manutenção deles e o terço da coroa foi levado pelo exército para ser depositado aos pés de Mejure.

As carroças iam abarrotadas. De tudo, um pouco havia. Alimentos duráveis, levávamos de volta o suficiente para alimentar os meus exércitos por um ano inteiro. O que não podia ser levado ficou à disposição das guarnições dos marajás.

Já havia avançado bastante no território original do reino de Mejure quando recebi uma notícia que alterou todo o meu íntimo.

Mejure havia sido aprisionada pelos que reinavam ao sul do continente.

Eu havia deslocado quase todos os meus exércitos na longa campanha por não desconfiar que receberia um golpe dos que recebiam tributos de Mejure.

— Conte-me com calma o que houve, mensageiro.

— Tudo começou de repente, senhor! Primeiro vieram os que recebiam o tributo e disseram que devido ao enriquecimento do reino a princesa teria de pagar o triplo do estipulado no tratado. Como ela recusou-se a aceitar tal coisa, eles se retiraram com a parte combinada. Mas alguns dias depois invadiram a capital do reino e levaram a princesa como refém. Os soldados lutaram bravamente, mas o número de inimigos era tão grande que foram derrotados. Após fazer da princesa prisioneira deixaram um novo tratado para ser reconhecido por sua alteza. Só assim a libertarão.

— Qual é a nova condição mensageiro?

— Exigem a metade de tudo o que o reino produz, meu senhor.

“Eles não receberão só a metade e sim tudo, mas será o que eu desejo lhes dar. E o que tenho a lhes oferecer é minha espada afiada”, pensei.

Virei-me para o arauto e ordenei-lhe:

— Arauto, reúna todos os comandantes na minha tenda o mais rápido possível!

Pouco tempo depois todos estavam à minha volta.

— Senhores, quando eu os convidei a se cobrirem de glória não sabia que ela seria tão grande. Vamos dominar todo o continente

desde as altas cordilheiras até o sul e desde nossa nova fronteira estabelecida junto ao reino de Kalér até a Pérsia. Nossa glória será tão grande que poderão viajar sete meses em marcha forçada, tanto sob o sol quanto sob a lua que ainda estarão em solo do reino da coroa de diamante.

Um grito ecoou na tenda.

— Viva Sikhhan Daher, filho do senhor do Fogo Divino!

Eu retribuí a saudação com outra tão generosa como a que me dedicaram.

— Vivam os comandantes de Sikhhan Daher, que têm suas espadas forjadas nas chamas do fogo vivo do senhor do Fogo Divino! Voltaremos à capital o mais breve possível senhores. Coloquem em marcha acelerada seus exércitos. Eu irei na frente com a cavalaria.

Dois dias depois eu chegava ao palácio de Mejoure e a tristeza tomou conta do meu ser ao vê-lo queimado. Suas riquezas haviam sido saqueadas. O imenso tesouro acumulado fora levado com os que vieram do sul.

— Minha espada não saciará sua sede de vingança enquanto não beber o sangue do rei destes miseráveis.

Reuni os comandantes da cavalaria e ordenei-lhes:

— Convoquem dez mil novos soldados entre a população do reino. Vamos prepará-los para defenderem a capital do reino. Isto nunca mais acontecerá ao reino da coroa de diamante. Enviem uma tropa para nos trazer todas as armas já prontas e ordenem que aumentem a produção, pois vamos precisar de muitas mais. Recolham também o terço devido ao reino e o outro da coroa, pois vou precisar deles a partir de agora.

Amanhã estabeleceremos nossa estratégia de ação. Assim, quando o restante de nossos exércitos chegar, já estaremos prontos para avançar sobre os traiçoeiros que levaram a princesa.

— Não teme pela vida dela meu rei?

— Se parar para pensar nisso, não iniciarei esta campanha. Vá fazer o que ordenei, comandante.

— Sim senhor!

Eu estava diante do palácio de Mejoure e ao olhar mais uma vez para ele me decidi.

— Vou terminar o palácio novo e quando minha amada voltar, ficará encantada com ele. O tesouro que tiraram deste não será nada perto do que trarei de volta, junto com minha amada.

Dias depois o resto dos meus exércitos acampavam próximo da capital.

Os novos soldados convocados começaram a ser treinados e armas novas foram distribuídas aos soldados incorporados durante a expedição vitoriosa.

Enviei mensageiros para saber ao certo como eu deveria proceder para ter minha amada de volta. O que eu queria saber era onde ela estava, pois eu suspeitava de nova traição.

Construí uma enorme muralha ao redor do novo palácio e dependências para alojar o novo regimento formado.

Tinha à minha disposição cem mil homens e coloquei todos para trabalhar com afinco na construção do novo palácio.

O novo palácio seria uma fortaleza incontestável e nela se assentaria o poder da coroa de diamante. Eu cumpriria o prometido à minha amada.

Uma parte dos soldados eu deslocara para as fronteiras e novas fortalezas começaram a ser levantadas com parte do tesouro conquistado na expedição. Eu mandara espíões vigiarem qualquer movimentação de tropas inimigas além das fronteiras.

Minha mente trabalhara com todos os seus sentidos e nada eu procurava deixar no acaso. Quando eu avançasse sobre eles sentiriam o poder da espada de Sikhan Daher.

Os mensageiros voltaram com notícias do rei traidor. Eles manteriam Mejouré como refém até receberem metade do que o reino produzia.

— Isto é uma coisa inaceitável, pois eles não pretendem libertá-la quando receberem o que pedem. Irão nos chantagear até esgotarem o reino. Vamos invadir os dois reinos ao norte, senhores! — falei aos meus comandantes.

— Mas isto é uma loucura, meu rei. Não temos contendas contra eles!

— Por enquanto não. Mas se souberem que partimos para o sul, nos invadirão pelo norte e estaremos cercados e sem nosso reino. A partir de agora não temos nada mais que inimigos, do Ganges até a Pérsia. Vamos acabar com a ameaça ao norte e depois desceremos pelo oeste. Tudo agora está para ser conquistado. A sorte nos sorri e a glória nos aguarda. Que os mais adestrados e competentes sigam conosco e o restante fique estacionado em pontos estratégicos do

reino para o defender. Ser apanhado de surpresa uma vez é humano, duas é tolice.

— Ao norte, meus comandantes. — gritei.

— Ao norte Sikhan Daher! A glória aguarda o filho do senhor do Fogo Divino.

No dia seguinte nova expedição era iniciada. Dez dias depois meus exércitos cruzavam a fronteira norte e o sangue correu sobre a terra. Os reinos ao norte e a oeste foram conquistados com extrema facilidade.

O código e a doutrina de Sikhan Daher se impunham sobre novos reinos. Quatro meses duraram esta expedição e a fronteira norte foi estabelecida. O grito de glória nos esperava e ecoava em todos os meus exércitos.

O nome de Sikhan Daher ganhou um adjetivo. Eu era agora Sikhan Daher, o conquistador.

A prática tornava meus soldados tão profissionais que os movimentos das tropas eram tão harmônicos e coordenados que os comandantes já tinham pouco trabalho ao conduzi-los.

Quando meus exércitos voltaram a entrar no reino pelo sudoeste, já eram duzentos mil homens a saldar-me com estas palavras:

— Viva Sikhan Daher, o conquistador e filho do senhor do Fogo Divino!

Os espiões do sul me traziam notícias sobre grande movimentação de exércitos.

— Os ratos estão saindo dos seus buracos, senhores! Logo teremos notícias deles.

— Não vamos atacá-los já, grande Sikhan?

— Primeiro deixaremos eles se agruparem. Assim será mais fácil e rápido derrotá-los.

— Isto pode ser muito difícil meu rei. Ao juntarem suas forças teremos de lutar muito mais, pois eles são muito numerosos.

— Está enganado comandante. Como foi sua primeira batalha?

— Difícil.

— E a segunda?

— Um pouco mais fácil.

— E a terceira.

— Muito fácil de ser ganha.

— Então a que atribui esta dificuldade na primeira e facilidade na terceira?

— Experiência meu rei. Tem razão! Quanto mais soldados eles incorporarem aos seus exércitos, menos experientes eles se tornam. Nós já temos as emoções, o raciocínio e a movimentação harmonizados e atuando em perfeita coordenação. Na pior hipótese serão batalhas memoráveis e, na melhor, um massacre gigantesco das fileiras inimigas.

— Então?

— A glória nos espera, grande Sikhan Daher!

— Então distribuam a décima parte dos tesouros conquistados entre os soldados e lhes dê um pouco de descanso, senhores! Deixem que eles visitem suas famílias e quando voltarem que venham com saudade dos campos de batalha. Quanto aos novos incorporados, instruem-nos e os doutrinem de acordo com nosso código de conduta e doutrina de ação.

— Quando o momento chegar terá um exército tão poderoso que varreremos o sul do continente e estacionaremos nossas tropas no palácio do rei Sager.

— Vão descansar também, pois já faz muito tempo que não o fazem. Todos temos um limite e devemos respeitá-lo, senhores.

— Qual o limite do grande Sikhan?

— A fronteira persa, senhores. É lá que construiremos nossa última fronteira.

— Por que só a fronteira persa, grande Sikhan?

— Levaremos sete meses marchando sob o sol e sob a lua para percorrer o nosso império, tanto de norte a sul como de leste a oeste. Não acham que já estará bom, senhores?

— Então os nossos limites são os limites do grande Sikhan Daher, o conquistador de terras e de povos, de corações e mentes.

— Isto mesmo senhores, não adianta conquistarmos só os reinos. Temos de conquistar os seus habitantes também. Só assim nosso império será tão sólido e duradouro como os diamantes da coroa do diamante.

Eu encerrei a conversa e fui ver como estava o novo palácio. Estavam terminando sua construção. Mais algumas semanas e começariam a decorá-lo segundo minhas ordens. Mejouré ficaria feliz ao vê-lo! Uma ala já estava pronta e sendo usada. Era a ala do tesouro da coroa. As regiões dirigidas pelos marajás já nos enviavam o terço devido à coroa. As novas conquistas haviam rendido menos que a

primeira expedição, mas adicionaram uma quantia muito grande ao tesouro real. Tudo isto mais as rendas do reino original encheram os salões onde eram guardados.

O reino fervilhava em atividades. Estradas, pontes e fortalezas que abrigavam os soldados eram construídas por toda a parte. A movimentação pelo reino era a cada dia mais fácil. O afluxo de habitantes oriundos dos reinos conquistados era muito grande e tornavam o comércio muito ativo.

Eu sorri ao ver tudo aquilo e pensei: Sikhan Daher, fugir uma vez do destino é humano, duas vezes, uma idiotice, e a terceira seria covardia. Sikhan, você não fugiu do seu destino pela terceira vez, portanto a glória o aguarda, impaciente!

Fui interrompido no meu devaneio com a chegada de um mensageiro. Ele trazia notícias do rei Sager. Fui ao encontro dos seus mensageiros.

— O que têm a dizer-me os mensageiros do rei Sager? — perguntei-lhes quando diante deles.

— Como não aceitou as condições de nosso rei, ele quer marcar um encontro com o grande Sikhan Daher para discutirem um novo tratado.

— Voltem ao rei Sager e digam a ele que irei ao seu encontro só quando devolver minha princesa Mejoure viva e saudável. Só após isto feito eu irei pessoalmente ao seu encontro. Agora saiam de minha frente!

— Com vossa licença grande Sikhan. Logo terá notícias do nosso rei.

— Estarei aqui mesmo, senhores!

Quando fiquei a sós com meus comandantes, um tomou a palavra.

— Quais serão as intenções do rei Sager, meu rei? Por que será que propõe um encontro quando temos notícias que dizem o contrário?

— Ele quer ganhar tempo e armar-me uma cilada. Vamos avançar um pouco mais para o oeste, senhores. Se ele demorar muito, nós o isolaremos no sul e depois tudo será mais fácil.

O que não podemos fazer é permitir um relaxamento dos soldados. Avancem sobre os dois reinos que são tributários do rei Sager. Vamos secar suas fontes de suprimento gratuito de alimentos e valores. Quanto mais ele demorar para devolver a princesa Mejoure,

mais difícil ficará sua situação. Levem metade dos exércitos e só voltem quando tiverem estabelecido novas fronteiras do reino da coroa de diamante.

— Assim será feito, grande Sikhan. Em breve o rei Sager saberá que o reino de Sikhan aumenta mesmo que ele fique sentado no seu trono e use apenas uma parte do seu poderoso exército.

— É isto senhores! Um só sentimento, uma só emoção, uma só razão e um só movimento. Em frente senhores, que a glória nos espera!

Eles traçaram a estratégia de ação. Desta vez eu não dei palpites. Só observei o traçado e dei minha aprovação. Meus comandantes já tinham se integrado totalmente à minha doutrina aplicada na arte da guerra.

Algumas semanas depois as boas notícias começaram a chegar. O primeiro reino caíra e o segundo não opôs resistência alguma. Mais uma distribuição do exército e nova incorporação de soldados que seriam doutrinados. Soldados vindos de além Ganges eram estabelecidos nas novas regiões sob as ordens dos meus marajás. Estes eram escolhidos do exército original e estavam totalmente integrados ao meu código e doutrina. Lealdade era a palavra mais usada e praticada. A esta altura, meu reino já se igualava ao do rei Sager, e isto o assustou. Para alegria minha, recebi mensageiros que vieram me dizer que Sager aceitava minha condição para que um encontro entre nós dois se realizasse.

— Quando ele devolverá minha princesa?

— Assim que voltarmos com uma mensagem vossa indicando quando e onde se encontrará com ele.

— Digam a ele que me envie uma comitiva de alto nível acompanhando a princesa. Eu seguirei com ela ao encontro dele, no local em que for de sua preferência.

— Logo terá sua princesa de volta, rei Sikhan!

— Assim espero. Senão, não irei ao encontro dele para dialogar, e sim, matá-lo!

Minha firmeza os impressionou e sete dias depois minha princesa amada estava de volta. Já fazia muito tempo que não nos víamos. Ela estava com sua alma negra como breu. Imaginei que fosse devido ao cativeiro prolongado e ao sofrimento que passara. Abracei-a como um jovem apaixonado, pois eu amava minha amada Mejoure! Os membros da comitiva foram alojados numa ala especialmente construída para receber visitantes e não tinham acesso ao corpo

principal do palácio. A ala fora construída de tal forma que podiam ser vigiados sem perceberem. Tudo eu planejava muito bem para não deixar nada ao acaso. Eu tanto podia ver como ouvir os meus hóspedes sem que eles viessem a saber.

Levei minha amada para conhecer o novo palácio. Não lhe contei dos detalhes nem lhe mostrei o local onde eu guardava o tesouro.

— Como é bonito este palácio Sikhan. Acho que vou gostar dele!

— Irá adorá-lo, minha amada. Tudo o que faltava no outro, aqui terá à mão. Venha vou mostrar-lhe a ala onde estão alojados os sábios do reino.

— Você reuniu no seu palácio os sábios do reino?

— Sim, e os que cuidam da formação de sacerdotes dos templos do senhor do meu destino.

— Você não é o senhor do seu destino Sikhan?

— Sabe muito bem que não, amada Mejoure! Meu destino não me pertence. Mas não falemos no destino e sim de nós dois. Como foi que a trataram este tempo todo?

— Muito mal Sikhan. Fiquei encerrada num aposento onde só via o sol através de uma janela altíssima.

— Alguém a tocou ou a feriu, minha amada?

— Nada que eu não pudesse suportar me foi infligido, Sikhan. Eu estranhava ela não ter me chamado nem uma vez de amado Sikhan, mas atribui isto ao sofrimento que passara.

— Venha Mejoure. É hora de conhecer onde está o valor deste palácio.

— Vai me mostrar a sala do tesouro?

— Vou lhe mostrar o meu maior tesouro, minha amada. Dedi-quei-me com afinco em juntá-lo todo sob meu poder.

Eu a conduzi por um longo e iluminado corredor todo ornado com pinturas, as mais lindas possíveis. O final dele dava passagem para um enorme jardim. Havia fontes de água espalhadas por todo ele.

— Eis aí o meu maior tesouro, Mejoure. Aqui é o local mais aprazível do mundo. Eu o chamo de meu jardim da paz.

Nele posso ouvir o canto dos pássaros ou o sussurrar das águas. Posso trocar idéias com os sábios, os mestres e os magos do culto ao senhor do meu destino.

— Até magos você trouxe para cá, Sikhan?

— Eu havia lhe dito que faria isto ou já esqueceu disto também, Mejouré?

— Esqueci-me de muitas coisas Sikhan, desculpe-me. Com o tempo vou começar a me recordar como foi boa a vida ao seu lado.

— Eu a farei se lembrar de muitas coisas esta noite, Mejouré.

Ela deu um sorriso ao ouvir isto de mim e comentou:

— Até que enfim ouço algo que me alegra. Estou ansiosa para que me faça recordar estas coisas. Faz tanto tempo que anseio por suas carícias!

— Logo não ansiará por mais nada, minha amada. Vamos, alegre-se, pois está de novo no seu reino! Olhe, lá vêm os magos que cuidam da formação de novos sacerdotes. Vou apresentá-la a eles.

Eu os trouxe da outra margem do Ganges. Eram os responsáveis por um grande templo e como gostei deles e do saber que possuíam, convidei-os a me acompanhar. Tive muito trabalho para convencê-los do meu interesse por sua sabedoria e poder. Só me acompanharam quando ficaram convencidos das minhas boas intenções.

— Quais são suas intenções, Sikhan?

— Espalhar por todas as regiões da coroa os templos dedicados ao senhor do meu destino e sua doutrina.

— Você fala tanto em senhor do seu destino como se ele fosse mais importante para você que eu. Está se tornando muito religioso Sikhan!

— Creio que algo está se transformando em meu interior, Mejouré.

Eu parei de chamá-la de amada Mejouré, pois estava me sentindo pedante com a não correspondência ao modo de tratá-la. Já estávamos nos aproximando dos magos quando ela alegou que precisava fazer algo, e pediu-me licença para se retirar rapidamente, após eu indicá-lhe onde ficava o sanitário mais próximo.

Após ela se retirar rapidamente eu fui ao encontro dos magos. Saudei-os.

— Como vão os amados mestres da luz do fogo vivo?

— Numa atividade intensa, filho do Fogo Divino. Quem era aquela mulher?

— Ela é a princesa Mejouré. Finalmente a recebi de volta do rei Sager.

— Ela é muito estranha, nosso rei. Viu a sua cor?

— Sim. Está muito diferente da cor que ela possuía.

— Muito estranha mesmo. Algo em sua cor revela uma natureza muito cruel.

— Como podem dizer tal coisa de minha amada? Ela é a pessoa mais bondosa e delicada que já conheci.

— Perdoe o meu modo de falar, filho do fogo! Mas é nosso dever alertá-lo para o perigo que corre.

— Por parte de Mejouré? Fiquem tranqüilos senhores e nada temam, pois logo ela recuperará sua cor irradiante. Ela não quis me dizer o que havia sofrido no seu cativeiro. Deve ter sofrido muito e perdido sua cor. Mas logo a recuperará.

— Por que ela não veio até nós, filho do fogo?

— Precisou sair correndo para fazer uma necessidade. Logo estará de volta. Agora contem-me como vão os preparativos para a abertura do grande templo do Deus do Fogo Divino.

Ficamos conversando por muito tempo a respeito dos preparativos. Iria ser a realização do meu maior sonho. Era a forma de eu reverenciar o senhor do meu destino. Sentia-me feliz em cumprir uma promessa feita no dia em que consagrara minha espada nas chamas de uma fogueira ritual. Mais uma promessa se realizaria. Após ouvir todas as explicações sobre os preparativos pedi-lhes licença para ir à procura de Mejouré.

— Ela deve ter-se perdido no interior do palácio, pois ainda não o conhece.

— Nós gostaríamos muito de conhecê-la pessoalmente, filho do fogo. Convide-a para nos visitar assim que puder.

— Eu mesmo a trarei até os senhores, já que ela mesma pediu para que eu reunisse os maiores mestres, pois desejava se instruir com quem poderia ensiná-la de verdade.

— Sentiremo-nos honrados em ensinar sua princesa.

— Com sua licença, Mestres da Luz.

— Nós o saudamos com nossa bênção, filho do fogo. Oraremos ao sagrado Agni para que ele o proteja sempre.

— Agradeço de todo o meu coração.

Eu saí à procura de minha amada. Certamente ela teria se perdido em alguma ala do palácio. Depois de muito procurá-la encontrei-a sentada nas escadas que davam acesso aos nossos aposentos.

— Mejouré, o que faz sentada aí?

— Eu o esperava Sikanhan. Não soube como voltar ao seu jardim e após muitas tentativas achei melhor esperar que você me encontrasse.

— Fez muito bem, pois é possível alguém perder-se neste palácio. Cem mil pessoas foram usadas na sua construção quando eu resolvi levantá-lo. Logo ele estará todo terminado, pois só faltam detalhes. Vamos para nossos aposentos, pois precisa se preparar para a recepção desta noite. Hoje depositarei aos teus pés todos os reinos conquistados para você, como lhe prometi naquela noite inesquecível.

— Foram muitos os reinos conquistados Sikhan?

— Sim, minha amada! Hoje o reino da coroa de diamante estende-se das fronteiras de Rashnus (Birmânia) até o centro do continente. Lá está sendo construída uma das maiores fortalezas do reino. A partir dela chegarei até a fronteira do reino persa.

— Pretende ir tão longe com suas conquistas Sikhan?

— Sim. Fará fronteira com o povo persa e o sul será onde termina o continente.

— Vai destruir o rei Sager?

— Vou saciar a minha vingança no dia em que lavar minha espada com o sangue dele.

— Então o seu império será o maior do mundo.

— Isto mesmo, Mejouré! O senhor do meu destino terá um templo em cada região conquistada e eu queimarei incenso em todo o império, que logo conquistarei. Terá aos seus pés tantas coroas que não poderá contá-las de uma só vez.

— Grandes são os seus sonhos, Sikhan!

— Nossos sonhos, minha amada, lembra-se do que juramos ao senhor dos nossos destinos?

— Você fala tanto em senhor dos nossos destinos, mas não me lembro quem é ele. Acho que o cativo me afetou muito Sikhan. Quem é o senhor do seu destino?

— Já que está tão esquecida eu vou tentar reavivar sua memória. O senhor dos nossos destinos é o sagrado Agni, senhor do Fogo Divino.

Ela estremeceu ao ouvir o nome de Agni, o Fogo Sagrado. Sentiu um mal-estar e quase caiu. Eu a amparei nos braços e perguntei-lhe o que havia acontecido.

— Um mal-estar apenas, Sikhan. Logo estarei boa. Leve-me aos nossos aposentos, pois gostaria de me deitar um pouco.

Eu a tomei nos braços e a levei aos nossos aposentos. Pouco depois ela já havia se recuperado. Então eu a convidei para banhar-

se, pois devia estar preparada para a recepção da noite. Isto a animou um pouco e logo ela se banhava, sorrindo para mim.

Quando insinuei entrar junto com ela na banheira, pediu-me para não fazê-lo.

— Por que minha amada? Era algo que sempre fazíamos juntos e a deixava muito feliz.

— Agora estou mudada Sikhan. Dê algum tempo para eu me adaptar à vida ao seu lado.

— Está bem, minha amada. Vou ficar deliciando minha visão com a visão de sua beleza. Isto a incomoda?

— Agrada-me muito poder alegrá-lo, meu amado. À noite irei proporcionar-lhe muito mais do que uma simples visão pode fazer por você.

Eu me alegrei em vê-la me chamar de seu amado. Minha Mejouré estava voltando a ser a mesma de antes. Só uma coisa me intrigou ao vê-la recolher todos os fios de cabelo que haviam caído de sua cabeça ou se quebrado.

— Por que fez isto, minha amada?

— Como nada tinha para distrair-me no meu cativeiro, eu acostumei-me a recolher meus cabelos que caíam na água. Contá-los e guardá-los era para mim uma boa distração, por isso acho que vou demorar a perder este hábito. Incomoda-o se eu fizer isto?

Ela estava nua à minha frente. Não resisti e a abracei com força.

— Nada que faça me incomoda, minha amada. Faça o que lhe agrada e ficarei muito feliz.


— Vá banhar-se agora, meu amado, pois temos que estar prontos logo ou já se esqueceu disso?

— Você me faz esquecer de tudo quando estou ao seu lado. Ainda mais, assim, tão bela e tão tentadora.

— Esta noite eu o farei se esquecer de tudo, meu amado. Vamos logo para que possamos voltar o mais rápido possível e nos entregar às delícias do leito.

Eu a soltei contra minha vontade e fui banhar-me na outra banheira que havia no aposento. Quando terminei, ela já estava vestida, mas veio até onde eu estava e começou a apanhar os poucos fios de cabelo que pairavam sobre a água ou estavam juntos à borda da banheira.

— Por que fez isto agora, minha amada?



— Vou guardar os nossos cabelos. Porei os meus num lugar e os seus noutros. Quero ver quem perderá mais cabelos no fim de um ano. Quem perder mais cabelos será escravo do outro por toda a eternidade, meu amado.

— Espero perder mais cabelos que você, minha amada, só para servi-la por todo o sempre.

— Não tire este prazer de mim, meu amado. Eu quero ser sua escrava e realizar todos os seus desejos.

Eu sorri ao ouvir isso. Minha amada estava voltando a ser como antes. Depois de me vestir descemos para o salão de recepções, que já estava lotado com os convidados. Os mestres estavam sentados à minha direita e meus comandantes à esquerda. Só depois vinham os convidados.

Ela sentou-se à minha esquerda e ficou olhando à frente como se não quisesse olhar para ninguém.

Toda a volta do imenso salão estava tomada. Então, a um sinal meu, foram trazidas uma a uma as coroas dos reinos conquistados e depositados aos seus pés. Depois um servidor entrou no salão com uma reluzente coroa. Ela possuía na sua frente um imenso diamante e à sua volta um menor para cada reino conquistado.

— Eis sua coroa minha princesa! Sikhhan Daher cumpriu o que prometeu à sua amada. O reluzente diamante de sua coroa já não brilha solitário, pois outros onze menores refletem o brilho dele e cega a visão de quem olha para seu rosto.

— Eu agradeço o meu amado por colocar aos meus pés tantos reinos e em minha coroa tantos diamantes.

Um leve sorriso em seus lábios me dizia que aquela noite seria inesquecível. Seu sorriso fez com que uma fraca cor rubra iluminasse sua alma. Muito me intrigou que a sua cor fosse esta, mas a achei melhor que o negro de antes.

Depois desta cerimônia os magos pediram licença para se retirar. Só a contragosto eu aceitei suas ponderações de que haviam acertado fazer uma cerimônia pela volta da princesa ao seu trono e tinham que voltar ao altar erigido ao senhor do Fogo Divino no interior do palácio, bem perto do jardim. A ala que eles residiam ficava oposta à minha, do outro lado do jardim. Após a saída deles ordenei que servissem o jantar. Músicos e bailarinos o animavam com seus cantos e danças. Os magos, após se retirarem do salão, confabularam entre si.

— Ela é uma feiticeira ou está encantada. Temos que agir com rapidez ou o rei será encantado também.

— Como faremos, mago mestre?

— Acendam o fogo da pira consagrada ao sagrado Agni imediatamente!

— Mas ela foi consagrada para ser colocada sobre o altar do novo templo.

— Não podemos deixar que o mal tome conta do rei. Eu conheço o poder das feiticeiras e sei que se algo não for feito agora, ao amanhecer seremos mortos. Eu vi nos olhos dela algo que apavoraria um ser humano comum. O espírito que anima aquele corpo não é o da princesa e sim um ser infernal. Acredito mais na hipótese de ela estar encantada. Vamos, apressem-se com o fogo, pois não podemos perder tempo se quisermos salvar o rei.

Eles ascenderam a pira que havia sido consagrada, três dias antes, ao sagrado Agni. Em seu fundo havia uma mancha seca do meu sangue, que eu havia derramado no seu interior. Eu mesmo havia fundido o minério e moldado sua forma. Parecia-se com um cálice não muito profundo. Tinha dois metros de diâmetro por um de profundidade. Ali arderia dia e noite o fogo simbólico do sagrado Agni, senhor do Fogo Divino. De sete pontos de sua borda desciam os sinais deixados pelo meu sangue, derramado em sinal de união do meu fogo com o fogo do senhor do Fogo Divino. Eu, após ter sido purificado pelos magos sacerdotes e ter jurado, diante do poder do senhor do Fogo Divino, servi-lo, selei nossa união com o derramamento do meu sangue dentro da pira que havia sido consagrada para a nossa união. Feito o juramento, o mago chefe abriu uma incisão no meu pulso direito e tapou o corte com seu dedo, só deixando o sangue esguichar em profusão nos pontos marcados com determinados símbolos. Em cada ponto uma oração era feita enquanto o sangue o encobria e corria até o fundo da pira. Por sete vezes foi derramado o meu sangue na pira sagrada. Ele, unido aos símbolos gravados na borda interior dela, selou a união do meu fogo com o fogo do sagrado Agni. Fogo este que, quando acesa a pira, inundaria minha alma com seu poder irradiante. Após o fogo ser aceso eu me ligaria de vez com o senhor do meu destino.

Era uma cerimônia muito forte e só quem tinha o poder e o saber podia participar dela. O poder era meu e o saber era dos sacerdotes magos do sagrado Agni. A partir do momento que o fogo fosse

aceso na pira, eu receberia em meu ser uma descarga energética muito forte e meu ser imortal seria inundado com o fogo sagrado do sagrado Agni.

Eu já fugira por duas vezes do meu destino. Mas a terceira, eu o viveria com intensidade e isto foi reafirmado por mim, três dias antes, durante a cerimônia de consagração da pira.

E quando o fogo foi aceso na pira sagrada e começou a queimar sobre meu sangue, eu, já sentado no trono, senti um calor imenso tomar conta do meu ser. Ondas muito fortes irradiavam-se por todo o meu corpo.

Só a muito custo eu me controlei para não perder os sentidos. Atribuí isto à bebida forte que estava ingerindo há algum tempo. Mejouré notou que algo acontecia comigo, devido o suor que corria por todo o meu corpo, e perguntou-me:

— Está se sentindo bem meu amado?

— Sim, minha amada. Esta bebida forte está agindo com maior intensidade sobre meu corpo por causa do desejo que sinto de tê-la nos meus braços. Ele queima como fogo, minha amada!

— Então termine com esta celebração, e eu absorverei todo o seu calor no nosso leito, meu amado!

— Terminarei em pouco tempo com ela, minha amada. Veja agora como vou fazer com os que a fizeram de refém.

Levantei meus braços e pedi silêncio aos presentes.

— Que se aproximem os enviados do rei Sager.

Eles vieram até a nossa frente.

— Ouçam, mensageiros mui dignos do indigno rei Sager! Eu lhe pedi que enviassem de volta minha princesa como a levaram. Mas não foi isto que foi feito. Ao levarem-na, levaram o seu tesouro que fazia parte de sua coroa, mas só a devolveram sem sua coroa e seu tesouro. Ou cumprem o que foi prometido ou vou pensar que seu rei quer ficar com uma parte de minha princesa e não irei ao seu encontro para firmarmos um novo tratado. Que partam ao amanhecer e só voltem até mim se tudo o que pertencia à minha amada e que fazia parte dela me for devolvido.

— Não sabemos se nosso rei concordará com seus termos, rei Sikhan.

— Pois partirão ao amanhecer. Meus soldados os acompanharão até a fronteira que separa, por enquanto, nossos reinos.

— Não podemos descansar alguns dias rei Sikhan? A viagem foi muito longa e cansativa.

— Descansarão em meu palácio quando eu tiver tudo o que pertencia à minha princesa.

Virei-me para o comandante do regimento que guardava o palácio e falei:

— Comandante da guarda do palácio, confio ao senhor o cumprimento do que acabo de pronunciar.

— Assim será feito meu rei. Ao amanhecer eles partirão. Agora os soldados os conduzirão aos seus aposentos para que descansem um pouco e não partam tão cansados ao amanhecer.

Mejoure falou-lhes:

— Vão agora e digam ao rei Sager que só estarei devolvida por inteira ao meu rei após ele devolver o meu tesouro. Só assim poderei deitar-me em paz com meu amado esposo.

Eles partiram, e quando sob a guarda dos soldados saíram do grande salão, eu falei:

— Senhores, agora eu vou tentar conciliar o sono da princesa, mas peço a todos que continuem com a festa e bebam em homenagem à volta da sua princesa. Creio que terei de ficar muito tempo no leito até fazê-la dormir. Portanto, só verei o sol após o meio-dia.

Uma saudação ecoou pelo salão.

— Viva Sikhan, o conquistador. Filho do fogo do senhor do Fogo Divino. Viva a princesa Mejoure, a amada do amado Sikhan.

Eu tomei a mão de minha amada e a conduzi até nossos aposentos. Um calor intenso agitava meu ser. Atribuí tudo à longa abstinência que me impusera após ter partido rumo à primeira campanha e mantida por tanto tempo. Eu cumpria o que prometera a Mejoure, minha única mulher diante do senhor do meu destino. Tão longa abstinência mais a forte bebida ingerida faziam-me transpirar por todos os poros de meu corpo e um forte desejo agitava meu sangue.

Eu não sabia que era a pira ardente que irradiava seu poder sobre meu espírito imortal. Na minha mente só ocorriam pensamentos dizendo-me que aquela seria uma longa e agradável noite. E pelo sorriso nos lábios de minha amada, certamente eu não estava enganado.

Foi uma noite memorável. Muito melhor que eu imaginava.

Só uma coisa me intrigou. Quanto mais eu amava minha amada, mais a cor rubra aumentava em sua alma. Com ela acontecia o inverso

do que havia acontecido com Shamizer, a princesa dos encantos. Quando não mais resisti aos seus encantos, minha Mejoure deixou-me adormecer.

Eu estava num sono agradável e reparador quando algo me despertou. Acordei assustado e ao olhar para o meu lado o leito estava vazio. Dei um salto da cama e procurei minha amada por todo o aposento real. Ela não estava em seu interior. Uma idéia funesta passou pela minha mente: teriam raptado minha amada? Por uma passagem, só do meu conhecimento e do homem que a fizera, saí para um corredor escuro que me levaria até onde deveriam estar os hóspedes. De um local previamente preparado eu observei o interior dos quartos. E num deles eu vi minha amada conversando com um dos membros da comitiva. Ela tinha nas mãos os fios de meus cabelos colhidos na banheira.

— Levem estes cabelos e não os percam! Sem eles não será possível dominá-lo, pois um fogo o protege do meu domínio. Partam assim que o sol surgir e voltem o mais rápido que puderem com o tesouro de Mejoure, pois até lá já saberei quais são as forças de Sikhan e onde será mais fácil atacá-las e destruí-las.

— Assim será feita princesa. Agora ame-me um pouco, pois não estou resistindo a esta nossa separação.

Quem assim falava era o filho do rei Sager que encabeçava a comitiva. O asco que senti quase me fez vomitar, pois meu estômago contraiu-se com a cena a que eu assistia. Controlei minha razão e emoções e fiquei observando-os por algum tempo. Eu vi o rubro de sua alma aumentar e envolver por completo o corpo do filho de Sager. Ele desaparecia de minha visão, tal a intensidade da cor. Não mais fiquei observando quando descobri que um ser das trevas animava o corpo de minha amada. Voltei aos meus aposentos e fui ver a caixinha onde estavam depositados os nossos cabelos. Só os dela estavam ali!

Os meus estavam nas mãos de um escravo daquele ser das trevas.

Vários pensamentos avolumaram-se em minha mente. Uma lembrança começou a me torturar: Shamizer, a Princesa dos Encantos!

Estava eu deitado na cama meditando quando ela entrou no aposento contíguo. Fechei os olhos e fingi que dormia. Ela veio até o leito e deitou-se ao meu lado. Pouco depois, quando o sol já surgia no horizonte ela começou a acariciar-me. Fingi que despertava e a abracei.

— Ame-me mais um pouco meu amado. A longa separação deixou-me com muitos desejos acumulados e quero ser amada mais um pouco.

— Não podemos fazer isto minha amada!

— Por que meu amado? Eu estou ardendo de desejos.

— Esqueceu-se do nosso juramento diante do sagrado Agni?

Ela perdeu sua cor rubra de imediato e tornou a ficar negra como o ônix. Num fio de voz ela me perguntou:

— Que juramento meu amado?

— Não me diga que até isto você se esqueceu minha amada? Quanto mal lhe causaram os que a levaram com refém. Eu vou fazê-la se recordar de tudo, minha amada! Nós juramos diante do senhor do Fogo Divino de só nos amarmos uma noite a cada sete dias e só enquanto o sol estivesse adormecido. Não vai querer quebrar um juramento ao senhor do Fogo Divino, não é mesmo minha amada?

Quase sem voz ela respondeu-me que não.

— Então durma mais um pouco minha amada. Vou me levantar, pois tenho muito o que fazer e o dia será curto demais, tantos são os meus compromissos!

Eu me levantei e vesti minhas roupas, partindo em seguida. Fui direto até a ala onde moravam os mestres. Ao entrar no salão, onde diariamente eles realizavam um culto ao sagrado Agni assim que o sol surgia no horizonte, fiquei intrigado ao vê-los todos prostrados ao redor da pira sagrada que ardia. Eles estavam todos esgotados por uma longa noite passada em claro.

Prostrei-me ao lado do mestre sacerdote mago e fiz minhas orações em silêncio. Quando as terminei e abri os olhos, vi um sorriso em seus lábios.

— Por que está sorrindo, meu mestre sacerdote?

— Mais uma vez vencemos as trevas, meu rei. Por isso minha alma sorri de alegria.

— Eu já sei de muitas coisas que se passaram esta noite, mas vejo pela pira ardente, que só deveria ser acesa no dia da abertura do templo, que muito mais aconteceu sem que eu de nada soubesse. Vou contar-lhes o que descobri esta noite. Depois me contem o que fizeram para me salvar a vida.

Eu contei-lhes tudo o que se passou sem nada omitir, se bem que certas palavras chocassem aqueles homens acostumados a uma vida casta e regrada.



Quando terminei o meu relato o mestre sacerdote começou a falar:

— Como bem sabe o nosso amado rei Sikhan, esta pira só iria ser acesa no dia da abertura do templo. Mas, pelo que vimos ontem à noite, tivemos de acendê-la, pois só assim nós o salvaríamos de ser dominado pelo ser das trevas que anima o corpo da princesa. Como já sabe, não foi a ela que amou, e sim, a um dos mais poderosos seres das trevas.

Quando já havíamos iniciado o ritual para protegê-lo nos foi possível ver toda a extensão do poder que há por trás de tal ser. Se quiser nos punir, que então o faça, mas um dos nossos invadiu os seus aposentos para retirar algo que o colocaria sob o domínio deste ser que não sabemos ainda quem é, mas isto logo será possível.

— O que retiraram foram alguns fios do meu cabelo?

— Não só os seus como os dela também. Nós o trocamos por cabelos de corpos já sem vida e os purificamos de toda seiva vital, colocando-os no lugar dos que havíamos tirado. Pusemos a mesma quantidade de fios e nos mesmos comprimentos. Se diferença houver, será imperceptível.

— Só retiraram os meus?

— Não. Os dois foram retirados e substituídos. Com os do corpo dela tentaremos localizar onde está aprisionado o espírito imortal da verdadeira princesa.

— Poderão fazer isto, meus mestres e salvadores de minha vida?

— Não sabemos se conseguiremos só com os cabelos. Mas tentaremos. Diga-nos quais dos dois pequenos montes são os seus.

— Estes aqui são os meus.

Eles o apanharam e o lançaram sobre a pira ardente. Os de Mejure foram envolvidos num tecido e colocados num recipiente de prata.

— Expliquem-me uma coisa sábios mestres, pois algo atormenta minha mente desde que vi a cor rubra dela aumentar ao invés de diminuir enquanto eu a amava. Perdoem-me dizer estas coisas aos seus ouvidos puros.

— Não se preocupe com isto, pois algo me diz que tem coisas importantes a nos dizer.

— Eu vou contar-lhes tudo em poucas palavras. Há muitos anos eu estava no palácio do rei persa e vi entrar nele uma mulher com o rosto coberto por um shador. Interessei-me por sua cor rubra e a estava

olhando quando me vi envolvido por suas palavras. Ela convenceu-me a levá-la ao interior do palácio e a acompanhá-la até seus aposentos.

Eu desafiava os ensinamentos dos meus mestres ao me ligar a uma mulher com esta cor rubra, mas algo em meu ser me impelia a fazer tal coisa. Eu queria ver até onde sua cor rubra resistiria à minha cor dourada. Ao nos banharmos ela também colheu seus cabelos e os meus e os amarrou cada um com um fio do mesmo.

Bem! Foi uma longa noite de trocas de cor e ao amanhecer a minha continuava dourada, mas a dela havia se alterado. Já não era rubra e sim rosada. Na noite seguinte ela sentou-se ao meu lado na recepção oferecida, e sua cor era o azul dos que estão amando. Assim permaneceu até que soube que eu iria me casar com a filha do rei Halavi. Eu a vi negra como está agora a minha princesa Mejoure. Ela saiu sem que eu soubesse e partiu sem me avisar. Eu procurei em seus aposentos por algo e a única coisa que encontrei foram os seus cabelos amarrados por um dos seus fios, deixados no mesmo lugar do dia anterior, e uma longa mecha dos cabelos de sua cabeça envoltos no seu shador. Coloquei os dois juntos e os envolvi com o shador.

— Ainda os guarda consigo?

— Não, os perdi quando na noite daquele mesmo dia quase fui assassinado por desconhecidos e lançado num rio. Salvei-me por intervenção do senhor do meu destino, pois em suas mãos eu acabara de colocar-me.

— Se você os tivesse nós a destruiríamos, ao lançarmos seus cabelos no fogo sacro do sagrado Agni, que arde na pira a ele consagrada, e ainda colocaríamos o espírito dela sob seu domínio, pois seu sangue é a alma deste fogo e a alma dela ficaria subjugado à sua.

— É uma pena que eu os tenha perdido. Mas como explicam sua cor ter se alterado e o mesmo não acontece com o espírito que anima o corpo de Mejoure?

— Mejoure é diferente. Temos aí o corpo da princesa e um espírito que não é o seu, mas anima o seu corpo. Então o espírito que o anima não tem a mesma vibração do corpo e portanto não absorve sua cor dourada, mas sim estimula a de si próprio. Nós vimos isto ontem à noite quando a cor rubra surgiu e a sensação de poder tomou conta do mental inferior do ser que anima o corpo da princesa ao ser coroado.

Tal desejo despertou a cor rubra. A sensação de poder num ser das trevas é a mesma que a do desejo sexual. As duas se confundem. Por isso ela se intensifica à medida que o possui ou é amada, mas cessa e se torna negra quando algo a assusta.

— Mas como ela, a princesa Shamizer, estava azul quando sentou-se ao meu lado? Por acaso estaria ela me amando de verdade?

— Não, tolo rei. E perdoe-me por chamá-lo de tolo, pois devia ter estudado mais as cores. Ela só refletia em seu espírito imortal o que você sentia, pois havia absorvido sua seiva vital em seu ser mortal. Tudo que sentia ela sentia também, pois havia subjugado o espírito dela ao seu. Não permitiu que a cor rubra dela aumentasse, mas a aniquilou ao extremo. Algo deve ter havido que o escureceu e ela só refletiu sua cor, pois tinha absorvido muito do dourado que anima sua alma. Esteja onde estiver, ela só tem refletido a sua cor e seus sentimentos em seu ser imortal.

— Explique melhor isto, sábio mestre!

— Você subjugou à sua cor e alma imortal um ser das trevas vivendo na carne. Ela não é uma mulher igual às outras. Nela, carne e espírito imortal são ligados pelo fio da vida. Portanto, é diferente do caso da princesa Mejoure, que é um corpo sem o seu espírito e um espírito sem o corpo.

— Meu sagrado Agni! Então a princesa Shadine também é um ser das trevas, ou está animada por um espírito das trevas!

— Por que diz isto?

— Ela era linda e sua cor azul me encantou. Eu vivi cinco anos tentando me aproximar dela só para sentir a sensação que sua cor me causaria. Mas quando a vi da última vez ela estava negra como hoje está Mejoure. Assim ela permaneceu até eu lhe falar do meu amor por ela. Até então minha cor dourada havia se apagado, mas naquele momento o azul do amor que eu sentia tomou conta do meu ser imortal e ela também passou a vibrar na cor azul. Logo depois eu fui atacado pelos desconhecidos e nunca mais a vi. Se ela assumiu o poder da Pérsia, então as trevas reinam absolutas naquele reino e ela não cumpriu o tratado que jurou cumprir. Acho que deixei meu pai e seu reino, assim como toda a Pérsia, entregue a um ser das trevas, pois Nagos também era negro como breu no seu espírito imortal.

Um urro de dor e revolta explodiu em meu peito.

— Sagrado senhor do meu destino, que idiota sou eu que não soube servi-lo no momento certo? Que todo o calor de sua ira consuma

o meu ser imortal por toda a eternidade por eu ser tão estúpido e um péssimo servidor seu! Não terei paz em minha alma enquanto minha espada não lavar com sangue minha estupidez.

— Acalme-se meu rei! Nem tudo está perdido e ainda há tempo de reparar o erro cometido. Deixe-nos ajudá-lo e o fogo sagrado purificará a terra do Ganges até o Eufrates. Mas terá de confiar em nossos conselhos.

— Eu me coloco nas suas mãos a partir de agora. Esta pira só será levada ao seu altar definitivo no dia em que minha espada ceifar o fio que liga a alma com a carne da Princesa dos Encantos.

— Disse Princesa dos Encantos?

— Sim amado mestre. Este foi o título que ela disse possuir.

— Nós conhecemos um espírito das trevas muito antigo que julgávamos nas profundezas das trevas. Então ela voltou à carne!

— Que o senhor do Fogo Divino nos ilumine com sua chama sagrada para que possamos vencê-la, magos do Fogo Divino!

— Viva Sikhhan Daher, filho do sagrado Agni, senhor do Fogo Divino. — Saldaram-me todos os sábios, magos e sacerdotes à volta da pira com o Fogo Divino.

Eu atendi os conselhos dos sábios e iludi o ser que habitava o corpo de minha amada Mejure por vários dias. Sete dias depois voltavam os emissários do rei Sager com o tesouro de Mejure. Eu mandei que o levassem para os sábios sacerdotes. Logo fui vê-lo, e para espanto meu lá estava a coroa de diamantes e a minha obra máxima do amor.

— Mas como isto é possível se Mejure me falou que um mercador persa a havia comprado e levado para a Pérsia? Como isto está junto com o seu tesouro? Algo não está claro nisto tudo, sábio sacerdote. Não libertem ainda o espírito de Mejure, pois acho que tenho que descobrir algo antes.

— Imaginamos o que seja sábio Sikhhan. A luz do sagrado Agni o está iluminando com todo o seu esplendor e poder.

— Logo saberei a resposta, amado sábio sacerdote. Quando eu tiver a resposta veremos como agir.

— Nós oraremos para que a encontre rapidamente.

— Vou cuidar de enganar mais um pouco o rei Sager até ter tudo preparado. Preciso de tempo para reunir todos os meus soldados sob meu comando.

— Tudo dará certo sábio Sikhan. Seu plano conta com a proteção do sagrado Agni e vai enganar os servidores da Princesa dos Encantos.

— Assim espero. Até mais tarde, meus mestres amados. Ocultem esta peça de arte e purifiquem todo este tesouro. Depois juntem-no ao que já dediquei ao templo sagrado.

— Assim será feito, amado Sikhan. Com ele, no futuro espalharemos pela terra todo o poder do sagrado Agni.

Eu voltei aos meus aposentos e falei com Mejoure ou o ser das trevas que o animava.

— Eles ainda não pagaram por tudo o que te devem minha amada. Eis aqui sua antiga coroa!

— Eles não devolveram tudo?

— Sim, mas o seu tesouro dobrava de ano para ano e vou querer que lhe devolvam tudo antes de assinar um novo tratado com o rei Sager. Só assim sentirei que sua honra foi lavada da ofensa sofrida.

— Vai pedir mais tesouro a ele?

— Sim. Só depois disso eu irei ao encontro dele com o coração limpo da mágoa que você sofreu.

— Eu não quero voltar a ver aquele rei, amado Sikhan.

— Não irá minha amada. Assumirá o trono na minha ausência, pois não mais ele ficará vazio no reino da coroa de diamante.

— Que assim seja, amado Sikhan. Eu saberei dirigi-lo na sua ausência.

— Eu sei disso minha amada. Vamos despachar o filho de Sager e impor-lhe a nova condição para que eu vá ao encontro dele.

— Conduza-me, meu amado Sikhan. Quero que vejam como deve ser tratada Mejoure, a princesa do grande Sikhan Daher!

Quando eu os recebi em audiência, falei-lhes:

— Minha princesa possuía um tesouro que dobrava de ano a ano. O rei Sager terá que lhe pagar o que ela deixou de acrescentar ao seu tesouro, senhores. Ele ainda não cumpriu o combinado para que eu assine um novo tratado.

— Mas ele não aceitará tal coisa, rei Sikhan!

Mejoure falou seca, que até me impressionou com sua dureza:

— Pondere com ele e diga-lhe que ainda não aqueço o leito do meu rei pois minha honra não foi reparada.

— Assim faremos princesa. Poderemos descansar desta vez, rei Sikhan?

— Só até o amanhecer! Terei de partir daqui a pouco para uma outra região do meu reino e não poderei lhes dedicar minha atenção. Acompanhem os guardas até seus aposentos, pois devo partir daqui a pouco. Problemas exigem minha presença com urgência.

Quando eles saíram ela perguntou-me:

— Que problemas o incomodam, meu amado?

— Há uma rebelião ao norte e irei sufocá-la antes que se alastre por todo o reino, minha amada. Ficarei ausente por alguns dias. Pode ser só um ou no máximo três! Parto à noite para, ao amanhecer, já estar lá. Uma parte do exército já se encaminha para lá porque não quero perder nenhuma das coroas depositadas aos seus pés.

— Volte logo meu amado! Eu esperava por você no meu leito esta noite e agora terei que esperá-lo por mais algumas noites.

Ela subiu para seus aposentos e eu fui para a estrebaria montar no cavalo real e cavalgar a noite toda rumo ao fogo da rebelião. Quando entrei na estrebaria um soldado já estava vestido com roupas iguais às minhas e só esperava minha chegada para partir. A um sinal meu, montou no cavalo e partiu a galope, seguido por um regimento de lanceiros já montados. Uma nuvem de poeira os seguia à sua passagem. Eu troquei minha roupa real de guerra por uma sem identificação e voltei ao palácio por outra passagem que me levaria aos seus corredores secretos. De onde eu estava pude ver Mejouré observando o regimento cavalgando rumo ao norte. Quando ele se perdeu no horizonte ela se afastou da alta janela e voltou para o interior do palácio.

Eu me apressei e fui observar os hóspedes pelo corredor secreto. Cheguei antes dela e fiquei a sua espera. Não tardou muito para ela entrar no aposento onde já a aguardava o ansioso filho do rei Sager. A visão alterava meus sentimentos, mas eu controlei minhas emoções assassinas, pois tinha um plano em andamento.


— Princesa, que história é esta de enviarmos mais tesouro a este idiota do Sikhan?

— Acalme-se príncipe, pois logo eu serei a dirigente do reino da coroa de diamante.

— Explique-se princesa, pois meu pai não vai gostar desta nova condição.

— Os encantos da princesa Lagussir já estão surtindo efeito. Há uma revolta ao norte e Sikhan partiu para sufocá-la.

— Mas o que tem isto a ver com o novo tesouro exigido?



— Ele quer que seja reparada a ofensa para só então ir ter com seu pai. Voltará amanhã e trará o mais breve possível o tesouro pedido, pois após recebê-lo Sikhan me porá no comando do reino e irá com vocês. Deixem um grande grupo de soldados bem preparados para eliminá-la, e a sua escolta, assim que cruzarem a fronteira. Depois disso eu serei a princesa absoluta de todo o império de Sikhan e você será o meu príncipe e dividirá comigo a coroa de diamante, o reino e o tesouro de Sikhan.

— É muito grande o tesouro dele?

— O salão onde ele o guarda é quase tão grande quanto seu palácio, príncipe!

Eu havia mostrado a ela o salão onde eu guardava o tesouro da coroa. Uma gargalhada infernal tomou conta do ambiente e os dois se abraçaram e caíram sobre o leito. Eu ainda assisti até o momento em que ele foi engolido pela cor rubra do ser infernal que animava o corpo de Mejouré. Então me retirei e voltei à estrebria. Montando noutro dos meus cavalos fui ao encontro dos meus comandantes que já me aguardavam na fortaleza que protegia o palácio real. Ao chegar fui direto à sala onde me aguardavam.

— Salve os meus comandantes!

— Viva Sikhan, o filho do Fogo Divino. O que tem a dizer-nos grande rei?

— Mejouré vai ter uma noite ardente nos braços do canalha príncipe inimigo. Mas este ardor breve os lançará no fogo do inferno. Como vão os preparativos para a guerra?

— Tropas enviadas pelos marajás estão começando a chegar, filho do fogo. Em mais duas semanas terá sob o seu comando único meio milhão de soldados armados. Todos estão enviando os soldados preparados nestes últimos meses. Será o exército mais misto que eu já vi.

— Eu tornarei a mistura a mais forte união. Reúnam os cavaleiros após as montanhas do norte e tantos cavalos quanto for possível. Quero a maior cavalaria já vista sobre a face da terra.

— Compramos cavalos em todo o reino da coroa e nos reinos vizinhos. Tivemos de gastar uma fortuna em moedas do seu tesouro, mas valeu a pena. Logo os cavalos estarão sendo adestrados para o campo de batalha. Os que já chegaram estão sendo treinados.

— É quanto aos soldados que nos enviam os marajás?

— Trazem consigo a doutrina de Sikhan Daher: sentimentos de lealdade, emoções, razão e movimentos harmonizados para a luta em perfeita coordenação com os seus comandantes.

— E quanto aos alimentos para sustentarmos uma longa campanha?

— A maioria chegará junto com as tropas e o suprimento posterior será feito pelos comandantes intendentess, grande Sikhan! O reino de Rashnus nos enviará em navios tanto alimento quanto desejarmos comprar deles.

— Ótimo. Faça com que desembarquem bem ao sul, quase na fronteira com o reino de Sager pois será por lá que iniciaremos uma das frentes com destino ao sul do continente.

— Quantas frentes pretende abrir, grande Sikhan?

— Cinco frentes que irão se unindo à medida que o campo a ser tomado for se estreitando. Já temos os locais de todas as praças fortes do inimigo?

— Sim. As maiores cidades estão assinaladas e toda a topografia levantada. Eles possuem ótimas fortalezas e acho que teremos muitas dificuldades para tomá-las, meu rei.

— As muito bem protegidas nós só as cercaremos e deixaremos que seus defensores apodreçam no interior delas. O que nos interessa numa primeira etapa é conquistar o coração do povo à volta delas. Conseguido isto elas perderão o seu valor estratégico, pois tudo a volta nos pertencerá. Com o povo do nosso lado eles terão os suprimentos cortados e cairão em pouco tempo.

— Já temos muitos espalhando as qualidades divinas do filho do Fogo Divino. Teremos muitos lugares nos esperando com festas. Isto já está sendo feito por pessoas bem preparadas, grande Sikhan!

— Só tem mais uma coisa meus comandantes! Nossa fronteira final a oeste mudou de lugar.

— Qual o lugar estabelecido agora grande Sikhan?

— Vamos estabelecer nossa última fronteira às margens do Eufrates. O rio já foi escolhido para sediar às suas margens a capital geral das regiões do extremo do império.

O sorriso tomou conta do rosto de todos os comandantes reunidos. Uma forte saudação ecoou pelo salão de reuniões dos comandantes.

— Viva Sikhan, o conquistador e filho do Fogo Divino! Que seu império seja tão extenso que possa nascer uma criança num dos

extremos e viajar em linha reta por todo ele que só atingirá o outro extremo na hora da velhice dos anciões.

— Vivam os comandantes de Sikhan, que se cobrirão de glórias tão grandes que serão mais poderosos que os maiores reis da face da terra.

— Que o nosso poder seja uma fração do maior poder já constituído na face da terra: o poder do grande rei Sikhan Daher!

Ficamos uma boa parte da noite discutindo as táticas a serem adotadas nas batalhas que seriam travadas e a rememorarmos todas as partes de nossa estratégia. Só quando tudo ficou bem claro para não haver erros irreparáveis, fomos dormir. Eu preferi voltar ao palácio, pois algo que eu não conseguia entender atormentava minha mente. Uma escolta seguiu comigo até o alojamento dos soldados no interior das muralhas que guarneciam o palácio real. Entrei pela porta só de meu conhecimento e fui ver o que se passava no interior dos aposentos dos hóspedes. Todos estavam reunidos e conversando. Eu aguicei meus sentidos e ouvi claramente um nome: rainha Lagushni. Esta rainha reinava sobre um povo ao norte da Pérsia e da Índia. Este reino ficava situado mais ou menos na altura de Islamabad, no Paquistão, seguindo quase em linha reta até Cabul, e seguindo assim pelo norte do atual Irã ele chegava até o mar Cáspio. Informações de viajantes diziam que sua fronteira norte atingia a altura do lago Aral e vinha até o povo amarelo. Era um povo de formidáveis guerreiros e tão destemido que até os persas não os molestavam. A configuração do reino persa daquela época era quase igual à atual do Irã mais uma parte do Paquistão e Afeganistão de um lado e ia até mais ou menos o meio da atual Turquia, subindo ladeado pelo mar Cáspio de um lado e o Negro do outro.

(Nós temos usado o nome Pérsia por facilitar a identificação do povo e localização geográfica, pois senão não tem sentido a história antiga e nossa história. O atual povo persa [do Irã] não tem muito a ver com os antigos habitantes daquela região. Com o passar dos milênios as fronteiras se moveram ao sabor dos centros de poder que se formaram. Impérios surgiram e ruíram com o passar dos tempos e com as transformações sociais e religiosas. As línguas hoje faladas guardam muito pouco ou nada das do passado longínquo! Continuemos nossa história).

Eis o que estava dizendo o príncipe Farses, filho do rei Sager:

— A rainha Lagushni em breve invadirá as fronteiras norte do reino de Sikhan. O filho do Fogo Divino vai ter esta chama apagada em todo o seu império quando nós o matarmos. Ainda que seus comandantes sejam grandes guerreiros, não poderão suportar duas frentes de luta ao mesmo tempo. Quanto a nós, teremos o auxílio dos persas para desmembrarmos todo o seu reino recém-formado.

— Mas com o que ficaremos nós, Farses?

— Com o antigo reino da princesa Mejure e os conquistados do outro lado do Ganges, minha princesa do amor.

Meu ser gelou por inteiro com o que eu acabara de ouvir. Havia uma confluência de forças contra o reino da coroa de diamante. Teríamos de ser guiados pelo senhor do meu destino ou a superioridade dos inimigos e as duas frentes a dividir as minhas forças nos aniquilariam por completo e em pouco tempo.

Quando Mejure e Farses tornaram a ficar a sós e se envolveram no leito, eu voltei ao alojamento e parti para a fortaleza para alterar os rumos traçados. Toda a estratégia de batalha teria de ser mudada, senão seríamos aniquilados quando deslocássemos nossas forças contra Sager, ao sul, deixando o norte desguarnecido. Após dormir um pouco, pois eu estava exausto, convoquei novamente os meus comandantes e alteramos todos os planos. Nos dividiríamos em dois exércitos com todos os efetivos e iniciariamos uma marcha em círculo. Um partiria pelo norte e combateria o exército de Lagushni e o outro iria para o sul e combateria Sager. O círculo se fecharia no ponto de encontro às margens do rio Indo. Dali em diante traçaríamos novos planos de combate aos persas. Eu tinha em mente o objetivo de embeber minha espada no sangue dos que vibravam a cor negra. E Shadine vibrava esta cor. Portanto, seu sangue saciaria a sede de minha espada!

Com os novos planos em marcha, agora só teríamos que aguardar duas semanas para colocá-los em ação. Eu precisava deste prazo para reunir todos os exércitos. De agora em diante, pelos novos planos, a defesa do reino da coroa de diamante ficaria a cargo dos marajás, pois todos os soldados iriam à guerra. Teríamos duas frentes e precisaríamos de muito mais efetivos.

Só voltei para o palácio no dia seguinte, ao anoitecer. Tinham sido dois dias de intensa atividade e eu já sabia como iludir a falsa Mejure. Cheguei com uma aparência de quem se sentia arrasado.

— Por que está assim, meu amado Sikhan?

— Tudo está indo mal minha amada. Parece que algo muito ruim está acontecendo no nosso reino.

— O que houve agora, meu rei?

— Mal sufocamos uma rebelião e uma nova e muito maior teve início do outro lado do Ganges. Vou ter de deslocar para lá a maior parte dos meus soldados. As perdas de homens já foram grandes desta vez e poderá ser maior de agora em diante.

Quanta coisa errada está acontecendo de uma só vez! Já não sei como agir pois parecia que tudo estava bem até alguns dias atrás. Mas agora sinto que nada está bem.

Que o senhor do meu destino nos proteja caso o rei Sager resolva nos atacar, pois soube que ele tem muitos soldados reunidos.

— Não se preocupe meu amado, pois logo a paz voltará ao seu reino.

— Assim espero minha amada! Vou consultar os sábios para que me aconselhem nas decisões que devo tomar. Preciso meditar para acalmar minha mente, que já não consegue nem pensar, tão grande é a confusão que tomou conta dela.

— Eu pensava que esta noite seria minha, meu amado!

— Não sinto a menor disposição para isto minha amada! Dê-me tempo para eu me recuperar, pois me sinto todo aniquilado. Assim que me sentir em boas condições voltarei a amá-la como deve ser, minha princesa.

— Quer que eu o auxilie de alguma maneira, meu amado?

— Vou precisar de sua ajuda, mas só depois da vinda dos emissários do rei Sager. Espero não me demorar muito para acertar com ele o novo tratado, pois terei de ir para o outro lado do Ganges o mais breve possível.

— O que pretende fazer afinal?

— Levar todo o exército e arrasar de uma vez por todas com os revoltosos. Amanhã uma parte que está estacionada aqui irá partir. O resto já se pôs a caminho. Vou levar a metade dos que defendem o palácio também. Eles partirão ao amanhecer para que possamos estar de volta em menos de quatro meses.

— É tão grande assim a revolta?

— Maior do que possa imaginar. É por isso que preciso ir pessoalmente. Com um tratado assinado, poderei partir para longe sem o temor de novo ataque do rei Sager. Espero que ele cumpra o que assinarmos desta vez.

Dei-lhe um beijo com ar de quem estava arrasado e fui ter com os sábios sacerdotes.

Ela não sabia, mas alguém vigiava os nossos aposentos. Do jardim olhei para a janela e a vi acenar para mim. Após responder ao seu aceno continuei minha caminhada. Só quando desapareci no interior da ala dos sábios ela voltou para o interior dos aposentos reais.

Alguém que estava oculto no aposento, onde há pouco conversávamos, saiu do seu esconderijo. Eu sabia que ele estava ouvindo nossa conversa, mas ela não desconfiava que eu notara o espião atrás da grossa cortina.

— Você ouviu tudo. Irá se lembrar do que ele disse?

— Não me esquecerei de nenhuma das coisas reveladas por ele. O encantamento está funcionando princesa. Creio que em dois ou três dias ele não conseguirá mais raciocinar nem como deve proceder para montar o seu cavalo.

— Então parta agora e conte tudo ao príncipe Farses e mande-o voltar logo com o tesouro que Sikhan pediu, pois eu assumirei o comando do reino com sua partida. Facilitarei ainda mais a tomada do palácio pelos soldados do príncipe. Mande-o reuni-los todos bem próximo da fronteira para não perdermos tempo após a morte de Sikhan.

— Será um massacre minha princesa! O que farão cinco mil homens contra os quase cem mil sob o comando do príncipe Farses?

— Eu quero matar pessoalmente estes sábios sacerdotes. Vão se arrepender de terem vindo para este palácio. Agora vá e seja rápido na execução do seu dever.

O homem saiu pelo mesmo local que havia entrado e o que os espiava voltou para a ala dos sábios onde eu o aguardava.

— O que viu e ouviu sábio sacerdote?

— Ela mandou o seu auxiliar contar a Farses tudo o que você lhe contou.

— Algo mais?

— Ela pretende nos matar assim que estiver morto.

— Como fará isto?

— Farses tem quase cem mil soldados e irá reuni-los próximos da fronteira. Assim que a cruzar irão matá-lo e eles marcharão contra o palácio real e o tomarão.

— Farses morrerá no fogo do sagrado Agni junto com a falsa Mejouré. Vou ver como se sentirão quando arderem nas chamas. Vou dormir aqui mais uma vez, pois se voltar para junto dela sou capaz de varar seu coração com minha espada.

— Ou ter o seu furado pelo punhal que ela traz escondido junto ao corpo e ocultado pelas suas vestes, meu rei!

Eu fui dormir e tive uma noite de sono agitado. Eu via muitas mortes e sangue correndo em profusão. Mas eu me via vencedor depois de muitas batalhas. Ao acordar eu interpretei meu sonho como uma profecia e deduzi que não seria fácil a vitória, mas que ela viria com um final sangrento.

Ao amanhecer eu acompanhei pessoalmente a saída da metade do regimento que guardava o palácio real. Eles se juntaram aos que vinham do oeste e do sul. Era impressionante a passagem de tantos soldados. A falsa Mejouré assistiu a tudo ao meu lado e ouviu quando eu disse aos comandantes reunidos à minha frente:

— Eu os alcançarei assim que terminar o tratado com o rei Sager.

— Nós já estaremos lutando, nosso rei! Mas deixaremos um pouco de inimigos para a sua espada.

— Em quinze dias, no máximo, eu os alcançarei meus comandantes! Lutem bravamente, pois tudo o que possuímos está em suas mãos.

Eles partiram a galope e eu fiquei com ar de preocupado.

— O que tanto o atormenta meu amado?

— Sinto-me muito confuso com tudo isto. É como se a morte me esperasse do outro lado do Ganges. As notícias que recebi hoje de manhã informavam-me de que a campanha será muito difícil.

— Não se preocupe, pois a vencerá com facilidade. Logo estará de volta ao nosso belo palácio.

— Assim espero, minha amada. Assim espero! Vamos voltar ao palácio agora?

— Vamos, pois vou tentar animá-lo um pouco.

— Espero que consiga, pois me sinto tão fraco!

— Eu tentarei fazê-lo se esquecer um pouco de suas preocupações esta noite.

Dei-lhe um sorriso triste e forcei a marcha do meu cavalo. Ela acompanhou-me no galope.

Os espíões já deviam ter partido. Logo cruzariam a fronteira e dariam boas notícias a Farses. Mas a maior surpresa ele teria se soubesse que o meu formidável exército só iria se juntar a outro muito maior acampado depois da densa floresta a oeste do palácio e rumariam para o sul em direção dos seus exércitos, que já se reuniam. Do outro extremo, outro grande exército já iniciara sua marcha também e logo estaria na fronteira. Mais a oeste outro, vindo das regiões recém-conquistadas abririam uma nova frente atacando uma grande fortaleza de Sager. Ali estava o maior obstáculo. Superado ele, o resto seria varrido nos campos de batalha como capim seco ardendo no fogo. E, finalmente, um outro desceria pela costa bem próximo do mar.

Ao norte, duzentos mil soldados iniciavam sua marcha para colherem de frente e pelo lado direito as forças que vinham do reino da rainha Lagushni. Espíões já os haviam detectado vindo ao nosso encontro. Ali estavam os mais bem treinados lanceiros e arqueiros. Não fariam prisioneiros. Ceifariam todos à sua frente com suas longas lanças ponteadas com uma longa lâmina em forma de meia lua, afxada cinquenta centímetros abaixo da ponta. Ambas muito afiadas. As tropas de Lagushni conheceriam o terror nas lanças de Sikhan Daher.

Todas as linhas de suprimento caminhavam de acordo com a marcha dos exércitos e as linhas de comunicações mantinham os comandantes informados do avanço dos seus pares. Uma formidável máquina de guerra foi posta em ação. Formidável e sanguinária, pois nossas espadas agora eram mais longas que antes, mais estreitas e mais resistentes e cortantes. Tanto ao norte como ao sul, o sangue jorraria em abundância.

À noite eu estava deitado no leito e pensava em como estariam indo os meus exércitos quando ela entrou no quarto.

— Está muito longe daqui meu amado. Em que pensa?

— Nos dias que se aproximam, minha amada! Isto me preocupa muito.

Ela deitou-se ao meu lado e começou a acariciar-me com delicadeza. Eu olhava para seu corpo e imaginava como seria bom se dentro dele não habitasse um ser das trevas. Mejouré possuía um belo corpo e eu me deliciava com a visão dele. Por fim me decidi:

“Este ser das trevas, seja quem for, irá levar consigo uma boa recordação do seu carrasco.”

Meu ser reagiu às suas carícias e eu lhe dei um pouco do que tanto queria. Só fui dormir depois de ter saciado todo o desejo do sexo acumulado em meu íntimo. Ela adormeceu em meus braços após um bom tempo acordada.

Dois dias depois Farses retornava com o tesouro exigido por mim.

Eu o recebi sorridente.

— Agora minha princesa está feliz!

— Quando iremos ao encontro do meu pai?

— Amanhã colocarei a princesa no comando do reino e no dia seguinte partiremos, príncipe Farses. Depois de acertar tudo com seu pai rumarei para as regiões do outro lado do Ganges.

— Problemas graves, grande Sikhan?

— Nada importante, só quero ver como vão indo os assuntos da coroa naquela região. Faz muito tempo que não vou para lá e acho que será bom eu ir ver como vai a administração dos meus marajás.

— Compreendo!

Ele foi conduzido aos seus aposentos e uma guarnição foi destacada para vigiar todos os pontos do palácio, mas uma saída foi deixada de propósito para facilitar a saída de alguém de sua comitiva. Pela vigia secreta alguém viu por mim quando ela o informou que o meu exército já havia cruzado o Ganges.

— Não voltarão mais minha princesa. Nós cortaremos sua volta e depois os exterminaremos como vermes que são. Venha esta noite me visitar, pois estou ansioso por teus carinhos.

— Só virei depois dele adormecer.

— Eu a esperarei impaciente, minha querida princesa!

Só que à noite guardas foram espalhados por todo o interior do palácio e nas portas dos aposentos de Farses haviam duas dezenas deles, todos bem instruídos pelo comandante do regimento do palácio. O informante de Farses já havia saído e de agora em diante ninguém mais entraria ou sairia do palácio ou pelas passagens da muralha que o protegia. Quando ela veio deitar-se eu comecei a acariciá-la com delicadeza.

— Não pode fazer isto por duas noites seguidas meu amado. Ou já se esqueceu do nosso juramento!

— Em dois anos e pouco eu só a tive nos braços por duas vezes minha amada. Creio que ele não irá se incomodar se eu a possuir apenas mais um pouco esta noite.

Ela por fim aceitou minhas ponderações e nos envolvemos num abraço que logo passou para coisas mais sérias e profundas.

“Não tens alma, mas és um belo corpo, Mejure. Farses irá morrer desejando possuí-la”, pensei. “Será um justo castigo para um canalha como ele”.

Após eu haver esgotado meus desejos e apreciado pela última vez a bela nudez daquele corpo, fingi que passava mal e comecei a dar gritos horríveis. Os guardas, já instruídos por mim, entraram nos aposentos e me levaram para a ala dos sábios sacerdotes. O palácio encheu-se de soldados e ninguém podia sair dos seus aposentos.

O dia amanheceu e ela foi informada que eu havia sido envenenado e passava muito mal, não podendo falar ou ver nada. Farses foi proibido de sair dos seus aposentos e Mejure só andava acompanhada por uma grande escolta dirigida pelo comandante do regimento. A ordem era para não deixar entrar ou sair ninguém do palácio ou das muralhas que o circundavam. E o comandante era um conhecedor de toda a trama que visava à destruição do reino da coroa de diamante. De hora em hora a princesa recebia informes do meu estado de saúde.

Uma informação que nós não sabíamos deixou-me preocupado e assustado. Ela foi conseguida num momento em que deliberadamente o comandante Shair deixou a princesa sozinha, pois era hora da refeição. Ele foi vigiar os aposentos de Farses e ouviu tudo o que falavam. Eis a mais preciosa das informações:

— Princesa, não poderemos ficar retidos aqui por muito tempo, pois senão terei meus planos atrapalhados.

— Por que, príncipe Farses?

— Meu pai assinou um tratado com os persas e eu teria que ir até a capital deles para ratificá-lo, pois os exércitos deles já estão marchando para cá.

— Por que o tratado?

— Para não sermos invadidos por eles. Este idiota do Sikhhan conquistou dois reinos a oeste que eram tributários dos persas e os reis deles, com a chegada dos exércitos invasores, fugiram para lá, onde conseguiram, à custa de antigos tratados, mover o exército persa. Meu pai enviou uma comissão visando impedir um avanço maior dos exércitos persas, pois o poder deles é muito grande. Se eu não for logo para ratificar o tratado, nós os teremos contra nós em pouco tempo.

— Mas se o tratado já está pronto, mais dias menos dias não irão alterar em nada.

— Irá sim, pois eles já enviaram seus exércitos há uma semana para as margens do rio Indo. Se não assinarmos os tratados seremos considerados tão inimigos quanto Sikhan, pois há uma princesa muito ambiciosa no poder e ela já expandiu o seu reino sobre toda a Mesopotâmia. Agora seus exércitos voltaram seus olhos sobre esta região. Ou assinamos logo o tratado ou poderemos ter complicações dentro em breve, pois os exércitos, depois de colocados em marcha são muito difíceis de serem contidos. E os persas conhecem melhor a arte da guerra que Sikhan. Se nós o temíamos, muito mais tememos aos persas. Este imprevisto com a doença de Sikhan pode nos colocar numa situação difícil.

— Vou tentar deixá-lo partir, pois parece que Sikhan ofendeu ao seu Deus ao possuir-me duas noites em menos de sete dias e agora paga pela quebra do juramento ao senhor do seu destino.

— Então não foi envenenado?

— Não. Isto aconteceu depois de nos amarmos no leito. Até quando nos separamos ele estava muito bem, mas logo começou a espumar e vomitar de uma forma muito estranha. Ele foi castigado pela ofensa ao seu Deus cruel e implacável.

— O escorpião picou a si próprio. Que estúpido!

— Creio que o encantamento o deixou com a mente perturbada.

— Consiga fazer com que eu saia ainda hoje daqui princesa. Eu iria partir ao encontro dos persas assim que matasse Sikhan. E isto teria acontecido ontem. Já estou atrasado em um dia!

— Vou ver como convencer o estúpido do comandante Shair a deixá-lo partir. Temos tudo a nosso favor agora, não podemos pôr tudo em risco pela agonia de Sikhan. Assim que ele voltar da refeição vou lhe ordenar que abra os portões para que parta, pois já não precisa mais matar Sikhan. O próprio senhor de seu destino fará isto por nós.

Eles gargalharam de alegria com tal acontecimento. Assim que ela saiu do aposento de Farses, Shair foi me contar o ocorrido. Após ouvir o seu relato, falei:

— Vamos ter que abrir uma nova frente de combate, comandante.

— Esta é tão ou mais perigosa que as duas outras, meu rei! Não temos tantos soldados assim para enfrentarmos os persas. E se os

enfrentarmos, certamente iremos perder, pois são melhores guerreiros que os que temos de combater nas frentes sul e norte.

— Eu irei para esta frente, pois conheço muito bem os persas. Vivi entre eles muitos anos.

— É muito arriscado meu rei. Deixe-me comandar esta frente.

— Não Shair. Você é o meu melhor, mais sábio e leal comandante. Ficará aqui e irá distribuindo as forças que forem sendo enviadas pelos marajás às frentes de acordo com as necessidades de cada uma e ainda formará um novo regimento de defesa do reino central, pois levarei sete mil dos seus comandados.

— Espera barrar os persas com apenas sete mil soldados?

— Você me enviará alimentos e todas as armas que forem sendo feitas nos próximos meses, pois eu formarei um grande exército na minha marcha ao encontro deles. Os marajás a oeste têm bons exércitos de nativos. Eu os incorporarei aos sete mil originais e, quando for a hora, saberei como barrar os persas.

— Só o sagrado Agni poderá nos ajudar agora.

— Não duvide disso, Shair! Ele está nos queimando no seu fogo da guerra para nos destruir ou nos glorificar. Mas só saberemos disso quando a nossa hora chegar.

— Assim espero, e confio na sua generosidade. Como farei com a princesa quando ela me ordenar que permita a saída do cão Farses? Se eu não permitir serei acusado de usurpação do poder real e se permitir ele irá até os persas, tão rápido quanto o vento.

Eu virei-me para o mago sacerdote e lhe perguntei:

— Meu mestre do saber, já temos tudo pronto?

— Desde o amanhecer, meu rei.

— Então inicie a queima das madeiras consagradas, pois já sei de tudo o que precisava. Eu preferia receber antes notícias da batalha que está sendo travada, mas não tenho tempo. A hora do Fogo Divino queimar as trevas chegou.

Virando-me para o comandante Shair eu lhe ordenei:

— Prenda Farses e sua comitiva e os leve ao pátio diante do novo templo. Depois diga à princesa que desejo vê-la, pois estou agonizando. Assim que Farses for conduzido até o pátio, reúna o máximo de soldados à volta dele, pois verão hoje o poder do sagrado Agni quando ele age sobre os humanos.

Por coincidência do destino ou desígnio divino, pouco depois uma enorme coluna de soldados aproximou-se das muralhas. Era uma

parte dos que haviam combatido o exército de Farses que voltava. Os batedores foram conduzidos até mim com a notícia de que o sangue inimigo encharcara o solo em abundância. A vitória fora total e o pequeno reino de Farses já não existia mais. Traziam os seus principais auxiliares presos e todo o imenso tesouro acumulado no seu palácio.

Ordenei que os reunissem a Farses e depositassem o tesouro na porta do grande templo do sagrado Agni.

Enquanto Shair fazia isso, a falsa Mejoure foi, toda contente, me ver morrer. Mas levou um susto ao me ver saudável como antes e contente com as primeiras notícias recebidas.

— Mas você não estava agonizando, meu amor?

— Estava minha amada, mas por um milagre divino me restabeleci de um momento para outro. Vamos até a porta do novo templo minha amada, que vou depositar em sua entrada um oferenda ao sagrado Agni.

— Fico feliz com sua recuperação meu amado. Eu o verei mais tarde no palácio.

Sua voz estava por um fio. Sua cor ficou mais negra que o ônix.

— Irá comigo minha amada, pois como nós dois quebramos o juramento que havíamos feito ao sagrado Agni, eu pedi a ele que perdoasse a nós dois.

— Mas foi você quem me forçou a ter aquela relação!

— Isto não importa, pois você devia ter me impedido. Terá que fazer uma oferenda a ele.

— O que tenho de oferecer?

— Você tem aí um belo diamante. Leve-o como oferenda para que ele aumente o tesouro do templo.

— Então vamos logo meu amado! O príncipe Farses está impaciente para partir e acho que ficará contente em vê-lo restabelecido. Eles partirão hoje mesmo!

— Então acompanhe-me minha princesa, pois não quero reter por muito tempo o príncipe Farses no reino da coroa de diamante.

— O que irá oferecer ao senhor do seu destino, Sikhan?

— Alguns tesouros minha amada. É o mínimo que posso fazer por um senhor tão generoso como o senhor Agni, o sagrado Fogo Divino!

Eu apanhei uma bandeja com três objetos cobertos com panos brancos e a conduzi até o templo por uma passagem que o unia ao alojamento dos sábios.

Quando saímos ao pátio imenso, ela assustou-se com o que viu.

— O que é isto meu rei?

— Uma surpresa minha amada. Vai se tornar rainha hoje. Olhe lá adiante Farses e todos os dirigentes de seu reino. Pena que seu pai não pudesse ter vindo.

— Você preparou tudo isto em segredo, meu amado?

— Sim minha amada. Quero que assumo o seu trono em grande estilo e sob as vistas dos soldados que guardam o palácio da coroa de diamante.

— Estou tão feliz, meu amado!

— Então beije-me minha amada. Quero um longo beijo diante dos nossos soldados.

Nós já estávamos bem próximos do imenso altar preparado pelos mestres magos. Um imenso braseiro com vários metros de comprimento estendia-se à frente do altar com a pira sagrada. Assistiam à cerimônia quase todos os soldados do regimento que guardava o palácio. Os que haviam voltado com os prisioneiros eram os cinco mil que eu havia enviado para a luta.

Farses estava furioso mas continha-se, pois um soldado postado atrás dele mantinha um punhal apontado nas suas costas na altura do coração.

— Eis o pequeno tesouro que vou oferecer ao sagrado Agni, minha amada!

Farses, ao ouvir isto, gritou:

— É o meu tesouro que está oferecendo ao seu maldito Deus, seu canalha!

— Eu sou o canalha, Farses? Quem queria matar quem nesta história toda?

— Mejoure, sua maldita! Você me traiu o tempo todo com Sikhan?

Ela, como uma tola, defendeu-se toda embaraçada.

— Eu não o traí Farses. Deve ser um grande engano de sua parte. Alguém que não eu o traíu.

— Como não foi você se era a única que conhecia os meus planos e a localização do meu exército que já não existe mais? Nada mais existe, sua maldita. Meu reino foi destruído e tomado. Olhe minha coroa depositada sobre o altar do Deus de Sikhan.

Só então ela apercebeu-se do que realmente havia acontecido e soltou um grito horrível. Só a muito custo dois fortíssimos soldados a subjugaram, pois ela tentava fugir.

O silêncio era impressionante. Não se ouvia outra coisa senão os gritos da falsa Mejure. Os magos sacerdotes, um a um, caminharam sobre o braseiro e foram prostrar-se diante do altar com a pira ardente. Iria começar a consagração do templo ao sagrado Agni. Após eles realizarem as preces rituais, eu despi meus calçados e minha túnica e ajoelhei-me diante do braseiro, onde fiz minhas orações. Eu as realizava desde a infância e me sentia tomado por uma força muito poderosa quando orava, mas desta vez eu me senti envolvido por uma chama que abrasava todo o meu ser. Levantei-me e caminhei sobre as brasas como haviam feito os magos sacerdotes. Quando cheguei diante do altar ajoelhei-me e clamei pelo sagrado Agni. Após ter feito nova prece virei-me para o sacerdote chefe e perguntei-lhe:

— Amado mestre, o que devo fazer para destruir o espírito que habita o corpo da princesa Mejure?

— Irá consagrar no fogo sagrado estes sete colares, cada um feito de um cristal com uma das cores sagradas. Cada cor simboliza uma das sete forças do sagrado Agni, e sua ação sobre o ser humano. Após consagrá-los no fogo, irá voltar sobre o braseiro e colocá-los por sobre a cabeça do espírito das trevas que habita um corpo que não lhe pertence. Ao fazer isto ele será destruído para sempre. Nem às trevas ele retornará, já que o Fogo Divino o consumirá. Neste momento o espírito de Mejure voltará ao corpo dela, pois nós já o libertamos do local onde estava aprisionado.

— Mas ela também era uma feiticeira, amado mestre. Não vou querer como esposa alguém que me enganou por tanto tempo. Se nada disso tivesse acontecido eu também iria habitar nas trevas, ainda em vida.

— Você decide o que fazer, amado filho do Fogo Sagrado. Sua conduta posterior dependerá do juízo que emitir agora.

— Dê-me os colares para que eu os consagre amado mestre.

— Terá de levá-los ao interior das chamas um a um e consagrá-los. Quer que eu faça isto, amado filho do fogo?

— Não amado mestre. O senhor do Fogo Sagrado me reconhecerá como seu servo leal e os consagrará com sua chama imortal.

— Então vamos começar.

Um a um, eu os levei ao interior da pira ardente e os consagrei no meio das chamas intensas. O sétimo, de cor cristalina, eu o levei ao fogo por mais tempo que os outros. Eu não sentia as chamas me queimarem, mas sim aumentarem o poder do meu ser imortal.

Sikhan Daher, o filho do Fogo Divino, e o sagrado Agni eram um só ser, pois minha cor dourada expandia-se por sobre toda a pira incandescente. Após consagrar o último, os apanhei das mãos do mago chefe e unindo-os nas minhas mãos tornei a levá-los ao interior das chamas. Depois, seguindo a orientação dele eu voltei por sobre as brasas até a falsa Mejoure, que havia sido postada diante do braseiro. Ela já não gritava ou se debatia. Dois magos sacerdotes seguravam suas mãos. O poder deles a mantinha quieta e evitava que o espírito das trevas abandonasse o corpo que não lhe pertencia. Ao parar diante dela eu vi como era realmente um ser das trevas. Sua aparência apavoraria meu ser imortal se eu não estivesse possuído por uma força muito maior que se possa imaginar. Elevei com as duas mãos os sete colares e os coloquei por sobre sua cabeça. Do peito dela brotou o urro mais horrível que eu já ouvira. Imediatamente uma fumaça negra saiu do corpo de Mejoure e ele caiu ao solo. Então eu retirei os colares e voltei por sobre as brasas e os purifiquei nas chamas da pira sagrada. Colocando-os a seguir sobre minha cabeça, deixei-os em meu pescoço. Ao me voltar vi que o espírito imortal de Mejoure havia retornado ao seu corpo. Ela ainda estava um pouco atordoada, mas o mago sacerdote chefe foi até ela e tocou sua testa com a mão direita. Imediatamente ela assumiu seu ser com toda a sua consciência e falou:

— O que houve comigo? Onde estou?

— Você voltou das trevas Mejoure! Está em seu corpo novamente. Vem até mim por sobre o braseiro ou prefere que eu vá até você?

— Por que isto, amado Sikhan?

— Um dia você jurou diante do senhor do Fogo Divino e agora terá que provar sua fé diante de sua chama sagrada. Se passar por este braseiro sem se queimar, será minha rainha.


— Por que devo fazer isto?

— Como prova de sua submissão ao sagrado Agni. Só assim provará que é digna de sua proteção e bênção e que tudo o que me disse não foram mentiras para me iludir.

— Eu nunca lhe menti Sikhan!

Um sacerdote mago trouxe a bandeja coberta e eu retirei debaixo do tecido que a cobria a minha obra máxima ao amor, perguntei-lhe:

— Então como explica sua falsa história e o fato de este objeto lhe pertencer Mejoure. Estava junto com o seu tesouro, escondido



num baú. Se for para mentir não diga nada pois está diante do fogo do sagrado Agni.

— Eu a comprei e ocultei só para admirá-la. O amor sempre foi o que mais eu procurei em minha vida.

— Por que mentiu tanto para mim, Mejouré? Por que não me revelou que era uma feiticeira? Talvez eu a compreendesse e a amasse assim mesmo.

— Só fiz isso por amá-lo muito, Sikhan.

— Você não me amou de verdade, Mejouré. O que você viveu foi um fascínio pela minha obra. Foi a ela que você amou o tempo todo!

— Eu amei o seu saber e sua luz Sikhan. Não escolhi a minha condição de feiticeira. Ela me foi imposta por minha mãe.

— Quem é sua mãe, Mejouré?

— Atualmente é a rainha Lagushni e vive bem ao norte daqui, amado Sikhan.

— Diga-me Mejouré, foi você quem apunhalou o homem que você me disse ser o seu pai?

— Sim. Eu já não precisava mais dele e o matei.

— Quem foi realmente a Mejouré e filha daquele homem?

— Nunca existiu outra Mejouré senão eu. A filha dele morreu há muito tempo e eu o encantei fazendo-o acreditar ser eu a sua filha.

— Por isso ele era daquele jeito, um tanto abobalhado?

— Sim. Só assim eu o controlaria. Era por não me parecer com sua filha que eu obrigava os súditos a curvarem o corpo e não verem o meu rosto, pois poderiam ver que eu não era a legítima princesa. Se lhe menti sobre tudo isto foi por amá-lo, Sikhan!

— Então prove seu amor e venha até mim receber a sua coroa de diamantes, Mejouré! Só assim irei acreditar que me amou de verdade e ainda me ama.

— Mandé os magos me soltarem e lhe provarei o meu amor, ainda que eu me queime toda, pois o fogo me destruirá.

— Soltem-na, magos sacerdotes!

Eles a soltaram e ela começou a caminhar sobre o braseiro. Seus olhos inundaram-se de lágrimas, mas ela não emitiu o menor gemido de dor. O silêncio era tão intenso que até o crepitar do fogo às minhas costas cessou.

Mejouré deu vários passos e depois caiu sobre as brasas. Ainda tentou caminhar ajoelhada mas não conseguiu e teve todo o seu belo corpo atingido pelas brasas.

Eu caminhei rápido por cima do braseiro e a tomei nos braços. Ela ainda vivia quando a levei para perto da pira sagrada. Então, com grande esforço, ela falou-me:

— Sikhan, eu não menti quando disse que o amava. Disse-lhe várias mentiras, mas isto foi verdadeiro. Acredite-me, por favor!

— Eu acredito, minha amada Mejouré.

— Eu nunca havia sido possuída por homem algum antes e isto você comprovou naquela noite. Acredite-me, amado Sikhan!

— Eu acredito minha princesa amada. Meu amor não morreu e você comprovou-me que meu mestre estava errado.

— Eu também estava errada em muitas coisas, Sikhan, mas depois daquela noite eu procurei não errar mais e minha mãe revoltou-se com minha fraqueza. Foi por isto que ela aprisionou meu espírito imortal e fez com que um ser das trevas habitasse meu corpo para destruí-lo.

— Se não tivesse mentido, agora não estaria sofrendo assim, minha amada.

— Desde aquela noite, quando o senhor do fogo sagrado abençoou nossa união, eu sabia que iria sofrer muito. Lembra-se quando falou no preço que ele cobraria e no que eu falei?

— Sim, lembro-me de tudo.

— Eu sabia que o preço seria dolorido, mas eu pedi a ele que me livrasse do encantamento que me tornara uma feiticeira. Eu só o estou pagando agora, pois eu sabia que só alguém com a cor dourada poderia quebrá-lo. Só esta cor destruiria de vez a cor negra que havia em meu ser imortal e me tornaria dourada.

Seu mestre podia estar errado em várias coisas, mas estava certo quando lhe disse que se depositasse seu amor nas mãos de quem o refletisse e lhe devolvesse sua cor e luz, seria o mais feliz dos homens. Eu guardei o meu por muito tempo e o deposei em suas mãos. Eu tive como recompensa vê-lo refletido em mim na sua cor dourada.

Tanto você quanto seu mestre estão certos, Sikhan amado! O amor consegue ser tão diferente de tudo o que imaginamos que conseguiu transformar uma feiticeira imortal num ser mortal e iluminou minha alma dando-me uma cor brilhante, anulando a cor negra de antes.

Eu vejo o espectro do sagrado Agni aproximando-se de mim, meu amado! Ele veio colher minha alma imortal, pois fui sincera diante dele quando disse-lhe que queria mudar minha cor e meu modo

de vida. Após meu ser imortal ser levado por ele, queime meu ser mortal na sua pira sagrada. Jure que fará isto por sua amada!

— Não posso fazer isto com o corpo de minha amada.

— Jure-me, meu amado! Só assim minha mãe nunca mais poderá aprisionar o meu ser imortal com seus encantos. Livre-me da longa noite escura, Sikhhan amado!

— Está bem minha amada. Eu juro que a sagrada chama do Fogo Divino consumirá o seu ser mortal, assim como sei que o sagrado Agni acolherá seu ser imortal e o levará para a luz eterna.

— Beije-me, meu amado.

Eu a beijei. Foi um beijo cheio de ternura e eu colhi em meu ser o último suspiro de minha amada Mejoure. Eu a deposei aos pés da pira sagrada e pedi ao sacerdote chefe que purificasse o seu corpo com a sagrada água da vida. Isto feito, eu coloquei em sua cabeça a primeira coroa, a que só tinha um grande diamante, e depois a elevei ao alto com meus braços, lançando-a sobre a pira ardente do sagrado Agni.

As suas chamas consumiram rapidamente o corpo dela.

Nem um cheiro foi exalado. Eu creditei tal coisa ao acolhimento dele pelo sagrado Agni, senhor do Fogo Divino.

Só depois eu voltei a me vestir. Então desembainhei minha espada e a coloquei por uns segundos sobre as chamas da pira sagrada. Virando-me para a multidão de soldados que tudo assistira em silêncio eu a elevei acima de minha cabeça e gritei:

— Minha espada está consagrada ao sagrado Agni. Com ela lutarei por sua glória eterna. E se eu morrer por ele, me glorificarei para sempre! Quem quiser morrer pela glória do sagrado Agni, que venha consagrar agora sua espada na sua chama divina, pois a glória eterna os espera, guerreiros!

Shair foi o primeiro a puxar sua espada e ir até a pira sagrada. Após passar sua espada no fogo gritou:

— Viva Sikhhan, o filho do fogo e vivas à glória do sagrado Agni!

A multidão de soldados levantou suas armas e respondeu em uníssono à saudação de Shair.

Eu voltei com ele ao palácio. Os prisioneiros iriam sofrer o rigor da lei da guerra.

Os magos sacerdotes ficaram cuidando do fogo sagrado até que o último soldado passou sua arma nele, para só então o recolher ao interior do grande templo do sagrado Agni.

Quando fiquei a sós com Shair, ele comentou:

— Sua alma sofre meu rei, vou deixá-lo a sós para que dê vazão à sua tristeza.

— Tem razão meu amigo Shair. Mas minha alma só dará vazão à sua tristeza no dia em que eu matar Lagushni. Ela é a Princesa dos Encantos. Por duas vezes ela interferiu na minha vida e deixou-me vazio. Na terceira eu a destruirei, pois vamos combater os seus exércitos e quero cortar seu pescoço com minha espada.

— Nós não lutamos contra seres humanos meu rei. Estamos em combate contra as trevas mais poderosas que podemos imaginar.


— Tem razão Shair, por isto lhe peço que fique aqui e coordene as três frentes de combate. Vá enviando suprimentos e homens às frentes de acordo com as suas necessidades. Dê grande atenção às linhas de comunicação, pois teremos de saber como vai a luta nas outras frentes.

— Eu já tenho tudo montado meu rei. Poderá vir a faltar provisões ou reforços, mas nunca informações. Logo todos os marajás chegarão e serei sua voz a falar-lhes da necessidade de um grande esforço de guerra. E, se alguma dúvida ou indagação irrespondida houvesse em mim até hoje, agora já não mais as tenho. Creio que tudo o que vi hoje criou no meu íntimo uma razão para o fato de eu carregar esta espada pendurada em minha cintura.

— Espero que todos os outros comandantes possam sentir esta mesma força e confiança a guiar suas mãos no combate, leal Shair! Ao que parece Sager é mais um dos escravos da Princesa dos Encantos. Vá preparar tudo para minha partida, pois ao amanhecer quero me pôr a caminho. Os persas que atravessarem o rio Indo irão morrer afogados. E não será em sua água, mas no próprio sangue!

— Com sua licença meu rei. Terá tudo pronto ao amanhecer.

Shair saiu da sala e então eu dei vazão à minha tristeza. Eu era um homem resoluto no que me propunha a fazer. Mas só eu sabia como minha alma era sensível. Ninguém além de mim sabia que apesar das aparências em contrário, eu era um ser extremamente sensível. Esta minha sensibilidade traduzia-se num grande artista quando à arte eu me dedicava ou num grande amante quando uma mulher eu amava. Também havia sido assim quando reassumira meu grau de príncipe e ao poder eu me dedicara. Agora eu havia lançado minha sensibilidade nos braços da morte e através da guerra muitas mortes eu já causara e ainda haveria de levar muitas aos locais mais longínquos.



Eu admirava a obra máxima que um dia havia esculpido. Ali estava a essência de minha criatividade. Por ela uma feiticeira se colocara em minhas mãos e se purificara.

— Que ironia do destino! — exclamei.

A única mulher que depositara em minhas mãos a pedra preciosa do seu amor fora uma feiticeira. Ela podia ter sido uma mulher má, mas por amor mudara todo o seu ser. O que mais me tocava era que ela tinha preferido passar pelo suplício do fogo só para provar-me que podia ter mentido sobre muitas coisas mas não sobre o amor que sentia por mim.

Seu gesto máximo a igualava ao maior artista e sua concepção do amor não era inferior à minha, se bem que eu a mostrara numa obra e ela no gesto mais corajoso que um ser humano pode mostrar.

— Que o generoso senhor do Fogo Divino a acolha em sua morada eterna! — murmurei.

— Ele a acolheu, nobre rei!

A exclamação do sacerdote chefe assustou-me.

— Desculpe-me, meu rei! Não sabia que estava tão absorto em seus pensamentos mais íntimos.

— Não tem importância, amado mestre. Eu não posso ficar lembrando o que perdi, pois isto poderá enfraquecer minha força interior.

— Não a terá enfraquecida, amado rei. Será uma longa e difícil campanha, mas no final vencerá o sagrado Agni, pois uma nova religião terá sido semeada.

— Que ele me proteja, pois terei de lutar contra duas feiticeiras e um escravo de uma delas.

— Por que duas, amado rei?

— Lagushni é uma, a outra é Shadine, a rainha persa.

— Não tem certeza que ela seja uma. Não, por enquanto!

— Eu já tenho certeza, meu sábio mestre. Ela um dia jurou diante do senhor do Fogo Divino que respeitaria o pequeno reino do meu pai se eu sumisse das suas vistas e da Pérsia. Mas o que sabemos hoje é que ela reina até o Eufrates. Então ela engoliu vários reinos que haviam naquela região, inclusive o de meu pai. Por que tem de ser assim, amado mestre?

— Existem certas coisas para as quais não temos explicações. Veja o exemplo de Mejour e entenderá o que quero dizer.

— O que mais me atormenta é que fugi do meu destino e lancei o reino de meu pai na escravidão de uma feiticeira, amado mestre. Se eu não tivesse fugido, hoje talvez a história fosse outra.

— Sua história só será contada a partir do momento que você começou a viver o seu verdadeiro destino. E ele começou quando assumiu o comando do reino da coroa de diamante, amado Sikhan.

Antes apenas estava sendo testado pelo senhor do seu destino. Se não houvesse abdicado por duas vezes à tentação do poder fácil e ilusório não teria sido eleito por ele para a realização deste destino que assumiu aqui. Não é um ser comum e não tem um destino comum. A força que o guia é muito superior a tudo que possa imaginar e hoje eu a vi em todo o seu esplendor nas chamas da pira sagrada. A mão que empunhará esta espada consagrada no Fogo Divino não será sua mão e sim a do sagrado Agni.

Viva seu destino com generosidade e justiça, Sikhan Daher, e viverá em seu fogo generoso e justiceiro por toda a eternidade.

— Assim espero, amado mestre! Diga-me como devo proceder para não vir a perder o amparo da força que me guia.

— Seja generoso com os povos que conquistar e justo com os homens que derrotar nos campos de batalha e estará agradando ao senhor do seu destino.

— Assim será feito, amado mestre. Em todo reino que eu conquiste haverá um templo ao sagrado Agni. Só agindo assim eu estarei justificando para minha consciência a quantidade de sangue que farei correr sobre a terra, só porque aceitei viver o meu terceiro e último destino.

— Nenhuma causa que envolve o derramamento do sangue humano é boa, amado Sikhan. Mas há causas que são inevitáveis. E não importa nesta hora se é boa ou ruim, pois alguém tem de realizá-la. Se recaiu sobre você a realização de um desígnio do sagrado Agni, então a realize com toda sua força, saber e fé, pois só assim, ele, no final, a tornará uma boa causa.

— Ore por mim nos momentos em que realizar suas orações e peça ao sagrado Agni que não permita que eu enfraqueça nos momentos de maiores indecisões.

— Eu orarei por você todos os dias, amado filho do fogo.

— Aqui tem a coroa de diamantes, amado mestre. Eu o invisto da função de guardião dela. Se eu não voltar desta longa e difícil

campanha, peço-lhe que só a deposite numa cabeça que possa honrar e dar prosseguimento ao que um dia eu comecei, ao assumir meu terceiro destino.

— Eu a guardarei até sua volta amado Sikan, pois sei que sairá vencedor desta campanha. A glória do sagrado Agni o espera no final, pois o seu Fogo Divino anima este seu ser imortal.

— Assim espero, amado mestre. Shair cuidará das operações militares e o senhor das civis. Mas seu poder se sobreporá dele pois é o mestre sacerdote mago e sua palavra será lei enquanto eu não voltar.

— Saberei honrar a confiança que em mim deposita, amado filho do fogo.

— Só retribuo à que um dia o senhor em mim depositou quando o convidei a ser o sacerdote chefe do culto ao sagrado Agni. Creio eu que nossos destinos são comuns apesar de o senhor ser o sábio mago e eu o guerreiro que levará o Fogo Divino que combaterá as forças das trevas.

— Cada um de nós dois realiza uma parte de um todo muito maior, sábio guerreiro. Sua parte pode ser a mais dolorosa na realização deste desígnio sagrado. Mas a minha não é menos importante, pois de que vale a vida humana se não houver alguém a ensinar um pouco sobre as coisas divinas que os guiam nesta vida passageira?

— Eu sei disso, meu amado mestre. Por isso lhe digo: Shair vai enviar o alimento da carne e as armas da morte aos meus exércitos. Quanto ao senhor, que conhece as coisas sagradas, envie-nos o alimento a nossas almas e as armas da vida, que são os ensinamentos sagrados. O tesouro real está aberto ao exército mas também aos mestres do saber das coisas divinas. Use-o quando precisar, para que os seus enviados possam fazer renascer a verdadeira vida humana digna de ser vivida por todo ser humano nos campos, onde os meus enviados ceifarão um tipo de vida baseada na exploração do ser humano pelos mais espertos e poderosos, que não respeitam o sagrado Dom da vida.

— Seu destino não cairá no esquecimento, amado filho do fogo. Dos templos do sagrado Agni sairão os que espalharão as coisas eternas que dão um sentido a esta curta passagem do espírito pela carne. Deles sairão ensinamentos que durarão milênios e guiarão a longa jornada que todo espírito imortal tem de realizar, para que o Fogo Divino se acenda em seu ser imortal e ele possa viver na glória

do sagrado Agni, senhor do Fogo Divino e chama que anima tanto o meu ser imortal quanto o seu, e o de todos os seres.

— Benditas são suas palavras, amado mestre. Elas preenchem um vazio que se instalou em meu ser com a morte de Mejouré.

— Não volte para o seu leito esta noite filho do fogo. Venha dormir em nosso humilde mas puro alojamento. Quando voltar encontrará o seu leito purificado dos fluidos maus que aquele ser deixou sobre ele enquanto deitou-se ao seu lado.

Eu fui para o alojamento humilde mas agradável do meu amado mestre Rash Nurishpar. Dormi o sono dos justos, pois suas palavras tinham o dom de pacificar meu ser imortal.

Na manhã seguinte foi iniciada a partida dos soldados. Ao me despedir do comandante Shair ele ainda argumentou comigo:


— Designe outro para ficar, meu rei. Eu quero combater ao seu lado.

— Ouça, meu bom amigo: como acha que eu me sentiria se soubesse que ao avançar deixaria minha retaguarda desprotegida?

Ou imagine melhor ainda: se tivesse de combater num campo aberto e não tivesse ninguém para avisá-lo ou ao menos defendê-lo quando um inimigo viesse por trás e o ferisse de morte. Ou melhor ainda, pois este é o meu caso: imagine que fosse fazer uma viagem longa e deixasse sua casa aos cuidados de qualquer pessoa que não lhe fosse leal e competente para guardá-la. Bandidos a roubariam; pessoas inescrupulosas a destruiriam e outras até poderiam julgar que ela não teria dono e se apossariam dela. Diga-me como se sentiria o dono da casa quando voltasse, cansado de sua longa viagem, e não mais encontrasse sua casa ou a visse totalmente saqueada e destruída, ou o novo dono o impedisse de entrar nela pois agora era o novo ocupante. Responda-me, leal Shair?

— Eu tomarei conta de sua casa, meu amado rei que me honra com sua total confiança. Não sei se voltará cansado e triste ou vigoroso e alegre de sua longa jornada, mas eu cuidarei de sua casa, e das casas dos que o acompanharão na sua campanha. Não descarregarei minhas energias nos campos de batalha, mas não as pouparei noutros campos.

— Faça isto meu leal Shair e grande será sua glória porque todos os que partiram terão paz na guerra sabendo que há alguém leal e honrado tomando conta de suas casas.



Todos os marajás já foram avisados que você é o comandante de todo o exército na minha ausência e coordenará todas as operações destinadas a manter os exércitos em luta abastecidos com o mínimo necessário para que não sejam estrangulados pela fome. Suas ordens, de agora em diante, têm a força da coroa de diamante.

Seja severo com todos os marajás e diga-lhes para não se descuidarem das fronteiras a eles confiadas. Também não permita que o código de leis seja desrespeitado ou a minha doutrina relaxada, pois destas coisas dependerá a vitória na luta ou a durabilidade do que conquistamos. Você cuidará de alimentar o corpo do povo e o mestre sacerdote alimentará a alma deles com sua doutrina sagrada.

Sejam os dois como um ser humano: uno na aparência e na ação, pois tanto o espírito como a carne atuam no mesmo sentido.

Vocês dois serão eu, aqui neste palácio. Você será meu corpo, forte, enérgico e incansável e o mestre sacerdote será minha alma, incansável na ação e sábia nas decisões, sem deixar de me contestar a todo momento se estou cuidando bem do meu corpo ou não.

— Parta tranqüilo, meu rei. Nós cuidaremos bem da sua casa. Nela imperará seu código de leis e sua doutrina de ação: sentimentos, emoções, raciocínio e movimentos harmonizados atuando de forma coordenada.

— Até a volta meus bons amigos. Caso eu caia no campo de batalha não deixem que minha memória também pereça, pois ela será capaz de manter a chama do sagrado Agni acesa no coração de cada soldado e lhes dará forças para continuarem sua luta até a vitória final.

— És tão grande, amado rei, que se cair, cada soldado seu será um novo Sikhan conduzindo a chama sagrada do Fogo Divino.

— Que o sagrado Agni esteja ouvindo estas suas palavras e no caso de eu cair as torne reais, pois a alternativa seria voltar ao estado que tanto temos lutado para mudar.

— Até a volta amado rei.

Eu parti a galope e alcancei o meu regimento, assumindo a sua frente. Iniciei um canto sagrado do sagrado Agni e ele ecoou em todas as vozes dos meus soldados.

Se eu fosse um hebreu, diria que o espírito do Deus da guerra de Israel havia invadido nossos corpos.

Se eu fosse um islâmico, diria que partíamos com o fervor dos que partem para uma guerra santa.

E se eu fosse cristão diria que estávamos tomados pelo espírito messiânico.

Mas como naquela época estas religiões não existiam, eu digo que estávamos tomados pelo calor das chamas do fogo do sagrado Agni, hoje em dia conhecido em muitos países por Ogum guerreiro no dialeto africano.


O senhor da guerra havia incorporado seu fogo abrasador em nosso espírito imortal.

Viajamos várias semanas em marcha forçada, pois eu tinha pressa de atingir a fronteira oeste antes das chuvas se iniciarem e tornarem o nosso avanço muito lento por territórios inimigos. No meio da longa jornada eu, com minha oratória inflamada, dobrei o contingente do meu regimento. A lenda viva safa do seu palácio e partia para o campo. Jovens acorriam às dezenas pedindo para acompanhar o filho do fogo. Eu os recebia e os abençoava com a chama sagrada e os soldados mais experientes os iam preparando para a luta que se aproximava. Do sul e do norte informações me diziam que avançavam conquistando novas terras e novos súditos para a coroa de diamante.

Quando chegamos à última fronteira do reino, um novo regimento preparado pelo marajá da região uniu-se aos meus quase já vinte mil soldados. Eu já tinha um exército, e o dividi em três colunas. Em meio a fortes temporais, invadi o primeiro reino à minha frente. Várias dezenas de milhares de soldados vieram ao nosso encontro e sangrentas batalhas se iniciaram. O nosso espírito de guerra os ceifava como frágeis plantas no campo aberto.

Os que não morriam no campo de batalha eram feitos prisioneiros e juntados numa imensa coluna. Ao final de dois longos meses passados sob o tempo e debaixo das chuvas, tomamos a capital do reino e dormimos sob um teto, aquecidos no calor do fogo das suas casas. Um marajá foi designado e o código de leis e a doutrina de Sikhan Daher foram impostos com rapidez. Conquistar o coração e a mente daquele povo sofrido e espoliado não foi tarefa difícil.

Conquistar os soldados feitos prisioneiros, e já sem os seus comandantes que fugiram ou foram mortos, com minha oratória inflamada foi mais fácil ainda. Quando as chuvas cessaram e o solo secou, eu partia com quase sessenta mil homens. Em armas e bem abastecido para a longa jornada eu deixava à minha retaguarda não mais um reino hostil, mas uma região a mais da coroa de diamante.



Ao iniciarmos a marcha rumo ao norte para tomar mais um reino eu iniciei novamente o canto sagrado e ele ecoou com quase sessenta mil vozes, elevando sua altura até o infinito. A população da capital que assistia à partida das tropas só para ver o filho do fogo tanto a ouviu que uniu-se aos soldados e também, em uníssono, entoaram o canto sacro do sagrado Agni.

O senhor do meu destino foi honrado por um templo a ele dedicado e um povo que foi marcado por seu fogo sagrado. A lenda viva avançava rapidamente e no reino a ser invadido não houve resistências, mas sim saudações quando cruzamos suas fronteiras. O rei daquele povo e toda a sua corte e oficialidade haviam fugido de medo do filho do fogo e seu exército destemido que crescia dia a dia. Era um reino de tamanho médio e eu o dividi em três regiões. Três marajás com quinhentos homens cada um, todos retirados do regimento original, ficaram encarregados de impor o código e a doutrina de Sikhan Daher. Mais algumas linhas de abastecimentos eu deixava à nossa retaguarda. Nada mais eu temia na longa jornada rumo ao rio Indo. Não fui mais para o norte porque isto me desviaria da rota traçada. Eu avancei com meu exército já com cem mil homens, todos entoando o canto sagrado, sobre dois novos reinos e foi muito trabalhoso tomá-los, pois tiveram muito tempo para se preparar antes de chegarmos. Agora a luta era de igual para igual, pois Shair ainda não me enviara as armas pedidas e as disponíveis eram as dos reinos conquistados. Nossa única vantagem era a fúria com que lutávamos, motivados pelo canto sagrado e pelo grito de guerra sempre dito antes de uma batalha se iniciar.

— Viva o filho do Fogo Divino do sagrado Agni! A glória nos espera!

Após tomar os dois reinos eu resolvi estacionar os exércitos e esperar a chegada das armas pedidas a Shair. Não adiantava avançar sobre um forte reino que eu tinha à frente só com soldados desarmados e despreparados.

Dividi os dois reinos conquistados em sete regiões e dividi o exército de cento e vinte mil homens em sete regimentos, estacionados nas sete novas regiões da coroa de diamante. Eu, por acaso ou por um desígnio do senhor do meu destino, descobri minas gigantescas do tão precioso minério de que eram forjadas minhas armas de guerra. Iniciei a construção de uma forjaria e ensinei alguns soldados, retirados do meio do exército original, a fundir o minério. Logo

começava a fabricação das temidas e mortíferas armas do filho do Fogo Divino do sagrado Agni.

Supervisionei pessoalmente a aplicação do código de leis de Sikhhan Daher e pude ver a reação positiva dos novos súditos. Os soldados foram usados para construir sete fortalezas de porte médio nas sete regiões. À medida que as armas iam sendo forjadas e testadas em sua resistência, os soldados eram treinados no manejo das espadas longas, nas lanças com pontas de ferro pontiagudo e com a haste em forma de meia lua ou das setas com ponta de ferro, que eram a nossa arma mais mortífera e temida. Eu exigia o máximo nos treinamentos e os supervisionava pessoalmente.


As coroas e tesouros conquistados foram deixados guardados numa das fortalezas construídas. Os sacerdotes magos ganharam sete templos, onde o povo ia reverenciar o sagrado Agni. Eles, com a nova religião, conquistavam mais adeptos e eu conquistava novos soldados.

As armas de Shair chegaram um pouco atrasadas devido ao mau tempo e péssimas estradas. Eu, com minha oratória inflamada, guiei os soldados a uma nova atividade. Várias estradas foram abertas em todos os reinos conquistados e a comunicação entre todas as regiões ficou mais fácil. Nós não precisávamos, mas alimentos começaram a chegar pelas novas estradas abertas.

Do norte me vinham notícias de alguns revezes no campo de batalha, mas as fronteiras conquistadas estavam sendo mantidas e não podiam avançar, mas não recuavam pois esperavam por novos reforços. Quanto ao sul, uma nova arma havia barrado o nosso avanço, antes tão fácil. Sager usava os pesados elefantes contra meus exércitos. Eles também haviam estacionado à espera da melhora no tempo, chegada de alimentos, armas e homens. A distância de onde eu estava até a última coluna, mais no interior do continente, era menor que a do palácio da coroa de diamante até eles.

Eu resolvi socorrê-los, mas teria de subjugar dois reinos antes de chegar até eles. Armas eu já às tinha de sobra e as continuava produzindo. Shair já sabia que para mim não precisava enviar armas, homens ou alimentos e iria dar maior apoio ao norte, que estava sendo atacado incessantemente pelos exércitos da rainha Lagushni.

Com cinquenta mil homens eu iniciei um novo rumo a ser tomado. Os outros setenta mil ficaram para defender os reinos conquistados e manter as novas fronteiras. Foram dois reinos



tributários de Sager que caíram depois de longas batalhas. Eu levava uma cavalaria bem treinada e implacável no campo de batalha e arqueiros com uma pontaria incrível. Muito poucos soldados restaram dos exércitos inimigos. Pouco foi agregado ao meu exército, pois uma parte ficou com os marajás designados e iniciaram a formação de jovens totalmente desconhecedores da arte da guerra. Mas o código de leis e a doutrina de Sikhan Daher foram bem aceitos pelos novos súditos, que antes nada possuíam além do direito de viverem.

Agora tinham o direito de formar famílias estáveis, receberam terras para o cultivo e ficaram livres da escravidão. Os príncipes e toda a elite destes dois reinos foram passados no fio da espada sem a mínima complacência, pois cultuavam os deuses das trevas. Todos os ritos foram banidos e seus realizadores foram queimados no Fogo Divino do sagrado Agni. Eu presidia às cerimônias pessoalmente e sorria ao ver o povo sorrir de alegria por se verem livres da escuridão da alma.

Após as mudanças estabelecidas e as regiões instaladas, milhares de novos soldados começaram a ser preparados em minha doutrina, e sob o juramento do Fogo Divino do sagrado Agni.

Logo eu cheguei em socorro da coluna mais necessitada e fui aclamado por todos os soldados quando viram o filho do fogo à frente dos reforços com armas, cavalos e alimentos à vontade. Ao ver como o inimigo combatia com os pesados elefantes eu tomei uma decisão. Iria combatê-los com o fogo. Soldados começaram a cortar capim e secá-lo ao sol, para depois formarem feixes de um metro de diâmetro.

Uma poderosa coluna de elefantes, secundados por uma imensidão de soldados, foi avistada pelos batedores. Ao receber informações da topografia do solo, escolhi o local do confronto. Tomamos posição nos lados mais elevados do terreno e com enormes montes de capim seco prontos para serem usados. Era assustador ver o poder do exército inimigo, mas quando eles chegaram ao local mais propício aos meus planos, os feixes de capim foram incendiados e lançados à frente dos enormes paquidermes.

Eles assustavam-se com o fogo e entravam em pânico, derrubando os soldados postados nos seus imensos dorsos. Na frente, uma imensa pira de capim seco ardia e eles, em um estouro medonho que estremecia as colinas onde estávamos, recuaram sobre o exército de Sager. Sua infantaria foi dizimada ou desagregada sob as patas de seus próprios animais.

Só então os arqueiros os atacaram com suas tão temidas setas, abrindo caminho para a minha bem treinada cavalaria. O imenso vale ficou coalhado de sangue dos cadáveres dos soldados de Sager. Poucos foram os soldados que conseguiram fugir do massacre. Uma parte do poder do rei Sager deixou de existir numa única batalha em que as minhas únicas perdas foram dois soldados. Um porque seu cavalo tropeçou nos cadáveres massacrados pelos elefantes e outro por ter rolado colina abaixo ao lançar um feixe de capim ardendo em chamas.


Os cavalarianos, a muito custo, trouxeram de volta os elefantes e depois de aprender a manejá-los, uma nova arma foi incorporada ao meu exército. Espiões me informavam onde combater e logo nós avançávamos novamente.

Sager era o meu alvo. A nova arma para assustar os elefantes foi um sucesso nas outras frentes que desciam rumo ao sul. Agora, com a chegada de imensos contingentes de homens enviados por Shair, nós éramos superiores a Sager. A coluna que descia próxima das costas avançava sem parar desde o princípio e era a mais bem preparada para iniciar o ataque final ao sul. Ordens neste sentido foram enviadas ao seu comandante. Ele possuía o apoio de embarcações que lhe supriam de alimentos e armas com mais rapidez que as outras colunas.

Ele, num ato de extrema coragem e grandeza, deu ordens para seu exército avançar até uma capital regional de Sager e conquistou-a com um pouco de dificuldade. Ali, depois de ceifada a vida dos altos servidores de Sager, ele engrossou o seus efetivos já de quase duzentos mil homens com outros cem mil ali capturados. À frente ele tinha uma longa extensão de terras povoadas, mas sem fortificações para defendê-las. Enviou os seus batedores para sondarem as atividades dos inimigos. Ao saber que não tinha obstáculos à frente, começou a reter os barcos que chegavam com suprimentos e pediu que lhe enviassem mais.

Avançou os cinquenta quilômetros de campo livre e estabeleceu ali seu ponto de espera para aguardar a descida e reunião com as outras colunas. Naquela altura do avanço o continente se afinilava e nós tínhamos um plano que, ao unir os exércitos, estranguláramos Sager e o obrigáramos a se refugiar no Ceilão.

Mas como eu disse, num lance de ousadia o comandante desta coluna, após se estabelecer, deu ordens para que uma parte viesse em perpendicular ao encontro da sua paralela, facilitando o seu avanço,



pois combatia o inimigo pelo flanco enfraquecendo sua capacidade defensiva. Outra parte ficou defendendo as fronteiras estabelecidas e a terceira, com ele à frente, começou a embarcar rumo ao Ceilão. Ia ele atacar o reino originário de Sager. Tinha em mente pegá-lo desprotegido, pois havia capturado alguns soldados da ilha no último combate e com o uso da tortura e da ameaça do fogo, ficou sabendo que os soldados da ilha haviam sido deslocados para a defesa da capital de Sager no continente. Esta sua ação mudou o curso da guerra. Ele escolheu uma praia deserta para o desembarque e com as informações sobre a topografia da ilha e suas defesas, avançou sobre ela. Ali o sangue correu em profusão, pois suas ordens eram de que os soldados, ou ceifavam tudo à frente, ou não mais voltariam para suas casas. Só posteriormente ficamos sabendo, mas em três semanas ele, inicialmente com arqueiros, infantaria e lanceiros desmontados pois não era possível transportar cavalos, dominou toda a ilha com cem mil homens. A maioria dos homens da ilha foi passada no fio da espada. Os tesouros fabulosos de Sager foram tomados e incorporados ao da coroa de diamante. Ele se instalou com seus soldados no palácio que Sager possuía e dali planejou invadir o continente a partir do sul, em um terreno totalmente hostil. Ele fez isto mesmo e logo Sager foi surpreendido com a notícia de que não mais controlava a ilha e ainda era atacado de um ponto onde ele jamais imaginou que seria. Como era bravo e engenhoso este comandante chamado Shipore. Lentamente ele começou a subir, e conseguia as informações de que precisava à base do medo e da tortura. Com isto sabia onde e quando atacar. Veio subindo o continente com setenta mil soldados, pois havia deixado cerca de trinta mil ocupando a ilha conquistada. Começou a engrossar seu exército com o proselitismo dos sacerdotes que o acompanhavam. Estes purificavam os templos dedicados aos deuses trevosos de Sager e os dedicava ao sagrado Agni. Os sacerdotes diziam que o filho do Fogo Divino era o novo rei e trazia consigo a libertação das almas do domínio das trevas, e não mentiam. O medo da espada afiada e do horror às trevas os colocavam docilmente sob o poder de Shipore e seus sacerdotes.

Sager era uma presa a ser sacrificada no Fogo Divino. Tudo agora era uma questão de tempo.

Mas tempo era o que não faltava, pois os persas começavam a chegar.

Fiquei sabendo disso pela lealdade de uma velha amizade. Quando eu capturei o reino onde havia trabalhado com o joalheiro Lahor, eu fui até sua oficina e não o encontrei. Procurei saber onde estava e fui informado que ele havia sido convidado a ir até a Pérsia. Fiquei triste por não encontrá-lo, mas logo o esqueci.

Depois, quando eu avançava para o sul ao lado da última das colunas, ele veio até mim conduzido por uma escolta que chegou ao acampamento em furiosa cavalgada. Ao ver a aproximação do grupo de soldados fui recebê-los e fiquei muito contente ao ver o senhor Lahor, que me abraçou comovido.

— O que o traz até mim senhor Lahor?

— Notícias desagradáveis sábio Sikhan. Os persas se aproximam do seu reino e vêm com uma sede de sangue insaciável.

— Conte-me tudo desde o princípio, senhor Lahor.

— Vou contar, sábio Sikhan!

Eu fiz um leilão de sua criação máxima. Lembra-se dela? Pois bem! Um mercador persa tentou comprá-la após ouvir sua história contada por mim e que falava da princesa Shadine. Ela já era a rainha do reino persa naquela época. Ele não conseguiu comprar pois uma princesa cobria todos os lances e levou consigo a peça. O mercador, após comprar em nosso reino o que necessitava, voltou à Pérsia. Um ano depois voltou a minha oficina e convidou-me a conhecer a Pérsia e a própria princesa Shadine. Como eu relutava em aceitar o convite me ofereceram uma fortuna para os acompanhar. Como bom negociante e já tendo ouvido dizer coisas sobre um príncipe Sikhan que muito longe dali havia assumido a coroa do reino do diamante e ameaçava toda a região com sua sede de poder e sua crueldade, os acompanhei.

O mercador não comprou nada desta vez e partiu rapidamente de volta à Pérsia. Viajamos com tal rapidez que dois meses depois eu estava entrando na capital do reino deles. Após descansar um dia e ser bem alimentado fui levado até a princesa Shadine. Tinha razão! Ela é muito bonita e se parecia incrivelmente com a figura por você esculpida na minha pedra mais valiosa.

Ela primeiro pediu-me informações sobre a obra feita por você. Após eu falar com os olhos do comerciante que sou, ela pediu-me para repetir sem floreios a história que o motivara a imaginar tal obra.

Eu disse a ela tudo o que o motivou, inclusive que fora eu quem lhe pedira para que a fizesse.

Finalmente ela pediu-me que o descrevesse, sua alma e seu estado de espírito. Mas exigiu que eu fosse o mais sincero e verdadeiro na minha descrição. Não sei se fui, mas procurei dizer-lhe o que eu achava de você, sua alma e seu estado de espírito. Ela não disse nada enquanto eu falava e quando terminei de dizer tudo o que ela queria saber, fui conduzido de volta ao meu aposento em seu belo palácio. Ainda ouvi, pois tenho uma audição aguçada, quando ela disse a um senhor já de idade avançada que você era realmente Sikhan.

— Quais foram e em que tom foram ditas as palavras dela?

— Foram ditas de forma impessoal. Assim como se não tivessem a menor emoção. E foram estas: não há dúvidas, é Sikhan mesmo.

No dia seguinte eu recebi o restante do tesouro oferecido e parti do palácio. Resolvi ficar algum tempo na capital persa para ver se fazia algum bom negócio. E acabei me estabelecendo lá por um tempo à espera de que algum aparecesse. Descobri que ela não possuía esposo e soube pelos lábios de um bêbado que comigo conversava que seu amado havia sido assassinado. Quis saber o nome do amado, mas ele não soube me dizer, nem quando isto acontecera.

Só disse que ela era uma mulher triste e sem luz.

Ao ouvir estas palavras eu estremeci. Por dentro um calor subiu até minha cabeça — Ela é uma feiticeira! — pensei, pois para um bêbado dizer isto é porque o povo já devia saber.

— E o que me pode dizer dela como pessoa, sua aparência etc., pela visão apurada e perspicaz que possui, além de saber avaliar as coisas?

— Eu a achei tão bela como a imagem esculpida na pedra. Envelheceu um pouco, mas não mudou nada. É triste em sua alma e muito calada. Só falou o necessário para me perguntar o que queria saber e só fez o comentário final.

— O que me pode dizer sobre o avanço do seu império até o Eufrates.

— Acho que foi devido a uns incidentes com uns reinos vizinhos que não quiseram pagar os tributos acertados em tratados. Acho que só não vieram para esta região antes devido às lutas sangrentas que travaram por lá. Eu ainda estava lá quando uma comitiva do rei Sager foi em busca de apoio dos persas.

— Quando foi isto?

— Há dois anos, mais ou menos. Fiquei curioso e vigiei, até que quinze dias depois voltaram para o reino deles. Nada pude saber,

pois o acesso ao palácio é impossível. Não sei o que acertaram mas, seja o que for, só agora vão ser atendidos os pedidos, pois só há oito meses a paz foi conseguida no lado do Eufrates. Eu já enviava caravanas para cá, pois os negócios prosperaram muito após o reino onde eu tinha meus negócios cair sob suas forças. O que me pareceu uma desgraça transformou-se numa coisa muito boa. Todos foram surpreendidos com sua ação, determinação e generosidade para com os súditos. Não foi uma conquista e sim uma libertação. Isto eu sei pois meu filho me enviava mensagens falando sobre a nova realidade criada com seu código de leis justas e cumpridas tanto pelo povo como pelos seus marajás.

— Assim como esgotei minha criatividade do amor naquela obra, eu esgotei meu senso de justiça no código de leis. Tanto ela quanto ele são perfeitos e encantam da forma que são. E se alguém tentar aumentar ou subtrair alguma coisa, perderão a perfeição, leal Lahor. Mas, o que o fez mudar de idéia e vir até mim como o vento de uma tempestade?

— Eu fazia um bom comércio da Pérsia para cá e daqui para lá. Mas comecei a ver a chegada dos exércitos persas vindo de além Eufrates. Eles avançaram muito além do Eufrates, rei Sikhan!

Eu vi milhares e milhares de soldados chegarem e corria a notícia dizendo que viriam ajudar o rei Sager e socorrer alguns reinos tributários da Pérsia às margens do Indo.

Assustei-me com a possibilidade de nova guerra, e desta vez mais sangrenta que a anterior, pois agora não seria um mesmo povo dividido em muitos reinos a se guerrear. Neste caso os reis se matam mas os súditos são poupados pois falam a mesma língua e têm os mesmos costumes e origem.

Mas no caso dos persas, não. Será um outro povo, outros costumes e nova língua que irão ser impostas a todo mundo. E pela quantidade de soldados que vi ser mobilizada, presumi que viriam muitos.

Como eu tinha feito boas amizades, soube através de um conselheiro da rainha Shadine que viriam em duas direções, uma para socorrer o rei Sager ao sul e outra em linha reta ao seu encontro. Cada frente vem com duzentos mil soldados tão bem armados quanto os seus, pois eles conhecem a metalurgia tão bem quanto você.

Eu me senti compelido a vir avisá-lo pois eu aprendi a admirar sua arte quando trabalhou comigo e muito mais depois, com o seu



código justo e libertador do jugo dos príncipes e reis. Aproveitei a chegada de uma caravana minha e disse aos amigos que minha esposa adoecera e eu iria visitá-la, pois estava muito mal. Parti com a caravana e pude ver o tamanho do exército persa. Eu viajava muito mais rápido que eles e, após o Indo, eu deixei a caravana para trás e cavalguei com a fúria de uma tempestade até encontrá-lo aqui.

— Sabe onde eles estabelecerão o ponto de apoio a Sager aqui no sul?

— Sim. Eu ouvi isto do conselheiro.

— Então assinale-o aqui neste pergaminho, para eu barrar o avanço deles.

— Aqui é o local aproximado, no caso de eu não ter sido enganado pelo conselheiro. Se ele mentiu deliberadamente para ver o que eu faria, então acertou, pois eu vim avisá-lo meu amigo!

— Não acho que seja mentira, pois creio que você também está vivendo o meu destino. Nossos destinos, ao se cruzarem um dia, se uniram e ainda que sendo vividos em lugares e modos diferentes, não mais se separaram. Ore ao sagrado Agni para que ele me conduza à vitória contra os persas e o cobrirei com a fortuna.

— Um dia você fez sua obra maior e eu ganhei minha maior fortuna com ela. Minha fortuna era de ouro e pedras preciosas.

Agora eu acho que fiz o possível para realizar a minha maior obra, que se não for falsa irá trazer-lhe sua fortuna. Eu só retribuí ao maior artista o que ele um dia fez por mim. Nada me deve por isto grande Sikhan Daher. Só peço que me leve junto, pois se vier a cair, quero cair ao seu lado, e se vencer quero comemorar tão grande vitória ao lado do vencedor, que é o maior artista que eu já conheci.

— É, a partir de agora, meu convidado às festas que se realizarão após a derrota dos persas, pois eu não vou perder esta luta meu leal Lahor. Digo isto porque sinto que vivemos o mesmo destino e que foi enviado até mim pelo sagrado Agni.

— Que assim seja, filho do Fogo Divino. Beberei uma taça de néctar em sua honra após sua vitória.

— Descanse na minha tenda, meu bom amigo. Logo virão trazer-lhe algo para comer, pois vejo que está muito fraco.

— Cavalgamos muitos dias sem descanso meu rei. Não podia perder tempo.

— Obrigado nobre Lahor! Agora vou começar a agir. Fique à vontade na minha tenda.

Eu me reuni com os comandantes e expliquei-lhes a nova realidade. Enviei mensageiros em várias ondas, pois no caso de um falhar o que vinha atrás chegaria ao seu destino final.

As mensagens eram incisivas aos comandantes de todas as frentes: avancem em marcha acelerada e varram tudo à frente, sem perder tempo com o estabelecimento das regiões e marajás. Coloquem em ação total só a doutrina de guerra de Sikhan Daher e esqueçam-se do código de leis, pois os persas estão chegando ao sudeste e a oeste.

Abaixo eu assinava: — “Que o Fogo Divino torne incandescente as lâminas de suas armas!”

Para Shair eu enviei uma mensagem mais longa explicando-lhe tudo claramente e ordenava-lhe que enviasse todo o auxílio disponível à frente oeste, deixando a frente norte estacionada e, também, que não mais enviasse auxílios à do sul, pois poderia precisar dela caso nós fôssemos derrotados. Para ele também vários mensageiros partiram sucessivamente, pois eu precisava ter plena certeza de que ele receberia minha mensagem. Cada mensageiro partia num cavalo e levava outro de reserva para trocar de montaria e, assim, não cessar a cavalgada.

A coluna paralela foi chamada a juntar-se à minha e encontrar-se comigo no ponto estabelecido para combater os persas. Eu partia na frente por um caminho, e eles nos encontrariam posteriormente. Eu torcia para que os persas ainda não houvessem chegado.

Os comandantes avançaram rumo ao sul em marcha acelerada e logo chegaram ao encontro de Shipore que vinha do sul. Dali, unidas duas colunas, abriram um leque e devastaram tudo à frente e pelos lados. Foi um tempo em que o espectro da morte reinou absoluto no sul do continente. Após as fronteiras estabelecidas imperava a lei do mais forte. O código de leis de Sikhan Daher foi deixado de lado e, onde havia resistência, a crueldade se impôs implacável. Não faziam prisioneiros ou impunham-lhes minha doutrinação do Dom da vida.

Eles não tinham tempo para isto!

E o tempo era aliado de Sager. Quase trezentos mil homens invadiram a sua capital, mas após sangrenta e cruel batalha não o encontraram. Ele havia fugido com seu séquito já há algum tempo. Não encontraram nada de valor no seu fabuloso palácio. Uma parte do exército tomou conta da capital e o restante avançou varrendo tudo à frente do sul para sudeste; pela costa vinha um exército de

cento e vinte mil homens com sede de sangue. E do centro, rumo à costa oeste, duas colunas se uniram e cobriam tudo desde o extremo sul até as fronteiras estabelecidas. Pequenos regimentos foram enviados pelos marajás recém-estabelecidos. Eles traziam consigo víveres e roupas para os que combatiam. Lentamente os exércitos iam se encorpando novamente na direção do ponto assinalado no mapa.

Algo devia estar errado! Eles avançavam em marcha acelerada, pois encontravam pouca resistência pela frente. Sim, algo devia estar errado, pois Sager não lhes opunha um grande exército nos combates travados.

Neste meio tempo eu cheguei às proximidades do ponto assinalado e, ao ouvir as descrições do que viram os batedores, meu ser mortal gelou tanto que até o fogo que me animava se apagou.

Grandes fortalezas guardavam o acesso à região e havia, pelos cálculos deles, meio milhão de soldados espalhados desde as elevações rochosas até a costa marítima. Se eles sássem de suas fortificações e nos atacassem de imediato, seríamos ceifados como ervas frágeis. Eu mesmo fui dar uma olhada nas forças reunidas por Sager.

A elite do seu exército havia se juntado ao exército persa. Da elevação mais alta dava para ver o ardil usado por ele.

Sager levava seu exército por mar até o ponto de encontro com os persas. Foi por isto que os espíões espalhados por todo o reino não viram grandes movimentações de tropas por terra.

Enviei mensageiros a todas as frentes que se aproximavam, dando-lhes notícias sobre o ardil preparado. Se eles viessem todos para o ponto marcado encontrariam meio milhão de soldados, no mínimo, pela frente. Estavam todos bem armados, descansados e bem alimentados. Meus exércitos chegariam combalidos até o local de sua destruição final, pois Sager lhes deixara o campo aberto para o avanço acelerado e devia saber que não estabeleciam linhas de suprimento e defesa recuada.

A estratégia de Sager e dos persas era perfeita. Era a que nós usáramos para acabar de uma só vez com o grande exército do príncipe Farses, filho do rei Sager. Nós o induzíamos a avançar sem medo algum e agora o mesmo aconteceria conosco.

Eu ordenei um recuo do meu exército e esperava a chegada da segunda coluna paralela. Vários mensageiros foram enviados para

avisá-los a seguirem um novo rumo na sua marcha. Se nos uníssemos já teríamos uma força considerável para tentarmos resistir até a chegada das outras três colunas, pois, em caso contrário, uma a uma, seriam todas destruídas à medida que chegassem ao ponto assinalado.


Recuei até uma região montanhosa, mas não muito elevada e com uma vasta campina à frente. Tínhamos à nossa frente vários quilômetros de campo plano para podermos ver a chegada do inimigo caso ele caísse sobre nós.

Minha mente trabalhava incessantemente à procura de alternativas de combate. Eu sabia da combatividade dos soldados persas, e de suas armas também! Ali não enfrentaríamos soldados armados com longos punhais que se quebravam ao contato com nossas espadas, e suas setas não erravam os alvos, pois tinham as pontas de ferro.

Desta vez seriam de iguais para iguais nas armas. Mas no número de homens, nós, isolados, perdíamos de cinco a um.

Instalamos uma linha de defesa avançada e o restante recuou para a encosta da colina. Eu subi até o monte mais elevado e fiquei observando o campo à frente enquanto o exército se espalhava numa longa linha defensiva. Após muito observar o campo à minha frente tomei uma decisão temerária.

Desci da colina até onde estavam reunidos os comandantes e comecei a dar ordens. A um, ordenei que dividisse a cavalaria em duas partes e enviasse uma rumo ao sul e outra para o norte. Eles teriam de ter mobilidade e onde estavam não nos seriam úteis num primeiro combate. Feito isto, cavaleiros ficaram de duzentos em duzentos metros postados à espera de ordens que seriam enviadas aos comandos quando a luta começasse. Enquanto a cavalaria era distribuída para lutar pelos flancos, alguns milhares de soldados começaram a abrir um largo aceiro no capinzal, uns dois quilômetros à frente da linha avançada, enquanto outros tantos transportavam pedras de todos os tamanhos e as deixavam um quilômetro adiante da mesma linha. Usavam os elefantes para arrastarem as maiores e carroções cheios de pedras menores. Iam espalhando-as no meio do capinzal formando uma larga faixa onde as pedras ficavam encobertas pelo capim. Até o anoitecer o aceiro foi feito e homens ficaram ao lado de fogueiras que não podiam deixar que se apagassem. A cada cem metros havia uma delas com vários homens bem instruídos ao seu lado.



Quanto aos que transportavam pedras e criavam um largo cinturão, foram substituídos por outros descansados e a noite toda foram colhidas pedras das colinas e levadas para o meio do capinzal. Ao amanhecer foram substituídos por soldados descansados e o trabalho continuou incessante. Um dos comandantes ponderou comigo a razão de tanto esforço que estava esgotando os soldados.

— Este esforço irá salvar-lhes a vida e trazer-nos a vitória num primeiro encontro com o inimigo, comandante!

— Não vejo como, meu rei. Eles estarão tão cansados que mal poderão empunhar suas espadas.

— Mas observe que os arqueiros estão descansando meu comandante. Eles vão atuar no primeiro ou segundo combate. Vá chamar todos os outros comandantes e subcomandantes pois é hora de expor as minhas táticas de luta.

Quando todos estavam reunidos eu lhes falei como teriam de lutar num primeiro momento. Com isto feito, enviei dezenas de batedores para cobrirem toda a extensão do campo à frente. Eles nos diriam com antecedência qual força primeiro nos atacaria.

Neste momento os mensageiros enviados à coluna que vinha em paralelo com a nossa chegaram.

— Onde estão eles agora, rapaz?

— A dois dias daqui meu rei. Vão acelerar a marcha para nos socorrerem a tempo, em caso de sermos atacados.

— Menos mal, mas teremos de resistir sem muitas perdas até eles chegarem.

Eu olhava o campo à frente e orava ao senhor do meu destino para que nos auxiliasse na hora certa, mudando o rumo do vento, pois ele ainda nos era desfavorável. O sol estava ao nosso lado pois surgiu radiante no horizonte. Nem uma nuvem o ofuscava e em pouco tempo todo o capinzal estaria seco e no ponto para ser minha maior arma caso sofrêssemos um ataque maciço.

Por volta das dez horas o vento mudou sua direção e nos ficou favorável. Mas o ataque não vinha.

A cavalaria tinha sido instruída para, em caso de sofrermos um ataque, esperar o campo à frente do inimigo arder em chamas para só então cortar-lhes a retirada. Já haviam descansado a noite toda e tinham se alimentado bem. Para aqueles homens, submetidos nos últimos tempos a duros combates e longas marchas, uma noite de

descanso era tudo do que precisavam para estarem preparados para a luta. Por volta das onze horas os batedores chegaram a todo galope com informações sobre o avanço do inimigo.

Vinham às dezenas de milhares. Na frente vinham centenas de elefantes com suas boléias cheias de arqueiros persas e logo atrás vinha a cavalaria de lanceiros de Sager com suas novas lanças com pontas de ferro afiadas, e só então vinham os infantes.

Pouco depois eu sorri ao ver o horizonte fechar de soldados à nossa frente.

— O sagrado Agni lutará por nós esta primeira batalha, meus comandantes! Ordenem que os homens que cuidam das fogueiras esperem o nosso canto de guerra para então iniciarem o incêndio. Que ajam rápido quando o ouvirem, pois será a hora do Fogo Divino lutar por nós.

Eles transmitiram as ordens e eu ordenei o avanço dos arqueiros até o aceiro. Eles teriam de derrubar quem ultrapassasse as chamas. Atrás ficavam os lanceiros a pé, com ordens de avançar sobre os inimigos que sobrevivessem ao incêndio.

Lentamente um ruído foi aumentando de intensidade e o exército inimigo foi tomando corpo. Do alto da colina eu vi o mais treinado exército persa avançar ao nosso encontro. Como sempre, seus comandantes confiavam no número e destreza dos seus soldados. Eles tinham tal confiança nesta tática de guerra que não viam com quem lutavam e nem onde estavam.

Ali não eram os desertos abertos da Pérsia ou Mesopotâmia. Estavam em solo Hindu e iriam sofrer a primeira grande derrota já no primeiro ataque.

Agora o barulho se tornava ensurdecedor. Estavam a mais ou menos três quilômetros do aceiro quando aceleraram a marcha e puseram-se a galope. Eu iniciei o canto de guerra, pois senão eles se aproximariam demais.

Os soldados próximos me acompanharam e o fogo foi ateadado ao capinzal. Por vários quilômetros de extensão as chamas começaram a tomar corpo, criando uma longa linha incendiária. O capim estava seco da metade para cima mas daí para baixo ainda estava verde. A fumaça era pior que as chamas e o vento, como ajuda do sagrado Agni, aumentou sua intensidade, elevou as chamas e levou rapidamente a fumaça aos olhos dos inimigos.

Do alto da colina, tanto eu como meus comandantes sorrimos de alegria ao ver o caos instalar-se num tão bem estruturado exército. Os guias dos elefantes tentavam fazê-los avançar sobre as chamas mas nada conseguiam. Eles boleavam e logo iniciaram um recuo assustador. Os cavalos e cavaleiros, com a fumaça ardendo os seus olhos, perderam todo o sentido de formação de ataque e o caos também tomou conta deles. Agora, de um lado ecoava o canto de guerra do sagrado Agni e do outro as vítimas que seriam imoladas no seu altar profano levantado por nós. As chamas atingiram uma larga faixa e uma altura medonha com o vento forte que as conduziam com rapidez sobre os inimigos. Neste momento, dos dois lados surgiu um novo ruído ensurdecedor. Eram as divisões de cavalaria que bem ao fundo haviam iniciado sua penetração por trás das linhas inimigas barrando sua fuga alucinada do fogo terrível.

Do alto da colina eu pouco podia ver a distância, mas eu imaginava o que estava acontecendo. Os infantes, sendo esmagados pelos cavaleiros e elefantes em desabalada fuga, largariam para trás suas armas e escudos para melhor correr, e seriam ceifados pelas lanças com a meia lua cortante e tão temida, ainda que o lanceiro não acertasse o inimigo com sua ponta afiada a meia lua o feriria profundamente.

Nós podíamos ver elefantes derrubando cavalos e esmagando infantes em fuga. Era a hora de os arqueiros iniciarem os seus ataques. Eles avançavam por trás das chamas e pisavam em solo calcinado e ainda quente, mas suportável para seus calçados com sola de madeira. A cada arremesso de uma onda de setas, milhares de soldados caíam mortos ou feridos. Se havia um inferno onde só existia a dor e os gritos de pavor, ele estava ali à minha frente. Eu contava mentalmente o tempo que levaria para minha cavalaria fechar a retirada deles, pois onde estavam a fumaça já se dissiparia e estariam tão motivados que ninguém passaria vivo por eles.

E foi o que aconteceu. Elefantes caíam por sobre os cavalos. Os cavaleiros em fuga abandonavam suas pesadas lanças para tentar controlar suas montarias com as duas mãos. De um lado o fogo e as setas os destruíam e do outro começava o avançar de minha cavalaria. Os cavalos e cavaleiros tinham as narinas e boca cobertos por tecidos para não aspirarem muita fumaça. E um cheiro de carne queimada tomou conta do ar. Os cavalos inimigos eram capturados por homens

especialmente designados para isto, pois teríamos de tomar do inimigo o que nos faltava. Elefantes também foram capturados por homens que sabiam como controlá-los. Depois de duas horas de luta, todo um exército de Sager e dos persas jazia no campo ou havia sido capturado.

Todas as armas em boas condições foram recolhidas do campo de batalha. Arcos e setas, tanto nossas como deles formaram um gigantesco arsenal que antes não tínhamos. Os cavalos e elefantes foram conduzidos com cuidado até se acalmarem, e depois foram montados por nossos soldados.

Os muito feridos foram exterminados no campo mesmo e o resto deles levados a um acampamento improvisado. Quando todos os comandantes e subcomandantes se reuniram, todos elevamos uma prece ao sagrado Agni por ter lutado por nós. Não mais que dois mil cavaleiros haviam perecido na batalha, mas vinte mil foram capturados e várias centenas de elefantes incorporados aos mais de quinhentos, já nossos. Após os alimentarmos e cuidarmos dos seus ferimentos, começaram a ser preparados para a mais nova surpresa que eu iria causar ao inimigo. Se havia algo que não existia em mim era o medo e a falta de ousadia.

Nenhum soldado inimigo conseguiu escapar pela cavalaria de Sikhhan Daher, e assim que as chamas foram ateadas, cavaleiros avançaram contra os que tinham a obrigação de levar notícias dos combates à fortaleza de Sager e dos persas. Roupas foram tiradas dos cavaleiros e prisioneiros e vestidas pelos meus cavaleiros que já estavam com todos os cavalos prontos e os elefantes também. Quando tudo teve início, uns trezentos soldados arregimentados naquela região sul, vestidos como os de Sager, iriam na frente mas não muito longe do resto do exército. Eles iam com tochas nas mãos e iriam incendiar os barcos ancorados na praia. Entrariam na praça à noite e não seriam reconhecidos. Iriam gritando que haviam vencido a batalha e que o exército vinha logo atrás.

Eu havia visto a disposição das forças e sabia como eles deveriam fazer para chegar aos barcos rapidamente, incendiá-los e se retirar. Enquanto isto os falsos soldados fariam o maior número de vítimas possíveis. Um grupo especialmente instruído da cavalaria iria tentar roubar os cavalos do acampamento deles. Eram agora quatro contra um, mas valia a pena, pois nós os pegariamos totalmente

desprevenidos e ainda dormindo ou sonolentos. A surpresa seria tanta e o ataque se processaria só com arqueiros-lanceiros. Eu os tinha muito bem treinados e eles já haviam demonstrado suas qualidades em várias batalhas. Tanto lutavam no plano como nos terrenos acidentados, tanto de dia como de noite. Sentimentos, emoções, razão e movimentos em harmonia e coordenados foram reiterados antes da partida, com uma oração ao sagrado Agni.

Quando partimos a meio galope o solo tremeu e um ruído ensurdecedor invadiu nossos tímpanos. Eu ia junto com os que incendiariam os barcos pois eu queria ter certeza de que eles não tivessem uma saída pelo mar. Dele nada mais esperariam e a partir daí o teriam como inimigo e não como aliado, pois em caso de derrota não teriam por onde fugir. Eu colocava um inimigo inimaginado por eles às suas costas. Não poderiam buscar mais suprimentos caso o nosso cerco fosse estabelecido.

O preço de se entrar numa guerra é muito alto e quem entra nela tem de estar preparado para tudo. Inclusive morrer da pior forma possível, que é de fome. E nós iríamos, nesta noite, incendiar os seus depósitos de alimentos.

Era um grande plano de ataque e seria uma imensa vitória se tudo corresse a nosso favor.

Quando nos aproximamos, os duzentos e tantos soldados a cavalo comandados por mim aceleraram a marcha e, logo que chegamos à primeira linha de defesa, anunciamos a vitória sobre o inimigo e dissemos que a cavalaria vinha logo atrás da formação de elefantes. Um grito tomou conta dos inimigos e nós avançamos em meios às comemorações deles. Logo cavalgamos rumo ao local onde estavam ancorados os barcos. A lua cheia clareava o suficiente para não precisarmos iluminar o caminho. Depois de estarmos já no interior do acampamento inimigo diminuímos a marcha e só galopávamos, todos numa formação disciplinada. Logo estávamos diante do ancoradouro. Os poucos guardas que o guardavam foram degolados a furiosos golpes de nossas afiadas espadas e, depois, o silêncio se fez. Quando ouvimos o ruído da chegada dos elefantes e da cavalaria, iniciamos o incêndio com flechas especialmente preparadas que foram lançadas sobre os mais distantes, e as tochas, sobre os mais próximos; duzentos deles arderam com as tochas e o restante as flechas os queimavam. Suas vedações de betume ardiam mais rápido que o capim durante o dia e logo um imenso clarão iluminou o mar.

Quando vi que nada restaria dos barcos dos persas e de Sager, iniciei o retorno gritando que estávamos sendo atacados pelo mar. Todos nós em formação gritávamos a mesma coisa.

Gritos de ordens mandavam os soldados tomarem suas armas e se dirigirem para o mar.

Esta seria uma forma de desviarmos a atenção do ataque que em instantes sofreriam. Cavalgamos a toda velocidade em meio ao alvoroço que tornou conta das forças inimigas, inúmeros contingentes de soldados mal armados corriam sem comando algum na direção do mar. Este ficava a um quilômetro, mais ou menos, dos acampamentos.


Ao me virar para trás, o espetáculo que eu via fez-me ter certeza que o sagrado Agni lutava nossa luta. O fogo ardia sobre a água! Só o senhor do Fogo Divino conseguiria isto!

Nossa senha era Agni e assim que nos aproximamos de uma coluna de cavalaria nós a gritamos e a recebemos de volta. Juntamos a ela e começamos a incendiar depósitos de alimentos e tendas com soldados ainda dormindo nos seus interiores.

Outro grupo rumou para os estábulos e logo levavam embora os cavalos dos persas e de Sager. Na sua desabalada carreira os milhares de cavalos derrubavam tendas e massacravam com seus cascos milhares de soldados abestalhados com o horror que os havia surpreendido.

Os elefantes haviam rompido e esmagado sob suas patas as linhas de defesa. Eles agora avançavam esmagando tudo à frente e os arqueiros nos seus dorsos, auxiliados pelo clarão do fogo nas tendas e depósitos, matavam outro tanto. No dorso de cada elefante ia um guia e quatro arqueiros. As próprias setas dos arqueiros persas, agora tanto os matavam como aos soldados de Sager. Atrás deles vinham os lanceiros com suas lanças em meia lua na frente e, os com as lanças persas, logo atrás deles. As nossas eram mais fulminantes que as lanças persas.

Avançamos por toda a extensão do acampamento inimigo. Entramos por um lado e duas horas depois saímos pelo outro entrando o canto de guerra do sagrado Agni. Só não pudemos penetrar na fortaleza de Sager, onde ele estava protegido de minha espada sedenta por beber o seu sangue. Foi uma pena, pois isto era o que eu mais desejava. Avançamos por todo o acampamento deixando atrás de nós um mar de sangue e o chão coalhado de corpos de soldados mortos, esmagados ou feridos.



O canto entoado incessantemente enchia o ar com sua melodia forte. Quando atingimos o extremo do acampamento todos tomaram suas posições e entraram em formação de marcha. Então as tochas que traziam presa nas montarias foram acesas.

Eu gritei bem alto.

— Viva o sagrado Agni e seus guerreiros divinos!

Outro grito de saudação ecoou no ar.

— Viva Sikhan Daher, filho do Fogo Divino. Viva Sikhan Daher, o guerreiro imortal. Morte aos inimigos do sagrado Agni.

Eles o ecoaram muitas vezes até que se tornou unísono e eu sorri ao ouvi-lo assim, pois em todo o acampamento inimigo ele foi ouvido.

Depois iniciei o canto da vitória do sagrado Agni e ele imediatamente foi entoado por todos os meus soldados.

Nós, todos montados nos cavalos e nos elefantes, fomos em marcha lenta e passávamos bem devagar e iluminados. Quando estávamos bem de frente para o acampamento em chamas e em impressionante desordem, um cavaleiro avançou até bem próximo dele e tomou posição numa elevação. O canto cessou e o silêncio se impôs em nossas fileiras.

O arauto tocou num longo chifre um som por sete vezes, atraindo a atenção dos inimigos, e gritou bem forte:

— Silêncio, servos das trevas! — e falou com sua voz potente por sete vezes:

— Ouçam a mensagem de Sikhan Daher, o conquistador, filho do Fogo Divino e portador da chama sagrada.

— Ouçam o que lhes diz o filho do fogo: seu único inimigo é o rei Sager e sua corte. Só a ele o filho do fogo quer ceifar a vida. Quem o entregar ao filho do fogo com vida será coberto de glória e quem o entregar morto arderá junto com o corpo dele no fogo sagrado do Divino Agni.

— Ouçam ainda o que lhes diz o filho do Fogo Divino, filhos das trevas! Todo soldado que quiser se entregar aos exércitos do filho do Fogo será poupado e submetido à doutrina de Sikhan Daher e terá de se submeter ao seu código de leis, que é justo e generoso. Todos os que forem até seu acampamento sem suas armas até o meio-dia que vem com o sol que iluminará suas vidas serão poupados. Todos os feridos serão curados pelos sacerdotes magos. Todos serão tratados

com respeito e dignidade, como estão sendo tratados os vossos companheiros que foram feitos prisioneiros. Mas, depois que o sol que ilumina o filho do Fogo pender sobre vossas cabeças, a ira do Fogo Divino incandescerá as armas dos guerreiros divinos do sagrado Agni e arderá em vossas carnes e todos serão sacrificados. Assim falou Sikhan Daher, o filho do Fogo Divino do Sagrado Agni. Só até o sol no ponto do meio-dia! O que aconteceu hoje é apenas uma amostra do poder de Sikhan Daher, o filho do fogo. Até o meio-dia viverão na glória de Agni, após esta hora viverão os tormentos de sua ira.

Quando ele voltou para o meu lado iniciamos o longo canto dos que vivem na glória do sagrado Agni. Era um canto lindo e comovente que encantava a quem o ouvia.

Eu usava todas as armas do senhor do meu destino e seguia o conselho do sábio sacerdote mago.

Eu era implacável com os chefes, mas justo e generoso com os soldados inimigos. Marchamos lentamente enquanto o canto durou para não o abafarmos com o ruído dos animais. Eu queria que os soldados hindus o ouvissem por inteiro, pois sabia que isto os comoveria ou assustaria. Agora, quanto aos persas, eu os assustaria no momento que o canto terminasse e iniciássemos o galope de volta ao nosso acampamento.

Quando iniciamos o galope a terra tremeu sob as patas dos elefantes e os cascos dos cavalos. Mas o canto da vitória foi entoado até chegarmos ao nosso acampamento, todo iluminado por fogueiras imensas. Os que roubaram os cavalos do exército inimigo já haviam chegado e nos aguardavam a alguns quilômetros do acampamento para se juntarem a nós no canto da vitória. Os soldados do acampamento também o entoaram à nossa chegada.

Quando tudo silenciou, eu gritei bem alto:

— O sagrado Agni nos cobriu com sua glória tanto sob o sol como sob a lua. Que o sagrado Agni viva eternamente em nosso espírito imortal.

Um coro de júbilo ecoou por todo o acampamento:

— Viva o sagrado Agni! Viva o sagrado Agni e viva o sagrado Agni.

Depois disso eu reuni os comandantes e subcomandantes para decidirmos como agir no dia seguinte. Um deles falou-me:

— Filho do fogo, és o gênio da guerra a serviço do senhor do Fogo Divino!

— Nada disse meu leal comandante. Quem lutou hoje não fomos nós e sim o sagrado Agni. Ontem nós estávamos perdidos e a partir de agora nós imporemos o ritmo da guerra. Observem que eram cinco contra um e agora há no máximo dois para cada um de nós. E se não temos alimentos para muitos dias, temos os cavalos, que, em último caso, nos alimentarão. Mas e eles, o que têm agora? Uma imensidão de mortos e feridos e o mar às costas para cortar-lhes a fuga. Não fomos nós quem os vencemos e sim o sagrado Agni. Seu fogo os derrotou durante o dia, queimou-lhes a frota de barcos e incendiou seus depósitos de alimentos. Nós fomos apenas o instrumento do senhor da guerra, pois honramos seu sagrado nome. Jamais se esqueçam de creditar a quem pertenceu a vitória de hoje e ele jamais vos esquecerá. Agora voltemos ao campo de luta senhores. Esperaremos chegar os reforços da coluna que se aproxima para então devastarmos a todos os que não se renderem até o meio-dia. Deixem alertas todos os soldados que não participaram da luta de hoje. Distribua-os do acampamento até a linha avançada de defesa e à nossa retaguarda, pois não quero ser surpreendido pelas costas enquanto dormimos. Durmam o sono reparador até terem o corpo refeito do longo dia que tivemos, mas façam isto com suas armas ao alcance das mãos, pois viram o que acontece com o soldado que não toma sua arma como sua amada e a mantém aquecida pelo calor do seu corpo. Não sei qual será a reação deles, mas creio que antes do meio-dia não farão nada. E mesmo que se movam após esta hora, nós os conteremos até que os reforços cheguem. Agora vão descansar pois eu também vou dormir o sono do vencedor.

Eles distribufram todos os soldados conforme eu ordenei e depois o silêncio do sono tomou conta do nosso acampamento.

Eu só dormi umas quatro horas e aos primeiros raios do sol já acordei.

— Estava certo, leal Lahor. O conselheiro não mentiu ao dizer-lhe que este seria o ponto de desembarque. Eu o cobrirei de riquezas quando bebermos à vitória final.

— Nada cobrou de mim por sua obra máxima do amor. Portanto, eu nada quero pela minha obra máxima, meu rei! Ainda não comeu nada e eu tomei a liberdade de lhe preparar um bom prato que aprendi

a fazer na Pérsia. Eu como um pouco primeiro para que veja que não está envenenado.

— Eu sei que ele não está envenenado leal Lahor. Vamos devorá-lo, pois estou faminto!

Após comermos, eu saí da tenda e vi a movimentação dos soldados. O temor da manhã anterior havia se transformado em confiança nos seus rostos cansados.

A distância começaram a aparecer a silhueta de muitos homens. Os bons carregavam os feridos. A cavalaria tomou posição, pois podia ser um ardil para nos iludir. Não saíram do lugar a uma ordem minha.

— Tem de confiar no poder do sagrado Agni, comandante! Eles estão vindo porque acreditaram em minha palavra. Acolha-os como novos soldados que logo combaterão ao nosso lado.

Eles vinham às centenas e tinham os rostos sofridos. Foram levados ao local reservado para eles e os feridos foram tratados imediatamente. Mas não parava de chegar soldados. Já passava do meio-dia quando eu disse aos comandantes:

— Deixem que venham até o anoitecer. Depois disto estabeleçam uma linha avançada e retenham todo homem que se aproximar. Agora vou dar uma olhada no acampamento do inimigo. Quero ver como ficou.

Uma coluna da cavalaria me acompanhou até uma elevação de onde pudemos ver o quanto foi devastador o ataque da noite anterior. Não dava para ver tudo, mas eu imaginava como devia estar o ânimo daqueles homens. Se eu os atacasse agora, ceifaria todos de uma só vez. Resolvi esperar a chegada dos reforços, pois eu não podia perder homens. Eu precisava socorrer a frente oeste que já se batia contra os persas.

Como estariam eles na sua luta? Eu temia pela sorte deles e também por uma derrota. Se tal coisa acontecesse todo o nosso esforço e boa sorte teriam sido em vão. Virei meu cavalo e voltamos ao nosso acampamento.

Ao anoitecer a cavalaria dos reforços chegou. Logo mais atrás vinha a infantaria. Por volta da meia-noite todos já descansavam da longa marcha forçada. Quando os comandantes e subcomandantes souberam do que havia acontecido, o sorriso tomou conta dos seus semblantes. Todos foram alimentados e dormiram. Nós cuidaríamos da vigilância!



Ainda não amanhecera quando mensageiros do comandante Shipore chegaram ao acampamento e foram levados até minha tenda.

— Dêem-me a posição do comandante Shipore, mensageiros.

— Ele avançou até cinquenta quilômetros ao sul e depois começou a transportar suas tropas por mais vinte quilômetros acima das linhas inimigas. Ele tem cinquenta mil homens prontos para descer até o inimigo e setenta mil já estão a dez quilômetros ao sul. Ele pede instruções.

— Diga-lhe para avançar até cinco quilômetros do inimigo e estabelecer suas defesas. Vamos aguardar a chegada dos reforços que em dois dias estarão aqui. Vou evitar o combate e derrotá-los pelo medo ou pela fome. Diga-lhe para estar atento à fuga de inimigos. Ou saem deste ponto sob nossas ordens ou não saem com vida. Agora comam um pouco e depois partam em cavalos descansados.

Eles estavam famintos e comeram com prazer. Eu os observava a distância e me comovi com a lealdade dos meus soldados. Era muito fácil eles desertarem, mas isto não havia acontecido com um único homem. O espírito guerreiro do sagrado Agni estava incorporado aos seus espíritos imortais. Como compensar aqueles homens simples e sem tesouro algum senão sua fé no sagrado Agni? “Talvez a fé seja o maior tesouro dos homens e eles não saibam disso”. Murmurei para mim mesmo.

De alguma forma eu compensaria os sobreviventes. Quanto aos que haviam morrido ou ainda morreriam, que o senhor do meu destino fizesse isto por eles. Quando os mensageiros partiram eu montei no meu cavalo e fui dar uma olhada nos meus soldados, que ainda dormiam. Os sentinelas me saudaram quando eu me aproximei. Eu sempre tinha nos lábios um elogio para meus homens. Eles me tratavam com respeito, mas não com temor. Eu via em seus rostos a satisfação de lutarem ao meu lado, pois eu os tratava como homens, e não como escravos.

Eu ainda cavalgava pelo acampamento quando o sol se levantou no horizonte. Este seria um longo dia, mas eu não tinha pressa, pois os soldados precisavam de um pouco de descanso. Seria bom se o inimigo não tentasse nada por mais alguns dias.

Quando todos haviam se levantado, ordenei que todos os cavalos e elefantes fossem montados. Havia agora duas cavalarias mais os cavalos de Sager que somavam outros milhares. Os comandantes

quiseram saber se iam combater. Disse-lhes que fossem armados e preparados para esta eventualidade, mas não iríamos travar combate algum. Iniciamos a marcha a galope lento e fomos aumentando-o até que, quando nos aproximamos do acampamento inimigo, eu ordenei que diminuíssem e marchassem até um ponto em que vi que ficaríamos bem visíveis. Então a coluna foi se abrindo para minha direita e esquerda. Cavalo ao lado de cavalo, nós formamos duas fileiras à frente deles.

Eles estavam na defensiva e nós não avançamos. O arauto tocou por sete vezes o chifre de boi. Então eu fui cavalgando até um dos extremos da cavalaria, depois voltei ao mesmo ponto e novamente sete toques foram dados. Então cavalguei até o outro extremo e tornei a voltar ao mesmo ponto, no meio da imensa fileira de cavaleiros armados. Novos sete toques soaram e eu desembainhei minha espada e a elevei ao alto. Todos os soldados também fizeram o mesmo pensando que eu fosse atacar.

Os inimigos se moveram nas suas fileiras defensivas. Eu podia sentir o temor deles, pois estavam acuados entre nós e o mar às costas.

Eu gritei bem alto:

— Grande é a generosidade do sagrado Agni para com os vencidos.

Um coro ecoou minhas palavras de ponta a ponta da cavalaria.

— Minha espada só quer saciar sua sede de vingança com o sangue de Sager e seu séquito de feiticeiros!

Tornei a embainhar minha espada e pedi um arco e flecha ao soldado mais próximo. Armei o arco e lancei uma seta. Ela caiu atrás da primeira fileira de soldados. Pedi outra, pus mais força na envergadura do arco e atirei, ela caiu atrás da segunda fileira. O silêncio era total de lado a lado. Então tornei a gritar:

— Eu quero Sager vivo. Se ele me for entregue morto, todos morrerão. E se o matarem, eu os matarei! Pensem nisso pois voltarei aqui amanhã à mesma hora e virei com mais de meio milhão de homens! Aqui fica esta minha lança com minha bandeira. Aos hindus eu ainda ofereço o meu código e minha doutrina. E aos persas, a lei de guerra aos que se renderem sem opor resistência ou nos combater. Se quando eu chegar aqui amanhã e minha lança aqui não estiver com uma do vosso comandante colocada deitada aos pés dela, vou pensar que estão menosprezando a generosidade do sagrado Agni e

darei início à sua fúria. Ela será tão cruel que seu sangue correrá até as águas do mar.

Dei meia volta no cavalo e voltei ao meu acampamento seguido da cavalaria.

Eu havia dado a última chance para eles.

À tarde chegaram os exércitos restantes. Shipore foi avisado que ao amanhecer devia fechar os dois extremos. Ele avançou com suas tropas vindas do sul até bem próximo do acampamento inimigo e o seu subcomandante fez o mesmo pelo norte.

Ao amanhecer eu avancei sem pressa à frente de meio milhão de soldados. Os arqueiros iam à frente, seguidos da cavalaria que dobrara de número, e atrás vinha metade da infantaria. Os cinco comandantes cavalgavam ao meu lado e um pouco atrás. Todo o campo calcinado encheu-se de soldados.

Nós vimos quando os batedores inimigos galoparam de volta às suas linhas, apavorados com o nosso número de soldados.

Quando estávamos a dois quilômetros eu iniciei o canto de louvor aos sagrado Agni. Meio milhão de soldados o cantaram em uníssono comigo. Chegamos até onde estava a lança. Os arqueiros ajoelharam-se e armaram seus arcos. Era tão grande o número de arqueiros que formaram sete fileiras de um extremo ao outro do acampamento inimigo. Quatro fileiras de cavaleiros e duas dezenas de fileiras de infantes armados com longas lanças. Um grupo de comandantes inimigos pularam as defesas e vieram até onde eu e meus comandantes estávamos. Traziam as suas lanças nas mãos, por isto os arqueiros próximos miraram suas setas na direção deles.

Eles vieram e depositaram suas lanças deitadas ao pé da minha e depois tiraram suas espadas e as entregaram aos meus comandantes. Era a rendição incondicional. Eu lhes perguntei:

— Onde está Sager?

— Nós o prendemos e ao seu séquito, poderoso rei!

— Ordenem que os tragam até minha frente.

A um sinal de um deles Sager foi trazido. Junto vinham vários filhos seus e todo o seu séquito.

— Onde está o tesouro de Sager?

— No interior da fortaleza.

— Mandem seus soldados buscá-lo.

Nova ordem e um grande grupo deles penetrou pelo imenso portão da fortaleza. Meia hora depois dezenas de baús foram depositados à minha frente.

— Recolham as armas dos seus soldados e as coloquem nos carroções, que meus soldados as levarão para nosso acampamento.

— Irá nos matar depois disso grande rei?

— Eu dei minha palavra e a cumprirei. Sikhan Daher tem um código de leis que prega o direito à vida, não a morte. E a minha doutrina prega o respeito a estas leis, ao estado e à coroa de diamante. Honra, lealdade e fidelidade são princípios sagrados nos meus exércitos e isto eu sei dar a quem me serve.

Nova ordem foi dada e as armas foram recolhidas. Sager só me olhava, ora com ódio, ora com medo. Várias horas durou o recolhimento das armas, e, por fim, os carroções partiram para meu acampamento, puxados por elefantes.

Nesse meio tempo um imenso braseiro foi feito na elevação e um altar ao sagrado Agni levantado. Os sacerdotes magos o purificaram e o abençoaram com a chama sagrada. Os soldados inimigos foram reunidos colina abaixo até quase o mar. Havia duzentos e poucos mil homens vivos de um contingente de mais de meio milhão. Trezentos mil haviam morrido ou sido capturados ou se rendido após um dia e uma noite de combate.

Os rendidos formaram uma massa compacta olhando o que se passaria no altar do sagrado Agni. Os magos sacerdotes iniciaram o canto que dava glórias ao sagrado Agni e todo o meu exército o entoou com eles. Nosso canto chegava aos céus, tantas eram as bocas que o entoavam. A chama consagrada ardia numa pequena pira.

A um sinal do sacerdote chefe eu despi minha túnica. Ele atravessou o longo braseiro e ajoelhou-se diante do altar. Fiz o mesmo, pois eu não temia caminhar sobre as brasas ou no meio do fogo. Sager foi colocado diante do braseiro, e deu um grito pavoroso, pois pensou que iria ser atirado sobre ele. Soldados o sujeitavam com firmeza.

Eu consagrei nas chamas os sete colares de cristais com as sete cores e os tomei nas duas mãos, levando-os por algum tempo ao interior das chamas. Depois voltei por sobre as brasas e os coloquei sobre a cabeça de Sager. Um urro saiu do seu peito e ele caiu de joelhos sob o poder dos colares sagrados.

— Conte-nos quem é você Sager!

— Eu sou o marido da feiticeira Lagushni. Tive sete filhos com ela. Mejoure foi a primeira e Farses o segundo. Os outros estão aqui comigo.

— Há quantos anos você vaga sobre a terra, Sager?

— Estou vagando na terra há trezentos e trinta anos. Eu também sou irmão de Lagushni.

Virei-me para os seus soldados e ordenei:

— Digam, aos que não puderem ouvir, o que o feiticeiro disse aqui e agora!

Tudo foi passado adiante em pouco tempo. Um murmúrio tomou conta tanto dos hindus quanto dos persas. Eu ordenei silêncio, e então falei:

— O sagrado Agni, senhor do Fogo Divino foi combatido por trezentos anos por Sager e Lagushni. Hoje é o dia do ajuste de contas.

— Eu falara alto, mas mandei que os arautos repetissem as minhas palavras para ouvirem do outro lado.

— Sabem agora por quem lutaram todo este tempo de suas vidas? — gritei-lhes.

— Sim, filho do Fogo Divino! — responderam os mais próximos, que a tudo ouviam.

Eu já me impunha sobre eles. Então continuei:

— Eu vou devolver o ser imortal de Sager e de seus filhos ao lugar de onde nunca deviam ter saído. Depois, aquele que quiser se purificar do domínio das trevas terá de caminhar sobre o braseiro. Quem não quiser não é obrigado, mas não será salvo delas pelo sagrado Agni e purificado pelo Fogo Divino.

Tudo foi repetido pelos arautos e novo murmúrio tomou conta da multidão. Impus o silêncio:

— Sager, escolha a sua morte. A quer pelo fogo sagrado ou pela espada consagrada?

— Eu prefiro a espada.

— Sua escolha será sua morte.

Eu retirei os sete colares de seu pescoço e caminhei sobre o braseiro, indo até a pira sagrada. Lá eu os levei ao fogo e os purifiquei, colocando-os no meu pescoço. A seguir o mago sacerdote me deu minha espada. Eu a purifiquei no fogo e a elevei acima de minha cabeça. Então caminhei de novo sobre o braseiro e no meio dele ajoelhei-me e clamei pelo sagrado Agni. Levantei-me e fui até Sager. Os soldados o ajoelharam e abaixaram sua cabeça. De um só golpe eu a decepei. Um sangue negro jorrou de seu corpo. A seguir ele foi atirado nas chamas da imensa fogueira que ardia a uns vinte metros

do altar. Todos os seus filhos foram executados do mesmo jeito. Todo o séquito de Sager foi executado pelos meus soldados. Depois disso fui até os comandantes de Sager e perguntei-lhes:

— Os senhores também são feiticeiros?

— Não! — responderam eles assustados.

— Viram e ouviram tudo. O que me dizem agora?

— Estivemos servindo um ser das trevas por muito tempo sem sabermos. Que o sagrado Agni nos perdoe e nos purifique nas suas brasas sagradas. Eu caminharei sobre elas. Se ele me perdoar e purificar, me aceite como mais um dos seus soldados, filho do Fogo Sagrado! Sager nos dizia que você vinha das trevas e na verdade ele é que era o ser das trevas. Eu passarei minha prova de fé nas chamas do Sagrado Agni!

O que falou ajoelhou-se diante do braseiro e pediu perdão ao Sagrado Agni, caminhando resolutamente sobre as brasas. Nada lhe aconteceu.

Os outros repetiram o gesto e nenhum foi queimado pelas chamas.

— Eu os aceito como meus soldados, conhecerão o código de leis de Sikhan Daher e aprenderão meu código de honra ao Sagrado Agni, lealdade ao rei e fidelidade à coroa de diamante. Os seus soldados que quiserem juntar-se aos meus exércitos serão aceitos como soldados iguais ao que já me servem. Agora iremos matar Lagushni e livrar a terra da feiticeira.

— Nós o seguiremos e nos purgaremos dos erros cometidos, filho do fogo.


— Assim será.

Eu me retirei e os sacerdotes iniciaram os juramentos dos soldados diante do altar sagrado do Fogo Divino do Sagrado Agni.

Os persas foram levados ao campo onde estavam os outros, já feitos prisioneiros dois dias antes. Os hindus foram levados para junto dos seus e fizeram o juramento diante do Fogo Sagrado.

Dois dos meus comandantes ficaram com seus exércitos. Iriam organizar tudo ao sul conquistado em regiões dirigidas por marajás. Um dos que ficaram foi Shipore, pois era o que mais conhecia a região. Construiriam templos ao Sagrado Agni e aplicariam o código de leis e a doutrina de Sikhan Daher.

Cerca de setenta mil persas seguiram para o norte como prisioneiros. Seus próprios comandantes os conduziam, pois haviam



ficado impressionados com Sager. Comiam ao lado dos meus soldados e os ajudavam nos solos acidentados. Levávamos o imenso tesouro de Sager como troféu de guerra. E a fortaleza foi ocupada por Shipore e seu exército. O palácio de Sager seria ocupado pelo outro comandante. Juntos, eles mudaram em pouco tempo todo o sul do continente e a ilha, hoje chamada de Ceilão.

Dois meses depois, trezentos e cinqüenta mil soldados bem armados e motivados devastaram o exército persa e dos reinos que os haviam chamado em socorro. Nós chegamos num momento difícil para os que lutavam na frente oeste. Shair os comandava pessoalmente.

— Perdoe-me por ter deixado a sua casa sem a minha guarda, amado rei! Mas eu tive de defender o campo à volta da casa, pois de nada adiantaria defendê-la se não pudesse voltar até ela.

— Agiu bem leal Shair. Teve de tomar uma decisão, e tomou a melhor! Mas enquanto estive fora de minha casa, o Sagrado Agni tomou conta dela para nós.

Agora voltará para ela e levará para o tesouro da coroa de diamante todos os tesouros capturados. Eu nomeei o senhor Lahor guardião do tesouro. Ele o separará, avaliará e saberá quando deve ser usado para as despesas da coroa e do reino.

— Se o meu amado rei confia nele eu também confiarei, mas ficarei com um olho vigiando-o a distância até sua volta!

— Eu não decepcionarei o maior artista que conheci, tanto na arte do amor, como da guerra e da fé. Eu viverei o seu destino, amado amigo!

— Nós, todos unidos, viveremos o destino do Sagrado Agni. Com isto, a glória nos espera!

— Até a vista amado rei!

— Até a vista leal Shair. Dê lembranças minhas ao amado mestre.

— Ele ficará feliz em saber que está bem.

Ele partiu e levou um fabuloso tesouro para a coroa de diamante. Iria depositar várias outras coroas junto às que já estavam diante do trono vazio da princesa Mejouré.

Uma parte do exército avançou em poucas semanas até o rio Indo e lá os prisioneiros persas iniciaram a construção de uma imensa fortaleza. Ela abrangia os dois lados do rio Indo. Tinha uma extensão

de quinhentos metros de cada lado e podia abrigar cinqüenta mil soldados em cada um, além de possuir pontes que ligavam um lado ao outro sobre o rio.

Nós partimos dominando o norte e saindo à caça de Lagushni. Eu levava comigo meio milhão de homens em armas. Uma cavalaria de cento e vinte mil cavaleiros; duzentos mil arqueiros, os melhores do mundo; e duzentos mil infantes com lança e espada.

Sete colunas ultrapassaram as fronteiras estabelecidas e mantidas pela bravura dos soldados comandados pelos leais comandantes que lutavam na região norte. O canto de guerra do Sagrado Agni ecoou por toda a região, enchendo o coração dos soldados de confiança, e o dos inimigos de terror.

Um novo grito ecoava por todos os exércitos.

“Viva Sikhan Daher, o fogo vivo! O filho do fogo aquece os amigos e queima os inimigos.”

Quantas lutas cruéis foram travadas no norte!

Mas todas as batalhas eram vencidas e os soldados derrotados submetidos à doutrina de Sikhan Daher. Nosso exército engrossou à medida que avançamos. Um ano depois cercávamos o palácio fortaleza de Lagushni, a feiticeira.

Uma parte das tropas ficou junto a mim sustentando o cerco e o restante avançou até as fronteiras do seu extenso reino, impondo o código de leis e a doutrina de Sikhan Daher.

Lagushni não respondia aos meus apelos para que se rendesse, pois alimentava esperanças de que seus mais poderosos exércitos, estacionados ao norte, nos impusessem algumas derrotas e mudassem o curso da guerra.

Os exércitos lutaram de acordo com a doutrina de Sikhan Daher. Sentimentos, raciocínio e movimentos em perfeita coordenação. Lentamente foram derrotando os da feiticeira. Quando não havia mais resistência, foram descendo e formando um grande círculo, estabelecendo uma sólida fronteira. No interior do círculo criaram muitas regiões dirigidas pelos marajás.

Só quando Lagushni viu, do alto das muralhas de sua fortaleza, o horizonte coalhar-se de soldados entoando o canto de vitória do Sagrado Agni, ela enviou um emissário para discutir as condições da rendição.

— Que abram os portões da fortaleza e saiam todos os soldados sem armas para que sejam purificados pelos sacerdotes magos do

Sagrado Agni. Quero também Lagushni viva, pois se ela morrer vocês morrerão e se a matarem eu os matarei.

As condições foram aceitas e pouco depois os soldados começaram a sair pelos enormes portões. Eram milhares de pessoas, pois eles viviam com suas famílias na imensa fortaleza do palácio.

À medida que iam sendo purificados pelos sacerdotes magos, iam sendo enviados para as regiões sob a direção dos marajás. Iam com seus pertences pessoais, mas sem arma alguma.

A fortaleza ficou totalmente vazia e o silêncio tomou conta do lugar. O comandante da fortaleza saiu por último com o seu séquito de auxiliares e a rainha Lagushni vinha atrás deles com o seu rosto coberto por um shador.

— Você é e sempre foi a Princesa dos Encantos, ou Shamizer ou Lagushni?

— Sim, Sikhhan Daher! Eu sou, fui e sempre serei a Princesa dos Encantos. Ninguém jamais pôde comigo e jamais poderá. Eu sou a mais poderosa das feiticeiras sobre a terra.

— Pois Sikhhan Daher a derrotou, Princesa dos Encantos. Você agora é minha prisioneira e vai ser queimada no Fogo Divino!

— Você não me derrotou Sikhhan. Seu soldados derrotaram os meus, mas não a mim, pois isso você deveria ter feito e não fez! Eu o convenci a distância a renunciar ao seu título de príncipe e deixar a coroa, que seria sua por direito, ao seu irmão.

— Isto eu fiz pois assim eu podia estar livre dos deveres do poder e assim viver uma vida simples e livre. Isto foi o que eu sempre quis, Shamizer!

— Mas eu o impeli a amar a muitas mulheres e não se apaixonou por nenhuma.

— Eu amei e me apaixonei por uma.

— Lá também eu o derrotei, pois não o deixei casar-se com ela. Foi sua segunda derrota diante de mim Sikhhan! Eu encantei a princesa Shadine e teria assumido o trono persa, criando um império tão grande que nenhum outro se igualaria a ele se o idiota do Nagos não tivesse morrido antes da hora.

— Então não venceu de verdade, pois quem assumiu o poder foi só uma pessoa encantada por seus poderes malignos.

— Eu não venci como queria, mas ainda assim o derrotei, pois nem ao menos você pôde possuí-la, enquanto eu o possuí no próprio palácio dela. Lembra-se Sikhhan querido?

— Sim, eu me lembro bela Princesa dos Encantos! Mas ainda assim eu a derrotei, pois minha cor dourada queimou sua cor rubra e a deixou negra como está até hoje. Não conseguiu recuperá-la nunca mais, pelo que estou vendo.

— Você também pode ver as cores Sikhan?

— Sim, bela Princesa dos Encantos! Eu sempre pude ver sua cor, só não lhe revelei isto pois eu brincava comigo mesmo ao ver minha cor eliminar a sua. Quem venceu afinal, Princesa dos Encantos?

— Mas eu colhi os cabelos do seu corpo todo e os trouxe comigo e com meus encantos o convenci a vir à minha procura.

— Você se precipitou, Shamizer, pois se não tivesse saído tão rápido naquele dia eu a teria acompanhado de bom grado e com imenso prazer eu teria vivido ao seu lado. Mas você, na sua pressa, não ficou sabendo que a princesa Shadine, já sob o seu encantamento, me rejeitou em favor de Nagos. Eu não fui seu em verdade, pois eliminei sua cor e não perdi a minha, pois continuo até hoje com a cor dourada.

— Mas o encantamento que eu fiz quinze dias depois o obrigou a vir à minha procura. Eu, no final, o venci!


— Ainda assim eu não fui vencido pois ao me tirar Shadine eu fiquei sem amor ou desejo devido à sua fuga precipitada. E por eu não ter nem amor e nem desejo eu jurei diante do Fogo Sagrado que abandonaria a Pérsia para sempre. O que me fez sair foi o meu juramento e não o seu encanto.

E quanto ao encantamento que fez sobre os meus cabelos, naquele dia em que você o fazia aqui para virar minha mente e escravizar o meu espírito aos seus desejos, foi cortado no mesmo instante pelo Sagrado Agni, pois eu estava diante de uma fogueira naquele momento, e orando a ele. O tempo todo em que você ficou fazendo o encantamento eu estava envolto pelas chamas do fogo consagrado ao meu Deus. Suas chamas sagradas queimaram todos os cabelos do meu corpo e nem um fio, por menor que fosse, ficou.

Eu fiquei com a pele do meu corpo tão lisa quanto um cristal polido e ao deixar só cinzas à minha frente eu segui a direção que me indicou o senhor do meu destino.

— Ainda assim você veio até onde estava minha filha e ela o subjugou sob seu poder.

— Eu não fui subjugado por ela, Princesa dos Encantos. Ela atirou-se aos meus cuidados ao ver que eu podia livrá-la dos seus encantos. Eu a encantei com meu saber e ela encantou-se comigo.



— Mas ela lançou um amante da paz como você na maior guerra já travada. Viveu os últimos sete anos com a espada na mão. E ainda eu a tomei de você quando a vi submissa ao seu amor e lancei o espírito dela nas trevas.

— Saiba, Princesa dos Encantos, que vivi sete anos a combater com a espada e nunca uma gota do meu sangue derramou-se sobre a terra. Quanto a você ter lançado sua alma nas trevas, eu destruí o espírito que você pôs para animar o belo corpo de minha amada Mejoure e o amor que ela sentia por mim a libertou para sempre do seu poder. O meu amor por ela a enviou ao Sagrado Agni. Hoje o ser imortal de Mejoure habita nas moradas luminosas do Senhor do Fogo Divino e quando ele me resgatar desta terra, eu a terei ao meu lado num jardim celestial onde o canto de amor à vida encanta os que o ouvem e inunda de alegria as almas que vivem nele.

Eu, um dia, lhe tomei Mejoure para me elevar e quando você a tomou de mim, a elevei a alturas inimagináveis.

— Ainda assim eu o deixei sem amor e duvido que alguém que ceifou tantas vidas e derramou tanto sangue sobre a terra possa viver num jardim celestial. Derramou mais sangue sobre a terra em sete anos que eu em trezentos. Se vou para as trevas, você irá também, Sikhan!

— Para onde eu irei pouco me importa, pois eu amo o senhor do meu destino e os caminhos que já trilhei, trilho agora e haverei de trilhar tanto na carne como no espírito, tanto na vida como na morte e tanto na luz como nas trevas a ele pertenceram, pertencem e pertencerão por todo o sempre.

Quanto a ter me tirado o amor, tanto de Shadine como de Mejoure, só estava servindo ao senhor do meu destino, pois quando me faltou o amor de quem eu amava, me agarrei com toda a minha fé no amor de quem me amava. Eu vivo em comunhão com o Sagrado Agni. O fogo incandescente do nosso amor tem germinado milhões de filhos e o Sagrado Agni sorri de alegria ao me ver. Pois sabe que sou eu quem, ao ser invadido por sua chama sagrada e possuído por seu amor ardente, os faz nascer e amarem-no como o pai justo, generoso e divino. Neste caso eu não tenho esposa, pois sou eu quem tem de dar à luz muitos filhos ao pai eterno. Eu sou um ser masculino, mas minha alma, ao ser aquecida pelo calor do amor do Sagrado Agni, torna-se feminina e germina tantos filhos para ele que nem a

mulher mais fértil conseguiria fazer isto, ainda que possuísse por milhares de homens durante milhares de anos.

Eu, ao ficar sem o amor das mulheres, refleti em meu ser imortal o único amor que me restou e milhões foram entregues sob a luz do amor ao Sagrado Agni.

Quanto a ter eu em sete anos derramado sobre a terra tanto sangue, deve-se ao fato de, na comunhão entre mim e o Sagrado Agni, no nosso amor mútuo e imortal, eu ser a parte que tem de dar à luz muitos filhos, e tive que derramar muito sangue, como a mulher ao dar à luz. E os filhos que eu dei à luz tinham de se parecer com um feto todo coberto de sangue ao sair do útero de sua mãe para ver a luz. Tanto a mãe como o filho sofrem na gestação e no parto. Por isso ambos choram quando finalmente o filho amado vem à luz.

E se a mãe que está gerando o filho, ao dá-lo à luz, o cobre de sangue é para que entre eles exista um pacto de sangue que os unirá no amor por todo o sempre.

Após a mãe dar à luz o filho do esposo amado, e tanto ela como o filho amado terem chorado a dor do parto, ele vem com seu pano alvo e puro e os limpa das manchas do sangue. Neste momento, o cordão que os uniu tanto na gestação como no parto é cortado, e ainda que separados, se amarão como mãe e filho e ambos amarão o pai que alimentou a mãe na gestação e também alimentará o filho até que ele possa fazer isto com suas próprias mãos.

Portanto, se cobri a terra de sangue, foi para fertilizar e criar um pacto entre os homens e Agni, Deus de todos os homens.

Se tive de empunhar a espada para conseguir tal pacto foi porque vivi um desígnio do senhor do meu destino. Tentei viver no amor das mulheres e me tornei estéril. Mas quando comecei a viver no amor da fé no Sagrado Agni, me tornei tão fértil como todas as mulheres de todo o reino da coroa de diamante juntas. É preciso milhões de mulheres para dar à carne os espíritos que emanam do sagrado Fogo Divino do amor de Agni. Mas ele só precisou possuir a mim para que milhões de seres viventes na carne pudessem um dia voltar ao seu fogo imortal como chamas vivas de fé.

Sou tão fértil como milhões de mulheres juntas. Mas enquanto elas dão a vida aos espíritos num corpo de carne eu dou aos espíritos que vivem no corpo de carne uma vida eterna em Agni, o Fogo Divino!

Se sou estéril no amor que sinto pelas mulheres e estéril do amor das mulheres, sou muito fértil no amor com o fogo sagrado que anima o meu ser imortal.

Eu vivi o meu destino, Princesa dos Encantos, e eu sei que o Sagrado Agni está encantado pelo que fiz em seu nome, pois do grande lago até a grande ilha no sul e do extremo leste junto aos de olhos repuxados até as margens do rio Indo, os cantos de louvor Agni são entoados por milhões de seres humanos que eu conquistei para ele com minha espada flamejante devido ao fogo que existe em meu ser, pois eu fui possuído pelo encanto dos encantos que é o encanto do Fogo Divino.

Em verdade, você viveu trezentos anos, todos estéreis nesta terra, e você só se tornou fértil quando começou a viver o meu destino, pois eu a vi em sonho aos sete anos de idade e foi desde aquele tempo que você entrou em minha vida.

Há trinta anos você vive meu destino, Princesa dos Encantos. E há trinta anos você deixou de ser estéril pois ao viver o meu destino, nós dois unidos, ainda que separados, vivemos um destino muito maior. Nós vivemos o destino do Sagrado Agni.

Tanto você, ao seu modo, como eu ao meu, só vivemos um desígnio de Agni, o Deus que anima o Fogo Divino que se derrama sobre todos os seres vivos.

Você nunca me venceu como eu nunca a venci, pois somos os dois lados de Agni enquanto seres vivos na carne. Eu sou luz e você é trevas. Eu sou a chama que aquece os espíritos e você a noite que traz o frio à carne.

Eu sou o amor e você é o desejo. Eu sou o desejo de amar e você é o desejo de ser amada. Eu tenho muito a oferecer e você só tem muito a tirar.

Nós somos a luz e a treva que habitam todo ser humano. Quando ele vive na luz ilumina tudo à sua volta e desperta a alma para a vida, mas quando vive na treva traz a longa noite escura que encobre com seu manto negro os que nela vivem e os faz mergulhar no longo sono da morte.

É isto Princesa dos Encantos! Ainda acredita que me venceu?

— Um dia eu quase o tive só para mim, Sikhhan. Isto foi no dia em que sua luz dourada envolveu a minha cor rubra. Se naquele dia eu o tivesse conquistado nós teríamos dominado o mundo e vivido um grande amor, pois eu fiquei com a cor azul do seu amor.

— Assim como as trevas só refletem a luz enquanto ela existir, assim que ela se apaga as trevas voltam a tomar conta de tudo. Nós

dois juntos nada seríamos, pois você só estaria refletindo o que havia no meu ser e eu, com o tempo, refletiria o que havia no seu.

O dia e a noite convivem pacificamente. Um antes do outro ou um após o outro. Mas nunca se misturam ou se envolvem um no destino do outro. É assim que temos de ser, quer gostemos ou não!

— Eu tenho um imenso tesouro oculto no meu palácio. Quer ir comigo para que eu possa lhe mostrar onde ele está, Sikhan?

— Posso mandar os meus soldados o procurarem por mim, Shamizer!

— Teme entrar em meu palácio sem os seus magos, Sikhan?

— Não. Eu não temo nada, Shamizer. Mostre-me onde está o seu tesouro.

— Mas terá que vir sozinho, Sikhan. Só a você eu mostrarei a localização dele! Depois de minha morte você fará o que quiser com ele.

Eu ordenei aos soldados que aguardassem minha volta.

— Não entrem nela até eu sair. E se eu não sair queimem-na toda e espalhem terra salgada sobre ela!

— Não faça isto amado rei. Ela irá encantá-lo e o destruirá.

— Se ela não conseguiu isto em trinta anos, não será agora que irá consegui-lo.

— Não vê que ela joga sobre seu o ser todo o poder dos seus encantamentos?

— Como poderei viver na luz do Sagrado Agni se minha luz não resistir aos encantos das trevas e a subjugá-la aos encantos da luz.

A luz é envolta pelas trevas ao mergulhar nelas, mas se não for forte o bastante para iluminar as trevas não é na verdade luz e sim apenas um reflexo.

— Mas ela poderá envolvê-lo de tal forma que não saberemos se ainda será o mesmo quando sair da fortaleza!

— É muito simples, sacerdote mago! Acenda a pira sagrada e prepare o braseiro que eu lhe provarei que um homem pode mergulhar nas trevas mais profundas e ainda assim não terá a sua luz apagada se sua fé no senhor do seu destino for tão forte como é a minha.

Eu só viverei plenamente o meu destino se vivê-lo por completo. Como poderei olhar nos olhos do Sagrado Agni se eu temi a mulher que viveu trezentos anos à minha espera?

Como eu poderei prostrar-me diante do seu altar flamígeo se não fui capaz de entrar nas trevas e retornar dela sem macular meu ser imortal?

O Fogo Divino é abrasador e queima ou ilumina tudo o que toca. Se eu entrar no palácio dela e não for capaz de iluminá-la, eu a queimarei. E se ela me vencer, seremos consumidos pelas chamas do Fogo Divino, pois o senhor do meu destino não aceita um servo fraco e de espírito domável.

Ou eu encanto a Princesa dos Encantos ou de nada valerá tantas vidas vivendo só na fé de minhas palavras.

Aguardem eu sair. Até lá, não façam nada!



Eu entrei pelo imenso portão da fortaleza. Meus sacerdotes e soldados temiam penetrar nela, pois a julgavam um lugar funesto e amaldiçoado. Ou eu a vencia na sua última tentativa de me encantar e me derrotar ou eu não seria digno diante do Fogo Divino.

— Onde está seu tesouro, Shamizer?

— Acompanhe-me Sikhan e lhe mostrarei. Não está com medo?

— Não. Eu sou o que sou e nada poderá me mudar agora.

— Logo estará diante do meu maior tesouro e sua cobiça se revelará diante dele. Com ele você sustentará suas guerras e dominará o mundo.

— É tão grande assim o seu tesouro Shamizer?

— Sim. Eu o acumulei por trezentos anos.

— Por que você tem um tesouro tão grande assim e o manteve oculto?

— Para tentá-lo com a cobiça no dia que você surgisse em minha vida, pois isto eu sabia que um dia aconteceria, Sikhan.

— Quero ver o quanto é valioso o seu tesouro. Depois lhe direi se valeu a pena tanto esforço de sua parte.

Pouco depois ela abria uma porta e me deparei com uma parede lisa.

— Aí atrás está o meu tesouro Sikhan.

— Mostre-o Shamizer. Estou interessado em ver o quanto é grande e valioso.

Ela pressionou uma alavanca e toda a parede começou a mover-se, uma visão aterrorizou o meu ser. Uma imagem grotesca de um ser das trevas guardava a entrada de uma enorme caverna cavada nas pedras.

— Esta imagem o assusta Sikhan?

— A imagem não, mas os espectros que pairam sobre o tesouro sim. Há milhares de espíritos escuros jungidos a ele. Isto não comove sua alma, Shamizer?

— Por que deveria me comover com eles Sikhan? Eles morreram agarrados aos seus tesouros. Viveram para acumulá-los. Mataram, torturaram, mutilaram, violentaram e por fim morreram atados ao objeto dos seus desejos. Eu só dei-lhes a oportunidade de continuarem agarrados aos objetos dos seus desejos. No fundo, eles são escravos de si próprios. Agora ele é todo seu. Use-o em seu benefício pessoal Sikhan!

— Por que faz isto Shamizer?

— Eu nunca o usei para nada e o que eu sempre quis, perdi no mesmo dia em que encontrei.

— Espere-me aqui que darei a este tesouro um destino que irá aliviar um pouco o imenso mal que você causou nesta terra.

Eu voltei até onde estavam os sacerdotes magos e falei-lhes:

— Tragam a pira sagrada e um pouco da água do sagrado rio Ganges. Irão purificar o tesouro da Princesa dos Encantos e depois o espalharão por todos os templos dedicados ao Sagrado Agni.


Eles trouxeram o que eu pedi e logo iniciaram a purificação do tesouro libertando a imensidão de espíritos jungidos a ele.

Soldados removeram a grotesca imagem e a queimaram ali mesmo com madeira sagrada. Depois de tudo purificado começaram a retirá-lo. Havia milhares de peças valiosíssimas, toneladas de ouro e pedras preciosas.

— Levem-no, sacerdotes magos, e o usem para enriquecer os templos e assim poderem disseminar o culto do Sagrado Agni por toda a terra. Eu resisti ao seu encanto, agora quero ver como os sábios mestres farão para não caírem em tentação e ocultá-lo. Este é o preço que terão de pagar ao Sagrado Agni para se tornarem dignos diante dos seus olhos e poderem se ajoelhar com as consciências em paz diante do seu altar.

Com isto nas mãos não precisarão se curvar aos desígnios dos senhores do poder terreno para que o culto não venha a perecer.

Eu lhes provei que sou isento da ambição. Agora provem ao Sagrado Agni que o servirão com dignidade, pois terão meios de não deixar que o culto a ele, se apague assim que eu morrer.



— Perdoe-nos por termos duvidado de vosso poder e fé. Enviaremos este tesouro para o sacerdote mago chefe do reino da coroa de diamante, o sábio mestre Rash Marishpur! Ele cuidará para que todos os templos erguidos pelo amado rei Sikhhan recebam uma parte e tenham condições de formar e sustentar muitos sacerdotes do Sagrado Agni por muito tempo, sem que seja preciso agir como os sacerdotes das trevas que, ao invés de darem algo, tiram o pouco que possuem os que os procuram.

— Digam ao sábio mestre Rash Marishpur que este tesouro foi o preço pago pelas trevas por terem sido derrotadas pelo Fogo Divino. E que Sikhhan Daher foi o fiel cobrador.

Mandem um regimento acompanhá-los quando o levarem para a capital e levem os tesouros de Sager e os dos reinos conquistados. Digam a Shair para juntá-los ao tesouro da coroa de diamante. Digam-lhe também que coloque todas as coroas dos reinos conquistados junto às que estão depositadas diante do trono vazio da princesa da coroa e me envie o mais depressa possível homens e suprimentos, pois logo partiremos para conquistar a coroa persa. Que ele os envie à fortaleza construída no rio Indo.

— Assim será feito amado rei.

— Mandem os soldados entrarem nesta fortaleza e comecem a tomar posições no interior dela. Quero que escolham um lugar no interior das muralhas e levantem um altar sagrado ao Fogo Divino. Que onde antes reinavam as trevas de agora em diante reine a luz!

— Assim será feito amado rei. O que fará com Lagushni?

— Levantem o altar agora mesmo. E ainda que tenham de esperar a noite toda, ao amanhecer saberão o que o Sagrado Agni quer que façamos com ela.

— Purificaremos esta imensa gruta, que durante séculos só serviu para acumular riquezas materiais. Nós a tornaremos o templo que abrigará o tesouro do Fogo Divino do sagrado e eterno Agni. Com sua licença amado rei, vamos cuidar de tudo agora.

— Façam isso, amados mestres da luz!

Eles saíram da gruta e foram chamar os soldados para darem início à ocupação da fortaleza. Eu voltei-me para a Princesa dos Encantos e falei:

— Viu como o seu tesouro irá ajudar à luz, Shamizer?

— Por que fez isto com o tesouro que levei séculos para juntar Sikhhan?

— O bom uso que farão com ele ajudará a diminuir o rigor com que será julgada pela lei que nos julga após a morte da carne.

— Eu sou motivo de preocupações para você, Sikhan?

— Sim, Shamizer! Você teve um destino e eu outro, mas no final das contas, chego à conclusão que, juntos, vivemos nos últimos trinta anos um mesmo desígnio do Sagrado Agni.

— Quer me acompanhar até os meus aposentos Sikhan?

— Por que Shamizer?

— Já que irei ser degolada ao amanhecer, quero estar preparada para não me parecer com uma mulher comum num momento destes.

— Antes deixe-me dar algumas ordens, pois creio que esta será uma longa noite de espera.

— Ela será muito pior para mim que morrerei ao amanhecer.

Eu fui até os guardas e dei as ordens específicas do que deviam fazer e, aos sacerdotes, de como deveria estar o altar assim que o sol raiasse. Após isto eu voltei até onde ela estava e dispensei os guardas que a vigiavam.

— Não teme ficar a sós comigo Sikhan?

— Eu deveria, Shamizer?

— Não sei! Mas se eu puder vou tentar encantá-lo com meus encantos pessoais, e não mágicos.

— Isto você já conseguiu há muitos anos atrás. Nunca a esqueci e se isto servir para minorar seu martírio, saiba que eu guardei comigo uma recordação que você deixou, mas a perdi logo a seguir.

— Meus cabelos?

— Sim. Você tem os mais lindos cabelos que eu já vi.

— Vamos conversar nos meus aposentos, Sikhan.

Nós fomos até seus aposentos que recendiam a perfumes inebriantes.

— Era este o local onde você amava os homens que entraram em sua longa existência?


— Sim. Aqui eu os possuía por inteiro, consumi suas energias e absorvi suas seivas vitais. Foram muitos, Sikhan!

— Posso imaginar, Shamizer.

— Eu estou com fome. Poderia pedir que nos servissem algo?

— Vou mandar que nos preparem uma ótima refeição, Shamizer.

Eu saí dos belíssimos aposentos dela e mandei que um dos cozinheiros preparasse uma refeição digna de uma princesa. Ele pediu-



me duas horas para levá-la aos aposentos da princesa. Voltei até onde ela estava e a vi sentada e com a cabeça pendida para o lado.

— Por que está assim Shamizer? Você apenas perdeu uma luta.

— Não é porque serei morta ao amanhecer que estou triste, Sikhan!

— Então diga-me o motivo, pois estou curioso em sabê-lo.

— Lembra-se de como eu era bela ao conhecê-lo?

— Sim. Muito bela mesmo! Talvez a mais bonita mulher que eu já vira até então.

— Lembra-se como encantei sua visão quando descerrou o shador que cobria o meu rosto?

— Sim. Seu rosto era o mais perfeito que eu já havia visto e até hoje nenhuma mulher a igualou na beleza.

— Saiba que até aquele dia eu sentia orgulho quando alguém descerrava o shador que cobria meu rosto e hoje já nem isto posso fazer.

— Por que não? Você é eterna na vida desde que tenha alguém para alimentar sua seiva vital.

— Saiba que eu ordenei aos que quase o mataram que o trouxessem com vida até mim. Mas quando eu soube que você havia morrido tentei aprisionar sua alma só para tê-lo perto de mim. Nem isto eu consegui com você!

— O que isto tem a ver com seu encantador rosto, Shamizer?

— Quando eu vi que o havia perdido para sempre, comecei a sofrer e uma angústia tomou conta do meu peito. Tentei possuir outros homens e não senti prazer nisso. Eu havia perdido o encanto do prazer quando o perdi, e nunca mais o recuperei. Quando eu soube que Mejouré o tinha, fiquei enciumada e intervi pela segunda vez em sua vida. Foi a partir daí que joguei Sager contra você e destruí Mejouré.

— Você não a destruiu Shamizer. Apenas livrou a alma dela das trevas. Eu ainda lhe digo que um desígnio maior uniu os nossos destinos, pois se não fosse assim ele não se realizaria. No final sua ação beneficiou o desígnio.

— Eu, a partir daí, só pensei em destruí-lo. Usei uma parte do meu tesouro para armar um poderoso exército e o enviei contra você. Eu queria derrotá-lo ou prendê-lo, só para mim. E nem isto eu consegui. Tudo o que eu fiz para possuí-lo falhou e tudo o que fiz para destruí-lo falhou também. Eu não ouvi o conselho de quem me tornou uma feiticeira imortal.

— Qual foi o conselho Shamizer?

— Que eu evitasse os homens com a cor dourada.

— Por quê?

— Se eu me envolvesse com um e não o subjugasse aos meus desejos eu me tornaria mortal e começaria a envelhecer como as mortais. Logo eu descobri que não o havia subjugado, e sim eu é quem havia sido. Não tomei a devida precaução e perdi minha imortalidade. Foi para isto que guerreei contra você. Eu queria destruí-lo também. Mas nada disso teria acontecido se eu não o tivesse visto naquele dia na entrada do palácio persa. Eu poderia continuar vivendo para sempre.

— Qual a vantagem em ter uma vida eterna na carne? E ainda mais à custa da vida alheia? Não percebe que foi enorme o erro cometido durante trezentos anos?

— Eu vivi sem pensar nisto, Sikhan. E não estaria me lamentando agora se não tivesse encontrado você e sua cor dourada.

— O que a fascina na cor dourada, Shamizer?

— É uma cor que nunca terei e que pertence aos que são portadores de uma fé inabalável. Meu erro foi, ao invés de tê-lo destruído, tentar dominá-lo.

— Está arrependida por ter tentado?

— Não. Só sinto não tê-lo subjugado a mim como fiz com centenas de homens.

— Qual a vantagem em ter tantos homens e não ser saciada na sua ânsia de amar ou ser amada?

— Pelo menos eu vivi mais de trezentos anos, Sikhan!

— Infelizes, presumo eu, pois não tem consciência de que o Dom da vida na carne é finito para que possamos ter nova oportunidade caso algo não dê certo ou não nos agrade na que estamos vivendo.

— Bem! Agora nada mais importa, pois eu perdi e vou morrer logo. Mas é melhor assim que continuar a ver meu corpo envelhecer como uma mortal comum. Olhe o que me aconteceu ao tentar roubar a sua cor dourada, Sikhan!

Ela descerrou o shador e então eu vi o rosto de uma mulher já envelhecida. Eu fiquei impassível e ela tirou toda a roupa que a cobria. Seu corpo havia envelhecido também.

Eu a olhei demoradamente e disse-lhe:

— Gostaria que eu a banhasse como naquela tarde? O horário é quase o mesmo.

— Não sente prazer por mim Sikhan. Então para que fazer isto?

— Não sei, mas gostaria de fazer isto para você. De certa forma eu sou responsável por ter apagado a sua cor rubra e isto me deixa triste.

— Como pode alguém como você, que já ceifou mais vidas que qualquer outro homem que conheci nos últimos três séculos, sentir pena de alguém que tanto o combateu?

— Isto é porque eu possuo a cor dourada. Esta cor tem o Dom de ser implacável na execução de um dever, mas também torna os seus possuidores seres extremamente sensíveis. Ou pensa que não sofro após uma batalha? Posso ser tomado de um furor destrutivo antes de uma batalha e, quando tudo termina, eu, ao observar o corpo de um soldado caído no campo e abandonado como algo sem o menor valor, me comovo e, no silêncio do meu ser imortal, sinto uma imensa dor.

Não sei por que tem de ser assim, mas não posso parar, pois sei que um novo corpo abrigará o espírito imortal que habitava aquele ali, caído à minha frente, e permitirá que uma nova alma envolva tanto a carne quanto o espírito e propiciará uma nova luz e cor ao ser imortal que reviveu só porque não quis ser imortal na carne e, sim, em espírito.

— Por que você fala coisas que eu nunca ouvi e também jamais me incomodaram antes, Sikhan?

— Será por causa de minha cor dourada, Shamizer?

— Creio que sim. Não sei, mas acho que por causa destas qualidades da cor dourada eu fui tentada a roubá-la de você.

— Vista a sua roupa que vou mandar que tragam água e encham a sua banheira, que está vazia.

— Não faça isto Sikhan. Um corpo envelhecido não merece o que quer fazer. Eu já não desperto o desejo nem ao mais insaciável dos homens, pois envelheci tanto nestes sete anos quanto uma mortal em setenta. A cada ano que passa eu perco dez dos trezentos e trinta já vividos. Este seria o preço que eu pagaria se fosse subjugada um dia. Só estou pagando pela minha tentação e pelo meu fracasso com você.

— Pode estar com o corpo envelhecido, mas o seu ser imortal possui o mesmo poder de vibração de antes.

— Como pode saber como está o meu ser imortal se eu me sinto destruída?

— Seus cabelos conservaram a formosura de outrora, então seu espírito também tem algo de outrora. Vista-se que voltarei logo.

Ela começou a se vestir e eu fui ordenar que os guardas trouxessem água quente para ela banhar-se. Pouco depois que voltei, eles chegaram com a água. Após saírem eu fui à frente dela e descerrei seu shador com delicadeza, guardando-o em um bolso do meu casaco do couro.

— Por que o guarda consigo Sikhan?

— O outro que você me deixou eu perdi, mas este eu guardarei com cuidado para que isto não venha a acontecer novamente.

— Você sabe como agradar uma mulher, mesmo que seja uma condenada à morte! — ela deu um sorriso triste ao dizer isto.

— Faça algo que fará com que me lembre de uma noite inesquecível toda vez que ver ou tocar o seu shador.

Eu despi o resto de sua roupa e olhei o seu corpo envelhecido, observando:

— Não está tão feia como se julga, Princesa dos Encantos! Há algo em seu ser que não envelheceu e continua tão convidativa como naquela noite.

Ela sorriu mais feliz desta vez.

— Acho que foi a única parte do meu corpo que não sofreu alteração nestes anos Sikhan. Poderia dizer-me o porquê disso?

— Não agora, pois não tenho plena certeza. Quem sabe mais tarde eu confirme se o que me ocorre é certo ou errado.

— O que tenciona fazer mais tarde?

— A noite ainda não começou Shamizer e esta será uma longa noite para nós dois. Deixe-me conduzi-la até a banheira.

— Por que não se banha comigo? Deixe-me fazer isto por você enquanto o faz em mim. Assim poderá dizer, depois que eu tiver partido, que Shamizer, uma velha feiticeira de trezentos e trinta anos, banhou o poderoso Sikhan na última noite dela na carne.

— O que fizermos aqui só a mim pertencerá Shamizer. E não vou dividir os encantos da Princesa dos Encantos com nenhum outro mortal.

— Se eu já não tivesse sentido em meu ser todo o seu poder e sedução, diria que é um mago com as palavras.

— Eu só falo o que posso cumprir Shamizer. E o que falo, eu cumpro.

— Então eu vou banhá-lo também, Sikhan. Será a primeira vez que o carrasco banha a vítima e esta retribui tal gesto de delicadeza fazendo-lhe o mesmo com um imenso prazer.

— Em tudo que fazemos somos diferentes e especiais, Shamizer! Até numa situação destas nós quebramos todas as regras.

Ela lentamente despiu-me e após fazê-lo ficou a me observar por algum tempo. Depois falou-me:

— Você não mudou nada fisicamente Sikhan. Mas há uma parte do seu corpo que já não reage como antes, pois eu não agrado à sua visão.

— Talvez seja devido ao longo tempo que já não flexiono certos músculos, Shamizer. Algo também envelheceu em mim. A sua transformação é mais visível, mas eu também sofri uma transformação.

— Quem sabe eu ainda possa despertar certos sentidos um tanto adormecidos em seu ser, não?

— Você nunca deixará de ser a Princesa dos Encantos que eu conheci, Shamizer.

— Venha Sikhan. Eu o conduzo desta vez. Entre na água e feche os olhos que eu vou banhá-lo primeiro. Não tema, pois não vou apunhalá-lo enquanto estiver com eles fechados, pois nunca fiz isto em toda a minha vida e não seria com você que o faria pela primeira vez.

Eu entrei na banheira, mas antes vi a sua cor rubra começar a despertar. Sorri antes de fechar os olhos.

— Por que está sorrindo Sikhan?

— É agradável tornar a banhar-me na água morna de uma banheira após tantos anos de privações, e, melhor ainda, é ter toda a poeira acumulada em meu corpo lavada por mãos tão delicadas como as suas.

Ela deu um sorriso gostoso e comentou:

— Saiba que vou tirar toda a poeira aderida em seu corpo nestes anos todos e não deixarei uma só parte empoeirada!

— Faça isto por mim, minha Princesa dos Encantos! Tire toda esta poeira que, de tão pesada, impede que eu flexione todos os meus músculos com a desenvoltura de que realmente sou capaz.

— Eu tirarei deles a poeira que os impede de se flexionarem e, ainda assim, se não conseguirem fazer por conta própria, eu os

ensinarei como devem fazer para que logo estejam bem desenvoltos, meu príncipe Sikhan!

Shamizer banhou-me todo, e com suas mãos delicadas flexionou todos os meus músculos deixando-os bem desenvoltos. Eu sorri ao sentir que ela se deliciava ao banhar-me.

Comecei a banhá-la também, mas mantive meus olhos fechados. Lavei seus cabelos e fui descendo por todo o seu corpo. Eu podia sentir o calor da sua cor rubra que aumentava de intensidade à medida que eu mais me aproximava da única parte que não havia sofrido transformação em seu corpo. Quanto mais eu me aproximava mais intensos eram os seus suspiros. Só diminuíram quando eu saltei esta parte e comecei a massagear os seus pés. Mas à medida que eu subia as mãos por suas pernas eles voltaram a ser intensos e se tornaram incontroláveis quando eu finalmente banhei a única parte que não se alterara em seu outrora belíssimo corpo. Ela só conseguiu dizer uma frase.

— Sikhan ajude-me a dar vazão às minhas emoções, pois são tão intensas que nem a água, já fria, as diminui de intensidade.

Mantive os olhos fechados e ali mesmo, na banheira, eu comecei a acalmar suas emoções intensas, mas o que consegui foi aumentá-las ainda mais, levando Shamizer a uma intensa explosão do seu ser, todo emocionado. Depois disto ela aninhou-se em meus braços e ficamos um longo tempo na água. Só saímos quando ouvimos o cozinheiro deixar a refeição no outro aposento e retirar-se.

Eu a sequei com delicadeza e ela fez o mesmo comigo.

Depois eu a vesti com um belo vestido e coloquei em seus ombros um belo manto vermelho. Após isto feito, nós fomos comer. Foi um agradável e saboroso jantar, regado com uma saborosa bebida que nos trouxe o cozinheiro real.

Após terminarmos a refeição ela convidou-me a conhecer o seu palácio, que ficava num dos lados da grande fortaleza. Visitamos todas as dependências do palácio e numa delas havia um grande baú. Ela o abriu e eu vi em seu interior as mais lindas pedras preciosas. Haviam os mais diversos tipos delas. Rubis, safiras, esmeraldas, diamantes, todas maiores que a muito especial pedra do senhor Lahor.

— São suas Sikhan! Não quero que as dê a ninguém.

— Mas não preciso delas, Shamizer. Não sei o que fazer com elas.

— Você é um artista muito sensível Sikhan! Quando cessar o derrame de sangue sobre a terra, dê vazão a este dom seu e entalhe nestas pedras os tesouros que traz em seu ser imortal.

— Meu veio artístico esgotou-se há muito tempo, Shamizer. Faz muito tempo que eu deixei de criar minhas belas obras de arte.

— Nada em você se esgota Sikhan. Apenas adormece! Basta que a pessoa certa saiba como despertá-lo e eis que começa a mostrar sua força criativa e potencial artístico, ou vice-versa.

— Espero que tenha razão. Então seremos iguais em alguma coisa, pois foi só a pessoa certa tocar do modo certo e no lugar certo para a cor rubra, que um dia despertou o meu interesse, voltar a ser tão intensa como naquele nosso primeiro encontro.

— Muitos tentaram despertá-la e não conseguiram. E isto quando eu era bonita! Mas vem você e a desperta apenas com o toque de sua mão. Acho que é um mago muito poderoso Sikhan. Suas mãos são muito poderosas.

— Só as minhas mãos, Shamizer?

— Não são só suas mãos, pois como todo mago poderoso você também tem um cajado muito poderoso que lança raios fortes e irradiantes. Quem é atingido pelos raios do seu cajado torna-se imortal, senão na carne, ao menos em espírito.

— Está quase tão bela como naquela noite Shamizer.

— O sol mal se pôs no horizonte Sikhan, e ainda tenho uma noite toda pela frente. Espero que me honre com sua companhia até ele voltar a despontar no outro extremo do horizonte. Aí, sim, eu morrerei tão feliz como sempre desejei ser.

— Você está bem junto de mim e pode sentir o que eu sinto. Acha que vou deixá-la sozinha quando os músculos do meu corpo anseiam por movimentos?

— Se depender de mim não dormirá esta noite.

— A maioria das minhas noites eu as tenho passado acordado. E não foram por um motivo tão agradável como o que me oferece nesta noite.

— Prometa-me que vai guardar estas pedras e, quando o sangue deixar de ser derramado, entalhará nelas suas mais belas obras de arte, Sikhan?

— Não sei se minha arte voltará após tanto sangue derramado, mas prometo conservá-las comigo e, se tal acontecer, eu as entalharei em sua memória.

— Então vou lhe dar mais um presente Sikhan, meu príncipe encantado que conseguiu encantar a Princesa dos Encantos.

— Qual é o presente de agora Shamizer?

— Mande os guardas lá fora chamarem muitos outros, pois vai precisar de muitos para levar o presente que vou lhe dar.

— Quantos soldados eu vou precisar?

— Uns trezentos, Sikhan.

— Está bem, vou mandar os sentinelas buscá-los.

Saí até a porta e dei a ordem. Pouco depois uma longa fila de soldados surgia no enorme e bem ornamentado saguão do palácio de Shamizer.

— Digam para eles deixarem as armas Sikhan, pois elas só os irão atrapalhar ao apanharem o presente que lhe dou.

Eu ordenei que deixassem suas armas e, como estavam indecisos, fui incisivo.

— Andem logo ou conhecerão a ira de Sikhan, seus covardes!

Eles imediatamente soltaram as armas e nos acompanharam. Nós descemos uma longa escada ocultada por uma falsa parede e depois caminhamos por um longo, escuro e úmido corredor aberto no interior da rocha maciça. Finalmente chegamos ao final do corredor.

— Mas aqui não há nada Shamizer. Cadê o meu presente?

— Vê esta pequena pedra mais escura na rocha?

— Sim.

— Então pressione-a com força e ganhará um valioso presente.

O subcomandante que estava à frente dos soldados e ao meu lado interveio.

— Cuidado, meu rei! Pode ser uma armadilha e todos nós poderemos ser mortos indefesos.

— Um dia lhe falarei de como deve agir um ser humano, comandante. Conhece bem a arte da guerra e luta como nenhum outro soldado, mas precisa estudar um pouco a natureza humana para que saiba como agir em certas situações. Por trás desta parede falsa uma grande surpresa nos aguarda. Mas, como saberemos o que é se não pressionarmos a pedra que a colocará em movimento?

— Mas podemos ser surpreendidos e estamos desarmados!

— Também há coisas que pelas quais temos de arriscar nossas vidas ou não poderemos mostrar a real coragem que possuímos mesmo

desarmados. Seja mais criativo homem, e deixe sua mente imaginar que assim como pode haver uma traição, poderá haver uma agradável surpresa. Se quiserem voltar correndo à parte segura, podem ir, que a única coisa que farei será chamá-los de muito prudentes e um tanto covardes.

— Eu fico ao lado do meu rei. Se for bom o que há do outro lado sorrirei com o senhor, e se for mal, sofrerei também, mas ao seu lado e tentando defendê-lo.

— É isto homem! Nunca se esqueça ou deixe um dos seus comandados se esquecer da doutrina de Sikhan aplicada à arte da guerra.

Eu, antes de pressionar a pedra, olhei para o rosto de Shamizer iluminado pela luz das tochas e pude ver que sorria só pelo brilho dos seus olhos. Então eu pressionei a pedra de toque e a imensa rocha começou a mover-se no interior do conjunto maciço deixando ver uma enorme caverna. Em seu interior havia centenas de homens e mulheres aprisionados.

— Todos eles são sacerdotes e sacerdotisas Sikhan! Eu mandava aprisioná-los aqui após serem capturados por meus auxiliares designados especialmente para esta função.

— Há centenas deles no interior desta caverna Shamizer. Como isto é possível?

— No outro lado da montanha há uma entrada natural de quase uma centena de metros. Ela é íngreme e impossível de ser escalada. Eles eram abaixados até o fundo do precipício e deixados lá. Só por esta pedra móvel é possível retirá-los. Era por lá que os meus auxiliares os alimentavam também, lançando do alto o alimento.

— Quantos cadáveres há no interior desta caverna, Shamizer?

— Cadáveres deve haver alguns milhares, mas vivos já cadavéricos só existem uns quinhentos. Nós somos os opostos, Sikhan. Enquanto você destrói os que servem às trevas e alimenta os que servem à luz, eu faço, ou melhor, fazia o inverso. Este é o meu presente Sikhan!

— Está me surpreendendo Shamizer. Eu jamais localizaria esta caverna e se alguém a encontrasse no futuro, todos já estariam mortos. Por que não os matava assim que os capturava?

— Uma questão de modo de agir, Sikhan. Eu queria que eles sofressem o horror que é viver nas trevas desta caverna tendo só uma pequena fresta onde pudessem ver um pouco de luz, lá no alto,

impossível de ser alcançada, e ao mesmo tempo ver nela a saída de uma terrível prisão.

Eu queria que eles conhecessem em vida o inferno que tanto combatiam. Se eu mandasse matá-los, na certa iriam para o lado luminoso do outro lado da vida e não poderiam dizer com certeza como é o inferno. E observe que eu ainda mandava dar-lhes alimentos para que não morressem logo. No verdadeiro inferno nem isto é dado a um espírito humano lançado nele.

— Tem lógica o seu raciocínio e modo de agir, Shamizer! Vou mandar os soldados retirá-los daqui.

Eu ordenei que eles começassem a retirar todos e logo uma imensidão de sacerdotes, mestres e magos eram resgatadas das trevas em vida a que haviam sido lançados. Os que estavam com medo de sair da escuridão logo o perderam ao ouvir os soldados gritarem que estavam sendo libertados por obra de Sikhan Daher, o filho do Fogo do Sagrado Agni. Eu tomei o braço de Shamizer e voltamos ao interior do seu palácio.

— O que mais tem oculto para mim, Shamizer?

— Ainda quer mais Sikhan?

— Só poderei ficar livre dos pensamentos de que mais alguma coisa ainda está para ser revelada quando você me disser que não há nada mais ocultado no interior desta fortaleza.

— Depois disto feito irá me incendiar com a chama que alimenta o seu ser imortal?

— Não tenha dúvidas disto Shamizer, pois a cada revelação que me faz, mais aumenta minha admiração por você.

— Então mande chamar os seus magos que vou revelar onde estão aprisionados os espíritos dos magos que derrotei nas lutas mágicas. Há milhares deles aprisionados Sikhan. Creio que se seus magos não forem bons, não conseguirão libertá-los.

Eu chamei os magos e penetramos em outra câmara oculta sob as rochas abaixo da fortaleza.

Os magos, assim como Shamizer e eu, podiam ver o outro lado da vida pois tinham uma boa vidência. E nos surpreendemos com a visão dos espíritos dos magos aprisionados ali pela poderosa magia negra de Shamizer, a Princesa dos Encantos.

— Eles também conheceram pessoalmente o inferno, Sikhan Daher. Eu só sei como aprisioná-los. Que seus magos os libertem!

— Com certeza eles o farão, mas se não conseguirem, eu mesmo os libertarei, Shamizer!

— Você seria capaz disso, Sikhan?

— Sim, mas com uma diferença. Enquanto eles os libertarão de um a um eu os libertaria de uma só vez.

— Duvido que tenha tal poder, Sikhan! Você não leva a vida pura dos magos.

— Pois vou provar-lhe que posso Shamizer. Fique atrás de mim e observe.

Eu apanhei as tochas das mãos dos magos e as juntei em forma de uma fogueira. Pedi um pouco de incenso ao mago mestre que nos acompanhava e o lancei sobre o fogo. Quando o ambiente recendeu a incenso, eu fiz minha oração forte de invocação do senhor do Fogo Divino. Pouco a pouco o seu espectro ígneo formou-se por sobre as chamas e foi tomando uma forma densa e incandescente. Quase dava para ver o seu rosto e seus olhos.

Então entoiei um canto sagrado numa língua desconhecida de todos os presentes e, do espectro do senhor do fogo, labaredas saíram como raios atingindo os pontos mágicos que mantinham presos os espíritos imortais dos magos, sacerdotes e mestres aprisionados pela magia negra da Princesa dos Encantos. A fúria do elemento fogo tomou conta do local e à medida que eu dava mais vibração ao canto sagrado, mais as labaredas ígneas do senhor do fogo consumiam os pontos de força da magia negra e libertavam os espíritos dos magos. Do alto, e através da rocha, surgiu um facho de luz cristalina cintilante que envolveu todos os espíritos, já libertos, conduzindo-os ao sagrado jardim celestial do senhor do meu destino.

Eu continuei entoando o canto sagrado até que não havia mais nenhum espírito aprisionado no local. Quando parei de cantar as labaredas foram cessando sua ação e retornaram ao senhor do fogo. Joguei mais um pouco de incenso no fogo e fiz uma oração a ele agradecendo sua interseção em benefício daqueles espíritos.

Do seu espectro ígneo uma labareda atingiu o meu ser imortal, e depois ele desapareceu rapidamente.

Shamizer nada falou, apenas eu vi uma tristeza no seu rosto ao olhar para seus olhos. Quanto aos magos, me saudaram como um grande mago e voltaram aos seus afazeres na preparação do altar ao Sagrado Agni.

— Tem algo mais para mim Shamizer?

— A única coisa que restou para ser libertada ou consumida pelo seu fogo sou eu, Sikhan. Faça isto por mim aqui mesmo pois foi nesta câmara que eu pratiquei os meus maiores encantamentos.

Eu a tomei nos braços e a incendiei com o calor da chama que queimava em meu interior. Só bem tarde da noite voltamos aos seus aposentos. Shamizer havia readquirido toda sua cor antiga. Sua cor rubra era intensa agora. Ela rejuvenesceu a cada novo envolvimento amoroso. Já era madrugada quando eu lhe disse:

— Olhe-se no espelho Shamizer.

— Por que deveria eu olhar o estado em que me reduzi ao tomar-me uma mortal?

— Olhe-se e terá uma agradável surpresa. Este é o meu presente para você, Princesa dos Encantos!

A muito custo ela olhou-se e pulou de tanta alegria que sentiu, e sorria como uma criança ao ganhar um brinquedo que tanto desejava. Ela me abraçava e beijava até quase tirar-lhe o fôlego.

Amou-me com tal furor que todo o seu ser vibrava em contato com o meu. Quando cessou um pouco o seu entusiasmo, eu a amei como realmente a desejava. Foi a coordenação harmônica dos meus sentimentos, emoções, raciocínio e movimentos acrescidos de todo o meu desejo. Shamizer era a obra máxima do meu desejo.

Quando finalmente a soltei, sua cor rubra havia se transformado num rosado lindo.

O sol já nos enviava sinais de que ele logo surgiria no horizonte. Logo seria a hora da execução!

— Vou banhar-me Shamizer. Você me acompanha?

— Este será o meu último banho, Sikhan. Quero aproveitá-lo muito bem, pois depois só voltarei tornar a ter contato com a água se meu ser imortal for lançado no pântano que há nas profundezas das trevas. Por que tem que ser assim, Sikhan Daher?

— Não sei, Princesa dos Encantos. Mas acho que são coisas do destino de cada um. Você está muito bonita com esta cor rosada, Shamizer!

— Só você conseguiu me deixar com esta cor. Acho que lhe devo algo por isto. Vamos ao banho pois quero lavá-lo por inteiro e deixá-lo puro para a cerimônia que logo se iniciará.

— Não está com medo?

— Como você disse ao seu soldado, existem momentos que temos de ser criativos e imaginar que do outro lado da parede tão assustadora possa haver uma agradável surpresa.

— Você teve a noite toda para tentar algum encanto e não o fez. Por que Shamizer?

— Não adiantaria nada Sikhan. Se eu quisesse, poderia ter feito mas eu só o anularia e então voltaria a ser a mulher mortal de ontem. Para que mudar o destino agora?

Num passado que já vai longe, eu só mudei de cor enquanto você alimentava o meu ser imortal. Hoje estou igual àquela noite, toda rosada e feliz, e quero morrer assim.

— Não teme o que possa esperá-la do outro lado da porta?

— Só colherei o que aqui semeiei. Esta é a lei e eu sempre soube disso. Para que me lamentar agora?

Outras feiticeiras não tiveram a sorte que eu tive. A de, mesmo sendo um ser das trevas, agradar a um homem de cor dourada. Só isto já me deixa feliz e sem temor algum da morte.

— Você deve ser uma das sete mulheres que cada homem possui para os sete sentidos negativos. Talvez seja uma das minhas.

— Enquanto nos banhamos você me fala sobre isto, Sikhan. Antes vou apanhar o mais belo vestido que possuo e que nunca o vesti. Eu esperava uma ocasião especial para colocá-lo e acho que ela chegou.

Shamizer apanhou um lindo vestido do interior de um baú e o colocou sobre a cama. Virou-se para mim e falou:

— Vamos ao nosso último banho juntos, Sikhan?

— Vamos Shamizer!

Já na água e enquanto me lavava, ela pediu-me:

— Fale-me agora sobre os sete sentidos e as sete mulheres que correspondem a eles, Sikhan.

— Pois bem Shamizer! Há sete sentidos na luz e sete nas trevas. Os da luz, têm uma cor para cada um. E os das trevas também as têm.

Os da luz são o amor, a fé, a razão, justiça, vida, saber e raciocínio.

Os das trevas são o ódio, paixão, miséria, ambição, egoísmo, inveja e desejo.

O ódio é vermelho como o sangue; a paixão é rubra como o ferro incandescente; a miséria é cinzenta; a ambição é mostarda; o egoísmo é negro; a inveja é escura; e o desejo é uma mistura do vermelho como sangue e a mostarda da ambição, dando-lhe um toque com o que há no interior de cada um.

— Então a cor que estou vibrando agora é o meu toque especial Sikhan?

— Sim Shamizer. Esta cor tem o dom de mostrar o que há no seu ser imortal quando deixa de atuar no lado negativo dos sentidos. E agora você os deixou por completo e só quer viver a felicidade que sente por estar ao meu lado.

— O que significa o rosado na cor de alguém, Sikhan?

— Neste momento você, que é uma mulher sábia, não importando que conheça os mistérios das trevas, raciocina de acordo com os seus pensamentos, e eles são de alegria, felicidade, vida e satisfação, pois se sente saciada no seu desejo maior que é ser possuída por inteiro por alguém que agrada aos seus sentimentos, emoções, raciocínio e movimentação, harmonizando todo o seu ser imortal.

— É isto mesmo que sinto, Sikhan! Eu me sinto uma mulher que tem junto de si alguém que a agrada e a domina por completo. Só você conseguiu isto comigo e tudo por causa da sua cor dourada, que consome todo o meu ser imortal, colocando-me sob sua influência. Acho que juntos nós seríamos muito felizes, Sikhan.

— Talvez, mas por pouco tempo, pois logo nos consumiríamos, Shamizer. Uma cor da luz pode anular uma cor das trevas num curto contato. Mas se for muito prolongado, tende a se transmutar numa cor mista entre as positivas e negativas, tirando todo o encanto do contato limitado.

— Então a tendência dos seres humanos é se anularem sempre, Sikhan!

— Não quando as duas cores são positivas. Neste caso elas não se anulam, e sim intensificam suas irradiações. E o mesmo acontece com a união de duas cores negativas.

— Foi o caso da minha união com Sager, não?


— Isto mesmo Shamizer. Unidos, vocês só intensificaram o que possuíam nos seus seres imortais.

— Pois ainda que seja temporário, eu quero intensificar mais um pouco a cor que possuo no momento. Você me ajuda a conseguir isto?

— Só se você ajudar a abaixar o calor que sinto, pois meu ser está inundado de desejo devido às emoções que me causam a visão dos seus encantos de mulher.

— Vamos secar a água dos nossos corpos no leito?

— Por que não?



Shamizer levantou-se da banheira e caminhou até o leito, deitando-se convidativa. Eu só fiz o que me pediam minhas emoções. Após secarmos nossos corpos e tornar a molhar-nos sem termos voltado à banheira, eu disse-lhe:

— É hora de pararmos Shamizer, senão jamais sairemos deste leito.

— Você me ajuda com o vestido?

— Será um prazer vestir tão bela mulher. Não tão grande como despi-la, mas não deixa de ser um prazer.

Eu a vesti e quando lhe coloquei o shador ela falou-me:

— Posso vesti-lo agora, meu príncipe encantador da Princesa dos Encantos?

— Será mais um prazer que me propiciará, pois serei o único homem a poder dizer que foi despido, possuído, amado e depois vestido pela encantadora Princesa dos Encantos.

Ela vestiu-me tal como eu havia feito com ela e depois apanhou minha espada e a colocou em minha cintura, indo a seguir até um canto do quarto e apanhando um longo, fino e afiadíssimo punhal. Colocou-o a seguir numa bainha moldada em ouro e o pendurou na sua cintura, falando-me:

— Estou pronta para morrer Sikan! Você me conduz até o altar do meu sacrifício?

— Não ao altar do seu sacrifício e sim de sua expiação Shamizer. Diga-me antes uma coisa. Qual foi o seu primeiro nome?

— Shamizer foi o nome que recebi ao nascer e o usei até os trinta anos, quando me consagrei feiticeira por um mago negro muito poderoso na época, mas que acabou sendo morto misteriosamente por um punhal fino e cortante de uma das escravas de sua magia.

Eu dei uma gargalhada e comentei:

— Garanto que esta escrava, antes de ele a escravizar chamava-se Shamizer, e tudo porque ela preferiu o filho dele que se chamava Sager e não ele. Acertei Princesa dos Encantos?

— Sim príncipe que me encantou. Quer saber mais alguma coisa?

— Não. Se mais eu souber, talvez perca um pouco do encanto que em você me fascina. Vamos agora que já devem estar todos esperando ansiosos por sua expiação.

— Conduza-me Sikan. Quero que todos vejam que não fui arrastada e sim conduzida pelo meu carrasco que passou uma das mais agradáveis de suas noites justamente com sua vítima.

— Quando você morrer, uma parte do meu ser imortal morrerá, Shamizer.

— Vamos logo Sikhan e não me fale de coisas tristes, pois não quero me tornar negra justamente na hora de minha morte. Não, isto eu deixo para que aconteça após eu abrir a parede que oculta algo que eu saberei só ao pressionar a pedra que a descerrará aos meus olhos.

Eu a conduzi pelas escadas do palácio e logo estávamos no imenso pátio da fortaleza. Ele estava todo tomado pelos soldados, que iam abrindo passagem à medida que avançávamos rumo ao altar com a pira sagrada. Eu cheguei diante do braseiro e ajoelhei-me, fazendo a seguir minha oração ao Sagrado Agni, tirando a seguir os calçados. Shamizer perguntou-me:

— Não teme caminhar sobre as brasas após passar uma noite com uma feiticeira Sikhan?

— Não, Shamizer. Se o que fiz nesta longa noite, que na verdade começou ontem à tarde, foi errado, então que o Sagrado Agni me queime os pés e me faça cair sobre as brasas incandescentes, e faça com que esta roupa que estou vestindo se incendeie e consuma tanto minha carne como minha alma. Eu não temo o juízo que de mim fizer o Sagrado Agni, pois eu o sirvo tanto na vida como na morte e tanto sob o sol como sob a lua.

A seguir eu fiz um sinal e o mago sacerdote chefe iniciou a oração que daria início à cerimônia. Quando ele terminou, eu caminhei confiante sobre as brasas. Ao chegar no meio do braseiro eu ajoelhei-me e saudei o Sagrado Agni indo, a seguir, de joelhos até diante da pira sagrada. Lá fiz outra prece e depois consagrei no fogo os sete colares de cristais com as sete cores da luz. Repeti todo o ritual e depois os coloquei no pescoço. Virando-me para Shamizer falei-lhe:

— Dobre-se ao Sagrado Agni e ele a acolherá na sua chama imortal Shamizer!

— Não tenho mais tempo para isto, Sikhan. Eu renunciei à luz no dia em que me entreguei às trevas. A luz não me quer mais.

— O Sagrado Agni é generoso, Shamizer! Quem sabe ele a acolha se tiver coragem de caminhar sobre suas brasas.

— Eu não tenho a sua fé, portanto não vou tentar e ficar no meio do caminho. Prefiro continuar a ser uma das suas num dos seus sete sentidos negativos a perecer como ser imortal na tentativa de

retornar ao lado que um dia renunciei e jurei diante das trevas combater. Se isto vier a acontecer não serei nem da luz nem das trevas e passarei a viver no meio, onde ninguém é de ninguém.

— Talvez o senhor do seu destino me acolha no seu lado negativo e torne-se também senhor do meu destino e possa, então, permitir que um dia no futuro eu torne a viver o meu destino unindo-o ao seu para, juntos, realizarmos mais um dos seus desígnios.

— Está bem, Shamizer! Então eu continuarei com o ritual e a colocarei sob o poder do Sagrado Agni que também atua nas trevas. O senhor do meu destino deve ser também senhor do seu, senão ele não teria unido nós dois para que se realizasse um dos seus desígnios.

Eu voltei por sobre as brasas e coloquei sobre o seu pescoço os sete colares sagrados. Shamizer caiu de joelhos e só a muito custo ela pediu-me:

— Não se magoe mais por minha causa Sikhan. Deixe que eu mesma seja minha executora, não quero, quando eu estiver nas trevas, me lembrar que foi tua mão que ceifou minha vida. Dê este último e perverso prazer à sua Princesa dos Encantos.

— Está bem Princesa dos Encantos. Eu deixarei que realize o seu último desejo.

Eu retirei os sete colares e os coloquei no meu pescoço. Ela me pediu:

— Descerre o meu shador, Sikhan.

Eu o tirei e fiquei com ele nas mãos. Ela então puxou o longo e afiado punhal e o levantou entre nós dois. De seus olhos lágrimas começaram a escorrer nas suas faces.

Ela o levou até os cabelos e pediu-me:

— Escolha uma mecha do meu cabelo, Sikhan. Quero que a guarde e desta vez não a perca, pois outra não poderei lhe dar.

— Eu a envolverei no seu shador e a conservarei enquanto viver.

— Promete não jogá-la fora assim que eu me for?

— O que prometo eu cumpro, Shamizer!

— Eu sei que cumpre, Sikhan. Vamos, apanhe logo a mecha pois estou sofrendo muito com a demora na minha partida.

Eu escolhi uma longa e bonita mecha e ela o cortou com o seu afiado punhal. Eu a envolvi no shador e fiz um belo laço com as pontas que o prendiam na sua cabeça, guardando-o a seguir num dos bolsos do casaco. Então ela falou-me:

— Vire-se Sikhan, pois quero morrer diante do altar de minha expiação, mas não quero que minha morte choque os seus sentidos. Quero que guarde de mim só a alegria que minha beleza lhe causou, não a tristeza que minha dor lhe causará.

— Você está toda azul, Shamizer!

— Eu sei, pois o que sinto é amor e se choro é porque vou ter de partir justamente agora que descobri que mais que desejar possuí-lo, eu gostaria era de poder amá-lo.

Dos meus olhos lágrimas correram. Ela passou os seus dedos suaves nas minhas faces e umedeceu suas mãos nelas, passando-a em seguida num dos lados da longa lâmina. Depois com a outra mão umedecida nas suas próprias lágrimas que corriam em abundância, molhou o outro lado da lâmina. Ela estava pronta para a sua expiação.

— Teria coragem de beijar uma feiticeira diante dos seus soldados Sikhan, e diante das chamas sagradas do Sagrado Agni?

— Uma feiticeira não, mas uma mulher chamada Shamizer, sim.

— Então me dê um último beijo antes de minha partida.

Eu a tomei nos braços e a beijei longamente. Quando a soltei vi que ela havia trespassado o seu peito com o punhal. Os suspiros emitidos por ela ao ser beijada sufocaram o grito de dor que certamente emitiria ao senti-lo penetrar em seu peito.

Tomei seu corpo já sem vida nos meus braços e a levei até a pira sagrada, depositando-a aos seus pés. A um sinal meu o mago sacerdote purificou o seu corpo, logo após eu retirar o punhal do seu peito.

Depois dele purificá-la eu tirei a bacia de ouro e após purificar no fogo o punhal o guardei nela, colocando-a em sua mão direita, sobre seu peito. Depois coloquei a esquerda sobre ela e tomei o seu corpo em meus braços, indo diante da imensa fogueira que ardia próxima da pira sagrada.

Dei uma última olhada no seu rosto e a lancei sobre as chamas que em instantes a consumiram por completo. Só após vê-lo todo consumido eu voltei para o altar do Sagrado Agni. Ajoelhei e fiz uma prece ao senhor do Fogo Divino e implorei que ele acolhesse o espírito imortal de Shamizer no seu lado escuro.

Já que ela não quis servi-lo na luz, que o servisse nas trevas, pois mesmo nelas ele também tem os que executam a lei do karma. Que Shamizer, a Princesa dos Encantos, purgasse o seu karma nas trevas a serviço do Sagrado Agni, senhor do Fogo Divino.

Eu vi o seu espectro, que pairava sobre a pira sagrada, sorrir para mim. Eu sorri também pois meu pedido havia sido aceito por ele.

Depois disso o mago sacerdote fez uma prece e encerrou a cerimônia de execução de uma feiticeira. Eu tornei a caminhar sobre as brasas e fui até onde estavam meus sapatos. Calcei-os e virei-me para a multidão de soldados que assistiram em silêncio a comovedora execução, puxei de minha espada e a levantei bem alto gritando:

— Até a Pérsia, pois mais uma feiticeira nos espera para que seja expiada da face da terra pelo Fogo Divino.

Um grito ecoou na multidão.

— Viva Sikhan Daher, o filho do Fogo Divino!

Eu chamei os comandantes e a um deles dei ordens para que retirasse do palácio o baú com as pedras preciosas e o levasse ao meu alojamento, depois isolasse o palácio de Shamizer do resto da fortaleza e o incendiasse. A outro eu ordenei que se estabelecesse na fortaleza com seu exército e dividisse todo o reino dela em regiões dirigidas por marajás. Ele distribuiria uma parte do seu exército nas regiões e manteria outra na fortaleza para defender as fronteiras e impor o código de leis e a doutrina de Sikhan Daher. Aos restantes eu ordenei que preparassem seus exércitos, pois no dia seguinte nós marcharíamos acelerados para o sul, mas pelo outro lado do rio Indo, facilitando assim a marcha contra a Pérsia, pois não perderíamos tempo ao cruzá-lo no sul onde ele era bem mais largo e profundo.

Os magos sacerdotes dividiram-se e a metade deles ficou ali para divulgar em toda aquela região que vivia nas trevas da ignorância o culto ao Sagrado Agni, senhor do Fogo Divino.

No dia seguinte partimos e dois meses depois chegávamos na fortaleza construída do outro lado do Indo.

Eu me espantei com a quantidade de exércitos estacionados nos dois lados do rio Indo. Havia mais de meio milhão de soldados estacionados ali, e todos os meus mais altos comandantes estavam reunidos na fortaleza do lado de cá do Indo. Ordenei que os comandantes que me acompanharam na longa marcha estacionassem os seus exércitos e depois fossem ter comigo na sala de comando ali estabelecida.

Eu atravessei a longa ponte construída sobre o rio e fui ao encontro dos outros comandantes reunidos do outro lado.

Eles já sabiam há dias que eu me aproximava e foi só eu entrar no salão que uma saudação ecoou:

— Viva Sikhan Daher, o filho do Fogo Divino e conquistador de corações e de mentes!

— Vivam os meus leais comandantes, Soldados do Sagrado Agni! — respondi eu.

Depois de longos abraços quis saber o motivo de todos os comandantes estarem ali. Tanto Shipore, que devia estar no sul do continente, quanto Shair, que devia estar no comando da coroa de diamante junto com o sábio mestre Rash Nurishpar, estavam ali. O único que não tinha vindo era o que ficara do outro lado do Ganges. Ao perguntar por que ele estava ausente, Shair falou:

— Resolvi deixar aquela região bem protegida para que possamos lutar em paz na frente persa. Não quero que tenhamos uma surpresa desagradável, apesar de termos um tratado com o rei de além fronteiras. Se eu tirasse o exército de lá, ele poderia ser tentado pela nossa ausência na região. Quanto ao resto de nossas fronteiras norte, nada nos preocupa e os efetivos dos marajás são suficientes para mantê-las, assim como ao código de leis e a doutrina de lealdade à coroa de diamante. O sábio mestre sacerdote, mago Rash Nurishpar, assumiu o comando de coordenar as linhas de suprimento junto aos marajás, pois ele também é um bom estrategista, além de ótimo mago!

— Muito bem. Até aqui, tudo o que ouvi foi bem pensado. Mas qual o motivo da concentração de tantos soldados aqui no rio Indo?

— Os persas, depois da queda de Sager começaram a se preparar rapidamente para um confronto conosco, pois sabem que iremos ao encontro deles. E como sabem do nosso poderio militar, reuniram mais de um milhão de soldados em suas fronteiras. Uma parte delas já tomou posições nos dois reinos que nos separam deles e lhes pagam tributos e lealdade em caso de guerra. Por isso nos concentramos aqui.

Daqui até a desembocadura do rio Indo está tudo coberto por nossas tropas e várias fortalezas estão sendo construídas rapidamente, pois poderemos precisar delas no caso de eles avançarem rapidamente contra nós.

Quanto aos comandantes, eu resolvi convocá-los e aos seus efetivos já treinados na arte da guerra, pois agora lutaremos contra o exército de um poderoso império e não será tão fácil como foi com Sager, ou mesmo Lagushni! Resolvi convocar todos os grandes comandantes para que tenhamos harmonia e coordenação nos nossos movimentos e não venhamos a ser derrotados.

— Muito bem, senhores. Quando poderemos partir?

— Assim que as tropas que acabam de chegar descansarem um pouco, pois penso que devem estar extenuados com tão rápida marcha.

— Tem razão Shair. Continue atravessando os exércitos, pois assim que estiverem do outro lado, iniciaremos a marcha.

— Em dois dias estarão do outro lado, meu rei.

— Ótimo! Mas, diga-me Shipore, como foi a divisão do sul em regiões?

— Foi bem aceita, amado rei. Eles só conheciam a lei de Sager, que dizia: tudo ao rei e nada ao povo.

Quando conheceram por inteiro o seu código de leis, meu rei passou a ser amado como um Deus generoso. Lá a doutrina da coroa de diamante foi aceita com fervor pelo povo. Foi muito mais fácil do que eu pensava. Eu também tomei outra providência, meu rei!

— Qual foi, leal Shipore?

— Formei uma frota para combater os persas pelo mar, caso tentem nos surpreender pelas costas e desembarcar com suas forças em nosso reino. Se tentarem algo assim, encontrarão uma frota maior que a deles e muito mais bem preparada. Além do mais, usaremos os navios para nos suprirem mais rapidamente com alimentos através da costa marítima. Vamos precisar de muito desta vez, pois com a chegada dos últimos exércitos, temos novecentos mil homens para alimentar. Cada comandante aqui presente tomou providências para que as regiões sob os seus comandos forneçam o necessário ao bom desenrolar das operações de guerra.

— Ótimo, leais comandantes. Mas nós só iremos à Pérsia para queimar a princesa Shadine que está enfeitiçada.

Após nós a destruímos, voltaremos, pois acho que é o mínimo que poderemos fazer para que ninguém mais tente apagar a chama do Sagrado Agni e possamos viver em paz no reino da coroa de diamante.

— Viva o Sagrado Agni, senhor do Fogo Divino e senhor dos nossos destinos! — gritei.

— Viva o Sagrado Agni e viva Sikhan Daher, o amado filho do Fogo Divino! — responderam, com alegria.

Dispensei-os e fui tomar um banho para poder comer um pouco. Já tarde da noite eu subi numa das colinas e comecei a observar a imensidão de fogueiras que ardiavam nos acampamentos dos soldados.

— No que pensa, amado rei? — perguntou-me Shair, a distância.

— Venha para mais perto, leal Shair. Preciso de um bom amigo para conversar um pouco, pois estou muito vazio.

— O comandante que veio com o senhor me contou como foi a execução de Lagushni. Ela era a tal Princesa dos Encantos?

— Sim, ela era Shamizer. E foi muito triste sua execução. Ela não deixou que eu a executasse para não me magoar mais. Teve uma vida indigna, mas soube morrer com a mais elevada honra.

Ela marcou minha alma com seus últimos gestos. Se ela não tivesse se tornado uma feiticeira, na certa seria uma grande mulher na luz.

— Coisas do destino, meu rei. A única coisa que nos resta é vivê-lo com intensidade e nos conformar com os golpes que ele desfere em nosso espírito imortal.

— É bom que alguém me lembre disso. Sinto-me vazio e mais ainda ficarei quando tiver de matar a princesa Shadine.

— Deve ser muito difícil esta parte de seu destino, pois a cada execução mata um pouco de si próprio.

— Isto mesmo, sábio Shair. Agora sabe como me sinto em meu interior.

Nós ficamos conversando até tarde, e só então fomos dormir. Não sei se ele dormiu, pois eu passei o resto da noite acordado. Três dias depois iniciamos a marcha contra os persas. Logo entramos em batalha contra os seus exércitos que haviam avançado até os dois reinos tributários. Foram duras batalhas que nos custaram quase cem mil soldados, mas anexamos mais dois reinos à coroa de diamante.

As perdas deles e dos dois reinos foram imensas. Atrás dos nossos exércitos ficou uma imensidão de viúvas e órfãos, pois ceifamos quase trezentos mil homens com nossas manobras bem coordenadas.

Depois das batalhas iniciais tivemos uma longa extensão de terra que avançamos sem obstáculos. Logo os batedores voltavam com notícias dando conta do que nos aguardava. O horror começaria logo, pois os exércitos persas estavam espalhados por toda a nossa frente.

Lentamente fomos nos aproximando deles. Só avançávamos após sondar o terreno e estudar todas as possibilidades de manobras. Pelo sul, Shipore entrou em violentos combates e começou a avançar. Então nós iniciamos com a doutrina de Sikhan Daher. Emoções,

raciocínio e movimentos em perfeita coordenação. Nos pontos mais fracos de suas linhas nós atacamos com ferocidade sem deixar dúvidas quanto ao nosso poder e objetivo. Nós iríamos romper sua linha de defesa e penetrar fundo no seu território.

Ao norte, Shair rompeu e avançou fundo no império persa. Logo mais embaixo o comandante Shagmer tomou uma fortaleza e varreu os inimigos à sua frente. Nós ainda não havíamos usado a cavalaria. Isto surpreenderia o inimigo, pois nós só lutávamos com a infantaria e os arqueiros. E isto os desnorteava e os deixavam indecisos nas ações que deviam pôr em ação. Só quando abrimos várias linhas de penetração que ocultariam o movimento dela é que os cavaleiros entraram em ação. Penetravam até a retaguarda do inimigo e quando este era atacado de frente pelos arqueiros e infantaria, ela vinha por trás e de surpresa os destruía. Quantos persas foram mortos eu não sei, pois muitos fugiram apavorados com nossas táticas ousadas e confusas de guerra, que para mim era uma arte.

Travávamos batalhas onde a principal tática não era o avanço compacto e sim ataques extremamente móveis. A doutrina de Sikhan Daher se impôs em pouco mais de três meses de luta. Shipore varreu o sul e Shair o norte. Lentamente e com muita tática, nós cortamos as linhas de abastecimento dos persas. Daí em diante as rendições foram se sucedendo em grande número.

Após romper as defesas e capturar algumas centenas de milhares de prisioneiros, iniciamos o avanço de sete colunas rumo à capital persa. Daí em diante os oponentes eram envolvidos facilmente pela nossa estratégia de volta, já testada e aprovada nos combates travados contra Sager ou com os outros inimigos caídos no meio do nosso caminho.

As sete colunas avançaram, todas coordenadas por mim. Batedores nos informavam a topografia do terreno e onde combateríamos.

Ora atacávamos de dia, noutra à noite, pois nisso éramos bem treinados e especialistas.

Finalmente chegamos de sete direções à imensa planície onde se localizava a capital do reino persa. Acampamos e descansamos dois dias após tantos combates. Dos novecentos e cinquenta mil soldados iniciais, só nos restavam seiscentos e cinquenta mil.

Os batedores nos informaram da aproximação de outra formação dos exércitos persas. Seriam aproximadamente meio milhão de homens. Numa reunião com os comandantes eu comentei:

— Assim que caírem estes exércitos, temos o campo livre até o Eufrates.

— Pretende avançar tanto assim, meu rei.

— Talvez, leal Shair. Já que estamos aqui, vamos libertar o reino onde nasci. Mas só talvez, pois vou enviar alguns emissários para pedirem a rendição da feiticeira Shadine. Se ela se render exigirei que quem a suceder no trono persa liberte o reino e assim não teremos que ir tão longe, pois muitos já morreram só para que ceifemos a vida de mais um corpo animado por um ser das trevas.

— É o mais sábio, meu rei, pois nossos soldados estão exaustos de tantas batalhas em solo tão adverso.

No amanhecer do dia seguinte uma comissão partiu rumo à capital persa. Foram recebidos e conduzidos até a princesa Shadine.

— O que desejam os invasores do meu reino?

— Nós viemos a mando do nosso rei Sikhan Daher, o filho do Fogo Divino.

— O que tem para me dizer?

— Nosso rei quer a rendição incondicional de vossos exércitos e que se entregue viva para que seja expiada nas chamas do fogo do altar do Sagrado Agni. Estas são as condições para que não mais avancemos contra a capital e a queimemos com sua majestade no meio dela.

— Ele quer me queimar?

— Sim, pois este é o fim que Sikhan Daher, o filho do fogo, dá aos que servem às trevas.

— Pois digam a ele que a única pessoa que serve às trevas é ele e que se quiser me queimar, que venha me capturar primeiro. Voltem e digam-lhe para recuar agora ou perderá em solo persa.

— Nós transmitiremos ao nosso rei suas palavras, princesa. Com sua licença.

A comissão voltou e transmitiu-me suas palavras. Após ouvi-las convoquei os comandantes para se atualizarem das notícias.

— Vamos ter de lutar, meu rei, pois não creio que ela aceite de bom grado ser queimada viva.

— Qual a posição das tropas dela?

— Estão de frente às nossas e têm às costas a capital.

— Vamos dar-lhes uma mostra do nosso poderio. Tal como fizemos para derrotar Sager. Mandem a cavalaria se preparar que vamos chegar bem próximos das linhas deles.

— Só estarão todos prontos por volta do meio-dia, meu rei.

— Então sairemos à tarde. Assim não nos exporemos a ser atacados durante o dia.

— Assim será feito!

Às três horas toda a cavalaria estava em linha de ataque.

Uma formação compacta de mais de duzentos mil cavalos começou a marchar. Eu, à frente da tropa, comecei a galopar, sendo seguido por eles numa coordenação perfeita. O barulho dos cascos chegavam aos dois exércitos ao mesmo tempo. Havia uma distância de vinte quilômetros entre um e outro. A dois quilômetros eu dei sinal de alto e o galope foi interrompido.

Cavalguei a meio trote e iniciei o canto de vitória do Sagrado Agni. O barulho dos cascos foi abafado pelo canto entoado pelos meus soldados e logo divisei as formações inimigas, bem ao estilo persa. Se eu ordenasse a carga, seria um massacre, pois a cavalaria os esmagaria. Mas eu não contava com o apoio dos infantes e seria perda de vidas dos meus cavaleiros, pois faltariam os que terminariam a luta iniciada.

A quinhentos metros, nós paramos os cavalos e continuamos o canto. Quando terminamos, um soldado avançou seu cavalo até bem próximo deles e disse-lhes que não queríamos matá-los, mas só a princesa Shadine.

Assim que ele voltou, nós retornamos a galope até nossas linhas.

— Acha que os impressionou, meu rei?

— Não sei Shair. Vamos ver qual será a reação amanhã, quando a comissão voltar até ela.

No dia seguinte eles foram recebidos novamente por Shadine.

— Nosso amado rei insiste em sua rendição urgente, pois temos atrás de nossas linhas meio milhão de soldados seus feitos prisioneiros, que hoje não puderam ser alimentados pois não vamos lhes dar mais da nossa comida, já que a senhora não se rende!

Amanhã, quando o sol se levantar viremos até aqui para buscá-la, caso não vá conosco, será iniciado o combate com todas as suas conseqüências funestas, princesa Shadine.

— Por que seu rei insiste tanto em minha rendição incondicional?

— Vossa majestade é um corpo habitado por um ser das trevas e deve ser queimada nas chamas sagradas do Sagrado Agni.

— Como podem pensar uma coisa dessas?

— Você ajudou o mago negro Sager, marido da feiticeira Lagushni, também conhecida como Shamizer, a Princesa dos Encantos. Portanto, deverá expiar sua vida nas chamas do fogo!

— Realmente nós enviamos soldados, que nunca voltaram, em socorro do rei Sager. Mas não sabíamos que ele era um mago negro. Foi por isso que vieram parar tão longe de seu reino?

— Nosso reino agora faz fronteira com o reino da Pérsia, pois os marajás já impuseram o código de leis e a doutrina de Sikhan Daher nos reinos que eram seus tributários.

— Eu não posso acreditar numa coisa dessas! Como eu poderia saber que o rei Sager era o que dizem ser? Talvez estejam mentindo só para convencer seus soldados a virem tão longe de suas terras. O seu rei deve ser o maior dos magos negros ou então traz dentro de si um ódio muito grande contra a Pérsia por eu o ter recusado em casamento.

— Nosso rei é o amado filho do Fogo Divino e a mão armada do Sagrado Agni. Temos conosco, do outro lado do rio Indo, cento e cinquenta mil persas aprisionados que foram protegidos pelas leis de guerra de Sikhan Daher, desde que o mago negro Sager foi degolado.

Nós trouxemos conosco os comandantes dos exércitos enviados por você contra nosso amado rei. Caso queira falar com eles nós os enviaremos até sua alteza.

— Por que eu deveria falar com comandantes que ousaram viver ao lado do seu rei?

— Eles são nossos prisioneiros e assim são mantidos, mas aprenderam a respeitar Sikhan Daher como o filho do Fogo Divino, e um deles caminhou sobre as brasas do altar sagrado do Sagrado Agni no dia em que o sangue, negro como o ônix, de Sager jorrou ao ser degolado pela espada do nosso amado rei.

— O que seu rei fez com a Princesa dos Encantos?

— Expiou sua vida diante do altar sagrado e queimou o seu corpo nas chamas do Sagrado Agni.

— O que pretende fazer o seu rei, caso consiga me queimar no altar do Sagrado Agni?

— Impor como condição única que o sucessor de sua alteza liberte o reino onde ele nasceu ou então estabeleceremos nossa última fronteira às margens do Eufrates.

— Como pode ele chegar até as margens do Eufrates só com este exército aí?

— Não temos só este exército aí princesa. Um milhão de soldados já estão marchando para cá e já cruzaram o rio Indo. Mais um número não revelado está a caminho do seu reino nos nossos barcos. Sikhan Daher cumpre o que fala!

Se ele disse que irá expiá-la no altar do Sagrado Agni, então ele fará isto. E se diz que irá até as margens do Eufrates, acredite nele, pois ele o fará caso o seu sucessor não liberte o reino onde ele nasceu.

— Voltem e digam ao seu rei que ele quebrou um juramento ao sagrado senhor do Fogo Divino e voltou ao solo persa.

Digam-lhe também que eu enviarei alimentos para os prisioneiros dele, pois não quero que inocentes morram nas mãos de um mago negro, que é o que ele é.

E digam também que em poucos dias eu irei pessoalmente até ele para me entregar.

— Nosso amado rei não é um mago negro e não mata inocentes. Nossos soldados não tocam nas propriedades dos vencidos e não violam seus lares ou mulheres, como os persas costumam fazer.

Todos respeitam o código de leis de Sikhan Daher e vivem a sua doutrina, pois são guerreiros do Sagrado Agni a serviço do filho amado do Fogo Divino.

Só não sabemos se ele irá lhe dar muito tempo.

— Um enviado meu irá até seu acampamento. Entreguem-lhe os meus comandantes que são seus prisioneiros desde a morte do rei Sager.

— Então ele trará a resposta do nosso rei quanto ao prazo pedido, princesa. Ele lhe pede que não fuja, senão só irá aumentar o castigo da ira do Fogo Divino e mais inocentes morrerão até que sua alteza seja expiada no fogo do altar do Sagrado Agni.

— Digam-lhe que não pretendo fugir. Assim que eu tiver comigo alguém que ele conhece desde o nascimento, irei ao encontro dele.

Eu e todos os comandantes reunidos ouvimos as palavras dos enviados. Concordei em soltar os comandantes persas e dar-lhe alguns dias de prazo.

No dia acertado eu mandei que fossem recebê-la no meio do caminho.

Os magos prepararam o altar com a pira sagrada para sua expiação. Eu queria terminar logo com aquilo e voltar para o reino

da coroa de diamante. Assim que terminasse com a expiação de Shadine, eu deixaria Shair para cuidar dos protocolos.

Todo o exército começou a cantar o canto de vitória do Sagrado Agni quando a comitiva aproximou-se das nossas linhas.

Eu estava sentado à frente e meus comandantes estavam um pouco mais atrás.

Assim que eles apearam dos cavalos, Shadine tomou a frente dos seus e veio em minha direção. Seu andar desenvolto e sua bela silhueta se destacavam no ambiente carregado que a situação impunha.

Levantei-me quando ela estava bem próxima de mim. Meus comandantes se levantaram também. Meu coração acelerou seus batimentos com a emoção causada pela sua silhueta tão bonita e altiva.

— Salve, poderoso filho do Fogo Divino! Vejo que não cumpriu o juramento feito diante do senhor do seu destino e voltou a pisar solo persa e a olhar para o meu rosto.

— Só estou cumprindo um desígnio do Sagrado Agni. Se voltei, foi para completar algo que não fiz no dia em que pude fazê-lo.

— Deseja queimar-me nas chamas do Sagrado Agni, Sikanhan?

— Sim, pois assim exige o meu Deus: que todos os que participaram da tentativa de apagar da face da terra o poder do Sagrado Agni morram nas suas chamas sagradas!

— Teria coragem de queimar-me, Sikanhan?

— Sim. Meus sentimentos não contam, pois seu corpo é a única coisa que resta da mulher que eu tanto amei. Não sei como não percebi naqueles dias que você, ou melhor, Shadine estava sob um encantamento e que você, ser das trevas, tomara o lugar do espírito da mulher que eu tanto amei.

— Acredita realmente que o corpo de Shadine é habitado por um espírito das trevas?

— Sim, pois isto eu já vi com outras pessoas.

— Se eu disser que não sou, você não acreditaria, não é mesmo?

— Sim. Pois já convivi com alguém habitado por um espírito das trevas e sei como sabem tentar e enganar.

— Vou chamar alguém para convencê-lo de que não sou o corpo de Shadine habitado por um espírito das trevas. Lembra-se do seu irmão, Sikanhan?

— Sim. Como eu poderia me esquecer dele?

Ela fez um sinal com a mão e um homem veio até nós. Só então eu o reconheci. Era meu irmão!

— Como vai Sikhan?

— Irmão amado! Como fiquei triste quando soube que os persas invadiram a Mesopotâmia até o Eufrates. Quando eu parti, ela jurou que respeitaria o tratado que papai assinara com o pai dela enquanto ela vivesse. Perdoe-me! Eu não sabia que estava sendo iludido por alguém encantado por Shamizer.

— Ela não quebrou o juramento, Sikhan! Quando você foi embora, eles descobriram que Nagos era um escravo da Princesa dos Encantos e também capturaram o responsável pela sua morte, digo, suposta morte. Então papai deixou de ser tributário por uma decisão do rei Halavi. Nosso reino prosperou e atraiu a cobiça do reino ao norte, que o invadiu. Nesta época a princesa Shadine já havia assumido o trono e foi em nosso auxílio. Seu exército se uniu ao nosso e avançou até o norte do reino deles. Ela não só não quebrou o juramento como ainda nos deu a administração de toda a Mesopotâmia.

— Algo não está certo, pois eu ouvi o príncipe Farses dizer que a Pérsia havia estendido suas fronteiras para além do Eufrates.

Shadine perguntou-me:

— Você ouviu isto do tal príncipe Farses?

— Sim. Foi ele quem veio negociar seu auxílio militar, não?

— Realmente. Ele nos disse que você estava dominado pelas trevas e que iria marchar contra nós caso ele não o detivesse. Foi por isto que lhe enviamos soldados.

— Saiba que ele era filho de Shamizer. Um de seus sete filhos que nós expiamos no altar do Sagrado Agni.

— Por isto você me julga mais uma feiticeira?

— Sim. E só por isto nós viemos tão longe. Se não fosse para expiá-la também, nós já estaríamos descansando nossas armas há muito tempo. Não ouviu o que tinham a dizer-lhe os comandantes persas que ouviram as últimas palavras do rei Sager?

— Ouvi e fiquei impressionada com o relato.

— É isto, Shadine, ou quem quer que seja você. Até os comandantes dele não sabiam que ele era um mago negro.

— Quantas mortes você causou por me julgar encantada pela Princesa dos Encantos, Sikhan?

— Eu só cumpri o que prometi diante da pira sagrada onde jurei limpar a terra dos que serviam Shamizer. Meu único propósito é servir ao Sagrado Agni, e não conquistar a Pérsia.

— Ainda tenho mais alguém que você conhece e que poderá dizer se sou Shadine ou um ser das trevas habitando o corpo dela.

Ela trouxe o já muito idoso mestre Gur. Nos abraçamos e eu chorei de emoção ao rever o meu mestre. Ele, que era sempre muito conciso nas palavras, contou-me a história toda que aconteceu assim que eu parti. Uma tristeza muito grande tomou conta do meu ser imortal quando tomei consciência de toda a verdadeira história que eu desconhecia. Contou-me que por muito tempo ela acendeu todas as noites uma fogueira ao senhor do Fogo Divino e pedia por minha alma, até que soube que eu estava vivo. Só parou de fazê-lo quando Farses lhe contou, numa intriga perversa, que eu havia me unido a Shamizer no desejo de conquistar o mundo.

— Farses, seu maldito! Tivesse você sete vidas e eu lhe tiraria todas.

— Tudo foi um grande engano, amado discípulo. Um grande engano!

— Amado mestre, eu continuo a ver a sua cor dourada a iluminar o seu ser imortal, portanto acredito nas suas palavras. É hora de eu expiar no fogo do Sagrado Agni a quebra de um juramento feito diante do seu espectro divino.

— Nada quebrou, pois não sabia a verdade, amado discípulo!

— Eu cumprio o que prometo e se Shadine não é uma feiticeira ou uma encantada por Shamizer, então eu quebrei o que prometi diante do senhor do meu destino.

Virei-me para Shair e ordenei.

— Mande libertar todos os prisioneiros persas imediatamente leal Shair, e deixe os tesouros conquistados como reparação pelos tormentos causados ao reino e povo persas.

Ele foi cumprir a minha ordem e pouco depois um imenso tesouro conquistado dos dois reinos incorporados no nosso avanço era depositado diante de Shadine. Eu falei a ela:

— Não sei se isto pagará os danos causados, mas se não der, Shair enviará o que você achar necessário para repará-los.

Chamei Shipore e ordenei-lhe:

— Mande sete ondas de mensageiros deterem os avanços das novas tropas e ordene que não ultrapassem as nossas fronteiras com a Pérsia. Mande também que os persas retidos além do Indo sejam devolvidos sãos e salvos ao reino deles. A eles nada devemos, pois foram eles que invadiram o solo hindu.

— Assim será feito, amado rei.

— As fronteiras do reino continuarão sendo as estabelecidas no nosso avanço contra os persas. Dali em diante vigorará o código de leis e doutrina de Sikhan Daher. Envie o comandante Nashmur para cuidar das regiões do Indo. Que ele instale seu comando central na fortaleza deste lado do Indo e que, enquanto o reino persa respeitar nossa última fronteira estabelecida, ele respeite o solo persa.

— Ele partirá imediatamente amado rei. Com sua licença, vou realizar suas ordens.

Shair retornou pouco depois com os sacerdotes, magos e mestres persas libertados da fortaleza de Shamizer.

— Eles foram avisados que sua princesa não é feiticeira e eu lhes pedi que ficassem sob a proteção dela. Eles ainda têm dúvidas se podem confiar nela, pois sofreram muito no longo cativeiro, meu rei!

Eu fui até eles e disse-lhes que não deviam temer mais nada de agora em diante, pois já não havia mais feiticeiras. Só então eles juntaram-se à comitiva dos persas. Um deles me abençoou com bonitas palavras. Eu agradei sua bênção e também o abençoei. A seguir, pedi perdão a Shadine por havê-la julgado estar possuída por um espírito das trevas e lhe pedi garantias de que meus exércitos poderiam virar as costas para se retirarem sem ser atacados.

— Leve-os, Sikhan. Acho que é o mínimo que posso fazer por quem lutou tanto contra as trevas. Se não fosse por sua grandeza, talvez um dia tudo acabasse sob controle de Sager e Shamizer.

— Isto não aconteceu, pois eu destruí a todos, Shadine.

— O que fará agora, Sikhan?

— Vou conduzir os meus exércitos de volta, distribuir terras a todos os soldados para que possam constituir famílias ou voltar às suas, e depois inaugurar, finalmente, o grande templo que construí ao Sagrado Agni. Então passarei a coroa a Shair e expiarei minha ofensa ao senhor do Fogo Divino no seu altar sagrado, ou seja, numa fogueira. Agora vou ver se ele permite que eu cumpra a última parte do seu desígnio.

Virei-me para Shair e disse-lhe:

— Você ouviu minhas palavras. Se o Sagrado Agni não permitir que eu cumpra a última parte do seu sagrado desígnio, então você assumirá a partir daqui a sua execução.

— Sim, amado rei. Mas penso que o amado sábio Rash Nurishpar é mais indicado que eu para assumir a coroa de diamante.

— Lembra-se de nossa conversa sobre a casa?

— Sim, amado rei.

— Pois não é mais a minha casa que tem que guardar e sim uma muito maior, que é a do Sagrado Agni. A responsabilidade será muito maior e o amado sábio cuidará das coisas divinas enquanto você cuidará das coisas materiais.

— Assim será feito, amado rei!

— Agora vou saber se o Sagrado Agni vai permitir que eu execute a última parte do seu desígnio.

Eu fui até os magos sacerdotes e ordenei que dessem início ao ritual, pois eu iria ver se o Sagrado Agni ainda me aceitava como seu executor.

Eles entoaram o canto que falava da piedade do Sagrado Agni, e logo todos os soldados começaram a entoá-lo também.

Então eu ajoelhei-me diante do braseiro e fiz minha prece ao senhor do Fogo Divino. Depois, tirando a veste real, caminhei sobre as brasas. No meio dele, ajoelhei-me e clamei por sua piedade para com os que o ofendem, e continuei a caminhar sobre as brasas. Ao chegar diante da pira sagrada, eu tornei a ajoelhar-me e iniciei o canto que falava em como é generoso o Sagrado Agni. Novamente os soldados entoaram o canto. Eu me comovi e o pranto tomou conta do meu ser, pois eu havia quebrado um juramento ao senhor do meu destino.

Quando dei vazão à minha dor por ter ofendido o senhor do meu destino, voltei por sobre o braseiro e vesti minha roupa. Depois entrei em minha tenda e apanhei a minha obra de arte, levando-a até Shadine, entregando-a ainda envolta no tecido branco que eu a envolvera há muito tempo. Depois eu ordenei aos comandantes:

— Ordenem aos exércitos que levantem acampamento e voltem às nossas fronteiras estabelecidas. Eu fui o primeiro a entrar e serei o último a sair.

— Suas ordens serão cumpridas, amado rei.

Um a um eles pediram desculpas e perdão à princesa Shadine por tê-la julgado um corpo habitado por um ser das trevas e depois foram iniciar o retorno dos seus exércitos.

Eu voltei à minha tenda depois de me despedir do meu irmão, do amado mestre Gur e de Shadine. Ao olhar em seus olhos lágrimas

correram dos meus. Entrei na minha tenda e chorei em silêncio. Ela perguntou a Shair:

— Como vocês são estranhos, por que agem assim?

— Todos nós estamos vivendo um desígnio do amado e sagrado Agni, senhor do Fogo Divino. Nossos sentimentos pessoais não contam, pois senão nós não realizaremos o seu sagrado desígnio. Se precisar matar, nós mataremos. Se precisar morrer, morreremos. Mas não deixaremos de cumprir o seu sagrado desígnio!

Peço o seu perdão por ter invadido o seu reino. Se estes tesouros não cobrirem o mal que lhe causamos, nós lhe enviaremos mais. Mas acho que mais uma vez os seus magos sacerdotes falharam em não ver que tanto Sager como Farses eram seres das trevas. Acolha estes que viveram o horror das trevas até meu amado rei os libertarem e saberão distinguir um ser das trevas quando ele entrar em seu palácio, princesa!

Com sua licença. Vou consolar o meu amado rei, pois eu sei o quanto ele está sofrendo. Tudo o que ele sofreu até hoje não é nada comparado à tristeza que tomou conta do seu ser imortal por ter ofendido o Sagrado Agni.

E se meu rei sofre, eu também sofro, por isto vou consolá-lo até que ele expie sua ofensa nas chamas divinas.

— Ele irá imolar-se no fogo?

— O amado mestre Rash Nurishpar incendiará sua roupa sobre o braseiro incandescente do altar sagrado do grande templo do Sagrado Agni, senhor do Fogo Divino.

— Mas isto é um suicídio!

— De que vale a vida se ofendemos o Sagrado Agni? Melhor arder nas chamas de sua ira que respirar um ar que só irá prolongar nossa agonia interior.

— Eu acho que vocês são fanáticos.

— Não compreende que vivemos um desígnio, princesa? Senão deixarmos um exemplo a ser invocado quando alguém cometer uma falha, o desígnio perderá o seu valor divino e o Sagrado Agni não viverá no coração das pessoas, pois os responsáveis maiores não viverão com intensidade os seus destinos.

Para poder entender isto, precisaria antes conhecer os fundamentos do desígnio que vivemos.

— Quais são os fundamentos deste desígnio?

— Lançar bases tão sólidas que as gerações futuras, ainda que não se lembrem de quem as lançou, continuem a amar o Sagrado Agni como o senhor do Fogo Divino que anima o ser humano.

— O que há no interior deste tecido?

— Não sei, pois meu rei nunca o mostrou para mim. O único que sabe é o sábio mestre e ele não quis me dizer.

— Posso abri-lo?

— Meu rei lhe deu. Portanto, lhe pertence!

Shadine o abriu e soltou uma exclamação:

— Como é linda a escultura de Sikhan! Muito mais linda do que haviam me descrito. Posso entrar na tenda do seu rei?

— Estamos no solo do seu reino e tudo lhe é permitido. Mas meu rei está muito triste e imensamente vazio em seu íntimo. Acho que não será bom para sua alteza falar com ele agora.

— Isto eu só saberei se falar com ele!

— Então entre princesa, mas primeiro deixe-me anunciá-la.

Shair veio até mim e pediu-me para que deixasse a princesa entrar na minha tenda. Eu pedi para ele entretê-la por alguns minutos enquanto me recompunha. Lavei o rosto e, depois de secá-lo, respirei fundo por várias vezes até atingir o equilíbrio. Era um dos exercícios mais práticos para controlar nossas emoções.

— Posso entrar, Sikhan?

— Entre, princesa Shadine. Desculpe-me por recebê-la assim. Mas estou muito longe do meu palácio.

— Eu compreendo, rei Sikhan. A situação não permite um local melhor.

— O que mais posso fazer para compensá-la, princesa Shadine?

— Só entrei para conversarmos um pouco.

— Tudo isto não estaria acontecendo se eu não tivesse vindo até o seu reino. Acho que já me desculpei, não?

— Não é sobre isso que vim conversar. Só quero ficar um pouco junto de você para que me fale sobre esta peça tão linda com que me presenteou.

— Você já tinha ouvido o senhor Lahor falar sobre ela, então acho que nada mais tenho a acrescentar, pois ele é um bom narrador.

— Parece-me que você não quer conversar comigo, Sikhan. Não tenho culpa por tudo ter sido assim. Como eu gostaria que nada disso tivesse acontecido! E quando digo isto, refiro-me ao nosso primeiro encontro, tudo podia ter sido tão diferente!

— Ninguém consegue alterar o que não sabe que vai acontecer. Veja só o meu caso. Eu, ao saber que havia um milhão de persas em armas rumando contra nós, resolvi vir à frente dos meus exércitos até a sua capital. Eu podia ter ficado além da fronteira e não teria quebrado um juramento, mas como eu imaginava que iria encontrar uma feiticeira, resolvi vir à frente. Resultado: hoje sou um ser desprezível aos olhos do Sagrado Agni.

— Você só agiu de acordo com a situação.

— Não, princesa Shadine! Eu não minto para mim mesmo, assim como não o faço aos meus semelhantes. Eu vim movido por um outro sentimento. Esperava encontrar um corpo que amava habitado por um ser das trevas. Nos momentos em que eu ficava sozinho ou nas longas noites passadas acordado, eu alimentava uma outra ilusão. Eu imaginava isto: se Shadine era possuída, então eu havia prometido não retornar à Pérsia a um simples e desprezível ser sem luz. Então eu não estaria quebrando realmente um juramento, pois eu só retornava para libertar o espírito da verdadeira Shadine e ainda destruiria um inimigo da luz.

Mas tudo não passou de um engano meu e uma falsa ilusão. No fundo de meu ser imortal, eu não me conformava com o fato de um canalha, chamado Nagos, ter conseguido, com a ajuda de sua mãe, algo que eu desejei por tantos anos. Parte de minha luta foi motivada por causa disso.

Se Nagos não fosse um dos filhos de Shamizer eu não teria atravessado o rio Indo.

— Nagos era meu primo, Sikhan!

— Não. O verdadeiro príncipe Nagos foi raptado e morto assim que nasceu, e uma criança, filho de Shamizer, foi colocada no lugar do seu primo. Com isto ela tinha total poder sobre ele.

Talvez tenha sido por isso que ela veio pessoalmente intervir quando seu pai aceitou o pedido do meu. Nós não sabíamos que o pedido havia sido aceito, mas Nagos sabia. Então, ao ver ameaçado todo o plano arquitetado por sua mãe, pediu-lhe ajuda.

— Como soube disso Sikhan?

— Farses nos contou muitas coisas antes de ser expiado no fogo. Foi por isto que viemos tão longe em nossa marcha funesta.

— Se não tivesse sido tão trágico, eu até compreenderia essa sua obsessão em matar as feiticeiras.

— Não é uma obsessão, princesa. Não viu o que vimos e não combateu o que combatemos.

— E no final, foi tudo um grande engano!

— Que a iludiu também, pois armou um milhão de homens e os enviou contra nós.

— As notícias que eu recebia me diziam que marchariam contra nós.

— Mas nunca lhe disseram o motivo de nossa luta, não é mesmo?

— Só diziam que vocês me achavam uma feiticeira que devia ser queimada viva.

— Esta conversa não a conduz a nada, princesa. Gostaria de ficar a sós se isto me for possível.

— Estranho que eu tenha amado você depois que se foi, Sikhan. E como o amei!

— Não amou a mim, princesa Shadine. O que a influenciou a pensar que me amava foi por ter-lhe falado do amor que eu sentia. Você amou as minhas palavras e não o homem que sou ou fui, pois já não sei mais se sou o mesmo.

Amou-me só porque disse-lhe o que eu sentia e logo a seguir fui atacado, dado por morto, e por terem descoberto que Nagos realmente era o ser das trevas que eu lhe denunciara.

Você não me amou realmente, princesa. Apenas servi como um substituto a Nagos e um catalisador dos sentimentos que não pôde dedicar a outro. Tudo se explica à luz da razão.

— É assim que você vê o amor que alguém possa ter alimentado por você?

— Não. Mas é assim que vejo o seu falso amor por mim. Também cometeu um grande erro neste ponto, princesa. Viveu uma obsessão por alguém ausente e que servia muito bem aos seus sentimentos feridos. Se Nagos já não existia como o homem de sua vida, então um outro ausente preencheu o lugar vazio, o que a fez viver vários anos uma agradável ilusão. É fácil sonhar!

— Eu não sonhava, mas nutria em meu ser imortal uma comunhão com você. Como foi que você descobriu que me amava?

— Quando a vi pela primeira vez. Não precisei ouvi-la ou tocá-la ou ter revelado o seu interior para saber que eu a amava. Para mim a única coisa que importava era poder vê-la, ainda que a distância. Esta é a diferença entre o amor que eu senti e o que você alimentou por algum tempo.

Só estava refletindo o amor que eu havia depositado em você diante daquela fogueira naquela noite. Não se iluda mais princesa, o que senti foi só um reflexo do meu amor.

Este presente que lhe dei é o que eu sentia e era tudo o que eu desejava. Quando eu o esgotei do meu ser imortal e o passei para uma imagem, eu me libertei dele e voltei a viver.

— Então esta obra tão bela significa a libertação do seu amor?

— Sim. Eu me libertei dele depois de muitos anos de escravidão. Só após conseguir isto eu consegui amar outra mulher.

— Acha que foi o mesmo que se tivesse conseguido viver o seu amor ao meu lado?

— Não posso responder algo que não sei. Estaria mentindo se afirmasse ou negasse tal coisa. Prefiro não conjecturar a respeito de sentimentos e emoções não vividas.

— Tem medo de reconhecer que preferia ter encontrado um ser das trevas habitando o meu corpo?

— Não afirmei tal coisa e seria algo muito ruim o que eu teria no meu íntimo se preferisse esta coisa. Afirmar que foi um grande engano e nada mais.

— Mas alimenta em seu ser uma mágoa pelo fato de eu ter lhe dito que Nagos era o homem dos meus sonhos.

— Eu não alimento tal sentimento em vão. Nagos foi o início de minha grande luta contra os servidores das trevas. Há alguns que são porque querem, outros por serem encantados e outros, por interesse próprio. Só encontrei estas pessoas em minha vida. Quando eu pensava que finalmente venciam todos os fantasmas que atormentavam a minha mente, eis que sou lançado contra o Sagrado Agni. Como quer que eu me sinta ou me expresse se até quando eu venci, tudo eu perdi?

Tudo o que eu queria era ser livre e expressar livremente os meus sentimentos e emoções. Mas ainda que eu fugisse do meu destino, lá estavam os seres das trevas a me atormentar. Eu até me conformaria com tudo se fosse puro acaso. Mas não!

Eu fui perseguido desde os sete anos de idade por eles. Só comecei a derrotá-los quando finalmente assumi o meu terceiro destino e comecei a viver o grande desígnio do Sagrado Agni. Só então eu comecei a exterminar todos os fantasmas de minha mente e aliviar o meu tormento.

Encontrei a verdadeira paz no senhor do meu destino. Por isso eu me sinto destruído por dentro e por fora. No final eu venci, mas perdi tudo ao não encontrá-la do modo que eu imaginava. Não me tome por ruim ou eivado de maus sentimentos, mas você veio para falar desta obra e eu lhe digo: esta obra foi minha perdição, pois alimentei uma ilusão de que se eu a libertasse do encantamento, então eu não precisaria ficar olhando para ela e imaginando como seria bom poder tocar na mulher que a inspirou.

Toda grande obra, assim como todo grande erro, só se realiza se houver um ou vários dos sete sentidos do ser humano a lhes dar força.

Se fiz o que fiz, foi porque me foi negada a única coisa que meu ser imortal tanto quis.

— O que o seu ser imortal tanto quis, Sikhhan Daher?

— Unicamente dar vazão ao imenso amor que há no meu ser imortal. Se não pude fazer isto com você e nem com Mejouré, então eu o conduzi na direção da fé e lancei os fundamentos de um império que tem no seu nascedouro o respeito pela vida como o mais sólido dos princípios.

Só a fé que tenho no Sagrado Agni permitiu-me chegar até aqui à frente de tão grande exército. Eu poderia cruzar a Pérsia e tomar a Mesopotâmia com a mesma facilidade que tomei todo o continente hindu e parte da Ásia Central.

Mas só uma coisa moveu-me este tempo todo. O meu imenso amor. Se eu não pude amar as mulheres que agradaram a minha visão e sentimentos, voltei-me para a fé e depositei no Sagrado Agni todo o meu amor.

E novamente me vejo distante deste amor, pois eu, numa ilusão criada pelos fantasmas que sempre atormentaram minha mente, me fiz indigno perante os olhos do senhor do meu destino.

— Você é um homem tomado por muitas dúvidas, Sikhhan.

— Sim, eu sei disso! Mas foram estas dúvidas que me impulsionaram no momento em que resolvi assumir o meu destino. Eu sabia que um dia pagaria um preço muito alto por tê-lo assumido. Era por ter de pagá-lo que eu fugi por duas vezes.

A primeira foi quando ainda éramos crianças e meu irmão perguntou-me porque eu deveria herdar a coroa e não ele. Eu fugi para não lutar no futuro, pois sabia que o preço a ser pago seria a vida do meu irmão.

A segunda vez foi quando você recusou o meu amor sem ao menos dar-me uma chance de mostrar o que havia de bom em mim. Eu vi de imediato que o preço a ser pago seria a sua vida. Então eu tornei a fugir do meu destino.

Já a terceira vez eu o assumi. Mas se no início ele me salvou a vida, eu não imaginava que no fim ele me cobraria minha própria vida.

— Então não pague o preço e mudará o destino do seu destino.

— Se eu fizer isto o destino de milhões que depositaram os seus ao lado do meu e hoje vivem no desígnio da fé do amado Agni teriam os seus destruídos. E, o que é o meu destino, se comparado ao de milhões?

Só sinto ter de ser desta forma o preço a ser pago. O amado Agni poderia ter sido mais generoso comigo no final de minha vida e permitido que eu caísse no campo de batalha. Assim eu não me sentiria envergonhado diante da sua pira sagrada.

Mas se até isto ele quer de mim, então eu cumprirei o meu terceiro destino vivendo no único amor que me restou: o amor da fé.

Eu amo Agni pai e ele ama Sikhhan, o seu filho, mas não permite que eu viva outro amor que não o seu. E eu só serei amado por muitos se der prova do meu amor ao meu amado senhor.

— Eu gosto muito do seu modo de ser Sikhhan. Ele é vivido com intensidade, apesar de procurar dar a paz a muitos.

— Se continuar a alimentar tais sentimentos, voltará a pensar que me ama, quando na verdade o que sente é o que chamamos de admiração. Olhe então esta obra com admiração e nada mais, princesa Shadine!

Ainda é jovem e tem uma longa vida pela frente. No meu terceiro desígnio não há lugar para você colocar o seu destino ao lado do meu. Você é a princesa de um grande reino que precisa de sua presença física e espiritual à frente do destino dele.

Tanto Mejouré quanto Shamizer, ou mesmo Sager, Farses e muitos outros colocaram os seus destinos ao lado do meu, pois todos juntos estávamos vivendo um desígnio do Sagrado Agni. Mas você não teve o seu destino colocado ao lado do nosso e o tem ele livre para uni-lo ao de seu reino.

Procure alguém que a ame e que você possa amá-lo e dê prosseguimento e livre curso a ele. Só assim você será feliz.

— Por que me diz tais palavras, Sikhan?

— É que eu entrei no seu destino um dia e a tenho influenciado até hoje. Eu sou a Princesa dos Encantos de sua vida. Assim como ela, que ao viver o seu destino influenciou o meu, eu, ao viver o meu, tenho influenciado o seu.

Faça como eu fiz. Guarde uma recordação dos que influenciaram o seu destino e nada mais. Olhe isto aqui e entenderá o que digo.

— O que é isto?

— Uma mecha dos cabelos de Shamizer. Ela me deu como recordação por ter vivido parte do seu destino ao lado do meu. Deixou-me isto como uma recordação e um sinal de que havia cessado a vivência unida dos nossos destinos. Só restou uma lembrança e nada mais.

Faça o mesmo com esta escultura. Guarde-a como uma lembrança do tempo em que eu coloquei o meu destino ao lado do seu e, agora, que finalmente cessa, que reste só uma lembrança e nada mais, princesa Shadine!

— Insisto em saber porque diz isto, pois desde que entrei nesta tenda você tem conduzido nossas falas. Elas têm se direcionado num sentido que anula todo um passado vivido por nós.

— Eu só estou tentando dizer-lhe que assim como Shamizer me fez sofrer quando entrou em minha vida, eu fiz o mesmo ao entrar na sua. É hora de você se libertar do fantasma que tanto a tem atormentado.

Só assim você voltará a viver, princesa!

— Você está tentando aniquilar uma parte de minha vida, Sikhan.

— Não, princesa. Eu só estou tentando libertar o seu amor da influência do meu.

— Como pode saber que o meu está influenciado pelo seu?

— Anos atrás eu precisava olhar nos olhos de uma pessoas para poder saber o que ela pensava ou sentia. Mas hoje eu não preciso mais deste recurso e só de olhar para alguém já sei o que sente.

Quando você entrou nesta tenda, veio descobrir que homem era eu e agora já está de novo se deixando encantar por minhas palavras. Não deixe que isto aconteça novamente com você, pois eu tenho um modo de falar que na maioria das vezes subjuga quem me ouve e isto está acontecendo com você.

Se outras fossem as condições, não tenha dúvida que eu faria tudo para subjugar-la aos meus sentimentos, mas como são mais

adversas ainda desta vez as condições, não se deixe influenciar por minhas palavras.

— Então diga-me: o que eu estou sentindo, Sikhan!

— Não vou alimentar em você algo que não existe em mim, princesa Shadine.

— Tem medo de dizer que o que eu sinto é amor?

— Sim. Mas é um falso amor. O amor verdadeiro é o que pode ser vivido e o falso é o que só pode ser sonhado. Não o alimente em seu ser e libertará o seu amor das correntes invisíveis que fazem o seu ser imortal ficar paralisado e tolem toda a sua vida.

— Estranho ouvir alguém que teve o sábio mestre Gur como mestre.

— Mestre Gur é um ser maravilhoso, mas dos seus ensinamentos só podemos colher algo no campo das artes, pois seus ensinamentos no campo do amor escravizam a nossa alma aos sentimentos de outrem.

Não siga neste campo das emoções o que possa ter lhe dito mestre Gur, pois senão acabará envolvida por sua doutrina que prega o aprisionamento de sua alma num rubi simples e de valor inexpressivo.

É o aniquilamento do ser humano como ser racional. Ao seguirmos seus ensinamentos no campo do amor, abdicamos do direito de amar a todos e passamos a sonhar em amar alguém em especial. Colocamos o nosso amor numa situação tão adversa que perdemos o controle sobre ele e dele nos tornamos escravos.

E o amor colocado desta forma em nossa existência é muito pior que uma paixão não vivida.

Olhe para esta obra de arte como a lembrança de um amor que um dia existiu. Busque nela inspiração para que possa amar a muitos e não só a um em especial. Só assim poderá libertar-se da falsa doutrina de mestre Gur.

— Pede para eu renegar o que sinto?

— Não renegar. Mas sim que não se deixe escravizar pelos seus sentimentos. Não aprisione o seu amor num rubi mas transforme o seu amor numa inesgotável fonte de valiosas pedras preciosas. Se hoje tem nas mãos um rubi, amanhã poderá colher de sua fonte inesgotável um diamante e depois uma safira ou um topázio e assim sucessivamente até colher a mais valiosa das pedras que possa agradar aos seus olhos e sentidos.

Só tendo muitas pedras à mão você disporá delas à vontade. Se a der a alguém e este a jogar fora, busque na sua fonte inesgotável outra pedra e a dê a outra pessoa. No dia em que depositar uma das pedras preciosas do seu amor nas mãos de um admirador da preciosidade desta pedra, então ela, aos olhos dele, valerá tanto que você se sentirá a mais rica das mulheres do mundo. E seu ser imortal transbordará de felicidade, pois finalmente estará sendo correspondida no amor tão precioso que só enriquece a quem o possui em abundância. Revele a si própria sua fonte inesgotável de preciosidades e terá sua alma livre deste rubi que traz preso ao seu pescoço.

— Este rubi é aquele que eu segurava diante do fogo no dia que você foi levado embora.

— Eu sei. Reconheci o rubi onde eu havia aprisionado minha alma assim que o vi. Todo ex-presos reconhece logo a prisão onde viveu muitos anos e também sabe se a sua antiga prisão está vazia ou ocupada só de olhá-la por fora.

E esta aí está ocupada pela sua alma, princesa Shadine! Liberte-se mergulhando na fonte inesgotável do seu amor e colha outra pedra preciosa muito mais valiosa que este simples rubi. Se ousar fazer isto, verá que há muitos homens que a amam e que tudo fariam para torná-la a mais feliz das mulheres.

— Sua doutrina sobre o amor é muito superior à de mestre Gur.

— Eu acredito que sim.

— Então me responda com toda sinceridade, Sikhan. Por que você ainda me ama?

— Por que pergunta isto?

— Você disse-me que amou Mejoure, e, ao seu modo, também a Shamizer. Mas mesmo tendo encontrado nelas mulheres que valorizaram suas pedras preciosas, não deixou de me amar. Se você as amou e foi amado por elas então o rubi deveria ter sido lançado fora.

— Se eu responder à sua pergunta não poderei mentir, então prefiro deixar sem resposta esta sua indagação, princesa Shadine.

— Eu insisto na resposta, Sikhan.

— Não posso responder-lhe pois senão eu a farei sofrer muito.

— O sofrimento no campo do amor já faz parte de minha vida. Não será mais um que irá alterá-lo.

— Então eu respondo. Mas peço que não se magoe comigo. Mais do que já está magoada.

— Prometo não me magoar, Sikhan.

— Eu não posso deixar de amá-la, pois você é a minha fonte do amor, amada Shadine. Em você está depositada minha fonte de pedras preciosas.

Quando vejo uma mulher com cabelos parecidos com os seus eu me lembro de você. Se vejo olhos iguais aos seus eu também me lembro de você! Lábios, voz, sorriso ou aparência e mesmo o ar que emana do seu rosto tudo me faz recordar de você. Se vejo alguém que tem a mesma silhueta que a sua, até você chegam minhas lembranças.

Em você eu colho as minhas pedras preciosas e vou distribuindo-as a quem as valoriza ou poderá valorizá-las. Sempre encontrarei em alguém uma pedra preciosa muito valiosa que existe na minha fonte do amor chamada Shadine.

Eu nunca vou deixar de amar minha fonte do amor, pois senão me tornarei tão pobre de sentimentos que até minha fé deixará de ser fértil como tem sido até agora, e serei mais um homem estéril que se agarra à religião como o único meio de sobrevivência e a tem como única tábua de salvação, pois se cair dela, morrerá afogado nas próprias lágrimas que inundarão o seu íntimo até sufocá-lo, pois não tem mais o que encontrar nos seres humanos à sua volta.

Você encontrará pessoas que renegaram a sua fonte de amor nos reis cruéis, nos sábios que pregam doutrinas perversas e nos religiosos que não vêem outra forma de vida com valor senão a que pregam como um fanático cruel e estéril que anula o Dom da vida e do amor nos que se deixam enganar por suas palavras.

Eu nunca vou deixar de amar minha fonte do amor, pois foi pensando nela que me inspirei para criar o código de leis que rege todos os súditos da coroa de diamantes e tem agradado a todos eles.

Tudo o que eu imaginava de bom para poder viver em paz com minha amada Shadine, se príncipes não fôssemos, eu transportei para ele.

Tudo o que eu imaginava que o reino distante e desconhecido onde estaríamos vivendo anônimos deveria nos oferecer para que não tivéssemos nossa alegria perturbada, eu impus como dever da coroa para com os súditos.

Finalmente, tudo o que eu imaginava que tanto eu como minha amada deveríamos fazer para que este reino não caísse na tristeza da

miséria e desarmonia das revoltas eu também coloquei nele! E criei o código de leis do reino da coroa de diamante.

Meu código de leis é respeitado e aceito de imediato pelos súditos incorporados ao reino original, porque eu me inspirei na minha fonte do amor chamada por mim de Shadine.

Os códigos que eu conheci eram cruéis, perversos ou estéreis, pois uns eram inspirados por pessoas estéreis no amor, outros por pessoas que não sabiam como o amor eleva a alma de quem ama, ainda que venha a sofrer por isso.

Mas afinal, o que é a dor de quem sofre por amar se a compararmos com a de quem sofre por não amar?

Eu sei que meu código de leis fez o austero Sagrado Agni sorrir para mim, ainda que discretamente! Também sei que ele me amou mais ainda por eu ter me inspirado no amor e ter cultuado o direito à vida no meu código. Enquanto outros códigos pregam a morte e o castigo em cada linha escrita que os compõe, o meu prega o direito à vida em cada palavra contida nele.

O meu amor não é estéril e consigo amar, ainda que de modo diferente do que imagino que amaria minha amada Shadine, a fonte de todo o meu amor.

É por isso que lhe digo que mestre Gur está errado quando prega sua doutrina do amor. O que ele deveria dizer é que todos nós temos um amor na vida que é a nossa fonte do amor, e que se nós conseguirmos descobri-lo, nosso ser será inundado com tanto amor que amaremos não só as mulheres como os homens também, assim como a vida, a Deus e a tudo o que foi criado por ele.



Eu tinha meus olhos cheios de lágrimas quando terminei com minha resposta a sua indagação. Eu fora sincero no que dissera e chorava, pois tinha ao alcance de minhas mãos os cabelos que gostaria de tocar, o rosto que tanto queria acariciar e os lábios que tanto desejava beijar.

Eu tinha à minha frente, não uma das pedras preciosas do tesouro inesgotável do meu amor, e sim a própria fonte que continha todas elas, tão valiosas aos meus olhos e sentidos. Então falei:

— Como eu a amo minha querida Shadine! Sinto muito se a faço derramar lágrimas com minhas palavras, mas quem me inspira ao dizê-las é você.

— Eu as deixo cair por saber que sou sua fonte do amor e porque sinto que você também é minha fonte do amor, assim como é o seu encanto.

Se da primeira vez que falou do seu amor por mim, você me encantou, agora você, como minha fonte encantada do amor, inunda meu ser imortal com os tesouros do meu amor, contidos em sua inesgotável fonte.

Tem coisas que uma mulher não deve pedir ao homem amado, mas eu lhe peço, meu amado Sikhhan, que toque nos meus cabelos, acaricie o meu rosto e beije os meus lábios, pois só assim eu saberei se tudo o que estou sentindo não são só emoções ilusórias e sim a mais bela das vibrações dos meus sentimentos, que são os sentimentos do meu amor.

— Minha querida Shadine, se eu fizer o que me pede, não mais saberei onde, quando e como parar, pois a emoção será tanta que desequilibrará meu raciocínio e perderei o controle dos meus movimentos por causa da intensidade dos meus sentimentos de amor.

— Eu não lhe disse que deve parar, minha fonte encantada do amor. Mas só por onde eu gostaria que começasse.

— Se eu tocar nas pedras preciosas que estão à vista no tesouro do meu amor, talvez eu acabe querendo ver ou tocar outras, mantidas ocultas.

— Diga-me: qual o tesouro que não gostaria de ter todas as suas preciosidades ocultas apreciadas pelo seu dono?

— Se algum dia eu encontrar um assim, nem vou tocar nas pedras preciosas à vista, pois, só de saber que há outras tão preciosas e fora do meu alcance, já fará com que eu lhe dê outro valor. O que me diz, minha fonte do amor?

— Digo-lhe que penso igual e pretendo descobrir todos os encantos da minha encantada fonte do meu amor.

Eu não me contive mais e toquei nos cabelos, acariciei o rosto delicado e beije os lábios de minha amada Shadine. Já que eu havia quebrado o juramento, melhor viver por inteiro o momento e depois pagar o preço completo.

Minha amada também explorou todos os encantos da sua encantada fonte do amor.

Já anoitecia quando ela me convenceu a aceitar o seu convite para ficar hospedado por algum tempo no seu palácio para a assinatura de um tratado entre os dois reinos. Uma comitiva de sábios, mestres e magos nos acompanhou. Dois comandantes militares ficaram com seus exércitos estacionados ali, à espera do meu retorno.

Um tratado curto e conciso foi redigido por nós e depois foi assinado numa cerimônia em seu palácio. Ela ficou de ir até o palácio da coroa de diamante e ratificá-lo diante dos hindus. Se ambos os lados o respeitassem, não haveria mais guerras no futuro.

Eu comentei com ela:

— Shair respeitará todas as cláusulas deste tratado. Ele também o aprovará antes que eu seja expiado nas chamas do Fogo Divino do Sagrado Agni por ter quebrado um juramento feito diante do seu fogo.

— Por que você não fica aqui, comigo, para sempre? Talvez eu seja o seu quarto destino.

— Eu não tenho um quarto destino, querida Shadine!

— Então reviverá de agora em diante o seu segundo destino, que anos atrás deixou de viver.

— Se eu fizer isto estarei fugindo à minha palavra dada e não serei um homem digno de olhar o Sagrado Agni no dia de minha expiação final.

Ela tentou de todas as maneiras me convencer a ficar ao seu lado. Eu lhe falei do desígnio e do dever para com milhões de destinos que foram colocados ao lado do meu. Só então ela aceitou minhas ponderações. Por isso ela fez questão de me acompanhar no meu retorno ao palácio da coroa de diamante para que o tratado fosse ratificado enquanto eu ainda vivesse. Concordei, pois isto prolongaria a troca de riquezas entre nossos tesouros do amor.

O amado mestre Gur refez sua doutrina do amor ao tomar conhecimento da minha teoria sobre a fonte do amor. Ei-la:

— Ela será passada a todos os meus discípulos ainda vivos desta forma, meu sábio discípulo: “todo homem possui dentro de si um imenso tesouro a ser distribuído aos seus semelhantes. Mas só conseguirá distribuí-lo se conseguir descobrir a fonte inesgotável do seu amor, pois é nela que ele poderá colher todas as coisas preciosas que realmente valem a pena ser vividas ou distribuídas com intensidade, pois a fonte do amor é inesgotável em preciosidades.

“Tanto o homem como a mulher que descobrir num seu oposto a sua fonte do amor, dará vazão aos seus sentimentos, emoções, raciocínios de forma harmoniosa e coordenará todos os seus movimentos de forma criativa e positiva no campo de ação na vida que escolher para atuar, pois sempre encontrará em todos os seres humanos as partes preciosas contidas na sua fonte do amor.

“Se for guiado em sua vida por qualquer um dos sete dons sagrados, pois tanto a razão quanto os sentimentos ou as emoções, se não forem colocados em movimento pelas coisas preciosas do amor, perderão o seu encanto e no seu devido tempo revelarão que quem colocou tais coisas em movimento era um ser limitado na sua ação e força de movimentação. Só quem ama realmente é capaz de se tornar uma fonte do amor.

Se não foi bem isto que ficou decidido, foi algo muito semelhante, pois já faz tanto tempo que esta doutrina do amor foi lançada, que a maioria da humanidade esqueceu-se dela e hoje muitos vivem na desarmonia e em movimentação desordenada e já não sabem que todos nós, homens e mulheres, possuímos uma inesgotável e muito valiosa fonte do amor guardada em alguém que é a nossa fonte do desejo de viver a vida com fé e alegria.

Bem, eu retornei ao palácio da coroa de diamante acompanhado pelos dois exércitos e a comitiva de Shadine. Após atravessarmos o rio Indo, os exércitos foram cada um numa direção. Um rumou para o sul e o outro foi para o norte. Eram os seus locais de origem.

A partir dali só um regimento nos dava guarda e a viagem transcorreu sem dificuldade. Chegamos ao palácio da coroa de diamante no início da temporada de chuvas, e mesmo debaixo de um forte temporal, uma imensa multidão nos aguardava, pois todos queriam assistir à nossa chegada.

O canto sagrado que falava sobre a alegria do Sagrado Agni foi entoado pelos sorridentes súditos. O tempo do sangue encharcar o solo havia passado e agora era o tempo de ele só receber a abençoada água que nos enviava o Divino Criador.

Não demonstrei, ao chegar, a tristeza que sentia em meu coração. Sim, eu não me esquecera um momento sequer que deveria cumprir com o meu juramento quebrado e ser expiado no fogo.

Nós descemos das montarias já dentro do palácio e subimos a um ponto de onde podíamos ver a multidão à sua volta. Eu a saudei

com um discurso que falava de paz e prosperidade. A seguir fui trocar de roupas, pois estava com o corpo molhado e a roupa encharcada.

À noite foi oferecida uma refeição à princesa Shadine que visitava o reino da coroa de diamante. Eu senti um grande desejo de dizer-lhe para sentar-se no trono vazio, mas havia algo que me impedia.

Ela sentou-se à minha direita, bem ao lado do mago sacerdote Rash Nurishpar. Conversaram o tempo todo, enquanto eu estava com o olhar fixado nas coroas depositadas diante do trono vazio. Olhava demoradamente para cada uma delas e me recordava de todas as dificuldades, dor e sofrimentos passados e causados para conquistá-las e unir todo um povo sob uma única coroa.

Uma a uma, eu fui recordando de todos os anos passados travando batalhas e ceifando vidas. Era algo que tanto estava gravado em minha memória como na dos soldados que delas participaram, e dos que caíram nos campos de batalha.

Após todos terem sido servidos eu anunciei várias concessões ao povo e soldados do reino.

Ao povo, entre outras coisas, seria concedida isenção no recolhimento do terço da coroa por dois anos.

O exército assentaria todos os seus soldados em terras férteis e receberiam todo o auxílio para que não passassem necessidades até conseguirem suas primeiras safras. Só ficariam incorporados os efetivos necessários à manutenção das fortalezas e fronteiras.

Aos homens era concedido o direito de contraírem matrimônio com mais de uma mulher, mas não mais que cinco. Esta lei vigoraria por uma geração a contar do dia de sua promulgação. Só daí a cinquenta anos voltaria a ser discutida novamente. Após promulgá-la o mago sacerdote chefe perguntou-me:

— Amado filho do fogo, por que promulgou tal decreto que contraria um dos seus próprios princípios contidos no código de leis da coroa?

— Este é um decreto que tem dois objetivos amado mestre! Primeiro, eu vi milhares de homens morrerem na longa guerra travada e hoje temos muitas mulheres e poucos homens. Não será justo para elas negar-lhes o sagrado direito de viverem uma parte de suas vidas ao lado de um homem, como há liberdade, haverá uniões que tanto agradarão aos homens como às mulheres.

E o segundo objetivo é povoar nova e rapidamente o reino da coroa de diamante pois, por certo, logo não haverá um homem que não tenha preenchido sua cota de esposas.

Mas há um terceiro ponto que transcende os aspectos humanos e vai ao encontro dos desígnios do Sagrado Agni. Milhões de vidas foram ceifadas pela longa guerra. Ao propiciarmos um rápido renascimento de crianças, estaremos abrindo as comportas que estão retendo estes espíritos em condições adversas no mundo espiritual.

O Sagrado Agni nos abençoará ao propiciarmos um rápido retorno à carne deste imenso contingente de espíritos, para uma nova reeducação num clima de paz e religiosidade baseado nos mais elevados princípios que conseguimos reunir no nosso código.

Por isso, e só por isso, eu alterei um dos princípios, amado mestre!

— Vejo que não adormeceu o seu sentido de observação das necessidades do povo, amado rei! Eu não havia pensado em nada disso ao ouvi-lo promulgar esta alteração no código de leis de Sikhan Daher.

— Eu acredito que cinqüenta anos serão suficientes para que o reino esteja com sua população masculina em equilíbrio com a feminina. Só espero que meus sucessores não se esqueçam de promover o retorno à lei anterior que dá o mesmo direito aos dois na vida matrimonial.

— Você não tem ainda uma princesa a lhe dar sucessores. Como vai solucionar este problema?

— Shair tem filhos e filhas. Um deles será o meu sucessor.

— Mas Shair não é o rei!

— Eu o colocarei no trono antes de expiar minha afronta ao senhor do meu destino, pois acredito ser ele a pessoa mais indicada para assumi-lo em condições de sustentar nosso código.

— Não tirou tal idéia da sua mente?

— Como poderia fazer tal coisa, amado mestre? Isto é algo que nem penso fazer.

— Nós soubemos da dívida que tomou conta do seu ser imortal. Discutimos todos os aspectos, tanto materiais quanto divinos, e chegamos à conclusão de que você não quebrou nenhum juramento. Se soubesse que tudo não passou de uma trama muito bem urdida, não teria marchado contra o reino da princesa Shadine e não teria retornado ao solo persa. Isto só aconteceu no plano espiritual, onde

— você sofreu um envolvimento muito forte pelos que serviam e se serviam das trevas.

— Quanto ao aspecto legal, suas leis de guerra sempre diziam que onde estivesse o mais avançado dos seus soldados, lá estaria a última fronteira da coroa de diamante. Portanto você estava em solo do seu próprio reino quando voltou a ver a princesa em sua frente. Ao vir até sua tenda ela já estava dentro de sua última fronteira e não em solo persa. Se tivesse avançado até o Eufrates, hoje tudo seria reino da coroa de diamante, amado rei.

— Além do mais você lhe prometeu e jurou diante do Sagrado Agni não voltar a vê-la quando ela estava sob forte encantamento. Talvez, se não fosse isso, você teria vivido o seu segundo destino ao lado dela.

— Tudo isso que me diz, foi Shair quem encontrou um meio fácil de tentar me livrar da expiação, não é amado mestre?

— Não, amado rei! Nós estudamos todos os aspectos e implicações dos motivos que o levaram a invadir o reino persa. Você sabe do quanto sou cauteloso e cuidadoso nas interpretações que faço da conduta dos seres humanos diante do Sagrado Agni.

— Ao retornar até ela, você não estava agindo em função do seu segundo destino e sim sob a influência do terceiro, onde começou a viver o grande desígnio sagrado do Fogo Divino. Este desígnio não comportava nada do que havia feito ou deixado de fazer quanto ao seu segundo destino.

— No momento em que voltava ao solo persa não estava interessado nela e sim em eliminar os últimos resquícios da Princesa dos Encantos e seu companheiro de desdita, o mago negro Sager.

— Já não era Sikhhan Daher quem retornava, mas sim o filho amado do Sagrado Agni!

— Havia um silêncio absoluto no salão, e nossa conversa ecoava por todo ele. Até os mais distantes do trono podiam ouvir nossas palavras. Então eu coloquei a discussão num outro nível.

— Amado mestre, o senhor é um homem que vive com toda intensidade o seu destino religioso, certo?

— Sim.

— Como agiria se, não importando as condições, viesse a quebrar um juramento ao senhor do seu destino?

— Pensando assim, você não deixa margem às atenuantes que o absolvem da quebra do juramento.

— Eu já não falo sob este ponto de vista e sim da sua conduta diante do Sagrado Agni. Eu falo de um ponto de vista em que quem é o juiz é a sua própria consciência diante da justiça perfeita do Sagrado Agni e sua ação implacável sobre os que não cumprem o que prometeram diante do seu fogo simbólico. Só quero que me diga o que faria!

— Eu me submeteria à expiação no fogo do Sagrado Agni. Só que está sendo muito severo consigo mesmo e se esquecendo que é mais útil a ele aqui na terra que sendo consumido no seu fogo. Ou esquece que o desígnio ainda não terminou e que a parte mais difícil está para ser feita?

Acaso não vê que manter a vida é muito mais difícil que disseminar a morte?

Não está ponderando o poder aglutinador que possui e que é devido à sua unção pelo Fogo Divino que o desígnio se realizou até agora sob a bênção do próprio emissor dele. Não lhe ocorre que talvez ele queria que continue vivendo na carne, ao invés de ser consumido nas suas chamas?

— Em tudo eu pensei amado mestre e o que mais me pareceu acertado é submeter-me à expiação. Caso o Sagrado Agni não aceite minha expiação, não consumirá minha carne ainda que a labareda me envolva.

— Estará abusando da generosidade do Sagrado Agni se submeter-se a esta provação, tolo rei amado!

— O senhor é um religioso e preserva princípios que considera inquebráveis. Eu não sou um sacerdote como o senhor, mas sou um ser extremamente religioso e cumpridor de minhas obrigações e deveres diante do meu Deus, o Sagrado Agni.

Portanto, eu não estou desafiando o Sagrado Agni e nem abusando de sua generosidade, mas somente pondo-me, humilde, diante dele e pedindo que expie a minha ofensa. Caso ele ache que eu falhei, que me consuma, mas no caso de só estar testando minha fé e respeito ao seu poder inabalável, certamente recusará minha expiação e não consumirá minha carne.

— Você, apesar da bondade e justiça que há em seu ser imortal, está sendo cruel consigo mesmo, Sikhan!

— Estou me colocando na posição de quem não encontra valor algum no que fizer ou em sua própria vida se estiver em desacordo com sua consciência e religiosidade.

Amanhã, ao meio-dia eu vou me submeter à expiação. Assim está decidido, amado mestre!

— Não posso abrir o templo sagrado só para que cometa um suicídio no seu interior.

— Então não será o Fogo Divino que me consumirá e sim o fogo simbólico. Eu mesmo farei a fogueira simbólica e me submeterei ao julgamento do senhor do meu destino. Caso ele julgue que ao invadir o solo persa eu era a sua espada flamejante quem o fazia, me purificará e não me consumirá. Mas caso ele ache que era um Sikhhan Daher que esquecera do juramento e voltava sentado no dorso do seu cavalo, secundado pelo seu poderoso exército, então que nada reste, tanto do meu ser mortal quanto do imortal.

Que a tudo meu sagrado Agni consuma na fúria de suas chamas ou então me purifique para que, com a consciência em paz e harmonizado com ele, novamente eu possa continuar com o desígnio e fazer prosperar o Dom da vida.

Assim decidi Sikhhan Daher e assim será feito. Se não for pelo Fogo Divino da pira sagrada, então será no fogo simbólico!

Está encerrada a recepção meus amados comandantes, amados mestres e amados súditos. Amado mestre sacerdote, peço-lhe que acompanhe a princesa, nossa convidada, até seus aposentos, pois vou orar diante da pira sagrada e me colocar em comunhão com o senhor do meu destino. Uma hora antes do meio-dia o senhor me comunicará em qual dos dois fogos irei submeter-me à expiação. Até lá não quero ser interrompido por ninguém!



Eu me levantei e fui até a pira sagrada e me pus em oração e comunhão com o senhor do meu destino. Se haviam atenuantes perante os homens, ao meu modo de encarar o senhor do meu destino não havia outra alternativa, pois senão, como justificar eu ter causado tantas mortes só porque julgava as pessoas do ponto de vista que eu julgava ser o do Sagrado Agni?

Eu não poderia justificar diante dele a morte de Mejoure, que era filha de Shamizer, assim como de Sager, Nagos, Farses, Minarvos, Shalitê, Soniré ou Lafté, todos ligados por laços sanguíneos e cultuadores dos mesmos princípios de Shamizer.

Como eu poderia, no dia do meu juízo, encarar Mejoure e dizer-lhe: está certo que você expiou seu passado num ato muito forte de fé, tanto ao Sagrado Agni como à minha concepção de como ele desejava que você se redimisse. Mas comigo foi diferente, pois eu era o meu carrasco.

Ela poderia dizer-me: “Você tinha a espada e eu a vida a ser cortada por ela, portanto você não foi, enquanto servindo ao desígnio, melhor que eu, que servia às trevas. Mas agora a situação inverteu-se, amado Sikhan! Hoje é você quem vai para as trevas enquanto eu vivo na luz do Fogo Divino.

Não! Ou eu aplicava a mim o que eu fizera com eles ou no futuro próximo eu encontraria alternativas para todo tipo de abusos que viesse a cometer.

Tanto Sager como seus filhos poderiam alegar no tribunal celeste do Sagrado Agni que só fizeram com a humanidade subjugada aos seus desejos o que achavam estar sendo o mais correto e o Sagrado Agni teria que acolher suas atenuantes, pois era o ponto de vista humano que prevaleceria sobre o divino.

Não, não e não!

Eu não podia aceitar que atenuantes criadas por humanos, ainda que pensassem estar facilitando a implantação da segunda fase do desígnio, viessem a contrariar todo o meu conceito sobre a forma que o Sagrado Agni julgava os mortais fosse alterada.

Se ele, na sua divina sabedoria, havia me escolhido para comandar a execução do seu desígnio é porque sabia ser eu o meu mais severo juiz. Eu possuía o poder de me deitar com um ser das trevas e dobrá-lo à minha personalidade só porque eu possuía minha alma aquecida pelas chamas do Fogo Divino. O Sagrado Agni me mostrara todo o seu poder ao deixar que eu consumisse todas as trevas que haviam naqueles seres e cobrasse a execução do desígnio.

Se eu aceitasse as atenuantes, ao chegar às trevas encontraria Shamizer a dizer-me: eu poderia tê-lo encantado na minha última noite e subjugado o seu espírito imortal aos meus desejos, curta ela seria, mas eu poderia encantá-lo. Só não o fiz por acreditar que você não me serviria por muito tempo. Porque eu, um ser inferior, enquanto participante ativa do desígnio, estaria me apossando de um ser superior. Mas agora vejo que não me era superior, Sikhan!

Então ela gritaria nas zonas infernais, onde, creio eu, estava seu ser imortal: “Maldito Sikhan, você enganou-me usando o Sagrado

Agni como instrumento para sujeitar-me aos seus desejos. Nunca foi, não é e nem será superior a mim, pois enquanto eu não temi minha expiação quando ela chegou, você encontrou atenuantes e alternativas para justificar a sua não expiação”.

Quanto a Sager, poderia ele me acusar mais ainda, pois alegaria que enquanto vivia na terra ele era a mão que executava os espíritos faltosos perante as leis divinas e lhes infligia um castigo permitido até então pelo senhor da justiça, eu lhe arrancara este poder alegando ser eu o filho do fogo que liberta os que já cumpriram suas sentenças, e no final eu não era mais que ele, pois havia fugido de minha expiação ao acreditar nas alternativas encontradas pelos sábios, mestres, magos, sacerdotes e chefes militares ou marajás.

Não! Não e não!

O Sagrado Agni queria que eu executasse o desígnio. Portanto havia me escolhido por eu ser como era.

Eu podia ter sido um sábio, e mesmo sendo um não quis assumir tal título.


Poderia ter sido um mestre e ensinado muitas coisas, e no entanto eu não quis agir como os mestres que ensinavam com palavras e exemplos os seus discípulos. Não, eu preferi arrebatar meus discípulos no campo da ação intensa e arrebadora.

Eu também possuía o mesmo, ou até maior, poder que os magos, e no entanto não quis assumir tal título pois não quis abrir mão da vida mundana e passar a viver na religiosidade pura.

Eu não quis ser um sacerdote, pois achava o interior de um templo um campo muito pequeno para o meu irrequieto ser imortal, animado por um fogo ardente.

Eu não quis ser um chefe militar e no entanto os maiores gênios da arte da guerra já reunidos por um desígnio haviam seguido minhas ordens.

Também não quis ser um príncipe coroado, pois a coroa do reino de diamante pertencia a uma mulher e estava vazio desde o momento em que o desígnio começou sua fase sangrenta. O Sagrado Agni sabia que uma mente e um coração femininos sentados no trono coroado interfeririam na execução do desígnio e foi só por isso que a fé de Mejouré na justiça e poder do Sagrado Agni não o impediu de consumir seu tão delicado corpo no braseiro quando ela deu provas de que o aceitava como Deus único.



Ele a usara para me atrair até que começasse a execução do desígnio, mas a tirou de mim assim que achou ser a hora apropriada e deixou-me livre de sua influência e encantos femininos, que certamente me desviariam do caminho a ser seguido.

Eu compreendia tudo isto porque sabia que o senhor do meu destino teria escolhido qualquer outro servo seu se quisesse um desígnio limitado no tempo e espaço, pois todos eles possuíam as melhores qualidades nos campos de ação que haviam escolhido, mas hoje não abrangiam todo o campo do Sagrado Agni na execução de um grande desígnio.

Ele queria para seu executor um ser igual a mim, que poderia ter sido qualquer um deles e no entanto quis ser só o que eu era: um tolo rei ou um príncipe mendigo de um povo miserável e sem maiores aspirações que a de ser só mais um dos tributários da cora persa.

Ele me escolheu por saber que tudo aquilo existia em meu ser imortal e ainda assim eu me recusava em apegar-me a estas qualidades tão nobres e viver minha vida sob a luz de uma delas.

Ele queria um ser que, mesmo tendo tudo, só queria viver como um homem comum, pois era aos homens comuns que ele dedicava o seu desígnio sagrado. Aos investidos de algum título só competia a manutenção do desígnio por todo o sempre e a tarefa de decodificá-lo e traduzi-lo aos mortais comuns de forma inteligível e simples, já que simples eram os homens comuns. Eles não eram sábios, magos, mestres ou sacerdotes e não compreenderiam as suas palavras e ações. Mas a mim compreendiam. Eu arrebatava as suas mentes e corações, pois eu tudo poderia ter sido e no entanto preferi ser um homem comum animado pelo espírito do desígnio que havia envolvido o meu destino e o de muitas outras pessoas escolhidas para vivê-lo na carne.

O Sagrado Agni sabia que eu era um homem que queria viver, amar as mulheres, andar livremente e dar vazão ao que eu trazia em meu ser imortal sem me ligar a protocolo algum, pois eu era o seu protocolo para com o povo.

E eu, como protocolo do Sagrado Agni enquanto homem comum, não poderia quebrá-lo sob pena de expiar meu erro nas suas chamas eternas.

Afinal, por que o Sagrado Agni permitiria que eu voltasse ao solo persa depois de tantos anos, só porque eu, o filho do fogo, havia sido envolvido pela trama bem urdida por Sager, Farses, Nagos e Shamizer?

Se não fosse para me expiar no fogo ou provar que eu não quebrara o protocolo do qual eu era o portador, o Sagrado Agni teria me impedido de fazê-lo.

Não, não e não!

Ele até permitira ou guiara Shadine até mim só para me reduzir ao que eu sempre quisera ser: apenas um homem, e que agora tinha em sua consciência o maior dos tormentos. O de haver quebrado um juramento feito diante do seu espectro ígneo. Ele sabia que os homens titulados sempre encontram atenuantes para suas ações, mas um homem comum não.

Por isso ele me escolhera como executor do seu desígnio. Ele queria um homem extremamente religioso mas ao mesmo tempo inundado de sentimentos comuns aos seres humanos, pois assim eu me sentiria aniquilado se faltasse justamente diante do único ser a quem eu não poderia cometer a menor falta, senão minha vida perderia o seu sentido.

Este sentido da vida era sustentado unicamente na minha fé em Agni. Eu renunciara ao reino de meu pai, a Shadine, Mejoure e Shamizer. Agora eu estava renunciando a algo maior que tudo isso só para não fugir à minha expiação no fogo por ter quebrado o juramento feito ao Sagrado Agni diante do seu espectro ígneo.

Se a tudo eu renunciar, o único valor que eu me dera era ser o instrumento de realização do desígnio. Na minha comunhão com o Sagrado Agni eu não poderia usar valores terrenos para avaliá-la. Era a própria existência dele como doador da vida e eu como criação sua e ser vivente quem estávamos sendo avaliados pela minha consciência. E ela teria que ser tão severa comigo quanto seria o Sagrado Agni, que certamente me julgaria no dia de minha expiação.

O único que poderia ter uma atenuante que me satisfaria seria o senhor do meu destino. Se ele a tivesse para mim, então não consumiria minha carne nas suas chamas e nem arrancaria o meu espírito imortal da carne e o lançaria nas chamas ardentes de sua ira divina.

Eu só me permitiria duas alternativas:

A primeira seria eu ser expiado por ter quebrado um juramento firmado diante do seu espectro ígneo.

A segunda, que ele queria que eu desse uma grande prova de submissão ao seu poder divino, já que ele podia ter impedido que eu cometesse aquela falta e não o fez. Ele queria que eu desse uma prova

tão grande quanto Mejoure e Shamizer ao não aceitar nenhuma atenuante oferecida pelos títulos, pois o protocolo firmado entre ele, o senhor do meu destino, e eu, seu instrumento de ação, só ele, como a parte superior e doadora de minha vida, poderia justificar e oferecer atenuantes às ações praticadas por mim, a parte inferior.

— Que seja a expiação pela falta cometida ou a provação de minha sujeição a ti, ó senhor do meu destino!

Se for a expiação eu cumpro o prometido por ter infringido o nosso protocolo e se for provação, então eu a aceito, pois sei que caso consuma a minha carne, é porque tem alguém mais apto que eu para realizar a segunda fase do seu desígnio. Mas, se não a aceitar é porque quer mais uma vez purificar a minha carne das manchas do sangue derramado para que eu viva meu quarto destino. Não mais como no terceiro, onde eu era o filho do fogo que empunhava sua espada incandescente e devastadora, mas sim o irmão de todos os seus filhos, que será inundado pela sua face generosa para com todo aquele que purgou os erros cometidos diante dos seus olhos divinos.



O sol raiava no horizonte quando eu, depois de uma noite meditando sobre tudo o que se apresentava, iniciei a oração das sete preces sagradas que me colocavam em comunhão umbilical com o Sagrado Agni. Elas só eram conhecidas dos iniciados no fogo e pronunciadas no mais absoluto retiro do espírito, que é o mental humano. Elas não podiam ser pronunciadas e só deviam ser mentalizadas.

Depois realizei as vinte e uma orações executadas só pelos Magos do Fogo, diante do fogo simbólico. E por fim as setenta e sete orações efetuadas pelos que praticavam os rituais simbólicos de sua fé como homens comuns e que reverenciavam o Sagrado Agni por amor e respeito ao senhor do Fogo Divino.

Após realizá-los, iniciei os cantos sagrados do Sagrado Agni.

Eu me colocava, desta forma, como homem comum diante dele e clamava por sua generosidade como o homem simples e mortal que eu era.

Em segundo lugar eu me colocava como espírito imortal e me submetia à sua justiça divina.

E, finalmente, eu me colocava, com as sete preces impronunciáveis, de uma forma transcendental como parte ativa e atuante do seu desígnio, sujeito a desvios na minha trajetória, mas que era, no momento certo, reconduzido ao caminho correto por sua ação imperceptível, mas não menos poderosa, que atuava em meu mental.

Depois disto, desliguei meu mental do mundo material e liguei-me ao espiritual. Do material eu só colhia o ar para não deixar minha matéria perecer pela falta do abençoado oxigênio.

Fui tirado do estado de meditação transcendental pelo amado mestre Rash Nurishpar no momento em que eu havia escolhido.

— Está na hora amado filho do fogo. As labaredas do fogo simbólico do Sagrado Agni o aguardam. Se é expiação ou provação, que o Sagrado Agni escolha a alternativa.

— Assim será amado mestre. Se for expiação, aqui se encerrará o meu terceiro e último destino. E se for provação, aqui começará o quarto destino de Sikhan Daher, por obra e graça do Sagrado Agni, o único que pode oferecer alternativas e atenuantes às minhas ações.

— Meu ser imortal sofre a sua dor, mas meu mental superior reconhece os princípios que o conduzem a este julgamento severo do Sagrado Agni. Eu gostaria de acompanhá-lo em sua prova maior se me permitir.

— Não o permito, amado mestre, pois se for expiação alguém precisará dizer aos homens que um protocolo firmado com o Sagrado Agni não pode ser violado pela parte humana que o firmou. E se for provação ela é só minha, pois, com isto eu, ao me purificar do sangue derramado, estarei purificando a todos os que viveram a primeira parte do desígnio comigo e então daremos início à sua segunda fase. E eu precisarei de meu amado mestre ao meu lado nela também.

— Eu o conduzo, amado filho do fogo!

O amado mestre me conduziu até o altar do Sagrado Agni, foi iniciado o ritual mais dolorido do Fogo Divino. Após colocar os sete colares sagrados por cima de minha cabeça, eles arderam o tecido de minha veste ao tocarem nela. Mas eu não senti nada e não fui lançado ao solo como acontecia aos que eu havia feito isto, tais como Mejouré ou Sager.

As labaredas eram altas e consumiriam minhas vestes e minha carne assim que eu penetrasse em seu interior se fosse minha expiação. Mas só consumiriam as minhas vestes se fosse provação purificadora.

Ajoelhei-me diante do fogo simbólico do Sagrado Agni e orei a ele.

Depois, resoluto, eu avancei por elas e senti meu ser imortal ser invadido por um calor intenso a partir de minha cabeça e derramado por todo o meu ser imortal. Eu olhava para um ponto no infinito e via o espectro do Sagrado Agni olhando para mim. Eu já podia encarar, sem vergonha alguma, o senhor do meu destino. De meus olhos as lágrimas corriam em abundância, pois finalmente eu purificava no Fogo Divino a ofensa praticada contra ele ao quebrar um juramento feito diante do seu fogo simbólico.

Eu via as labaredas do amado Agni envolver todo o meu ser e ao invés de sentir um calor ardente, senti um frio intenso tomar conta de meu corpo carnal. Eu caminhava no meio das chamas e sabia que minhas vestes ardiavam no fogo, mas minha carne não sentia dor alguma.

Não era expiação o ato praticado, e, sim, uma provação do Sagrado Agni para com o seu filho amado!

Saí do outro lado das chamas completamente nu e sem um único fio de cabelo em meu corpo.

Com um longo manto aberto à minha frente o amado mestre me cobriu todo o corpo e me conduziu até a frente da pira sagrada e novo pacto de sangue eu realizei com o senhor do meu destino.

A segunda parte do desígnio seria vivida comigo à frente da coroa de diamante e ela foi depositada em minhas mãos. Então eu falei:

— A primeira fase de realização do desígnio exigiu o uso racional da força e agora que se inicia a sua segunda parte nós usaremos da inteligência racional como razão de nossas vidas e faremos da fé a razão de nossas ações para com todos os que tiveram os seus destinos colocados sob a proteção do manto ígneo do Sagrado Agni.

Depois dessas palavras me recolhi em preces de agradecimento ao Sagrado Agni e caminhei de volta ao local onde eu havia passado as últimas quatorze horas em absoluta comunhão com o senhor do meu destino.

Só à noite eu retornei ao palácio e me vesti, não mais com a roupa do guerreiro e sim com as longas vestes de rei da coroa de diamante. Eu não vestiria as roupas de combate novamente.

Procurei por Shadine e um servidor informou-me que ela estava com o sábio mestre. Avisei-o que dissesse a ela que eu estaria na sala do trono quando ela retornasse, mas que não fosse interrompê-la.

Fui à sala, sentei-me em um canto e fiquei observando as coroas conquistadas. Tudo aquilo deixaria de ter uma razão no momento em que Shadine aceitasse sentar-se naquele trono vazio.

Eu estava sonhando com esta possibilidade quando ela entrou na sala. Eu fui ao seu encontro e a conduzi até a frente do trono vazio, dizendo-lhe:

— Ele o espera, querida Shadine?

— Não posso aceitá-lo Sikhan, e você sabe muito bem disso. Portanto não me force a repetir o que você fez alguns anos atrás, deixando o trono do meu reino vazio.

— Vou me sentir muito solitário neste imenso palácio no momento em que você retornar à Pérsia.

— Duvido que venha a ter tempo para a solidão, assim como eu também não tive, tenho ou terei. Vou aplicar ao reino da Pérsia algumas de suas leis. Acho que irão beneficiar muitas pessoas que hoje vivem à margem da vida e não estão tendo o seu potencial humano aproveitado pelas nossas leis.

— Então não adianta eu insistir?

— Não faça isso Sikhan. Somos dois destinos e dois desígnios diferentes. O seu tem de ser vivido junto ao povo que o ama e compreende o seu modo de ser, e o meu, eu começarei a vivê-lo com uma grande intensidade depois de ter sido amada e poder amá-lo. Estes meses que passei junto de você ficarão em minha memória para sempre como o melhor período de minha vida.

— Como poderemos reviver estes momentos Shadine?

— Poderemos revivê-los quando você for visitar o filho que estou gestando em meu ventre.

— Você está... — Eu não consegui dizer mais nada e nos abraçamos felizes. Só depois de um longo tempo nos separamos e eu acariciei o seu ventre.

— Será um bom príncipe para o meu reino, Sikhan.

— Como pode saber se será um príncipe? Poderá ser uma linda princesa, como a mãe!

— O sábio mestre olhou o seu cristal e viu um belo menino ao meu lado. Assim, quando for visitá-lo, lá estarei eu, ansiosa para reviver os momentos inesquecíveis, que ainda poderemos viver até minha volta ao meu reino.

— Quando partir eu construirei um palácio próximo à fronteira estabelecida só para poder acomodá-la e assim não ficaremos muito tempo sem nos ver. O que acha da idéia?

— Eu construirei um do outro lado da fronteira onde passarei alguns meses do ano. Assim não será só eu quem o visitará. Concorda?

— Sim. Então já está decidido como será nossa união. Ela não será material e sim espiritual!

— Espero que possa me dar vários príncipes, pois agora que comecei, não vou deixar de realizar o sonho que eu sempre quis realizar. Ser mãe!

— Não deixarei de ajudá-la na realização do seu sonho. Principalmente porque estarei realizando o meu sonho ao fazer isto. Não se incomoda com minha aparência?

— O que tem de errado na sua aparência?

— Não me restou um fio de cabelo em todo o corpo.

— Preciso ver isto Sikhan!

— Acho que não gostará de me ver sem eles.

— Como pode saber do que me agrada ou não em você? Onde poderemos ir para que eu possa comprovar realmente se não lhe restou um único fio em todo o corpo?

— Eu sei de um lugar onde poderá fazê-lo à vontade.

— Então me conduza, já que nada conheço por aqui.

— Espero que fique pelo menos o tempo suficiente para conhecer um pouco o reino da coroa de diamante.

— Vou ficar só mais quinze dias. Dará para conhecê-lo?

— Não. Este é o tempo que levará para sair do lugar que a estou levando.

— Vejo que a chama dourada que o envolveu ao entrar no meio do fogo do Sagrado de Agni deixou-o imantado com uma energia muito forte.

— Não imagina o quanto ela está ardendo no meu sangue.

— Prefiro não imaginar e sim senti-la. Vou me esforçar para absorver uma boa parte dela nestes quinze dias que ficarei presa no seu palácio.

— Se alguma restar, na viagem até o rio Indo eu a passarei para você. Mas como ficarei sem minha energia dourada?

— Absorverá a minha, azul, que não está menos intensa que a tua.



Bem, houve realmente uma agradável troca de energias entre nós. Foram quinze dias muito agradáveis e o máximo que Shadine conheceu do reino da coroa de diamante foi um aposento do palácio e a ala onde residia o amado mestre, pois quando não estava ao meu lado, era para lá que ela se dirigia. Com certa insistência de minha parte, ela concordou em ficar mais quinze dias conhecendo o palácio da coroa. Eu a acompanhei não só até o rio Indo mas sim até a última fronteira do reino. Aproveitei a viagem para dar uma olhada nas regiões criadas e ver como faria para alugar minha querida Shadine no dia que ela voltasse até ali.

Um encontro ficou acertado. Seria no tempo das chuvas do próximo ano, pois este é um tempo em que o melhor a fazer é ficar dentro de casa num lugar bem aconchegante. Nós voltaríamos a nos encontrar pelo resto de nossas vidas, pois eu sempre cumpria o que prometia desde um ano de idade. Creio que se não tivéssemos de viver dois destinos, eu teria ficado só com ela como esposa, mas como haviam muitas mulheres solitárias no reino da coroa de diamante, eu acabei me casando com uma outra que na verdade era um encanto de pessoa. Shair a havia ocultado por muitos anos de Mejoure. Ela era filha da princesa que ela substituíra, e também era filha dele.

Seria longo demais descrever toda a sua vida, mas vou resumí-la em pouca palavras.

Shair era o chefe da guarda do palácio e por um desígnio do seu destino, acabou se envolvendo com a verdadeira princesa da coroa de diamante. Tudo o que fizeram de bom, sim, é isto mesmo, pois eu não acho que o amor de duas pessoas, quando vivido, seja algo ruim, foi se amarem.

De tudo o que fizeram de bom, mas oculto do pai dela, que pouca atenção lhe dedicava, resultou no nascimento de uma linda filha que Shair levou consigo após ser dada à luz às escondidas. Logo depois a princesa morreu e Mejoure assumiu o seu lugar sem a menor contestação do pai, que ela já havia encantado. Shair suspeitou que a morte de sua querida princesa não fora obra do acaso, pois era o único que tivera um contato íntimo nos últimos anos com ela. Calou-se quando viu o rei manipulado pela falsa princesa, que obrigou todos os súditos a abaixarem a cabeça à sua passagem. Quando eu surgi e assumi o meu título de príncipe ao lado de Mejoure, ele aproximou-

se de mim tentando descobrir se eu fazia parte do plano da falsa princesa. Em pouco tempo nasceu entre nós uma grande afinidade e quando ele me viu queimar o corpo do rei do outro lado do Ganges, convenceu-se de que eu não era parte do plano.

Quando viu que tudo que eu fazia era em nome do Sagrado Agni, tornou-se meu melhor amigo e o mais leal e competente comandante. Não que os outros não o fossem também!

Na noite em que conversamos no alto da torre da fortaleza às margens do rio Indo e que eu estava triste pois Shamizer havia morrido e nós iríamos expiar Shadine, após eu desabafar minha tristeza, ele fez o mesmo e contou toda a amargura que trazia consigo há muitos anos. Prometi ajudá-lo a minorar sua dor assim que voltássemos da campanha contra a Pérsia. Mas com tudo o que acontecera, houve um esquecimento momentâneo da minha promessa. Ao não poder convencer Shadine a ocupar o trono da coroa de diamante, eu me lembrei de que sua ocupante de direito estava bem próxima do trono e a convidei a casar-se comigo.

— Não posso aceitar tal coisa amado rei. Outra poderá ostentá-la melhor que eu.

— Eu não lhe convido a assumir o trono de princesa senão movido pelo desejo de reparar um dano causado contra o seu destino, princesa Shilemí! Não precisa ser minha esposa de fato, mas só de direito. Pouco vou poder permanecer aqui no palácio e ninguém melhor que você para ocupá-lo na minha ausência, já que seu pai é o encarregado dos negócios pertinentes à coroa. Caso tenha alguém que ame ou a ame, fingirei que nada sei e tudo ficará oculto na ala do palácio que eu lhe reservarei.

— Eu não amo ninguém e nem sou amada. Este não é o problema, amado rei! Eu só não sei como agir se vier a ser a princesa da coroa de diamante!

— Tem a vida toda para aprender e o melhor conselheiro do rei é seu pai. Portanto nada precisa temer quanto ao título que de direito lhe pertence. E no caso de eu vir a morrer não haverá mudanças na direção imprimida por todos nós à coroa de diamante, pois Shair continuará à frente dos negócios do reino e você reinará em seu trono como princesa da coroa de diamante.

Além do mais, não se preocupe comigo que não irei incomodá-la com qualquer cobrança em relação ao matrimônio. Eu lhe prometo

isto agora e seu pai que nos ouve é testemunha de que o que eu prometo eu cumpro.

— Está bem amado rei, eu aceito, mas com uma única condição.

— Qual é ela princesa?

— Que convide à sua querida princesa Shadine a participar do nosso casamento.

— Por que isto?

— Assim ela saberá que eu sou só a princesa do reino da coroa de diamante e nada mais.

— Ela não é princesa do nosso reino e quando nos separamos eu disse a ela que iria convidá-la para que assumisse o título de princesa da coroa de diamante.

— O que ela disse quando ouviu isto do meu amado rei?

— Mandou-me parabenizá-la em seu nome, pois está grávida e não poderá vir assistir à sua coroação, mas enviou este pequeno presente a você.

— O que significa este rubi na forma de um coração, amado rei?

— Ela o conservou por muitos anos e era seu talismã da sorte e amuleto do amor. Mas é uma longa história para contá-la agora. Talvez um dia eu lhe conte como ela ganhou este rubi. Um dia em que não tivemos tantos compromissos a solucionar conhecerá a história escrita por este rubi.

— Então eu aceito ser sua princesa sem impor nenhuma condição ou promessa.

— Shair, providencie para que todos os marajás do reino, todos os comandantes e todos os sábios mestres estejam no palácio no dia da coroação da princesa Shilemf como princesa da coroa de diamante. E, até a primavera, quando todos deverão estar aqui, dê seus sábios conselhos à sua filha de como deverá proceder no dia de sua coroação.

— Assim será feito amado e justo rei. Tirou a amargura do meu peito, pois a justiça prevaleceu no final.

— Pena que não seja o rei, amigo Shair!

— Não tem importância, pois de qualquer forma eu não seria o príncipe de minha amada. Além do mais, se antes eu era só o amante da princesa de um pequeno reino, hoje sou o pai da princesa do maior e mais esclarecido reino sobre a face da terra, o mais íntimo amigo do rei de todo ele e o encarregado dos seus mais importantes assuntos. O que mais poderia eu querer?

— Uma esposa pois, afinal, ainda é novo e há muitas e belas mulheres olhando para você ultimamente. Que tal trabalhar um pouco menos e dedicar-lhes um pouco do imenso amor que há em você para dividi-lo com alguém?

— Se assim me aconselha o mais sábio homem que já conheci, então vou seguir o seu conselho. Só não saberei qual das três que me agrada devo escolher.

— Siga também a primeira parte do meu conselho e divida os seus encargos com outros leais servidores, e lhe sobrar tempo para solucionar tais dúvidas desposando as três. Só assim descobrirá qual delas realmente o ama, e a qual você mais ama.

— E como faço com as outras duas? Diga-me isto, já que é um homem que entende bem os sentimentos das mulheres, pois eu não gostaria de magoá-las no futuro.

— É muito simples meu discípulo Shair! Se descobrir que uma realmente o ama, então ame-a mas não deixe de dar um pouco do seu amor às outras duas, pois a coisa que mais magoa uma mulher é não ser amada.

Nós sorrimos muito de minha primeira lição ao aprendiz Shair quanto às coisas do amor e das mulheres. Shilemí havia estado atenta à nossa conversa e também participou das boas risadas que demos.

No início da primavera foi realizada a cerimônia de coroação da nova princesa do reino da coroa de diamante.

Após a grande festa oferecida e posterior saída dos convidados eu falei à jovem princesa:

— Já é tarde da noite e deve estar com sono, jovem princesa! Um dos servidores a conduzirá aos seus aposentos.

— Não poderia, ó meu amado rei, conduzir-me até eles?

— Eu já instruí o servidor. Não demorará nada para chegar até eles. Creio que irá gostar da decoração feita.

— Não é por isso que peço a companhia do meu amado rei!

— Então o que é?

— Não ficaria bem os servidores conduzirem a princesa até seus aposentos na primeira noite em que ela passa no palácio. Logo surgiriam certos comentários desairosos sobre o relacionamento do rei com sua princesa. Só quero evitar que amanhã eles estejam falando que o rei não acompanhou sua princesa em sua primeira noite após o matrimônio.

— Bom, acho que tem razão Shilemí. Então vamos logo, pois não suporto mais esta roupa que tive que vestir.

— Eu também não vejo a hora de tirar esta coroa. Acho que vai demorar para eu me acostumar com ela.

— Será igual à primeira vez que comecei a usar uma espada.

— Conte-me como foi, meu amado rei.

— Você ainda é muito jovem para ouvir falar em mortes, lutas etc. Quando tiver mais alguns anos de idade, talvez eu possa lhe falar sobre como foi aquele dia e os subsequentes.

— Posso não ter muita idade mas não sou mais uma criança. Posso muito bem ouvir tais coisas sem perder o sono.

— Não vou estragar uma noite tão bonita com relatos que envolveram sangue e morte.

— Então fale-me sobre este rubi, meu amado rei. Tenho a maior curiosidade em ouvir a história que este rubi oculta.

— Já é tarde, Shilemí.

— Eu fiquei tão eufórica com todas estas cerimônias que acho que não conseguirei dormir esta noite.

— Com o tempo se acostumará a elas e não verá a hora que terminem só para poder descansar. Eu, assim que tirar esta roupa apertada, vou desmaiar na cama.

Nós já estávamos diante da porta do seu aposento e ela convidou-me a levá-la até o interior.

— Está bem! Vou dar uma olhada para ver como o deixaram. Se fizeram tudo que me disseram que fariam, deve ter ficado lindo!

— Posso retirar a coroa agora?

— Sim. Em seus aposentos não tem de se preocupar com protocolos ou servidores. Aqui é verdadeiramente o seu reino, pois é o único lugar onde ninguém bisbilhota sua vida e nem terá de dar satisfações de como se veste ou come. É assim que eu considero os meus aposentos. Só permito o acesso dos servidores depois que saio dele.

— Por quê?

— Gosto de ter privacidade para ser eu mesmo e também para ficar à vontade.

— Podia me ajudar a retirar a coroa? Tenho medo de deixá-la cair e estragá-la.

— Está bem, mas não se preocupe com isto, pois se ela sofrer algum dano, eu faço outra para você.

— Então foi o meu amado rei quem lapidou este rubi?

— Sim. Eu mesmo o escolhi e o lapidei na forma de um coração para dá-lo a Shadine.

Eu não percebia que seu interesse tinha segundas intenções e comecei a contar-lhe a história do rubi. Ela soltou os cabelos e os alisou com as mãos jogando-os para trás. Enquanto eu ia lhe contando as teorias que me ensinou o amado mestre Gur, sem muitos detalhes, pois eu estava com pressa de voltar aos meus aposentos e retirar aquela roupa, ela me observava com atenção.

Para mim tudo era normal, pois isto acontecia nas reuniões que eu realizava com os mais variados grupos de pessoas que tinham funções de destaque no reino.

— Enquanto me conta sobre o rubi, poderia soltar este nó que prende minhas vestes reais, meu amado rei?

— Se eu fizer isto, irei soltar toda a sua veste e irá ficar um tanto nua na minha frente, Shilemí.

— Eu estou usando uma peça de roupa por baixo desse vestido, amado rei. É por isso que quero tirá-lo, pois estou com tanta roupa que me sinto sufocada, e com muito calor! Se não o soltar agora, terei que chamar uma servidora para fazê-lo, pois desde que entrei estou tentando alcançar este nó e não consigo.

— Então era isto que tanto a incomodava e ficava levando as mãos às costas?

— Sim. Eu tentava soltá-lo!

— Oh! — exclamei sorrindo.

— Por que diz oh!, meu amado rei. E ainda sorri ao dizê-lo?

— É que eu estava a lhe falar e vendo-a levar tantas vezes as mãos às costas pensei: eu não devia estar contando sobre o rubi, pois deve estar com algo lhe incomodando ou coçando e certamente não vai se lembrar de toda a história, pois o pior ouvinte é aquele que tem a atenção desviada por algo que o incomoda. Vire-se Shilemí, eu o soltarei para você.

Realmente o nó estava difícil de ser desatado. Após soltá-lo, falei:

— Peça a quem a vestiu que dê outro tipo de nó. Um com laço, pois assim poderá soltá-lo facilmente.

— Ela ia fazê-lo, mas eu fiquei com medo de me atrapalhar na cerimônia e acabar soltando-o acidentalmente, causando uma situação embaraçosa. Este é um vestido muito bonito e gostoso de usar, mas não com outro por baixo, pois fico com muito calor, meu amado rei!

Após soltar as pontas presas com o nó ela o retirou ali mesmo, ficando com o outro vestido por cima do corpo. Eu observei:

— Este que usa não é tão grande ou grosso que possa deixá-la sufocada!

— Acho que o nervosismo com esta minha primeira cerimônia pública me deixou muito tensa, mas já me sinto melhor agora que estou sem a coroa e o vestido. Continue agora com a história do rubi, meu amado rei. Vou levar este vestido e a coroa no meu quarto, poderia trazer para mim a coroa?

— Pois não!

Eu continuei contando a história do rubi enquanto ela dobrava delicadamente o vestido. Após fazê-lo cuidadosamente guardou-o num armário. Como eu ainda estava segurando a coroa, perguntei-lhe onde colocá-la.

— Oh, desculpe-me. Havia me esquecido dela! Onde acha que devo guardá-la?

— Não a oculte no interior de um armário, pois é o símbolo do seu poder e terá de tê-la sempre à vista e à mão para o caso de precisar sair do seu quarto às pressas.

— Acho que vou deixá-la sobre este móvel! O que lhe parece?

— Fica bem neste lugar. Fácil de se colocar, pois estará à sua frente ao se levantar de manhã, e difícil de ser esquecida, pois ainda que não se lembre dela, estará sempre diante dos seus olhos assim que abri-los ao acordar todo dia.

Ela havia se sentado nos pés de sua cama e a ficou observando longamente. Eu também observava a coroa de diamante. Eu falei:

— Ela é muito bonita, não?

— Sim meu amado rei. Foi você mesmo quem a fez?

— Sim. Cada detalhe, cada pedra, tudo eu fiz pessoalmente.

— Como consegue lapidar tão bem estas pedras duríssimas, meu amado rei? Oh! Desculpe-me, pois me esqueci que estava em pé. Sente-se por favor, enquanto eu solto estas correias envoltas nas minhas pernas e que prendem os meus sapatos.

— Não tem nenhuma cadeira aqui onde eu possa me sentar Shilemí?

— Sente-se aqui na cama mesmo, meu amado rei! Aqui está nos meus aposentos e neles não há protocolo algum, como imagino, não o possua nos seus.

— Tem razão. Vou procurar ser o mais rápido possível para terminar com a história do rubi que tem pendurado no pescoço. Bem, aí eu...

Continuei com a história do rubi e logo lá estava ela com problemas para soltar o nó cego que prendia a tira e novamente tive que interromper a história para desatá-lo. Como estava difícil desatá-los!

— Não deve deixar que dêem estes tipos de nó, Shilemí, senão vai precisar de alguém com dedos fortes só para desatá-los. Quem os deu usou de muita força e estas tiras de couro não se soltam. Terá de cortá-las se quiser se ver livre destes sapatos.

— Com o que posso cortá-los? Não sei se há uma faca ou algo parecido nos meus aposentos, meu rei.

— Eu não carrego mais minha espada e adaga. Vamos procurar algo cortante para livrá-la das correias, pois estão bloqueando a circulação do sangue através de suas pernas.

Nós procuramos nos aposentos dela e nada havia de cortante neles.

— Vou chamar uma servidora para que providencie uma faca. Volto logo.

— Não irá encontrá-las em seus quartos esta noite amado rei.

— Por quê?

— Eu as dispensei e disse-lhes para irem comemorar com suas famílias minhas núpcias e coroação.

— Vou até os meus aposentos apanhar uma adaga e volto logo Shilemí.

— Posso acompanhá-lo só para conhecer os seus aposentos?

— Para que conhecê-los?

— Se um dia eu tiver de falar algo sobre o meu amado rei, preciso ao menos ver como é o seu quarto de dormir, não?

— Não vai dizer a alguém justamente como dorme o rei, não é mesmo, Shilemí? Isto seria uma grande indiscrição!

— Eu sei disso e não o farei nunca em minha vida. Mas só de olhar os seus aposentos posso dizer algo sobre sua pessoa e personalidade.

— Está bem! Não me custa nada mostrá-lo e ainda vai me poupar um grande incômodo.

— Que incômodo?

— Estando lá, poderei tirar estas roupas e colocar uma mais confortável.

— Então vamos logo, pois estou curiosa em conhecê-los.

Shilemí parecia uma criança alegre e que começava a descobrir algo interessante pela primeira vez. Deveria ter sido sua criação austera que a tornava tão curiosa. Isto foi o que pensei. Como estava enganado ao julgar que logo cessaria sua curiosidade assim que conhecesse os meus aposentos. Ela tomou o meu braço em suas mãos e me conduziu para a saída. Estava toda saltitante e sorridente, a jovem princesa!

— Está tão contente que me deixa feliz ao vê-la assim, Shilemí.

— Não é todo dia que uma mulher criada numa vida austera e solitária se torna princesa da coroa de diamante e se casa com o seu amado rei. O poderoso filho do Fogo Divino.

— Este direito era seu desde que nasceu. Só está recebendo a sua coroa de volta.

— Creio que vou gostar de ser princesa!

— Ótimo! Assim não sentirá a falta do seu pai.

— Papai é maravilhoso, mas ficava muito pouco tempo comigo.

Eu mal conseguia vê-lo quando saía de manhã para vir ao palácio encontrar-se com você.

— Ele é um homem muito dedicado às suas funções.

— Papai gosta muito do senhor.

— Eu também gosto dele. Pronto, chegamos!

— É bem perto dos meus aposentos. Não vou demorar nada caso precise vir aqui algum dia. Os seus servidores não ficam aqui?

— Não. Eles residem na ala de baixo, pois eu não gosto de ter ninguém a me vigiar. Só sobem quando eu desço. Esta é a ordem que lhes dei desde o primeiro dia que vim aos meus aposentos.

— Como faz para alimentar-se?

— Eu aqui só faço uma refeição de manhã que eles colocam ali, através daquele vão na parede, e outra após o meio-dia. Depois disso, se sentir fome, como algumas frutas. Olhe, lá estão elas. Eu gosto muito de frutas e são muito mais digestivas à noite que qualquer outro alimento. Sempre como algum tipo antes de deitar-me e não incomodo ninguém durante a noite. Eles só sobem a esta ala para trazer a refeição da manhã, e depois que saio, fazem a limpeza, trocam as frutas e repõem a água. Depois disto não sou mais incomodado, pois a refeição da tarde eu a faço junto com os mestres e servidores graduados do reino. Agora já sabe como é a vida íntima do seu rei. É uma vida simples, prática e boa de ser vivida.



— Vou adotar o seu modo de vida também, pois me parece agradável e manterá minha privacidade. Além do mais, saberá o que dizer sobre sua princesa sem se embarçar caso um dia tenha de dizer algo sobre mim.

— Eu expulso de minha frente quem perguntar algo sobre você. A vida pessoal não deve ser motivo da curiosidade alheia.

— Então farei isto também se acontecer de alguém perguntar algo sobre o meu amado rei. Não serei eu quem irá revelar como você vive. Posso ver o resto dos seus aposentos?

— Fique à vontade que vou apanhar a adaga. Ela está guardada lá no meu quarto, pois esta faca aqui não corta nem as frutas. Vou mandar trocá-la qualquer hora.

Ela começou a olhar a sala de banho e eu fui até o quarto apanhar a adaga que cortaria as tiras de couro de suas sandálias. Iria aproveitar que ela estava distraída olhando o resto do aposento real e tiraria aqueles sapatos apertados e a roupa incômoda.

Assim que entrei, soltei a cortina (não havia portas internas) e tirei os sapatos ficando descalço. Já ia trocar a roupa quando ela entrou no quarto. Parei imediatamente ao vê-la. Ela comentou:

— Ó, desculpe-me por ter entrado! Não sabia que estava se trocando. Vou sair para que tire estas vestes que tanto o incomodam. Volto assim que terminar, meu amado rei!

Ela saiu do quarto tornando a fechar a cortina. Eu me troquei e me senti melhor sem aquela roupa que apertava meus braços e o resto do corpo. Estava dobrando-as para guardá-las quando ela perguntou do lado de fora:

— Já posso entrar?

— Sim, já me troquei!

— Eu fui apanhar uma fruta para mim, pois estou com um pouco de fome e elas estão tão cheirosas e apetitosas que não resisti. Trouxe algumas para o meu amado rei.

— Não devia se preocupar, eu mesmo iria apanhá-las. Mas já que as trouxe, coloque-as aí mesmo. — Eu apontei uma pequena mesa ao lado da cama.

Ela as colocou ali e começou a olhar com curiosidade todo o grande quarto. Tudo era motivo de indagações.

— O que é isto aqui, meu rei?

— É uma escultura alusiva ao sol.

— E aquela ali?

— Uma escultura dedicada à vida.

— Interessante. Todas são muito bonitas, fale-me de todas as belezas que há em seu bonito, gostoso e agradável quarto, meu rei!

— Ainda nem acabei de contar a história do rubi e já me pede para lhe contar uma porção de outras histórias?

— Cada peça dessas tem uma história?

— Sim. Cada uma refere-se a algo que me marcou ou tem influência em minha vida e meu caráter.

— Seu quarto é tão fascinante. Estou encantada com ele!

— É por isso que gosto de ficar sozinho aqui. Como poderiam os servidores entenderem o significado das minhas coisas pessoais?

— Se permitir que eu venha aqui de vez em quando para me contar a história de cada coisa pessoal sua eu ficaria muito feliz, pois posso compreender melhor sua personalidade e natureza íntima.

— Poderá vir aqui para conversar quando se sentir muito solitária. Isto aqui é muito quieto. Eu passo o meu tempo esculpindo pedras, fundindo minérios ou lapidando algumas pedras preciosas.

— Deve ser ruim ficar sozinho sem ter nada o que fazer, meu rei!

— Eu passo o meu tempo fazendo o que mais gosto. Crio para mim mesmo o que agrada à minha visão e sentidos.

— É muito difícil fazer estas esculturas?

— Não. Só é preciso gostar e ter um dom artístico.

— Vejo que tem um grande dom e gosta muito de fazê-las. Aqui neste quarto há dezenas delas, e vi outro tanto no resto dos seus aposentos. Deve ser bom ficar a sós com o que se gosta e agrada aos sentidos mais íntimos, não?

— Realmente! É assim que eu me distraio, pois pouco tenho a fazer em relação aos negócios do reino.

— Então é muito solitário, meu rei?

— Isto eu sou! Não tenho com quem dividir meu gosto pelas artes. Quando eu estava no reino de meu pai era diferente. Lá havia os mestres artesãos que apreciavam as obras dos discípulos e as discutiam conosco. Tínhamos como tornar apreciadas as nossas criações e havia pessoas que as apreciavam.

— Já tem uma admiradora. Se me aceitar, serei uma dedicada aprendiz de sua arte.

— Ótimo, assim não me sentirei tão solitário, pois terei com quem conversar e discutir sobre elas. Eu não sabia que gostava dessas coisas! Até perdi o sono só em saber que terei alguém com quem dividir um pouco da alegria que sinto ao fazê-las, Shilemí!

— Só agora eu estou conhecendo a outra natureza do meu amado rei, e como eu poderia saber dos seus gostos se mal nos conhecemos? Daqui a alguns dias já me conhecerá um pouco melhor e quem sabe eu possa causar melhor impressão que a de uma simples princesa decorativa no trono da coroa de diamante.

— Não é uma princesa decorativa, Shilemí. É de direito e de fato a princesa da coroa de diamante. Assim que tiver se desinibido um pouco mais, vou viajar mais pelo reino e assumirá os negócios da coroa na minha ausência. Caso eu quisesse uma peça decorativa, teria esculpido uma imagem e a colocaria sentada no trono.

— Vou ter de ficar sozinha neste imenso palácio?

— Não ficará sozinha! Há muitos servidores no interior dele. Além do mais poderá pedir ao seu pai que fique aqui no palácio com você.

— Ele deixará sozinhas suas esposas? Seria uma indelicadeza para com ele e quem ficaria solitária seriam elas, pois a mim parece que tinha razão ao dizer que as mulheres gostam de ser amadas, pois todas as noites ele se recolhe cedo aos seus aposentos e só sai quando o sol se levanta no horizonte. Não vou querer tirar a alegria de papai, pois ele foi um homem triste e solitário a vida toda. É melhor eu ficar solitária e deixá-lo viver um pouco sua vida íntima. Vou apanhar mais uma fruta. Aceita mais uma, meu rei?

Ela apanhou uma fruta e também me trouxe uma. Então eu resolvi fazer o que motivava a vinda ali para poder dormir um pouco.

— Primeiro vou cortar estas tiras de couro. Vou apanhar a adaga.

— Eu me distraí tanto que até me esqueci delas. Vou sentar-me aqui para que as corte.

Eu apanhei a adaga presa à parede e fui até onde ela estava sentada. Quando me abaixei para cortar as tiras, ela levantou sua saia a uma altura não tão necessária. Procurei ficar de lado para cortá-la pois achei melhor assim. Caso contrário eu teria de abaixar meus olhos, pois poderia ser incomodado pela visão que fatalmente teria. Fiquei de um lado e cortei com cuidado uma das tiras que depois desenrolei para tirar a sandália. Havia marcas profundas na sua perna.

Levantei-me e fui até a outra perna para cortar a outra tira. Como as marcas eram mais profundas ainda, eu comentei:

— Vou advertir a servidora que a calçou, pois poderia ter causado danos perigosos às suas pernas com estes nós e a grande força que usou para amarrá-las.

— Era por isso que eu sentia tanto calor. Minhas pernas estão formigando até acima dos joelhos!

Ela olhava as marcas tendo levantado as pernas para cima da cama. Eu evitava olhar diretamente para suas pernas, pois seria indelicado de minha parte ver o que ela distraidamente deixava exposto à minha visão.

— Poderia friccionar minhas pernas para diminuir a dormência? Acho que o sangue não circulou o suficiente por muito tempo.

— Está bem, estenda-as para que eu possa fazê-lo.

Ela, ao invés de estendê-las para fora da borda da cama, ajoelhou-se de lado e as esticou sobre a cama, ficando sentada e conversando comigo. Eu friccionava seus pés primeiro, pois estavam com profundas marcas. Só depois eu massageei um pouco mais para cima, mas sem chegar até os joelhos. Então veio o pedido que eu esperava que não fizesse.

— Poderia massagear um pouco acima de joelho, pois minhas coxas estão adormecidas.

— Está bem, mas deite-se, pois assim o sangue circulará melhor e mais rapidamente, cessando logo o incômodo causado pelas tiras de couro.

Ela deitou-se e comentou:

— Como é macia sua cama! Tenho a impressão de estar flutuando na água.

Eu puxei sua saia e comentei:

— É mais uma criação minha. Eu colhi muitas painas para fazê-la.

— Posso pedir para que me faça uma assim?

— Mandarei que apanhem painas quando for o tempo e terá uma igual a esta para que possa dormir confortável.

— Não tem guardado um pouco de painas?

— Não. Eu não imaginei que poderia gostar deste colchão macio.

A maioria das pessoas gosta dos feitos de fibras trançadas.

— Eu sempre dormi num daqueles, mas acho que vou sonhar com o seu colchão até ter um igual. É tão gostoso!

— Se quiser, amanhã eu mando que o troquem pelo do seu quarto e assim poderá desfrutar logo da maciez dele.

— Se fizer isso eu o estarei privando de algo gostoso e não poderei sonhar em estar deitada em um colchão como o seu.

— Para que sonhar se pode realizar o sonho?

— Mas neste caso eu ficaria preocupada com meu amado rei dormindo desconfortavelmente num colchão de fibras, duríssimo se comparado a este, e não me sentiria tão confortável.

— Como estão suas pernas agora? As marcas quase desapareceram com a massagem.

— Ainda estão um pouco adormecidas. Acho que estou lhe dando muito trabalho, não?

— Só um pouco. Vou massageá-las um pouco mais forte nos pontos certos e logo estará em condições de caminhar sem sentir a dormência.

— Eu agradeço a sua ajuda, meu amado rei. Se tivesse ficado sozinha, não sei como faria para solucionar este problema.

— Bastaria chamar algum servidor que ele cortaria as tiras de couro.

— Mas eu não poderia pedir a ele para massagear as pernas da princesa. Ainda bem que vim até aqui, pois é o rei e ninguém poderá dizer que um servidor teve de massagear as pernas da princesa.

— Veja como estão agora. As marcas já desapareceram por completo. Acho que a dormência passou também.

Ela, ainda deitada, flexionou a sua perna esquerda e comentou:

— Estão leves novamente, meu amado rei. Não sei como agradecer-lhe.

Eu lhe respondi que não precisava fazer tal coisa e fui colocar a adaga em seu lugar na parede. Ao virar-me para o lado em que ela estava, continuava flexionando as pernas e nem se preocupando com as partes de suas coxas que os movimentos deixavam à mostra. Resolvi terminar de vez com tudo e já ia pedir-lhe para voltar aos seus aposentos pois desejava dormir, quando ela sentou-se na cama e estendendo a fruta que segurava em sua mão o tempo todo, pediu-me:

— Conte-me o resto da história do rubi meu amado rei. Nos distraímos tanto que até a esquecemos.

— Não quer deixar para ouvir o final dela amanhã? Estou muito cansado e com sono, pois tive um dia muito atarefado e já é muito tarde da noite.

— Então sente-se um pouco, pois não sentou desde que subimos para cá.

— Minha vontade não é de sentar e sim de me deitar.

— Então deite-se, meu amado rei. Se dormir enquanto acaba de contar-me a história, depois vou sozinha para meus aposentos.

— É melhor eu levá-la agora, pois senão acabarei dormindo mesmo.

— Conte-me só como perdeu o seu rubi e como a princesa Shadine o guardou por tantos anos junto de seu peito.

— Como sabe que ela o guardou junto a si?

— Eu só imagino que o fez, pois de outra forma ela não o julgaria uma peça tão valiosa do ponto de vista sentimental.

— Tem razão! Bem, eu o havia dado a ela para que o visse e, enquanto conversávamos, fui atacado por uns homens encapuzados que me feriram no braço, no peito e na cabeça. Com a pancada eu desmaiei e só tornei a vê-lo quando a reencontrei, muitos anos depois. Quando falei a ela que você seria a princesa da coroa de diamante ela o pegou e recomendou-me que ele fosse entregue a você com a recomendação de que não o perdesse nunca, pois neste rubi duas almas ficaram aprisionadas por muitos anos.

— Deve ter sido um grande amor o seu, não meu amado rei?

— Sim. Nos amamos muito e este amor só aumentou com o passar dos anos. Esta é a história do rubi que fez história, Shilemf!

Ela apanhou o travesseiro e o apertou contra o peito e, fechando os olhos, deu um profundo suspiro e falou:

— Ah, como eu gostaria de ser como a princesa Shadine e ser amada tanto assim e por tantos anos! Ela sim é que é uma mulher feliz pois encontrou o homem que a amava, ainda que não soubesse disso assim que o teve bem perto. Mas agora ela tem com quem sonhar nas suas noites solitárias.

— Você é jovem ainda, querida Shilemf. No tempo certo surgirá em sua vida aquele que iluminará o rubi do seu amor.

— Eu, jovem? Já estou com dezoito anos completos e até agora não vi ninguém demonstrar o menor interesse por mim como mulher.

— Ainda é cedo demais.

— Quantos anos tinha a princesa Shadine quando a viu pela primeira vez e descobriu que a amava?

— Mais ou menos quinze anos.

— Aí está! Eu já estou com dezoito e ninguém me disse ou pelo menos demonstrou gostar de mim.

— A maioria estava participando da longa guerra, Shilemí. Hoje estão todos de volta e logo algum virá declarar o seu amor por você.

— Isto não é verdade, pois a maioria deles já se casou assim que voltou da guerra, e mesmo que fosse e viesse a surgir um, eu não o saberei.

— Por que não?

— Como irá alguém se declarar a mim sabendo que sou a princesa da coroa e estando eu casada com o meu amado rei, o poderoso filho do fogo? Ninguém ousará fazê-lo, pois seria uma loucura da parte dele, um desrespeito ao amado rei e uma ofensa à sua princesa.

— Não pensamos nisto ao tratarmos do casamento e coroação. Como fomos nos esquecer deste detalhe e não prever esta hipótese?

— Acabou-se a minha alegria amado rei, pois mesmo que surja alguém que venha até mim, não terei coragem de desrespeitar o meu amado rei, traíndo-o com um homem que certamente ofenderá a sua honra. Isto seria a última coisa que eu aceitaria praticar, mesmo sabendo que meu amado rei faria vistas grossas a tal procedimento por parte de sua esposa. Agora é a minha alma que está aprisionada neste rubi. Acho que sua amada Shadine sabia o que me aguardava, por isso me presenteou com o seu rubi, meu amado rei!

Sua última frase foi dita com lágrimas nos olhos e logo ela estava chorando de forma sentida. Eu até perdi o sono com a cena que se apresentava a mim. Era algo que eu não previra e não tinha a menor idéia de como solucionar. Como ela chorava sentido, eu tomei sua mão e a puxei para perto de mim. Como eu estava recostado na cabeceira da cama, ela continuou o seu pranto com o rosto encostado em meu peito.

Eu acariciei sua cabeça enquanto minha mente tentava encontrar a saída para o caso de difícil solução. Ao ver que ela não parava de chorar, falei-lhe:

— Não fique tão triste querida Shilemí! Eu encontrarei a solução, mesmo que tenha de renunciar ao trono e anular nosso casamento. Um dia eu renunciei ao trono persa por não querer ver Shadine sofrer e farei o mesmo por você, minha querida princesa.

Ela levantou o rosto e olhando para mim, entre soluços, falou:

— Não vou permitir que faça isto, meu amado rei! O trono lhe pertence por um desígnio do Sagrado Agni. Eu me sentiria a mais desprezível das mulheres do mundo e seria desprezada pelo Sagrado Agni por causar-lhe essa renúncia, meu querido rei. Seria a perdição de minha alma que se apagaria ainda em vida.

— Como solucionarei este problema? Não posso deixar minha querida Shilemf infeliz. Eu devia ter consultado o sábio mestre. Ele teria me aconselhado corretamente para não acontecer uma coisa dessas.

— Assim que meu pai me falou que eu era a princesa da coroa de diamante, fui consultar o amado mestre Rash Nurishpar para saber se era verdade o que meu pai dissera. Ele consultou o seu cristal e confirmou que eu realmente era a verdadeira princesa e que um dia subiria ao trono e seria coroada. Disse-me também que eu seria muito feliz e daria muitos herdeiros ao reino.

— Ou ele falhou pela primeira vez, ou então logo morrerei e o trono ficará vago, permitindo assim que você venha a se casar novamente e dar os herdeiros à coroa de diamante, pois até isso nós nos esquecemos. A única coisa que pensamos foi coroá-la princesa. Bom, ao menos a injustiça foi reparada e o caminho aplainado, permitindo assim que fosse a princesa e pudesse dar ao reino muitos herdeiros.

— Ele me garantiu que viverá até os setenta e cinco anos, meu amado rei!

— Ou ele errou ou terei de renunciar. Posso alegar que irei morar com Shadine. Com isto você não terá sua alma escurecida, pois saberá que eu estou ao lado de alguém que me ama.

— Mas não viverá a segunda parte do desígnio do Sagrado Agni e ficará em falta aos olhos dele, que escurecerá a sua cor dourada.

— Eu não me incomodo com isto desde que eu não a faça infeliz. O que é a escuridão de um homem comparada a de uma inocente criança como você?

— Julga-me uma criança, meu amado rei?

— Bem. Olhando o seu corpo, eu vejo uma jovem amadurecida, mas eu sei que só tem dezoito anos.

— Quantos anos tinha a sua amada Shadine quando quis casar-se com ela?

— Mais ou menos a sua idade ou um pouco mais.

— O corpo dela era mais maduro que o meu?

— Acho que não. Se pudesse compará-los eu diria que são muito parecidos.

— Acha que se tivesse casado com ela teriam tido muitos filhos?

— Sim.

— Nesta idade uma mulher já está preparada para dar filhos ao seu amado rei?

— Você bem sabe que sim. Basta querer.

— Então poderei dar-lhe os herdeiros que o amado mestre previu no seu cristal, meu rei!

— Eu prometi não exigir tal coisa de você e cumprirei. Além do mais, você não me ama. Só casou para assumir o seu trono de direito. Eu ainda encontrarei a solução, não se preocupe!

— E seu eu dissesse que o amo desde os quinze anos de idade e quero dar-lhe muitos filhos?

— Há dois problemas a ser colocados e mais um a ser discutido.

— Quais os que precisam ser colocados?

— Eu jurei a Shadine que a encontraria pelo menos uma vez por ano.

— Não me oponho a que o meu amado rei cumpra o seu juramento diante dela, pois sei que se amam.

— Mas há um outro muito mais recente e feito com o testemunho de seu pai.

— Este não é problema algum meu amado rei. Pois eu lhe disse que aceitava me casar e assumir a coroa de diamante só se fosse sem promessas e compromissos, lembra-se? Ou melhor, eu disse que aceitava ser sua princesa sem impor condições e promessas. Portanto, tudo o que dissemos antes não tem valor algum, e não estará quebrando a sua palavra, pois a que vale é a minha depois que foi esclarecido a posição de sua amada Shadine.

— Esta é a sua interpretação do que foi dito, mas e quanto à minha?

— Ela deixou de existir assim que eu disse que aceitava desde que fosse sem promessas e compromissos e o meu amado rei concordou comigo. Qual é a questão que tem de ser discutida?

— Bem. Solucionada as duas anteriores resta a questão do amor. Como vou aceitar se não sei se diz isto só para me agradar?

— O que acha que estou tentando fazer desde que eu lhe pedi para que me levasse aos meus aposentos? Será que não fui suficien-

temente eloqüente ao meu rei quando dispensei todos os servidores da ala real? Ou será que eu não soube como me mostrar aos seus olhos ao pedir-lhe que soltasse o nó do meu vestido de cerimônia, ficando só com este fino vestido e sem nada mais no corpo, sem peça alguma por baixo dele a ocultar o que possuo de mais íntimo? Quem sabe não adiantou nada eu soltar os laços das tiras de couro dos meus calçados e dar os nós secos, impossíveis de serem desfeitos e também ter ocultado qualquer coisa cortante dos meus aposentos, só para poder vir ao seu e assim penetrar na intimidade do seu quarto e ter minhas pernas massageadas por suas mãos macias e quentes? Quem sabe, algo em mim não agradou o que procurei mostrar ao meu rei de uma forma um tanto ousada? Talvez eu mesma não agrade, como mulher, ao meu amado rei, que eu amo há tantos anos? Que o meu rei diga o que preciso fazer para agradar à sua visão e sentidos e não medirei esforços para agradá-lo!

— Quer dizer que o tempo todo minha amada princesa estava me provocando e eu nem percebi suas segundas intenções?

— Sim. Será que é tão difícil assim dizer-lhe que, como bem disse ao meu pai, toda mulher gosta de ser amada?

— Bem que o amado mestre, de vez em quando, me chama de tolo rei! É o que sou! Eu só estava tentando dormir um pouco, pois faz dois dias que não sei o que é fechar os olhos e você estava fazendo de tudo para abri-los, Shilemf!

— É isto mesmo, meu amado esposo.

— Bem, eu não olhei a questão por este ângulo, pois havia lhe dado minha palavra de que não a incomodaria e como não quebro minha palavra, achei tudo muito natural. Mas, como tudo é diferente do que eu imaginava, não vai precisar esperar até o ano que vem para dormir num colchão macio como o meu, pois eu a convido a dividi-lo comigo. Aceita?

— Sabe muito bem que sim! — Exclamou Shilemf sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

— Então esqueça a história do rubi e ouça a que desenvolvi para libertar minha alma do interior deste rubi que tem pendurado no pescoço.

— Não comece a contá-la hoje, pois deve ser muito interessante e não vou conseguir dormir se não ouvi-la toda. E, como está com muito sono, acho melhor que a conte só amanhã.

— Concordo em contá-la amanhã, mas não sei por que, perdi o sono por completo.

— Mas estava cansado e com sono instantes atrás, meu querido e amado esposo!

— Bem, minha querida esposa, precisa saber de algo!

— O que é?

— Eu sou como o fogo. Se não há vento, vai se apagando e a madeira em brasa vai se cobrindo com uma camada de cinzas. Então eu fico como a brasa encoberta. Mas, se alguém assoprar as cinzas, a madeira se reacende e eu começo a arder tanto quanto o fogo que há em meu ser imortal. Quando isto acontece, alguém precisa consumir tal fogo ou não consigo dormir ou parar de queimar.

— Bem, neste caso vai ser difícil, pois eu também estou ardendo como fogo. O que acha que devemos fazer para apagá-los?

— Só unindo os nossos fogos e deixando que nos consumam. Só assim poderemos dormir tranqüilos.

— É se demorar muito este processo?

— Você está com pressa?

— Não. Mas e quanto ao trono, caso tenhamos de dormir só depois que o sol raiar?

— Seu pai cuidará de tudo, não se preocupe com isto e poderá colocar em prática a doutrina de Sikhhan Daher.

— Como é esta doutrina?

— É você colocar em harmonia suas emoções, raciocínio e movimentação fazendo eles agirem em perfeita coordenação.

— Ensine-me qual o raciocínio que devo seguir para coordenar os movimentos e assim poder obter as melhores emoções. Poderá fazer isto?

— Já estou começando minha amada e incandescente princesa!

Bem, quanto ao resto, que cada um ensine sua amada esposa coordenar os seus movimentos e juntos obterão as melhores emoções pois não vou contar-lhes se ela aprendeu rápido ou não. A única coisa que posso lhes dizer é que no dia seguinte Shair foi procurar sua filha nos aposentos dela e, não a achando, comentou:

— Pronto! O rei quebrou sua palavra e irá querer ser expiado no fogo novamente. Vamos recomeçar tudo de novo, Sagrado Agni!

Neste momento Shilemf, que tinha ido até lá para apanhar algumas roupas e ouvira as palavras do pai, falou-lhe:

— Não se preocupe com isto papai, pois eu já o consumi nas chamas do meu fogo e agora ele dorme o seu sono de rei. Cuide dos negócios da coroa até que eu o devolva ao reino.

— Ótimo filha! Mas diga-me: com quem vou poder ficar um pouco mais e evitar voltar tão cedo para casa onde duas fogueiras me aguardam para me consumir?

— Problema seu papai! Quem mandou entrar no fogo? Ou o senhor o apaga ou será consumido por ele. Até mais papai, pois vou ver se por baixo das cinzas reais ainda tem alguma brasa encoberta. E, por favor, não chame nem o rei nem a princesa, pois não queremos ver, falar ou ouvir ninguém. Nem o senhor!

— Ótimo! Assim passarei o dia e a noite aqui e terei uma desculpa às duas de que não pude me ausentar do palácio. Posso dormir na sua cama?

— Sim. E não se incomode até amanhã, papai!

— Até amanhã, brasa encoberta. Vejam só onde o amado rei foi se enfiar desta vez! Desta fogueira, nem o Sagrado Agni vai poder salvá-lo!

